

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

Eduardo Lacerda Faria Rocha

**DEMONSTRATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO ROMENO:**  
**um estudo comparado em narrativas históricas e em peças teatrais de comédia**

Belo Horizonte

2021

Eduardo Lacerda Faria Rocha

**DEMONSTRATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO ROMENO:  
um estudo comparado em narrativas históricas e em peças teatrais de comédia**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia

Belo Horizonte

2021

R672d

Rocha, Eduardo Lacerda Faria.

Demonstrativos no português brasileiro e no romeno [manuscrito] : um estudo comparado em narrativas históricas e em peças teatrais de comédia / Eduardo Lacerda Faria Rocha. – 2021.

183f., enc. : il., tabs., grafs., color.

Orientador: César Nardelli Cambraia.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras

Bibliografia: f. 178-182.

1. Língua portuguesa – Pronomes – Teses. 2. Língua romena – Pronomes – Teses. 3. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 4. Mudanças linguísticas – Teses. 5. Língua portuguesa – Gramática comparada – Romeno – Teses. 6. Língua romena – Gramática comparada – Português – Teses. 7. Gramática comparada e geral – Teses. I. Cambraia, César Nardelli. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 415



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

### FOLHA DE APROVAÇÃO

**Demonstrativos no português brasileiro e no romeno: um estudo comparado em narrativas históricas e em peças teatrais de comédia**

**EDUARDO LACERDA FARIA ROCHA**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 15 de abril de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). César Nardelli Cambraia - Orientador  
UFMG

Prof(a). Evandro Landulfo Teixeira Paradelo Cunha  
UFMG

Prof(a). Victor Hugo Barbosa Ramalho  
Escola Naval

Prof(a). Sueli Maria Coelho  
UFMG

Prof(a). Mário Eduardo Viaro  
USP

Belo Horizonte, 15 de abril de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Evandro Landulfo Teixeira Paradelo Cunha, Professor Magistério Superior-Substituto**, em 15/04/2021, às 17:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **César Nardelli Cambraia, Presidente de comissão**, em 15/04/2021, às 18:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Victor Hugo Barbosa Ramalho, Usuário Externo**, em 15/04/2021, às 18:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sueli Maria Coelho, Vice diretor(a) de unidade**, em 16/04/2021, às 07:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mário Eduardo Viaro, Usuário Externo**, em 19/04/2021, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0654358** e o código CRC **44663000**.

*Ao meu finado pai, cujo desejo realizo.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Eloiza, a quem não preciso de palavras para expressar gratidão eterna por toda trajetória e essência.

Ao Prof. César, pelos ensinamentos, pela paciência, bom humor e compreensão nestes quatro anos de trabalho, especialmente nos períodos finais, durante os quais a convivência não foi plenamente possível, porém, ainda assim, se manteve presente.

À minha irmã, Patrícia, pelo incentivo emocional, por seus sábios conselhos de profissional da área e de irmã mais velha, companhia e afeto sem os quais não poderia me imaginar.

À Lívia, minha prima, doutora pela UFMG, pela duradoura convivência que, coincidentemente, trilhou rumos semelhantes e oportunizou minhas hospedagens e a partilha de vivências.

Ao Lucas, um ser humano capaz de renovar as esperanças de quem descrê no bom, por me inspirar a cada dia, por sua história de vida, sua motivação, por seu amor e companhia.

Ao Marcus Vinícius, amizade advinda da UFMG, cuja ajuda perpassa este trabalho e com quem espero manter compromisso recíproco, profissional e amistosamente.

Ao professor Fábio Fortes, cujos ensinamentos e inspirações ainda perduram e guiam meus objetivos acadêmicos, profissionais e pessoais.

*Le mulțumesc profesorilor Alexandru Nicolae și Irinei Nicula pentru ajutorul cu textele, care au fost esențiale pentru cercetarea mea.*

À família e aos amigos, pelo apoio de sempre, pela credibilidade e pela paciência nos momentos frequentes de ausência.

A todos os servidores e professores do Poslin, os quais sempre desempenharam seu trabalho com afinco e profissionalismo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo incentivo financeiro concedido através de bolsa de doutorado durante os quatro anos de pesquisa.

*“A Constituição da Bruzundanga era sábia no que tocava às condições para elegibilidade do Mandachuva, isto é, o Presidente. Estabelecia que devia unicamente saber ler e escrever; que nunca tivesse mostrado ou procurado mostrar que tinha alguma inteligência; que não tivesse vontade própria; que fosse, enfim, de uma mediocridade total. Nessa parte a Constituição foi sempre obedecida.”*

Lima Barreto, *Os Bruzundangas*

## RESUMO

Este estudo apresenta uma análise comparativa acerca dos demonstrativos de duas línguas românicas – o português brasileiro e o romeno – sob o ponto de vista funcionalista da Linguística. Pretende-se, aqui, demonstrar mais detalhadamente o funcionamento do sistema de demonstrativos das duas línguas, estabelecendo relações entre ambas através de dados empíricos extraídos da análise de *corpus*. De acordo com pesquisas já realizadas por Câmara Jr. (1971), Pavani (1987), Roncarati (2003), Cambraia (2008, 2010, 2015), Marine (2005, 2009) e Ramalho (2016), a teoria dedicada pelas gramáticas tradicionais à categoria dos demonstrativos não parece dar conta de suas funções desempenhadas, já que fenômenos como a simplificação do uso das formas *este/esse/aquele* a apenas duas (binarismo) e o uso de adjunção adverbial vêm sendo verificados ao longo do tempo. Tais fatos justificam a busca por modelos teóricos que levem em conta os fatores internos e externos que ajudem a elucidar esses processos, embasando este estudo e, conseqüentemente, os dados coletados, razão pela qual optou-se pelo modelo tipológico-funcional de Givón (2001). Como *corpus*, analisam-se os gêneros textuais de comédia teatral e de narrativa histórica, levando em consideração os aspectos estilísticos de cada gênero. De modo a estabelecer um panorama diacrônico dos processos linguísticos envolvidos, as doze obras que compõem o *corpus* (seis do português brasileiro e seis do romeno) estão inseridas em três períodos distintos, estando o primeiro período de análise situado na segunda metade do século XIX, o seguinte, na primeira metade do século XX e, o último, na segunda metade do século XX. As 150 primeiras ocorrências de demonstrativos de cada texto foram categorizadas e analisadas através de critérios morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, de modo a testar as hipóteses de pesquisa: o português brasileiro estaria caminhando para um sistema binário de demonstrativos, como já se verifica no RO; a forma F2 (*esse* e flexões) do PB seria mais utilizada no gênero textual teatral (padrão mais inovador) do que a forma F1 (*este* e flexões), da mesma forma que, no mesmo gênero, o uso de formas simples do RO (*ăsta/ăla* e flexões) seria mais frequente que as reforçadas (*acest/accel* e flexões); o comportamento do gênero gramatical neutro no sistema de demonstrativos seria diferente no PB e no RO, já que, no primeiro, o neutro se restringe a três formas (*isto/isto/aquilo*) e, no segundo, constitui-se um gênero gramatical pleno. Após análises e discussões, as hipóteses levantadas foram avaliadas e confirmadas, concluindo-se que, de fato, há uma mudança nos demonstrativos do PB em relação à simplificação do sistema ternário em binário, e esta mudança se revela mais evidente e avançada no gênero textual teatral, mais próximo da oralidade. No RO, o mesmo acontece com a frequência no uso de formas simples, utilizadas, geralmente, em contexto oral. Quanto ao neutro no PB e no RO, a frequência de demonstrativos com o gênero em questão se mostra diferente em cada língua, tanto em relação às funções por ele desempenhadas, quanto à frequência de uso.

**Palavras-chave:** Demonstrativos. Mudança linguística. Funcionalismo. Português brasileiro. Romeno.

## REZUMAT

Acest studiu prezintă o analiză comparativă privind demonstrativele a două limbi romanice – portugheza braziliană și română – în conformitate cu punctul de vedere funcționalist în lingvistică. Se intenționează aici să demonstreze mai detaliat funcționarea sistemului demonstrativ ale celor două limbi, stabilind relații între ele prin intermediul datelor empirice extrase din analiza corpusului. Conform cercetărilor efectuate deja de Câmara Jr. (1971), Pavani (1987), Roncarati (2003), Cambraia (2008, 2010, 2015), Marine (2005, 2009) și Ramalho (2016), teoria dedicată gramaticilor tradițional la categoria demonstrativelor nu pare să țină cont de funcțiile lor îndeplinite, deoarece fenomenele precum simplificarea utilizării formelor *este/esse/aquele* care formează doar două (binarism) și utilizarea adjunției adverbiale au fost verificate de-a lungul timpului. Aceste fapte sugerează că ar trebui să folosim modele teoretice care să țină seama de factorii interni și externi care ajută la elucidarea acestor procese pe baza acestui studiu și, în consecință, a datelor colectate, motiv pentru care modelul tipologic-funcțional al lui Givón (2001) a fost ales. Ca corpus, sunt analizate genurile textuale ale comediei teatrale și ale narațiunii istorice, luând în considerare aspectele stilistice al fiecărui gen. Pentru a stabili o panoramă diacronică a proceselor lingvistice implicate, cele douăsprezece lucrări care alcătuiesc corpusul (șase din portugheza braziliană și șase din română) sunt inserate în trei perioade distincte: prima perioadă de analiză fiind localizată în a doua jumătate a secolului al XIX-lea; următoarea, în prima jumătate a secolului al XX-lea; și ultima, în a doua jumătate a secolului al XX-lea. Primele 150 de apariții ale demonstrativelor din fiecare text au fost clasificate și analizate sub criterii morfologice, sintactice, semantice și pragmatice, pentru a testa ipotezele cercetării: portugheza braziliană se va îndrepta către un sistem binar de enunțuri, așa cum a fost deja verificat în limba română; forma F2 (*esse* și flexiunile) a PB ar fi mai frecventă în genul textual teatral (standard mai inovator) decât forma F1 (*este* și flexiunile), în același mod în care, în același gen, utilizarea de forme simple a RO (*ăsta/ăla* și flexiunile) ar fi mai frecvente decât cele complexe (*acest/acele* și flexiunile); comportamentul genului gramatical neutru în sistemul demonstrativelor ar fi diferit în PB și RO, întrucât, în prima, neutru este limitat la trei forme (*isto/isso/aquilo*) și, în acesta din urmă, constituie un gen gramatical complet. După analize și discuții, ipotezele ridicate au fost evaluate și confirmate, concluzionând că, de fapt, există o schimbare ale demonstrativelor în BP în raport cu simplificarea de la un sistem ternar la unul binar, iar această schimbare este mai evidentă și mai eficientă în genul textual teatral, care este mai aproape de oralitate. În RO, același lucru se întâmplă cu frecvența formelor simple, utilizate în general în contexte orale. În ceea ce privește neutru în BP și RO, frecvența demonstrativelor cu acest gen gramatical este diferită în fiecare limbă, atât în raport cu funcțiile îndeplinite de acesta, cât și în frecvența de utilizare.

**Cuvinte cheie:** Demonstrative. Schimbare de limbă. Funcționalism. Portugheză braziliană. Română.

## ABSTRACT

This study presents a comparative analysis concerning the demonstratives of two Romance languages – Brazilian Portuguese and Romanian – according to the functionalist point of view of Linguistics. It is intended here to demonstrate in more details the functioning of the demonstratives' system of both languages, establishing relations between them by collecting empirical data through the analysis of *corpora*. According to researches already conducted by Câmara Jr. (1971), Pavani (1987), Roncarati (2003), Cambraia (2008, 2010, 2015), Marine (2005, 2009) and Ramalho (2016), the theory dedicated to the category of demonstratives in traditional grammars does not seem to account for their actual performed functions, since phenomena such as the simplification of the use of the forms *este/esse/aquele* to only two forms (binarism) and the use of adverbial adjunction have been verified over time. These facts suggest the necessity to seek for theoretical models that take into account the internal and external factors which would help to elucidate these processes based on this study and, consequently, the collected data, which is the reason the typological-functional model of Givón (2001) was chosen. As *corpora*, the textual genres of theatrical comedy and historical narrative are analyzed, considering the stylistic aspects of each genre. In order to establish a diachronic panorama of the linguistic processes involved, the twelve texts comprised in the *corpora* (six of which in Brazilian Portuguese and six in Romanian) are separated by three distinct periods: the first period of analysis is situated in the second half of the 19<sup>th</sup> century; the following, in the first half of the 20<sup>th</sup> century; the last, in the second half of the 20<sup>th</sup> century. The first 150 occurrences of demonstratives from each text were categorized and analyzed under morphological, syntactic, semantic and pragmatic criteria, in order to test the research hypotheses: Brazilian Portuguese would be moving towards a binary system of demonstratives, as already verified in Romanian; the F2 form (*esse* and its inflexions) of the BP would be more common in the theatrical textual genre (more innovative standard) than the F1 form (*este* and its inflexions), in the same way that, in the same genre, the use of simple forms of the RO (*ăsta/ăla* and their inflexions) would be more frequent than the reinforced ones (*acest/acele* and their inflexions); the behavior of the neutral grammatical gender in the demonstratives' system would be different in BP and RO, since, in the earlier, the neutral is restricted to three forms (*isto/isso/aquilo*) and, in the latter, it constitutes a full grammatical genre. After analysis and discussions, the raised hypotheses were evaluated and confirmed, concluding that, in fact, there is a change in the BP demonstratives in relation to the simplification from a ternary system to a binary one, and this change is more evident and efficient in the theatrical textual genre, which is closer to orality. In RO, the same happens with the frequency of simple forms, generally used in oral contexts. As for the neutral in BP and RO, the frequency of demonstratives with such grammatical gender is different in each language, both in relation to the functions performed by it and in frequency of use.

**Keywords:** Demonstratives. Language change. Functionalism. Brazilian Portuguese. Romanian.

## LISTA DE ABREVIATURAS

- A** – anteposto  
**AA** – afastado de ambos (falante e ouvinte)  
**ACA** – ana-catáfora  
**Adj.** – adjetivo  
**AMA** – *Amazona*  
**ANAC** – anáfora clara  
**ANAE** – anáfora escura  
**ANAMN** – valor referencial anamnético  
**ant.** – anteposto  
**B** – Bechara  
**BRU** – *Os Bruzundangas*  
**CAT** – catáfora  
**CC** – Cunha & Cintra  
**CIO** – *Ciocoi vechi și noi*  
**cf.** – conferir  
**COM** – *Como se fazia um deputado*  
**DAL** – *D-ale carnavalului*  
**Dem.** – Demonstrativo  
**DEU** – *Deus lhe pague*  
**E** – exófora espacial  
**ED** – expressão demonstrativa  
**ENDO** – valor referencial endofórico  
**ESC** – modalidade escrita  
**EXO** – valor referencial exofórico  
**EXO-ENDO** – valor referencial exo-endofórico  
**F** – feminino  
**F1** – forma de 1ª pessoa do demonstrativo no PB (*este* e flexões)  
**F2** – forma de 2ª pessoa do demonstrativo no PB (*esse* e flexões)  
**F3** – forma de 3ª pessoa do demonstrativo no PB (*aquele* e flexões)  
**FI** – forma de proximidade do demonstrativo no RO (*acest/ăsta* e flexões)  
**FII** – forma de distância do demonstrativo no RO (*acel/ăla* e flexões)  
**FUT** – futuro  
**G** – genitivo  
**GT** – gramática tradicional  
**G-D** – Genitivo-Dativo  
**IND** – valor referencial indefinido  
**JOC** – *Jocul de-a vacanța*  
**M** – masculino  
**MT** – exófora metatextual  
**QUI** – *Quincas Borba*  
**MIE** – *Mielul turbat*  
**MOR** – *Moromeții*  
**N** – neutro  
**N-A** – Nominativo-Acusativo  
**ORA** – modalidade oral  
**p.** – página  
**P** – posposto  
**PAS** – passado  
**PB** – português brasileiro  
**PF** – perto do falante  
**PLU** – plural  
**PM** – posição de margem no SN  
**PN** – posição de núcleo no SN  
**PO** – perto do ouvinte  
**posp.** – posposto  
**PRE** – presente  
**R** – forma reforçada  
**RAS** – *Rasga Coração*  
**RO** – romeno  
**S** – forma simples  
**SCR** – *O scrisoare pierdută*  
**SIN** – singular  
**SN** – sintagma nominal  
**séc.** – século  
**subs.** – substantivo  
**T** – exófora temporal  
**TAR** – *Țara de dincolo de negură*

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Frequência (%) por forma no PB (narrativa e teatro).....	53
<b>Gráfico 2</b> – Frequência (%) por forma no RO (narrativa e teatro) .....	53
<b>Gráfico 3a</b> – Frequência (%) por forma reforçada no RO (narrativa e teatro).....	55
<b>Gráfico 3b</b> – Frequência de forma simples no RO (narrativa e teatro) .....	55
<b>Gráfico 4</b> – Frequência (%) por forma no PB (teatro) .....	56
<b>Gráfico 5</b> – Frequência (%) por forma no PB (narrativa) .....	56
<b>Gráfico 6</b> – Frequência (%) por forma no RO (teatro) .....	57
<b>Gráfico 7</b> – Frequência (%) por forma no RO (narrativa) .....	57
<b>Gráfico 8a</b> – Frequência (%) por forma reforçada no RO (teatro).....	58
<b>Gráfico 8b</b> – Frequência (%) por forma simples no RO (teatro) .....	58
<b>Gráfico 9a</b> – Frequência (%) por forma reforçada no RO (narrativa) .....	59
<b>Gráfico 9b</b> – Frequência (%) por forma simples no RO (narrativa) .....	59
<b>Gráfico 10</b> – Frequência (%) por modalidade no PB (teatro e narrativa) .....	60
<b>Gráfico 11</b> – Frequência (%) por modalidade no RO (teatro e narrativa) .....	61
<b>Gráfico 12a</b> – Frequência (%) por forma na modalidade oral no PB (teatro e narrativa) .....	62
<b>Gráfico 12b</b> – Frequência (%) por forma na modalidade escrita no PB (teatro e narrativa) ..	62
<b>Gráfico 13a</b> – Frequência (%) por forma na modalidade oral no RO (teatro e narrativa) .....	63
<b>Gráfico 13b</b> – Frequência (%) por forma na modalidade escrita no RO (teatro e narrativa) ..	63
<b>Gráfico 14a</b> – Frequência (%) por forma simples na modalidade oral no RO (teatro e narrativa).....	64
<b>Gráfico 14b</b> – Frequência (%) por forma simples na modalidade escrita no RO (teatro e narrativa) .....	64
<b>Gráfico 15a</b> – Frequência (%) por forma simples na modalidade oral no PB (narrativa).....	65
<b>Gráfico 15b</b> – Frequência (%) por forma simples na modalidade escrita no PB (narrativa) ..	65
<b>Gráfico 16a</b> – Frequência (%) por forma simples na modalidade oral no RO (narrativa).....	66
<b>Gráfico 16b</b> – Frequência (%) por forma simples na modalidade escrita no RO (narrativa) ..	66
<b>Gráfico 17a</b> – Frequência (%) por forma simples na modalidade oral no RO (narrativa) .....	67
<b>Gráfico 17b</b> – Frequência (%) por forma simples na modalidade escrita no RO (narrativa) ..	67
<b>Gráfico 18</b> – Frequência (%) por gênero gramatical no PB (teatro e narrativa) .....	69
<b>Gráfico 19</b> – Frequência (%) por gênero gramatical no RO (teatro e narrativa) .....	69
<b>Gráfico 20a</b> – Frequência (%) por forma no masculino no PB (teatro e narrativa) .....	71
<b>Gráfico 20b</b> – Frequência (%) por forma no feminino no PB (teatro e narrativa) .....	71
<b>Gráfico 20c</b> – Frequência (%) por forma no neutro no PB (teatro e narrativa) .....	71
<b>Gráfico 21a</b> – Frequência (%) por forma no masculino no RO (teatro e narrativa) .....	72
<b>Gráfico 21b</b> – Frequência (%) por forma no feminino no RO (teatro e narrativa) .....	72
<b>Gráfico 21c</b> – Frequência (%) por forma no neutro no RO (teatro e narrativa).....	72
<b>Gráfico 22a</b> – Frequência (%) por forma no masculino no PB (teatro) .....	74
<b>Gráfico 22b</b> – Frequência (%) por forma no feminino no PB (teatro) .....	74
<b>Gráfico 22c</b> – Frequência (%) por forma no neutro no PB (teatro) .....	74
<b>Gráfico 23a</b> – Frequência (%) por forma no masculino no PB (narrativa) .....	75
<b>Gráfico 23b</b> – Frequência (%) por forma no feminino no PB (narrativa) .....	75
<b>Gráfico 23c</b> – Frequência (%) por forma no neutro no PB (narrativa) .....	75
<b>Gráfico 24a</b> – Frequência (%) por forma no masculino no RO (teatro) .....	76
<b>Gráfico 24b</b> – Frequência (%) por forma no feminino no RO (teatro) .....	76
<b>Gráfico 24c</b> – Frequência (%) por forma no neutro no RO (teatro) .....	76
<b>Gráfico 25a</b> – Frequência (%) por forma no masculino no RO (narrativa) .....	77
<b>Gráfico 25b</b> – Frequência (%) por forma no feminino no RO (narrativa) .....	77

<b>Gráfico 25c</b> – Frequência (%) por forma no neutro no RO (narrativa) .....	77
<b>Gráfico 26a</b> – Frequência (%) por forma simples no masculino no RO (teatro) .....	78
<b>Gráfico 26b</b> – Frequência (%) por forma simples no feminino no RO (teatro) .....	78
<b>Gráfico 26c</b> – Frequência (%) por forma simples no neutro no RO (teatro) .....	78
<b>Gráfico 27a</b> – Frequência (%) por forma simples no masculino no RO (narrativa) .....	79
<b>Gráfico 27b</b> – Frequência (%) por forma simples no feminino no RO (narrativa) .....	79
<b>Gráfico 27c</b> – Frequência (%) por forma simples no neutro no RO (narrativa) .....	79
<b>Gráfico 28</b> – Frequência (%) por número no PB (teatro e narrativa) .....	80
<b>Gráfico 29</b> – Frequência (%) por número no RO (teatro e narrativa) .....	80
<b>Gráfico 30a</b> – Frequência (%) por forma no singular no PB (teatro e narrativa) .....	82
<b>Gráfico 30b</b> – Frequência (%) por forma no plural no PB (teatro e narrativa) .....	82
<b>Gráfico 31a</b> – Frequência (%) por forma no singular no RO (teatro e narrativa) .....	82
<b>Gráfico 31b</b> – Frequência (%) por forma no plural no RO (teatro e narrativa) .....	82
<b>Gráfico 32a</b> – Frequência (%) por forma no singular no PB (teatro) .....	83
<b>Gráfico 32b</b> – Frequência (%) por forma no plural no PB (teatro) .....	83
<b>Gráfico 33a</b> – Frequência (%) por forma no singular no PB (narrativa) .....	84
<b>Gráfico 33b</b> – Frequência (%) por forma no plural no PB (narrativa) .....	84
<b>Gráfico 34a</b> – Frequência (%) por forma no singular no RO (teatro) .....	85
<b>Gráfico 34b</b> – Frequência (%) por forma no plural no RO (teatro) .....	85
<b>Gráfico 35a</b> – Frequência (%) por forma no singular no RO (narrativa) .....	85
<b>Gráfico 35b</b> – Frequência (%) por forma no plural no RO (narrativa) .....	85
<b>Gráfico 36a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no singular no RO (teatro e narrativa) .....	87
<b>Gráfico 36b</b> – Frequência (%) de formas simples no singular no RO (teatro e narrativa) .....	87
<b>Gráfico 36c</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no plural no RO (teatro e narrativa) .....	87
<b>Gráfico 36d</b> – Frequência (%) de formas simples no plural no RO (teatro e narrativa) .....	87
<b>Gráfico 37a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no singular no RO (teatro) .....	89
<b>Gráfico 37b</b> – Frequência (%) de formas simples no singular no RO (teatro) .....	89
<b>Gráfico 37c</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no plural no RO (teatro) .....	89
<b>Gráfico 37d</b> – Frequência (%) de formas simples no plural no RO (teatro) .....	89
<b>Gráfico 38a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no singular no RO (narrativa) .....	90
<b>Gráfico 38b</b> – Frequência (%) de formas simples no singular no RO (narrativa) .....	90
<b>Gráfico 38c</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no plural no RO (narrativa) .....	90
<b>Gráfico 38d</b> – Frequência (%) de formas simples no plural no RO (narrativa) .....	90
<b>Gráfico 39</b> – Frequência (%) de formas por caso no RO (teatro e narrativa) .....	91
<b>Gráfico 40a</b> – Frequência (%) de formas no N-A no RO (teatro e narrativa) .....	92
<b>Gráfico 40b</b> – Frequência (%) de formas no G-D no RO (teatro e narrativa) .....	92
<b>Gráfico 41a</b> – Frequência (%) de formas no N-A no RO (teatro) .....	93
<b>Gráfico 41b</b> – Frequência (%) de formas no G-D no RO (teatro) .....	93
<b>Gráfico 42a</b> – Frequência (%) de formas no N-A no RO (narrativa) .....	93
<b>Gráfico 42b</b> – Frequência (%) de formas no G-D no RO (narrativa) .....	93
<b>Gráfico 43a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no N-A no RO (teatro e narrativa) .....	95
<b>Gráfico 43b</b> – Frequência (%) de formas simples no N-A no RO (teatro e narrativa) .....	95
<b>Gráfico 43c</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no G-D no RO (teatro e narrativa) .....	95
<b>Gráfico 43d</b> – Frequência (%) de formas simples no G-D no RO (teatro e narrativa) .....	95
<b>Gráfico 44a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no N-A no RO (teatro) .....	96
<b>Gráfico 44b</b> – Frequência (%) de formas simples no N-A no RO (teatro) .....	96
<b>Gráfico 44c</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no G-D no RO (teatro) .....	96
<b>Gráfico 44d</b> – Frequência (%) de formas simples no G-D no RO (teatro) .....	96
<b>Gráfico 45a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no N-A no RO (narrativa) .....	97
<b>Gráfico 45b</b> – Frequência (%) de formas simples no N-A no RO (narrativa) .....	97

<b>Gráfico 45c</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no G-D no RO (narrativa) .....	97
<b>Gráfico 46</b> – Frequência (%) de formas por posição no SN no PB (teatro e narrativa) .....	99
<b>Gráfico 47</b> – Frequência (%) de formas por posição no SN no RO (teatro e narrativa) .....	99
<b>Gráfico 48a</b> – Frequência (%) de formas na posição de margem no PB (teatro e narrativa) .....	100
<b>Gráfico 48b</b> – Frequência (%) de formas na posição de núcleo no PB (teatro e narrativa) .....	100
<b>Gráfico 49a</b> – Frequência (%) de formas na posição de margem no RO (teatro e narrativa) .....	101
<b>Gráfico 49b</b> – Frequência (%) de formas na posição de núcleo no RO (teatro e narrativa) .....	101
<b>Gráfico 50a</b> – Frequência (%) de formas na posição de margem no PB (teatro) .....	102
<b>Gráfico 50b</b> – Frequência (%) de formas na posição de núcleo no PB (teatro) .....	102
<b>Gráfico 51a</b> – Frequência (%) de formas na posição de margem no PB (narrativa) .....	102
<b>Gráfico 51b</b> – Frequência (%) de formas na posição de núcleo no PB (narrativa) .....	102
<b>Gráfico 52a</b> – Frequência (%) de formas na posição de margem no RO (teatro) .....	103
<b>Gráfico 52b</b> – Frequência (%) de formas na posição de núcleo no RO (teatro) .....	103
<b>Gráfico 53a</b> – Frequência (%) de formas na posição de margem no RO (narrativa) .....	103
<b>Gráfico 53b</b> – Frequência (%) de formas na posição de núcleo no RO (narrativa) .....	103
<b>Gráfico 54a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas na margem do SN no RO (teatro e narrativa) .....	105
<b>Gráfico 54b</b> – Frequência (%) de formas simples na margem do SN no RO (teatro e narrativa) .....	105
<b>Gráfico 54c</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no núcleo do SN no RO (teatro e narrativa) .....	105
<b>Gráfico 54d</b> – Frequência (%) de formas simples no núcleo do SN no RO (teatro e narrativa) .....	105
<b>Gráfico 55a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas na margem do SN no RO (teatro) .....	107
<b>Gráfico 55b</b> – Frequência (%) de formas simples na margem do SN no RO (teatro) .....	107
<b>Gráfico 55c</b> – Frequência (%) de formas reforçadas no núcleo do SN no RO (teatro) .....	107
<b>Gráfico 55d</b> – Frequência (%) de formas simples no núcleo do SN no RO (teatro) .....	107
<b>Gráfico 56a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas na margem do SN no RO (narrativa) .....	108
<b>Gráfico 56b</b> – Frequência (%) de formas simples na margem do SN no RO (narrativa) .....	108
<b>Gráfico 56c</b> – Frequência de (%) formas reforçadas no núcleo do SN no RO (narrativa) .....	108
<b>Gráfico 56d</b> – Frequência de (%) formas simples no núcleo do SN no RO (narrativa) .....	108
<b>Gráfico 57</b> – Frequência (%) de formas por ordem no SN no RO (teatro e narrativa) .....	110
<b>Gráfico 58a</b> – Frequência (%) de formas antepostas no RO (teatro e narrativa) .....	110
<b>Gráfico 58b</b> – Frequência (%) de formas pospostas no RO (teatro e narrativa) .....	110
<b>Gráfico 59a</b> – Frequência (%) de formas antepostas no RO (teatro) .....	112
<b>Gráfico 59b</b> – Frequência (%) de formas pospostas no RO (teatro) .....	112
<b>Gráfico 60a</b> – Frequência (%) de formas antepostas no RO (narrativa) .....	112
<b>Gráfico 60b</b> – Frequência (%) de formas pospostas no RO (narrativa) .....	112
<b>Gráfico 61a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas pospostas no SN no RO (teatro e narrativa) .....	113
<b>Gráfico 61b</b> – Frequência (%) de formas simples pospostas no SN no RO (teatro e narrativa) .....	113
<b>Gráfico 62a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas pospostas no SN no RO (teatro) .....	115
<b>Gráfico 62b</b> – Frequência (%) de formas simples pospostas no SN no RO (teatro) .....	115
<b>Gráfico 63a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas pospostas no SN no RO (narrativa) .....	116
<b>Gráfico 63b</b> – Frequência (%) de formas simples pospostas no SN no RO (narrativa) .....	116
<b>Gráfico 64</b> – Frequência (%) de demonstrativos por valor referencial no PB (teatro e narrativa) .....	124
<b>Gráfico 65</b> – Frequência (%) de demonstrativos por valor referencial no RO (teatro e narrativa) .....	125

<b>Gráfico 66</b> – Frequência (%) de demonstrativos (exófora) no PB (teatro e narrativa).....	126
<b>Gráfico 67</b> – Frequência (%) de demonstrativos (exófora) no RO (teatro e narrativa) .....	126
<b>Gráfico 68</b> – Frequência (%) de demonstrativos (exófora) no PB (teatro) .....	127
<b>Gráfico 69</b> – Frequência (%) de demonstrativos (exófora) no PB (narrativa) .....	127
<b>Gráfico 70</b> – Frequência (%) de demonstrativos (exófora) no RO (teatro).....	128
<b>Gráfico 71</b> – Frequência (%) de demonstrativos (exófora) no RO (narrativa) .....	128
<b>Gráfico 72a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas (exófora) no RO (teatro e narrativa) ..	129
<b>Gráfico 72b</b> – Frequência (%) de formas simples (exófora) no RO (teatro e narrativa).....	129
<b>Gráfico 73a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas (exófora) no RO (teatro) .....	130
<b>Gráfico 73b</b> – Frequência (%) de formas simples (exófora) no RO (teatro) .....	130
<b>Gráfico 74a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas (exófora) no RO (narrativa) .....	131
<b>Gráfico 74b</b> – Frequência (%) de formas simples (exófora) no RO (narrativa).....	131
<b>Gráfico 75</b> – Frequência (%) de demonstrativos (endófora) no PB (teatro e narrativa) .....	147
<b>Gráfico 76</b> – Frequência (%) de demonstrativos (endófora) no RO (teatro e narrativa).....	148
<b>Gráfico 77</b> – Frequência (%) de demonstrativos (endófora) no PB (teatro) .....	149
<b>Gráfico 78</b> – Frequência (%) de demonstrativos (endófora) no PB (narrativa) .....	149
<b>Gráfico 79</b> – Frequência (%) de demonstrativos (endófora) no RO (teatro).....	150
<b>Gráfico 80</b> – Frequência (%) de demonstrativos (endófora) no RO (narrativa) .....	150
<b>Gráfico 81a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas (endófora) no RO (teatro e narrativa)	151
<b>Gráfico 81b</b> – Frequência (%) de formas simples (endófora) no RO (teatro e narrativa) ....	151
<b>Gráfico 82a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas (endófora) no RO (teatro) .....	152
<b>Gráfico 82b</b> – Frequência (%) de formas simples (endófora) no RO (teatro).....	152
<b>Gráfico 83a</b> – Frequência (%) de formas reforçadas (endófora) no RO (narrativa) .....	153
<b>Gráfico 83b</b> – Frequência (%) de formas simples (endófora) no RO (narrativa).....	153

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Proposta de classificação de Himmelmann (1996) .....	27
<b>Quadro 2</b> – Tipologia dos demonstrativos de Dixon (2003) .....	28
<b>Quadro 3</b> – Visão geral das características codificadas pelos demonstrativos .....	30
<b>Quadro 4</b> – Demonstrativos no português brasileiro .....	31
<b>Quadro 5</b> – Uso dos demonstrativos de acordo com a GT .....	33
<b>Quadro 6</b> – Demonstrativos do romeno em posição de margem no SN (anteposta ao nome) no nominativo-acusativo .....	40
<b>Quadro 7</b> – Demonstrativos do romeno em posição de núcleo e margem do SN (posposta ao nome) no nominativo-acusativo .....	40
<b>Quadro 8</b> – Demonstrativos do romeno em função adjetiva (anteposta ao nome) no genitivo-dativo .....	41
<b>Quadro 9</b> – Demonstrativos do romeno em função substantiva e adjetiva (posposta ao nome) no genitivo-dativo .....	41
<b>Quadro 6</b> – Semelhanças e diferenças entre os demonstrativos do PB e do RO .....	44
<b>Quadro 7</b> – <i>Corpus</i> analisado .....	49
<b>Quadro 8</b> – Classificação dos dados .....	51
<b>Quadro 9</b> – Inventário de formas no <i>corpus</i> do PB (teatro e narrativa) .....	52
<b>Quadro 14</b> – Inventário de formas no <i>corpus</i> do RO (teatro e narrativa) .....	52
<b>Quadro 15</b> – Classificações de referência exofórica .....	132
<b>Quadro 16</b> – Subcategorias de exófora espacial .....	138
<b>Quadro 17</b> – Subcategorias de exófora temporal .....	143
<b>Quadro 18</b> – Classificações de referência endofórica .....	153

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Frequência por forma no PB (narrativa e teatro) .....	53
<b>Tabela 2</b> – Frequência por forma no RO (narrativa e teatro) .....	53
<b>Tabela 3</b> – Frequência por forma reforçada e simples no RO (narrativa e teatro) .....	55
<b>Tabela 4</b> – Frequência por forma no PB (teatro) .....	56
<b>Tabela 5</b> – Frequência por forma no PB (narrativa) .....	56
<b>Tabela 6</b> – Frequência por forma no RO (teatro) .....	57
<b>Tabela 7</b> – Frequência por forma no RO (narrativa) .....	57
<b>Tabela 8</b> – Frequência por forma reforçada e simples no RO (teatro) .....	58
<b>Tabela 9</b> – Frequência por forma reforçada e simples no RO (narrativa) .....	59
<b>Tabela 10</b> – Frequência por modalidade no PB (teatro e narrativa) .....	60
<b>Tabela 11</b> – Frequência por modalidade no RO (teatro e narrativa) .....	61
<b>Tabela 12</b> – Frequência por forma e por modalidade no PB (teatro e narrativa) .....	62
<b>Tabela 13</b> – Frequência por forma e por modalidade no RO (teatro e narrativa) .....	63
<b>Tabela 14</b> – Frequência por forma reforçada e simples e por modalidade no RO (teatro e narrativa) .....	64
<b>Tabela 15</b> – Frequência por forma e por modalidade no PB (narrativa) .....	65
<b>Tabela 16</b> – Frequência por forma e por modalidade no RO (narrativa) .....	66
<b>Tabela 17</b> – Frequência por forma reforçada e simples e por modalidade no RO (narrativa) .....	67
<b>Tabela 18</b> – Frequência por gênero gramatical no PB (teatro e narrativa) .....	69
<b>Tabela 19</b> – Frequência por gênero gramatical no RO (teatro e narrativa) .....	69
<b>Tabela 20</b> – Frequência por forma e por gênero gramatical no PB (teatro e narrativa) .....	71
<b>Tabela 21</b> – Frequência por forma e por gênero gramatical no RO (teatro e narrativa) .....	72
<b>Tabela 22</b> – Frequência por forma e por gênero gramatical no PB (teatro) .....	74
<b>Tabela 23</b> – Frequência por forma e por gênero gramatical no PB (narrativa) .....	75
<b>Tabela 24</b> – Frequência por forma e por gênero gramatical no RO (teatro) .....	76
<b>Tabela 25</b> – Frequência por forma e por gênero gramatical no RO (narrativa) .....	77
<b>Tabela 26</b> – Frequência de forma reforçada e simples por gênero gramatical no RO (teatro) .....	78
<b>Tabela 27</b> – Frequência de forma reforçada e simples por gênero gramatical no RO (narrativa) .....	79
<b>Tabela 28</b> – Frequência por número no PB (teatro e narrativa) .....	80
<b>Tabela 29</b> – Frequência por número no RO (teatro e narrativa) .....	80
<b>Tabela 30</b> – Frequência por forma e por número no PB (teatro e narrativa) .....	82
<b>Tabela 31</b> – Frequência por forma e por número no RO (teatro e narrativa) .....	82
<b>Tabela 32</b> – Frequência por forma e por número no PB (teatro) .....	83
<b>Tabela 33</b> – Frequência por forma e por número no PB (narrativa) .....	84
<b>Tabela 34</b> – Frequência de formas por número no RO (teatro) .....	85
<b>Tabela 35</b> – Frequência de formas por número no RO (narrativa) .....	85
<b>Tabela 36</b> – Frequência de formas reforçadas e simples por número no RO (teatro e narrativa) .....	87
<b>Tabela 37</b> – Frequência de formas reforçadas e simples por número no RO (teatro) .....	89
<b>Tabela 38</b> – Frequência de formas reforçadas e simples por número no RO (narrativa) .....	90
<b>Tabela 39</b> – Frequência de formas por caso no RO (teatro e narrativa) .....	91
<b>Tabela 40</b> – Frequência de formas por caso no RO (teatro e narrativa) .....	92
<b>Tabela 41</b> – Frequência de formas por caso no RO (teatro) .....	93
<b>Tabela 42</b> – Frequência de formas por caso no RO (narrativa) .....	93
<b>Tabela 43</b> – Frequência de formas reforçadas e simples por caso no RO (teatro e narrativa) .....	95
<b>Tabela 44</b> – Frequência de formas reforçadas e simples por caso no RO (teatro) .....	96
<b>Tabela 45</b> – Frequência de formas reforçadas e simples por caso no RO (narrativa) .....	97

<b>Tabela 46</b> – Frequência de formas por posição no SN no PB (teatro e narrativa) .....	99
<b>Tabela 47</b> – Frequência de formas por posição no SN no RO (teatro e narrativa) .....	99
<b>Tabela 48</b> – Frequência de formas por posição no SN no PB (teatro e narrativa) .....	100
<b>Tabela 49</b> – Frequência de formas por posição no SN no RO (teatro e narrativa) .....	101
<b>Tabela 50</b> – Frequência de formas por posição no SN no PB (teatro) .....	102
<b>Tabela 51</b> – Frequência de formas por posição no SN no PB (narrativa) .....	102
<b>Tabela 52</b> – Frequência de formas por posição no SN no RO (teatro) .....	103
<b>Tabela 53</b> – Frequência de formas por posição no SN no RO (narrativa) .....	103
<b>Tabela 54</b> – Frequência de formas reforçadas e simples por posição no SN no RO (teatro e narrativa) .....	105
<b>Tabela 55</b> – Frequência de formas reforçadas e simples por posição no SN no RO (teatro) .....	107
<b>Tabela 56</b> – Frequência de formas reforçadas e simples por posição no SN no RO (narrativa) .....	108
<b>Tabela 57</b> – Frequência de formas por ordem no SN no RO (teatro e narrativa) .....	110
<b>Tabela 58</b> – Frequência de formas por ordem no SN no RO (teatro e narrativa) .....	110
<b>Tabela 59</b> – Frequência de formas por ordem no SN no RO (teatro).....	112
<b>Tabela 60</b> – Frequência de formas por ordem no SN no RO (narrativa) .....	112
<b>Tabela 61</b> – Frequência de formas reforçadas e simples por ordem no SN no RO (teatro e narrativa).....	113
<b>Tabela 62</b> – Frequência de formas reforçadas e simples por ordem no SN no RO (teatro) ..	115
<b>Tabela 63</b> – Frequência de formas reforçadas e simples por ordem no SN no RO (narrativa) .....	116
<b>Tabela 64</b> – Frequência de formas por adjunção adverbial no PB (teatro e narrativa) .....	118
<b>Tabela 65</b> – Frequência de formas por adjunção adverbial no RO (teatro e narrativa) .....	118
<b>Tabela 66</b> – Frequência de demonstrativos por valor referencial no PB (teatro e narrativa) ..	124
<b>Tabela 67</b> – Frequência de demonstrativos por valor referencial no RO (teatro e narrativa) .....	125
<b>Tabela 68</b> – Frequência de demonstrativos (exófora) no PB (teatro e narrativa) .....	126
<b>Tabela 69</b> – Frequência de demonstrativos (exófora) no RO (teatro e narrativa) .....	126
<b>Tabela 70</b> – Frequência de demonstrativos (exófora) no PB (teatro).....	127
<b>Tabela 71</b> – Frequência de demonstrativos (exófora) no PB (narrativa) .....	127
<b>Tabela 72</b> – Frequência de demonstrativos (exófora) no RO (teatro) .....	128
<b>Tabela 73</b> – Frequência de demonstrativos (exófora) no RO (narrativa) .....	128
<b>Tabela 74</b> – Frequência de formas reforçadas e simples (exófora) no RO (teatro e narrativa) .....	129
<b>Tabela 75</b> – Frequência de formas reforçadas e simples (exófora) no RO (teatro) .....	130
<b>Tabela 76</b> – Frequência de formas reforçadas e simples (exófora) no RO (narrativa) .....	131
<b>Tabela 77</b> – Frequência de valores de exófora no PB (teatro e narrativa) .....	132
<b>Tabela 78</b> – Frequência de valores de exófora no RO (teatro e narrativa).....	132
<b>Tabela 79</b> – Frequência de exófora por forma no PB (teatro e narrativa).....	133
<b>Tabela 80</b> – Frequência de exófora por forma no RO (teatro e narrativa) .....	133
<b>Tabela 81</b> – Frequência de exófora por forma no PB (teatro).....	134

<b>Tabela 82</b> – Frequência de exófora por forma no PB (narrativa).....	134
<b>Tabela 83</b> – Frequência de exófora por forma no RO (teatro) .....	134
<b>Tabela 84</b> – Frequência de exófora por forma no RO (narrativa) .....	134
<b>Tabela 85</b> – Frequência de exófora por formas reforçadas e simples no RO (teatro e narrativa) .....	136
<b>Tabela 86</b> – Frequência de valores de exófora no RO (teatro) .....	137
<b>Tabela 87</b> – Frequência de valores de exófora no RO (narrativa).....	137
<b>Tabela 88</b> – Frequência de valores de exófora espacial no PB (teatro) .....	139
<b>Tabela 89</b> – Frequência de valores de exófora espacial no PB (narrativa) .....	139
<b>Tabela 90</b> – Frequência de valores de exófora espacial no RO (teatro) .....	141
<b>Tabela 91</b> – Frequência de valores de exófora espacial no RO (narrativa) .....	141
<b>Tabela 92</b> – Frequência por forma e por gênero gramatical no PB (teatro) .....	144
<b>Tabela 93</b> – Frequência por forma e por gênero gramatical no PB (narrativa) .....	144
<b>Tabela 94</b> – Frequência de valores de exófora temporal no RO (teatro) .....	145
<b>Tabela 95</b> – Frequência de valores de exófora temporal no RO (narrativa) .....	145
<b>Tabela 96</b> – Frequência de demonstrativos (endófora) no PB (teatro e narrativa).....	147
<b>Tabela 97</b> – Frequência de demonstrativos (endófora) no RO (teatro e narrativa) .....	148
<b>Tabela 98</b> – Frequência de demonstrativos (endófora) no PB (teatro) .....	149
<b>Tabela 99</b> – Frequência de demonstrativos (endófora) no PB (narrativa).....	149
<b>Tabela 100</b> – Frequência de demonstrativos (endófora) no RO (teatro).....	150
<b>Tabela 101</b> – Frequência de demonstrativos (endófora) no RO (narrativa) .....	150
<b>Tabela 102</b> – Frequência de formas reforçadas e simples (endófora) no RO (teatro e narrativa) .....	151
<b>Tabela 103</b> – Frequência de formas reforçadas e simples (endófora) no RO (teatro) .....	152
<b>Tabela 104</b> – Frequência de formas reforçadas e simples (endófora) no RO (narrativa) .....	153
<b>Tabela 105</b> – Frequência de valores de endófora no PB (teatro e narrativa).....	155
<b>Tabela 106</b> – Frequência de valores de endófora no RO (teatro e narrativa).....	155
<b>Tabela 107</b> – Frequência de endófora por forma no PB (teatro e narrativa).....	156
<b>Tabela 108</b> – Frequência de endófora por forma no RO (teatro e narrativa) .....	156
<b>Tabela 109</b> – Frequência de endófora por forma no PB (teatro) .....	157
<b>Tabela 110</b> – Frequência de endófora por forma no PB (narrativa) .....	157
<b>Tabela 111</b> – Frequência de endófora por forma no RO (teatro) .....	157
<b>Tabela 112</b> – Frequência de endófora por forma no RO (narrativa) .....	157
<b>Tabela 113</b> – Frequência de endófora por formas reforçadas e simples no RO (teatro e narrativa) .....	160
<b>Tabela 114</b> – Frequência de endófora por formas reforçadas e simples no RO (teatro) .....	161
<b>Tabela 115</b> – Frequência de endófora por formas reforçadas e simples no RO (narrativa) .....	162

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>20</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>22</b>
2.1 A língua sob uma perspectiva funcionalista .....	22
2.2 O funcionalismo e o modelo tipológico-funcional .....	23
<b>3 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>26</b>
3.1 O sistema de demonstrativos no português brasileiro .....	30
3.2 O sistema de demonstrativos no romeno .....	32
3.3 Relação entre as duas línguas .....	42
<b>4 HIPÓTESES DE TRABALHO</b> .....	<b>45</b>
<b>5 OBJETIVOS</b> .....	<b>46</b>
<b>6 METODOLOGIA</b> .....	<b>47</b>
6.1 <i>Corpus</i> .....	47
6.2 Coleta de dados .....	49
6.3 Classificação dos dados .....	50
<b>7 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	<b>52</b>
7.1 Padrões gerais .....	52
7.1.1 Inventário das formas .....	52
7.1.2 Frequência geral das formas .....	53
7.2 Discurso .....	55
7.2.1 Gênero textual.....	55
7.2.2 Modalidade .....	60
7.3 Morfologia .....	68
7.3.1 Gênero gramatical.....	68
7.3.2 Número .....	80
7.3.3 Caso .....	91
7.4 Sintaxe .....	98
7.4.1 Posição no SN .....	9
8 .....	
7.4.2 Ordem no SN .....	109
7.4.3 Adjunção adverbial.....	117
7.5 Semântica .....	123
7.5.1 Valor referencial .....	123
7.5.1.1 Padrões gerais .....	123
7.5.1.2 Referência exofórica.....	126
7.5.1.2.1 Exófora espacial .....	138
7.5.1.2.2 Exófora temporal .....	142
7.5.1.2.3 Exófora metatextual.....	146
7.5.1.3 Referência endofórica.....	147
7.5.1.4 Referência exo-endofórica.....	163
7.5.1.5 Referência anamnética.....	164
7.5.1.6 Referência indefinida.....	166
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>168</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>178</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As gramáticas tradicionais da língua portuguesa no Brasil (PB) e da língua romena (RO), na seção dedicada aos pronomes, costumam trazer ao leitor os demonstrativos da língua arranjados em categorias relativamente sucintas e delineadas. Seus autores, em poucas palavras, costumam definir o item gramatical, *grosso modo*, como o elemento que “aponta”, “refere” ou “situa” alguma coisa. Exceções às regras são, por vezes, mencionadas por alguns, embora de forma um tanto quanto confusa, não pela metalinguagem, mas nota-se algo de contraditório no aspecto classificatório usualmente proposto.

Provavelmente, o funcionamento do sistema de demonstrativos nas duas línguas românicas não se sustenta na língua em uso como se encontra ilustrado nas gramáticas – assim como ocorre com outras categorias gramaticais – e tal fato vem sendo verificado e comprovado por estudos já realizados<sup>1</sup>. É conveniente, portanto, aprofundar-se mais sobre o tema para tentar explicar como, de fato, se comportam os demonstrativos do português brasileiro e, comparativamente neste estudo, do romeno em determinadas situações de uso, dentre suas diversas funções que vão além daquelas usualmente estabelecidas.

Com este estudo, pretende-se contribuir para a compreensão dos fenômenos que envolvem o funcionamento dos demonstrativos dessas línguas, assim como estabelecer relações entre ambas, tanto de caráter diacrônico, quanto acerca dos aspectos linguísticos que as assemelham ou as divergem entre si. Tendo como *corpus* algumas obras pertencentes aos gêneros textuais do teatro cômico e de narrativa histórica, pode-se assegurar maior diversidade linguística à pesquisa ao tentar registrar, ao mesmo tempo, o uso mais coloquial e mais formal, respectivamente, de cada língua.

Este trabalho inicia-se pela fundamentação teórica, abordando as questões linguísticas nas quais se baseia a análise de dados. Apresenta-se, brevemente, uma discussão sobre a perspectiva funcionalista da língua, da qual se destaca, dentre os estudiosos que compartilham da mesma visão, o funcionalista Talmy Givón, cujo modelo tipológico-funcional (GIVÓN, 2001) serve como parâmetro teórico desta pesquisa.

O capítulo seguinte traz a revisão da literatura pertinente aos demonstrativos do português brasileiro e do romeno, de modo a apresentar sua etimologia, seu sistema atual e demais questões que envolvem a categoria gramatical. Também são abordados alguns dos trabalhos (e seus resultados) já realizados sobre o tema.

---

<sup>1</sup> Cf. Nascentes (1965); Câmara Jr (1971); Pavani (1987); Roncarati (2003); Jungbluth (2004-2005); Cambraia (2008, 2010, 2015); Marine (2005, 2009); Silva (2013), Ramalho (2016).

Posteriormente, nos capítulos 4 e 5, são apresentadas as hipóteses a serem testadas com base nos dados coletados no *corpus* de pesquisa, bem como os objetivos gerais e específicos que englobam as questões a serem respondidas ao final do estudo.

A metodologia de pesquisa adotada e o *corpus* utilizado são mencionados no capítulo 6, no qual disserta-se como foi realizada a coleta de dados, sua disposição e sua análise. Posteriormente, presta-se justificativa para a escolha dos textos que compõem o *corpus* analisado, apresentando-o juntamente com suas diretrizes pré-estabelecidas.

A análise dos dados e as discussões sobre as informações obtidas posteriormente fazem parte do capítulo 7, onde, também, são apresentados os resultados através de gráficos, quadros e tabelas que visam a facilitar a compreensão dos valores computados. No capítulo, não somente os dados estatísticos encontrados, como também quaisquer análises relevantes que tenham surgido no decorrer da pesquisa são divulgados, incluindo pontos que não necessariamente façam parte dos objetivos, mas que sejam pertinentes ao tema.

O capítulo referente à descrição e discussão dos dados divide-se por campos de análise linguística: em ordem, apresenta-se a análise dos aspectos do discurso e da modalidade oral e escrita, seguida pela análise morfológica, sintática e semântica dos demonstrativos coletados do *corpus*.

Por fim, são apresentadas as considerações finais do estudo, verificando se as hipóteses levantadas são procedentes. Através da conclusão deste trabalho, busca-se, antes de tudo, contribuir com os estudos comparativos das línguas românicas e seus sistemas, construindo uma rede de conhecimento linguístico sob o ponto de vista funcionalista da língua.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A língua é um método puramente humano e não-instintivo de se comunicar ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos.<sup>2</sup>

Portanto, não temos outra saída a não ser aceitar a língua enquanto um sistema inteiramente funcional inerente à constituição psíquica ou “espiritual” humana. Não podemos defini-la apenas em termos psicológicos ou físicos; no entanto, muito dessa base é essencial para seu funcionamento.<sup>3</sup>

### 2.1 A LÍNGUA SOB UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

Ao fazer a escolha dos textos que compõem esta análise, ou seja, aqueles que pudessem conter, dentre outras características abordadas mais adiante no capítulo 6, elementos mais próximos da realidade linguística do falante das respectivas línguas, o que norteou tal motivação foi o fenômeno linguístico que engloba os comportamentos dos demonstrativos a serem analisados: a **mudança linguística**.

Se se pretende entender como os demonstrativos se comportam diferentemente ao longo do tempo (diacronicamente) e, também, do modo como são descritos nas gramáticas tradicionais em comparação com seu uso de fato, na oralidade, há de se adotar uma teoria linguística que considere a língua como um sistema não-homogêneo e que leve em consideração sua diversidade – o que, portanto, já descartaria uma visão estruturalista da língua como ineficaz – e fatores extralinguísticos, não podendo ter como usuário um “falante ideal”, como defende Chomsky em sua perspectiva gerativista da língua (WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006 [1968], p. 60).

O que, de fato, se pretende com este estudo pode ser resumido, *grosso modo*, a uma pergunta: *como funcionam, na prática, os demonstrativos no português brasileiro e no romeno?* Por “prática”, vale ressaltar, deve-se sempre entender a língua em uso, seja escrita ou oral, em suas diversas atividades sociais em suas respectivas comunidades de fala. Nesse caso, a visão de Martinet (1978 *apud* NEVES, 1997, p. 2) parece muito oportuna quando considera que o objeto da verdadeira linguística é “a determinação do modo como as pessoas conseguem comunicar-se pela língua” e que “o que deve constantemente guiar o linguista é a competência

<sup>2</sup> No original: Language is a purely human and non-instinctive method of communicating ideas, emotions and desires by means of a system of voluntarily produced symbols (SAPIR, 1921, p. 8 *apud* GIVON, 2001, p. 1).

<sup>3</sup> No original: Hence we have no recourse but to accept language as a fully formed functional system within man’s psychic or “spiritual” constitution. We cannot define it as an entity in psycho-physical terms alone, however much the psycho-physical basis is essential to its functioning (SAPIR, 1921, p. 10–11 *apud* GIVON, 2001, p.1).

comunicativa, já que toda língua se impõe, tanto em seu funcionamento como em sua evolução, como um instrumento de comunicação da experiência”.

Os termos “evolução” e “funcionamento”, mencionados pelo autor acima, são consoantes com esta proposta de estudo, pois o mesmo consiste de análise diacrônica dos demonstrativos e seu efetivo comportamento. E esse comportamento compreende as funções de tais elementos linguísticos nas diversas situações sociais de uso que se configuram como fatores extralinguísticos e, sob o ponto de vista adotado aqui, indissociáveis da análise em si. Logo, a **perspectiva funcionalista** é a teoria linguística que melhor serve como base deste estudo e será abordada na próxima seção.

Neves (1997, p. 2) aponta que “qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural [...] tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente”. Pois, precisamente, é o que se pretende fazer neste estudo acerca dos demonstrativos, seguindo uma, dentre as diversas abordagens funcionalistas.

## 2.2 O FUNCIONALISMO E O MODELO TIPOLÓGICO-FUNCIONAL

Pelo termo “função”, entende-se, primeiramente, através das palavras de Halliday (1973a, p. 104 *apud* NEVES, 1997, p. 8), não “os papéis que desempenham as classes de palavras ou os sintagmas dentro da estrutura das unidades maiores, mas o papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo a certos tipos universais de demanda, que são muitos e variados”. A mesma ideia é defendida por Martinet, para quem o termo “funcional” só faz sentido se se referir “ao papel que a língua desempenha para os homens, na comunicação de sua experiência uns aos outros” (1994, p. 13 *apud* NEVES, 1997, p. 4-5).

Em uma gramática funcional, portanto, embora se analise a estrutura gramatical, inclui-se também na análise “toda a situação comunicativa: o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo” (NICHOLS, 1984, p. 97 *apud* NEVES, 1997, p. 3). O objetivo principal do funcionalista seria, como aponta Beaugrande (1993, p. 3 *apud* NEVES, 1997, p.3), “fazer correlações ricas entre forma e significado dentro do contexto global do discurso”.

A abordagem funcionalista poderia ser brevemente resumida e definida – em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo – pela asserção de Cunha, Costa e Cezario, enquanto teoria que concebe

a linguagem como um instrumento de interação social [...] [cujo] interesse de investigação vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. (CUNHA; COSTA; CEZARIO; p 29 *apud* FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2003)

Talmy Givón em sua obra *Sintaxe* (2001) defende a abordagem funcionalista da língua, a qual deve ser considerada durante sua performance – em detrimento de um modelo idealizado de língua – pois seria esse o ambiente no qual surgem novas funções atribuídas às estruturas linguísticas<sup>4</sup>. Também afirma que

todos os funcionalistas assumem o postulado da não-autonomia: a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. (GIVÓN, 1995 *apud* NEVES, 1997, p.3).

Essa diversidade (extra)linguística considerada pelo autor ao justificar o caráter não-autônomo da língua faz parte de um conjunto de noções abrangidas pelo estudo tipológico proposto por ele<sup>5</sup>, no qual se verifica a relação entre as funções e as estruturas (formas) gramaticais de diferentes línguas<sup>6</sup>. O método tipológico-funcional de Givón se mostra eficaz e mais pertinente a este estudo por fatores como a necessidade de se considerar o processo diacrônico para que se possa compreender os princípios que governam a variação tipológica da língua (GIVÓN, 2001, p. 23). A proposta deste estudo de análise linguística inclui, simultaneamente, uma visão sincrônica e diacrônica sobre o funcionamento dos demonstrativos e as motivações do uso de suas formas ao longo do tempo, o que corrobora a escolha pelo aporte teórico em questão.

Outro ponto importante que toca este estudo são as formas dos demonstrativos em conflito no uso, comportamento que leva, por exemplo, ao fenômeno do binarismo verificado nas duas línguas sob análise e é mantido, de acordo com Givón (2001, p. 36), por um compromisso adaptativo entre as pressões funcionais. O autor defende a ideia de que os

---

<sup>4</sup> Cf. In principle, there is nothing inimical to functionalism in such a methodological idealization — except for one crucial twist: All functional-adaptive pressures that shape the synchronic — idealized — structure of language are exerted during actual performance. This is where language is acquired, and where grammar emerges and changes. This is where form adjusts itself—creatively and on the spur of the moment’s opportunistic construal of context—to novel functions and extended meanings. (GIVÓN, 2001, p. 6)

<sup>5</sup> Cf. [...] that in human language there is always more than one structural means of affecting the same communicative function. And that grammatical typology is the study of the diversity of structures that can perform the same type of function. (GIVÓN, 2001, p. 23)

<sup>6</sup> Cf. In grammatical typology, one enumerates the main structural means by which different languages code the same functional domain. (GIVÓN, 2001, p. 23)

processos adaptativos diacrônicos podem ceder às estruturas sincrônicas mal-adaptadas, as quais seriam aparentemente arbitrárias e contrárias ao conceito de iconicidade (relação natural entre forma e função) (GIVÓN, 2001, p. 37). Indo de encontro à noção icônica da língua, do ponto de vista funcionalista, atenta-se para as pressões externas ao sistema gramatical, que motivam sua adaptação.

Na intenção de entender essas motivações em ambas as línguas – o português brasileiro e o romeno – o modelo tipológico-funcional de Givón também se demonstra eficiente ao observar a variação tipológica translinguística (2001, p. 25), respeitando suas diferentes densidades de codificação e organização funcional.

Por fim, pode-se apenas ressaltar a conformidade do pensamento do autor em relação ao estabelecimento de regras acerca do comportamento de conteúdos gramaticais e seus domínios semântico-proposicionais e discursivo-pragmáticos. Como será visto mais adiante, dificilmente uma regra (ou um conjunto rígido de regras) se aplica de forma satisfatória na tentativa de classificar os demonstrativos das duas línguas, sem obscurantismos, vagueza ou ambiguidade. Givón (2001, p. 28) pertinentemente considera, portanto, uma falácia que uma regra seja apenas *per se* considerada se for apenas 100% aplicável (como o fazem alguns linguistas), sem se considerar que, em uso, as estruturas gramaticais apresentam comportamentos que, eventualmente, fogem à regra, não necessariamente, por isso, anulando-a.

### 3 REVISÃO DA LITERATURA

Ao final do capítulo anterior, dissertou-se sobre as questões que envolvem a aplicabilidade de regras (ou parâmetros) para uma classificação de conteúdos gramaticais. No caso dos demonstrativos, o objeto deste estudo, alguns autores já apresentaram propostas para descrevê-los em seus aspectos mais relevantes e situá-los enquanto categoria gramatical distinta de outras, apresentando suas principais funções e considerando-os, inclusive, como provável universal linguístico.

Himmelmann (1996, p. 242), Diessel (1999, p. 1) e Dixon (2003, p. 61) supõem, em suas respectivas obras, que os demonstrativos estariam presentes em todas as línguas naturais. Himmelmann (1996, p. 205), inicialmente, propôs investigar quais os usos dos demonstrativos poderiam ser considerados como universais, e quais deles seriam específicos de determinadas línguas. Ao tentar encontrar seus resultados, o autor apresenta, também, sua própria classificação dos usos, bem como outras relevantes reflexões translinguísticas acerca dos demonstrativos.

Uma delas, por exemplo, é a diferenciação entre a função e o uso dos demonstrativos e dos artigos definidos e pronomes de 3ª pessoa, já que, segundo ele, há uma dificuldade em distingui-los, pois, “em quase todos os casos [a partir do banco de dados linguísticos utilizado pelo autor], eles derivam (são gramaticalizados) dos demonstrativos”<sup>7</sup> (HIMMELMANN, 1996, p. 206). O autor, então, demonstra duas características capazes de alocar os demonstrativos em uma definição translinguística válida e aplicável:

- a) o elemento tem de estar em uma relação paradigmática com os elementos que – quando em uso exofórico – localizam a entidade a qual faz referência em uma escala de distância: como próxima, distante etc.;
- b) o elemento não deve ser suscetível aos seguintes dois usos, que são característicos dos artigos definidos:
  - *uso em situação mais ampla*: demonstrativos geralmente não são empregáveis em primeira menção a entidades que são consideradas únicas em determinada comunidade de fala.
  - *uso anafórico-associativo*. (HIMMELMANN, 1996, p. 210)

Outra contribuição importante do autor trazida na obra que vale, aqui, ser mencionada, ainda que brevemente, é a distinção entre o uso das formas pronominal e adjetiva dos demonstrativos (2006, p. 214), quando o mesmo atesta, em sua amostra, o uso mais frequente da forma adjetiva (adnominal), ao contrário do que, segundo ele, era anteriormente presumido.

---

<sup>7</sup> No original: [...] in almost all cases they derive (are grammaticized) from demonstratives.

Também relevante é o aspecto translinguístico das restrições de uso no caso de demonstrativos em função pronominal, no que diz respeito ao referente (HIMMELMANN, 2006, p. 214).

Os três autores mencionados acima, de modo geral, tentam dar sua contribuição para definir o que são os demonstrativos de acordo com suas funções e propõem, além disso, uma classificação de seus usos. Concordam, cabe oportunamente destacar, que o ponto de partida para se definir, em poucas palavras, a função primordial dos demonstrativos se caracteriza pela referência dêitica, de apontar algo, seja no âmbito espacial-discursivo ou no próprio discurso<sup>8</sup>.

Em suas obras, encontram-se classificações que se diferenciam em alguns critérios, por vezes no detalhamento de informações depreendidas ou pela abordagem enveredada de cada um. Himmelmann, por exemplo, oferece uma classificação “mais simples”, do ponto de vista do conceito de *marcação* da teoria funcionalista, deixando de lado detalhes mais aprofundados de aspectos semântico-pragmáticos. Sua classificação pode ser visualizada através do quadro a seguir:

**Quadro 10** – Proposta de classificação de Himmelmann (1996)<sup>9</sup>

<b>Estabelecendo um referente no universo do discurso pela primeira vez</b>	<b>Isolando um certo referente dentre referentes já estabelecidos</b>
<b>Uso situacional</b> , o qual envolve a noção de distância relativa a algum centro dêitico a fim de estabelecer um referente no universo do discurso.	<b>Uso de rastreamento</b> , que envolve fazer referência a entidades (geralmente a participantes principais) já estabelecidas no universo do discurso durante a interação precedente e ajuda ao ouvinte manter-se conectado ao que está acontecendo com quem.
<b>Uso discursivo</b> , o qual implica apontar a um segmento adjacente no discurso e serve para estabelecer uma proposição ou um evento (ou uma sequência de eventos) como referente no universo do discurso.	<b>Uso anamnético</b> , que envolve fazer referência a entidades assumidas pelo falante a serem estabelecidas no universo do discurso e ajuda a sinalizar ao ouvinte que o falante está se referindo a conhecimento específico, mas presumidamente compartilhado.

Como se pode observar, Himmelmann apenas considera duas grandes categorias e quatro subcategorias de usos dos demonstrativos, sendo todas essas verificadas por ele como universais nas línguas naturais (1996, p. 242). Embora seja uma classificação que possa, de fato, dar conta dos variados usos dos demonstrativos nas línguas-alvo deste estudo, a tipologia proposta por Himmelmann confere um caráter abstrato à análise, ignorando aspectos minuciosos que precisam ser aprofundados.

<sup>8</sup> Cf. [...] frequently noted uses of demonstratives such as the discourse deictic use. (HIMMELMANN, 1996, p. 205); First, demonstratives are deictic expressions serving specific syntactic functions. (DIESSEL, 1999, p. 2); A demonstrative is here defined as a grammatical word (or, occasionally, a clitic or affix) which can have pointing (or deictic) reference (DIXON, 2003, p. 61)

<sup>9</sup> Cf. Himmelmann, 1996, p. 240

Dixon (2003), assim como Himmelmann (1996, p. 240), também aborda os conceitos sobre os dêiticos, anáfora e catáfora, e diferencia os demonstrativos em função pronominal e adjetiva. Porém, sob uma ótica diferente, contempla-nos com a diferenciação dos conceitos de anáfora e dêixis textual (2003, p. 64). Segundo o autor (baseando-se em Lyons, 1977, p. 667), quando o referente substituído for um pronome, tem-se um caso de anáfora; quando a ideia retomada é maior, ou seja, quando for um segmento, uma frase ou um discurso, tem-se um caso de dêixis textual, conceito equivalente ao uso discursivo do demonstrativo apontado por Himmelmann (Quadro 1).

No entanto, o que mais se destaca do trabalho de Dixon é sua contribuição no que tange à classificação translinguística tipológica que nos apresenta, mais aprofundada e detalhada que aquela apresentada por Himmelmann. O linguista desenvolve uma tipologia que divide, primeiramente, os demonstrativos em três tipos: nominais (demonstrativos pronominais e adjetivos), adverbiais e verbais (2003, p. 65). Sobre essa categorização, na verdade, Dixon considera os advérbios “aqui” e “lá”<sup>10</sup> como demonstrativos adverbiais, termos que não serão analisados neste estudo. Quanto aos verbais, são demonstrativos empregados, em inglês, em sentenças como “*Do it like this*”, de uso peculiar dessa língua, não sendo, portanto, neste estudo, uma categoria pertinente.

Ainda que os tipos de demonstrativos não tenham se alinhado bem com os demonstrativos que serão analisados – já que todos eles, tanto em português quanto em romeno, pertencem apenas à categoria nominal de Dixon – a tipologia de funções e de referência dos demonstrativos por ele demonstrada pode ser corroborada em nossa análise. São, assim, classificadas em suma as seguintes categorias:

**Quadro 11** – Tipologia dos demonstrativos de Dixon (2003)

<b>Função</b>	Função dêítica
	Função sintática
	Anáfora e catáfora
	Identificação
	Informação nova
	Organização discursiva
<b>Referência</b>	Espacial
	Temporal
	Altura
	Visual
	Outros sentidos

Não será detalhada cada uma das subcategorias tipológicas do autor elencadas no quadro acima, pois a intenção é demonstrá-las comparativamente e criar um conjunto de noções

<sup>10</sup> Em inglês, *here* e *there*.

categorizadoras acerca dos demonstrativos. Notam-se, no entanto, mesmo que de forma resumida, características mais delineadoras sobre o comportamento do sistema de demonstrativos das amostras linguísticas colhidas pelo autor em sua análise de dados. Aspectos semânticos e pragmáticos, embora não tão profundamente e de maneira relativamente ampla, já são considerados por Dixon em sua proposta tipológica translinguística.

Diessel (1999, p. 3), já nas primeiras páginas, põe-se a dividir os demonstrativos, a partir de seus atributos semânticos, em dois grupos: 1) dêíticos, cuja função inclui indicar se o referente está próximo, longe ou muito longe do centro dêítico, fora ou dentro do campo de visão, dentre outras características; 2) qualitativos, aqueles que indicam se o referente é um objeto, uma pessoa, um lugar, se é animado ou inanimado etc.

Mais adiante, o autor também aborda, brevemente, os usos pragmáticos dos demonstrativos e, para isso, toma como base a noção de Halliday e Hasan (1976), que defendem o uso exofórico como aquele em que os demonstrativos “se referem a entidades não linguísticas na situação do discurso” e o uso endofórico “para todos os outros usos”<sup>11</sup> (DIESEL, 1999, p. 6). A endófora, por sua vez, se subdivide em três categorias: uso anafórico, dêítico discursivo (ou textual) e anamnético. No uso anafórico, o demonstrativo faz referência a um sintagma nominal ou sentença dita anteriormente no discurso; no caso de dêixis discursiva, o demonstrativo se refere a um trecho maior do discurso adjacente; já o uso anamnético se dá quando o falante e o ouvinte compartilham experiência ou informação sobre o referente, fato apontado pelo demonstrativo (DIESEL, 1999, p. 6).

No capítulo que versa sobre os aspectos semânticos dos demonstrativos, Diessel discorre acerca de seus diversos comportamentos peculiares em algumas das línguas que fazem parte de seu *corpus* de análise, os quais não serão abordados com afinco aqui. Embora muitas das classificações apresentadas não sejam atribuídas às línguas românicas objeto deste estudo, as proposições do linguista chamam a atenção pela riqueza de detalhes quanto à classificação dos usos dos demonstrativos, bem visualizados através do quadro seguinte:

**Quadro 12** – Visão geral das características codificadas pelos demonstrativos<sup>12</sup>

Semântica				
(i) Dêixis				
Distância	Visibilidade	Elevação	Geografia	Movimento
neutra	visível	para cima	active	em direção a (algo)

<sup>11</sup> No original: [...] refer to nonlinguistic entities in the speech situation. [...] for all other uses.

<sup>12</sup> Cf. Diessel (1999, p. 52).

próxima média etc.	invisível	para baixo	declive rio acima rio abaixo	para longe de (algo) através do campo visual de (algo)	
<b>(ii) Qualidade</b>					
<b>Ontologia</b>	<b>Animacidade</b>	<b>Humanidade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Número</b>	<b>Demarcação</b>
localização objeto/pessoa	animado inanimado	humano não-humano	feminino masculino	singular plural etc.	demarcado não-demarcado
<b>Sintaxe</b>					
<b>Categoria</b>	<b>Caso</b>	<b>Concordância</b>			
pronome determinante advérbio identificador	nominativo acusativo etc.	<b>(i) Gênero</b>	<b>(ii) Número</b>	<b>(iii) Caso</b>	
		masculino feminino etc.	singular plural etc.	nominativo acusativo etc.	
<b>Pragmática</b>					
<b>Uso</b>	<b>Referência</b>				
exofórico anafórico dêixis discursiva anamnético	<b>(i) Ênfase</b>	<b>(ii) Contraste</b>		<b>(iii) Precisão</b>	
	enfático não enfático	contrastivo não-contrastivo		preciso vago	

Cabe esclarecer que a observância das tipologias e classificações apresentadas pelos três linguistas neste capítulo, ainda que comparativamente, serve de embasamento teórico para a elaboração de parâmetros que se conformam mais eficazmente à análise do *corpus*, e não é uma questão de fazer, aqui, uma crítica às teorias apresentadas pelos autores. No entanto, pode-se salientar que o acesso a um aporte teórico mais amplificado acerca do comportamento dos demonstrativos e suas funções semântico-pragmáticas enriquece este estudo e auxilia a contribuir com a expansão da pesquisa no âmbito das línguas românicas sob a perspectiva funcionalista da língua.

### 3.1 O sistema de demonstrativos no português brasileiro

Na seção anterior, foram abordados alguns autores que buscam classificar e definir os demonstrativos das línguas, de modo geral, em meio às outras categorias gramaticais, estabelecendo suas funções e principais características. Dixon, por exemplo, como já foi dito, considera os dêiticos *aqui* e *lá* como demonstrativos (adverbiais); outros autores, assim como será o caso neste trabalho, atêm-se ao conjunto que, em português, é representado por *este*, *esse* e *aquela* e suas variações<sup>13</sup>. Passa-se, então, a uma discussão mais específica sobre os demonstrativos da língua portuguesa.

<sup>13</sup> Não serão considerados neste estudo outros casos de demonstrativos da língua portuguesa como, por exemplo, *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*, casos esses definidos por Bechara (2006, p. 167), visto que essas formas não estão vinculadas à pessoa do discurso e, portanto, não se enquadram neste estudo.

A origem das três formas atuais dos demonstrativos do português remonta ao latim, e sua etimologia pode ser apresentada de forma clara por Coutinho (1976) e Said Ali (2001). De acordo com Coutinho, no latim clássico, os pronomes *hic*, *iste* e *ille* correspondiam a cada uma das três pessoas gramaticais, respectivamente, sendo *hic* substituído já nos tempos de César por *iste* como pronome de segunda pessoa (1976, p. 256). De *iste*, *ista*, *istud* vieram as formas *este*, *esta*, *esto*, que passaria mais tarde a *isto* (SAID ALI, 2001, p. 79). No lugar de *iste*, que passou a ocupar a função de demonstrativo de primeira pessoa, o pronome de identidade *ipse*, originalmente de terceira pessoa, passa a ocupar o lugar de *iste* (COUTINHO, 1976, p. 256). As formas latinas *ipse*, *ipsa* e *ipsum* deram origem aos nossos demonstrativos correspondentes de segunda pessoa *esse*, *essa*, *esso*, o último (o neutro) passando a *isso*, no português moderno (SAID ALI, 2001, p. 79). Por fim, os demonstrativos latinos de terceira pessoa *ille*, *illa*, *illud*, foram os que deram origem aos nossos correspondentes *aquele*, *aquela*, *aquilo* (posteriormente *aquilo*, como atualmente), porém com acréscimo da partícula latina de reforço *ecce* que, segundo Coutinho (1976, p. 256), passou a *eccu-* e, por influência da expressão latina *atque*, passou a *accu-* (*accu-ille*, *-illa*, *-illud*).

Assim, eis o sistema tripartido dos demonstrativos do português atual, que sofre flexão de gênero (masculino, feminino e neutro<sup>14</sup>) e número (singular e plural), e pode ser disposto da seguinte forma:

**Quadro 13 – Demonstrativos no português brasileiro**

	Singular			Plural	
	M	F	N	M	F
1ª pessoa	<i>este</i>	<i>esta</i>	<i>isto</i>	<i>estes</i>	<i>estas</i>
2ª pessoa	<i>esses</i>	<i>essas</i>	<i>isso</i>	<i>esses</i>	<i>essas</i>
3ª pessoa	<i>aquele</i>	<i>aquela</i>	<i>aquilo</i>	<i>aqueles</i>	<i>aquelas</i>

As formas neutras *isto*, *isso* e *aquilo* são resquício do latim e não desempenham função adjetiva, apenas função substantiva, não havendo, também, flexão de plural. Além do português, de acordo com Câmara Jr. (1971, p. 237), somente o galego, o espanhol e o sardo apresentam a tripartição<sup>15</sup> correspondente ao sistema *hic*, *iste*, *ille*, em latim; já Sánchez Rei (2002, p. 28) menciona, em sua obra, apenas o espanhol e o sistema galego-português como as línguas dotadas de tripartição de demonstrativos.

<sup>14</sup> Algumas gramáticas, como a Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara (2006, p. 167), atribuem aos demonstrativos *isto*, *isso* e *aquilo* (e suas formas no plural) o gênero masculino, mencionando apenas que se trata de resquício do neutro latino.

<sup>15</sup> Também há tripartição no italiano falado na região da Toscana: *questo*, *codesto*, *quello*.

Nas gramáticas tradicionais, os autores trazem, na seção destinada aos pronomes demonstrativos, uma definição mais geral acerca da classe gramatical em questão. Em Bechara (2006, p. 167), encontra-se, por exemplo, o tópico inicial de definição dos demonstrativos como sendo aqueles que “indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso”. Em seguida, por meio de exemplo, o gramático ilustra sua categorização: “*Este livro* é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1ª e da 2ª pessoa.” (*Idem, Ibidem*). Nota-se o alinhamento do pensamento sobre a categoria dos demonstrativos à tradição gramatical normativa que remete à sua função e às suas características primordiais.

No entanto, embora as gramáticas apresentem uma regra de uso dos demonstrativos que parece não se aplicar de forma eficaz na língua efetivamente em uso, elas assim o fazem sem omitir a informação de que o comportamento dos demonstrativos não segue as diretrizes da gramática tradicional<sup>16</sup>, ainda que não se aprofundem nesses casos específicos que fogem à regra demonstrada. A categorização oferecida pelos compêndios gramaticais tradicionais compreende situações mais gerais, como se pode observar, de modo mais claro, nos dois exemplos extraídos de duas gramáticas de referência do português brasileiro contemporâneo:

**Quadro 14** – Uso dos demonstrativos de acordo com a GT<sup>17</sup>

Dem.	Pessoa	Espaço		Tempo		Discurso
	B/CC <sup>18</sup>	B	CC	B	CC	B
<i>este</i>	1ª	Perto da 1ª pessoa (daquela que fala)	Situação próxima	Presente (momento da fala); futuro e passado próximos	Presente	Anáfora e catáfora (referência do próprio falante)

<sup>16</sup> Cf. “Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações espaciais que escapam à disciplina da gramática.” (BECHARA, 2006, p. 167)

Cf. “[...] distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 345)

<sup>17</sup> Cf. Bechara, 2006, p. 187-189; Cunha e Cintra, 2008, p. 345

<sup>18</sup> B: Bechara (2006); CC: Cunha e Cintra (2008)

<i>esse</i>	2 <sup>a</sup>	Perto da 2 <sup>a</sup> pessoa (daquela com quem se fala)	Situação intermediária ou distante	Passado	Passado ou futuro pouco distante	Anáfora e catáfora (referência às palavras da pessoa com quem se fala)
<i>aquele</i>	3 <sup>a</sup>	-	Situação longínqua	-	Passado vago ou remoto	-

Como se observa no quadro acima, não se depreende das gramáticas tradicionais, na seção dedicada à categoria, uma descrição do funcionamento dos demonstrativos do português brasileiro que seja elucidativa e condizente com o que, aparentemente, acontece de fato na língua em uso. Ressalta-se, inclusive, a ausência do tratamento mais detalhado do demonstrativo *aquele* na obra de Bechara (2006), embora este mencione repetidamente, nas páginas pertinentes, a dificuldade que lhe representa a classificação do funcionamento dos demonstrativos dentro da noção de espaço, tempo e discurso.

Quando se faz uma análise preliminar das gramáticas tradicionais, pode-se corroborar a ideia constatada por Jungbluth (2004-2005, p. 86) de que elas, numa visão geral, “com base nas gramáticas latinas e gregas<sup>19</sup>, relacionam os pronomes demonstrativos às pessoas gramaticais”, e que “esse conceito não é transmitido ao longo do desenvolvimento das diferentes línguas românicas”<sup>20</sup>, fato admitido pelos gramáticos modernos da língua portuguesa por meio das mencionadas “dificuldades” em se apresentar o tema e enquadrá-lo à regra originalmente proposta. Em suma, a impressão passada pelas duas gramáticas consultadas remete à consideração feita por Cambraia (2010, p. 36-37), ao verificar que

o paradigma frequentemente apresentado em gramáticas modernas [...] — este: 1<sup>a</sup> pessoa / esse: 2<sup>a</sup> pessoa / aquele: 3<sup>a</sup> pessoa — não seja propriamente uma descrição dos seus usos reais na língua vernacular, mas sim o fruto de uma tentativa metalinguística de normatizar o uso dessas formas, normatização esta — saliente-se — que nunca atingiu um grau aceitável de consenso e de coerência nas gramáticas normativas.

Entretanto, indo além das gramáticas, já se dispõem de diversos estudos que contribuem para as questões que envolvem os demonstrativos e apontam para irregularidades entre as

<sup>19</sup> Deve-se atentar para o fato de as gramáticas latinas e gregas, mencionas por Jungbluth, serem de autores modernos, já que tal relação entre demonstrativos e pessoas gramaticais não se verifica nos gramáticos gregos e latinos da antiguidade.

<sup>20</sup> A mesma autora menciona que a forma do sistema demonstrativo em latim *hic – iste – ille* “não tem continuidade material inalterada em nenhuma língua românica moderna” (2004-2005, p. 84), o que poderia estender, inclusive, sua afirmação a outras línguas românicas.

funções descritas pelas gramáticas tradicionais e aquelas desempenhadas no uso, de fato, pelo falante do português.

Talvez o comportamento mais peculiar dos demonstrativos da língua portuguesa seja a disparidade entre a existência da tripartição *este/esse/aquele*, característica minoritária dentre as línguas românicas, e o fenômeno do **binarismo**, que trata da simplificação do uso dessas formas para apenas duas. Marine (2005, p. 39) cita trabalhos de autores que já corroboram tal fenômeno, como Câmara Jr. (1970), Castilho (1978, 1993), Pavani (1987), Roncarati (2003), e acrescento ainda Jungbluth (2004-2005), Cambraia e Bianchet (2008) e o próprio estudo da autora mencionada.

São muitas, no entanto, as divergências encontradas nesses autores quanto às características do dito binarismo dos demonstrativos, e muito disso provavelmente se deva à época e ao propósito de seus estudos. Marine (2005, p. 39), ao constatar tal comportamento, classifica como “obscura” as formas com que ele se apresenta no português brasileiro. A autora chega, no entanto, à conclusão de que “a língua portuguesa do Brasil tende a preservar um sistema binário marcado pelas formas *este vs. aquele* no uso exofórico (dêitico) e *esse vs. aquele* no uso endofórico” (MARINE, 2005, p. 50). O estudo de Marine colabora na especificidade funcional dos demonstrativos, corroborando o que já dizia Câmara Jr. (1971, p. 328) sobre o sistema tripartido: “quando em função anafórica, [o mesmo] não vigora em português. Há em essência uma dicotomia entre ponto próximo e ponto distante no contexto básico.”

O mesmo autor faz a oposição entre as modalidades escrita e oral da língua. Na primeira, diz haver oposição entre *este* e *aquele*, ficando restrita a *esse* a função de variante livre (CÂMARA JR., 1971, p. 328). Na oralidade, citando Antenor Nascentes, há equivalência entre as formas *este* e *esse* (CÂMARA JR., 1971, p. 327), ou seja, haveria ocorrência do fenômeno binário dos demonstrativos.

Jungbluth (2004-2005, p. 97) também afirma que “na fala, o sistema brasileiro usa, em geral, só os termos *esse* e *aquele*”. Também ressalta que pesquisadores estejam “convencidos de que os brasileiros, fazendo uma referência exofórica, só usam duas formas: *esse* e *aquele*” e que, por isso, não levem mais em consideração a forma *este* como forma em uso corrente (JUNGBLUTH, 2004-2005, p. 89), que, ainda que pouco empregada, ainda não desapareceu, segundo a autora (JUNGBLUTH, 2004-2005, p. 91).

Pode-se notar que a questão acerca do fenômeno do binarismo envolve muitos aspectos, já que varia de acordo com as modalidades oral e escrita da língua, regionalismos e, como será visto, aspectos diacrônicos da língua. Câmara Jr. (1971, p. 330) apostou que “firmar-se-á, possivelmente, a forma *esse*, mudança linguística que ainda não se completou. A variação livre

das duas formas tende a desaparecer”. A previsão linguística do autor, por outro lado, é confrontada por Jungbluth, cuja reflexão inclui uma citação dele próprio:

“A evolução em marcha” (CÂMARA JR., 1971) no Brasil ainda não está acabada. Nos tempos modernos, com um alto grau de escolaridade, e conseqüentemente de letramento, a presença conjunta das línguas escrita e falada torna pouco provável a extinção de um dos três termos. (JUNGBLUTH, 2004-2005, p. 98)

Prognóstico semelhante tem Bechara, que, através das palavras de Sanchez Rei (2002, p. 28), “tem sérias dúvidas de que a simplificação de três termos a unicamente dois seja um processo concluído ou quando menos majoritário”<sup>21</sup>:

Do exame de textos escritos – ainda aqueles vazados num registro coloquial para atingir, com eficiência, um público numeroso e heterogêneo –, pode-se chegar facilmente à conclusão de que a época dessa simplificação no sistema gramatical do português ainda está muito longe, pois que tales textos refletem uma consciência viva das oposições estabelecidas pela gramática entre os demonstrativos *este/esse/aquele*. (BECHARA, 1974, p. 321-322 *apud* SANCHEZ REI, 2002, p. 28)

No momento, ao que tudo indica, o que se observa é o que o próprio Câmara Jr. nos diz: “uma língua reluta em regra a abandonar qualquer das suas riquezas expressivas, mesmo quando de maneira geral já se afigura excessiva” (CÂMARA JR, 1971, p. 331).

Arelado à simplificação do inventário<sup>22</sup> dos demonstrativos do português, exerce função relevante na língua em uso o processo de **adjunção adverbial**, abordado, inclusive, por alguns dos autores citados nessa seção. No caso do português, trata-se do emprego dos advérbios *aqui/aí/ali/lá* junto aos demonstrativos para expressar, em função dêitica, localização mais precisa do referente.

Jungbluth (2004-2005, p. 83) justifica a adjunção adverbial no sistema do português brasileiro por utilizar, na fala, apenas dois demonstrativos e, por isso, segundo a autora, estaria a língua do Brasil num processo semelhante ao que passou a língua francesa: um uso quase obrigatório de demonstrativo-advérbio.

Marine (2009, p. 207) também menciona o “uso de dêiticos espaciais reforçados por advérbios locativos” e aponta autores e seus estudos que confirmam tal fenômeno, a saber: Câmara Júnior (1971; 1975), Castilho (1978, 1993), Pavani (1987) e Roncarati (2003). Além

<sup>21</sup> Cf. “quen ten serias dúbidas de que a simplificación de tres termos a unicamente dous sexa un proceso concluído ou cando menos maioritario [...]”

<sup>22</sup> Conceito depreendido de Cambraia e Bianchet (2009).

desses, Cambraia e Bianchet (2008) verificam, não somente no português, como no romeno e em outras línguas românicas o processo de adjunção adverbial.

O fenômeno compensatório de adjunção adverbial do português e o binarismo das formas dos demonstrativos levantam questionamentos sobre tal categoria gramatical, cujas funções e características pretendem aqui serem investigadas e analisadas nos capítulos seguintes.

### 3.2 O sistema de demonstrativos no romeno

A língua romena, diferentemente do português, conta apenas com um sistema binário de demonstrativos, ou seja, um mesmo demonstrativo desempenha a função de primeira e segunda pessoa, enquanto outra forma desempenha a de terceira. O fenômeno linguístico do binarismo é padrão único no romeno, como afirmam Cambraia e Bianchet (2008, p. 31), assim como ocorre no francês e no italiano (NICOLAE, 2015, p. 49).

Por outro lado, seu sistema apresenta mais flexões em comparação ao sistema do português, visto que a gramática romena conserva, enquanto gênero gramatical pleno<sup>23</sup>, o neutro<sup>24</sup> – além dos gêneros masculino e feminino – e flexão de caso gramatical, o qual se aplica aos demonstrativos, sendo a única das línguas românicas contemporâneas a possuir tal gênero e a declinar seus nomes de acordo com sua função sintática (BASSETTO, 2008, p. 48). Além disso, ainda contam com uma forma coloquial, ausente no português, que sofre flexão e possui características próprias, como será visto mais adiante. Por fim, o romeno detém formas específicas para demonstrativos quando em posição de margem no SN (função adjetiva), caso ocorram antepostos ou pospostos ao nome.

Neste estudo, adota-se a seguinte classificação dos demonstrativos em relação à sua posição no SN: posição de **margem** no SN e posição de **núcleo** do SN. A primeira categoria compreende as formas de demonstrativos que podem preceder ou suceder o núcleo do SN (função adjetiva); a segunda, compreende os demonstrativos enquanto núcleo do SN (função

<sup>23</sup> Por “gênero gramatical pleno”, entende-se aqui o neutro enquanto gênero integrante do léxico romeno, indo além dos demonstrativos (diferentemente do português, por exemplo), associado a outras categorias gramaticais da língua, como os substantivos, os artigos, os pronomes etc.

<sup>24</sup> Alguns autores discutem a questão do neutro no RO enquanto gênero pleno em comparação aos gêneros masculino e feminino e suas especificidades. Pelo fato de os substantivos neutros não apresentarem como duas entradas lexicais exclusivas (já que, em sua maioria, se apresenta no singular com desinências iguais às do gênero masculino e, no plural, ao feminino), o gênero é considerado ora como “assim-chamado gênero neutro” (“*aşa-zis gen neutru*”) ora como de categorização supérflua (MAIDEN, 2013, p. 32). No entanto, muitos outros (ROSETTI, 1950; COTEANU, 1966; GĂITĂNARU, 2007; CROITOR & GIURGEA, 2009) defendem ter o neutro apenas um sistema próprio e muito peculiar de flexão, característica que não desqualificaria sua posição enquanto gênero pleno gramatical no RO.

pronominal). Morfologicamente, no entanto, os demonstrativos do RO são assim agrupados: as formas de demonstrativos em margem posposta no SN são as mesmas utilizadas quando em função de núcleo do SN, ao passo que a categoria de demonstrativos em margem anteposta no SN possui formas diferentes específicas.<sup>25</sup>

No caso de apresentar aqui os demonstrativos do RO de forma resumida e representativa, assim como foi estabelecido na seção anterior em relação aos do PB (*este/esse/aquele*), seriam equiparáveis as seguintes formas: *acest* [ãsta] / *acel* [ãla]. As duas primeiras formas seriam as correspondentes às 1ª e 2ª pessoas do singular, enquanto as outras duas formas, à 3ª do singular, todas referentes à forma masculina (ou neutra), no caso nominativo. São, também, demonstrativos em margem no SN e correspondem apenas às formas utilizadas antes do nome. Vale ressaltar que *ãsta* se caracteriza como uso coloquial, porém não é ignorado pelas gramáticas tradicionais consultadas e, portanto, será sempre considerado juntamente com os outros demonstrativos tidos como normativos.

Tanto na gramática de Cojocar (2003, p. 81) quanto na de Popescu (2006, p. 216), o sistema de demonstrativos romeno é dividido, primeiramente, em dois grupos, desde o tópico da seção correspondente ao tema: **pronome demonstrativo** e **adjetivo pronominal demonstrativo**. Em seguida, as autoras classificam-nos em duas categorias: demonstrativos de **proximidade** e de **distância**, dentre outras categorias que não são objetos deste estudo (demonstrativos de identidade, por exemplo). Nota-se, portanto, visão diferente daquela evidenciada nas gramáticas consultadas quando se analisam os demonstrativos do português, os quais são classificados de acordo com a pessoa do discurso (1ª, 2ª e 3ª).

No entanto, embora não seja encontrada essa referência nas gramáticas atuais da língua romena, pode-se traçar um paralelo etimológico entre as duas línguas românicas quando se analisa a origem morfológica dos termos que constituem o sistema de demonstrativos corrente do romeno.

O demonstrativo de proximidade *acest* advém, de acordo com Cambraia e Bianchet (2008, p. 25), da ampliação parcial do escopo da forma latina *iste*, antes também associada à 2ª pessoa do discurso. Já foi constatado, aqui, o contraste com o português, que teve um caminho evolutivo distinto de seu demonstrativo, com o deslocamento de *iste* para a 1ª pessoa do discurso (*este*). Interessantes, nesse caso específico das formas de proximidade dos demonstrativos, são os dados etimológicos obtidos através do *Dicționarul etimologic al limbii române* ([1907] 2006, p. 14-15), que apontam a derivação de *acest* (*acesta*), *această* (*acesta*)

---

<sup>25</sup> O primeiro grupo de formas é, também, classificado como “formas fortes” (“*forme tari*”) e o segundo como “formas fracas” (“*forme slabe*”) (NICOLAE, 2015, p. 49; 2019, p. 164; NICOLAE & BOIOC, 2019, p. 321-322).

como formas reforçadas, assim como fazem Cambraia e Bianchet (2008, p. 26-27), ao passo que *ăsta* deriva simplesmente da forma latina *istus*, *-a*, *-um*, no caso nominativo (formas de latim vulgar das formas clássicas *iste*, *-a*, *-ud*)<sup>26</sup>.

*Ăsta*, entretanto, não teria se originado diretamente do latim segundo Giurgea (2012, p. 129; 2013, p. 179), como geralmente é difundido. Entre a forma latina *iste* e as do romeno *ăst(a)/astă(-a)*, houve também as formas *aiestu/aiastă*, que seriam como elo intermediário. Essas últimas, de acordo com o autor, se formaram através da prefixação de *a-* às formas *\*iestu* (<*istu*), por analogia ao modelo de demonstrativos reforçados *acelu/acestu*.

*Acest*, demonstrativo de proximidade (1<sup>a</sup>/2<sup>a</sup> pessoa) é, segundo o mesmo dicionário etimológico consultado, o resultado derivado da junção das partículas de reforço latinas *ecce* > *eccum-*, e os demonstrativos *istus*, *-a*, *-um*, também no caso nominativo<sup>27</sup>. No que se refere aos exemplares de primeira e segunda pessoa, Cambraia e Bianchet (2008, p. 27) já atestam que apenas o romeno manteve, em seu processo de formação do sistema de demonstrativos a partir do latim, formas simples e formas reforçadas<sup>28</sup>, enquanto o português apenas fixou as simples, empregando formas reforçadas apenas na terceira pessoa (*aquele*).

No RO, o demonstrativo de distância *acel*, e suas demais variações, seguiu a tendência quase unânime das línguas românicas (CAMBRAIA; BIANCHET, 2008, p. 26-27) e se fixou como forma reforçada. Do latim, ainda de acordo com o referido dicionário etimológico da língua romena ([1907] 2006, p. 14-15), as mesmas partículas de reforço *ecce* > *eccum-* se associaram aos pronomes *illus*, *-a*, *-um* (lat. vulgar para *ille*, *-a*, *-ud*), formando, assim, o demonstrativo em questão<sup>29</sup>.

Por outro lado, o demonstrativo de distância *ăla* (de uso coloquial), se assemelha etimologicamente à forma *ăsta*, por também ser considerado uma forma não-reforçada. Ao contrário das demais formas vistas até aqui, no entanto, parece não haver consenso sobre sua origem ou evolução diacrônica. Giurgea afirma que “todos os estudos sobre história da língua

<sup>26</sup> Também conforme Iliescu (1981, p. 31) e Pană Dindelegan (2020, p. 85).

<sup>27</sup> A mesma explicação etimológica para *acest* (e demais flexões) é mencionada por Nicolae (2019, p. 165), Nicolae e Boioc (2019, p. 321) e Pană Dindelegan (2020, p. 85).

<sup>28</sup> Entre os autores de língua romena, a terminologia referente às formas aqui denominadas simples (*ăsta/ăla*) e reforçadas (*acest/acel*) é diversa. O primeiro grupo é classificado como formas simples (“*simple*”) (NICOLAE & BOIOC, 2019, p. 321; PANĂ DINDELEGAN, 2020, p. 85), curtas (“*scurte*”) (GIURGEA, 2012, p. 29) ou não-literárias (“*neliterare*”) (BEREA-GĂGEANU, 1983, p. 109). O segundo grupo é classificado como formas complexas (“*complexe*”) (NICOLAE & BOIOC, 2019, p. 321), compostas (“*compuse*”) (GIURGEA, 2012, p. 129; PANĂ DINDELEGAN, 2020, p. 85) ou literárias (“*literare*”) (BEREA-GĂGEANU, 1983, p. 110).

<sup>29</sup> Tal evolução é, também, apresentada por Nicolae (2019, p. 165) e Nicolae e Boioc (2019, p. 321), do latim clássico, passando ao vulgar e chegando à forma romena: *acel(a)* (< *ECCE* + *\*ILLUM* < *ILLE*).

[romena] consideraram que o demonstrativo *ăl(a)/al(a)* vem do latim *ille*<sup>30</sup> (2013, p. 162). De fato, ao menos no *Dicționarul etimologic al limbii române* (como em outros textos<sup>31</sup>), verifica-se que *ăla* deriva das formas do nominativo *illus*, *-a*, *-um* (também formas do latim vulgar, oriundas das formas clássicas *ille*, *illa*, *illud*) ([1907] 2006, p. 85). Giurgea, no entanto, aponta que *ille*, do latim, deu origem ao pronome pessoal *el* (masculino singular nominativo)<sup>32</sup> e, portanto, o pronome latino não teria evoluído apenas para *el*, como também não teria perdido seu valor demonstrativo no RO (2013, p. 163), fato que não justificaria uma explicação suficiente para a evolução de *ille* > *ăl(a)*. Além disso, Iliescu (1981, p. 29) afirma que *ille* foi transmitido às línguas românicas apenas sob forma composta (*ecce-/eccu-* + *ille*), não tendo sido herdada por nenhuma delas, com valor demonstrativo, a forma simples *ille*.

A hipótese, então, sugerida pelos autores que defendem uma evolução diferente da passagem direta de *ille* a *ăla* se baseia na influência por assimilação às formas *acest/acel* (GIURGEA, 2012, p. 164) ou por analogia a *ăst*, forma que já existia anteriormente a *ăl* (ILIESCU, 1981, p. 31). Dragomirescu, ao citar Iliescu (1967), defende ainda que *ăla* teria assim se firmado no RO para preencher uma lacuna no paradigma dos demonstrativos, já que havia apenas a forma simples *ăsta*, de proximidade, mas não havia outra para expressar distância (2019, p. 258). Diante de diversas explicações a respeito da procedência de *ăla* – direta ou indiretamente proveniente de forma latina tardia advinda de *ille* –, há de se compreender o caráter controverso<sup>33</sup> a respeito da forma simples de distância do RO.

Atualmente, o sistema de demonstrativos do romeno pode ser, como já dito, dividido em duas categorias principais, de acordo com sua posição: núcleo ou margem no SN. Esta pode vir, como no português, anteposta ou posposta ao nome ao qual faz referência, e para cada uma das duas ordens há uma forma diferente do demonstrativo, como se vê nos quadros a seguir<sup>34</sup>, que dispõem conjuntamente os demonstrativos de proximidade (1<sup>a</sup>/2<sup>a</sup> pessoa) e distância (3<sup>a</sup> pessoa)<sup>35</sup>:

**Quadro 6 – Demonstrativos do romeno em posição de margem no SN (anteposta ao nome) no nominativo-acusativo**

Número	Singular	Plural
--------	----------	--------

<sup>30</sup> Tradução nossa. Do original: “toate studiile de istorie a limbii au considerat ca demonstrativul *ăl(a)/al(a)* provine din lat. *ille*”.

<sup>31</sup> Cf. Rosetti (1986, p. 138), Sala (2012, p. 124), Dincă (2018, p. 214).

<sup>32</sup> O autor também menciona a evolução de *ille* para o artigo em romeno: “În româna, ca în majoritatea limbilor romanice, demonstrativul de departare *ille* a evoluat la articol.” (GIURGEA, 2013, p. 165)

<sup>33</sup> Cf. Dragomirescu (2019, p. 258), Nicolae (2019, p. 164-165), Nicolae e Boioc (2019, p. 321).

<sup>34</sup> Cf. Cojocaru (2003, p. 81-82); Popescu (2006, p. 216-217).

<sup>35</sup> Os demonstrativos dispostos na tabela se apresentam apenas no caso nominativo e acusativo que, no romeno, possuem a mesma forma.

Gênero	M/N	F	M	F/N
1 <sup>a</sup> /2 <sup>a</sup> pessoa (proximidade)	<i>acest</i>	<i>această</i>	<i>acești</i>	<i>aceste</i>
3 <sup>a</sup> pessoa (distância)	<i>acel</i>	<i>acea</i>	<i>acei</i>	<i>acele</i>

**Quadro 7** – Demonstrativos do romeno em posição de núcleo e margem do SN (posposta ao nome) no nominativo-acusativo

Número	Singular		Plural	
Gênero	M/N	F	M	F/N
1 <sup>a</sup> /2 <sup>a</sup> pessoa (proximidade)	<i>acesta</i> [ãsta]	<i>aceasta</i> [asta]	<i>aceștia</i> [ăștia]	<i>acestea</i> [astea]
3 <sup>a</sup> pessoa (distância)	<i>acela</i> [ãla]	<i>aceea</i> [aia]	<i>aceia</i> [ăia]	<i>acelea</i> [alea]

A descrição dos quadros já traz uma informação importante: a forma dos demonstrativos em posição de margem no SN, quando pospostas ao nome, é a mesma empregada quando em posição de núcleo do SN. Ou seja, em um sintagma como *acest băiat* (“este/esse menino”), utiliza-se a forma do demonstrativo, em posição de margem no SN, anteposta ao nome (como consta no quadro 7, para o masculino singular), enquanto em *băiatul acesta* (literalmente, “menino o esse/este”), emprega-se uma forma posposta, que é idêntica à forma do demonstrativo masculino singular quando em posição de núcleo do SN. Nesse caso, inclusive, nota-se o emprego do artigo definido *-ul* (em romeno, adjungido ao substantivo como sufixo), que não ocorre no emprego do demonstrativo anteposto ao nome.

Outras características peculiares do RO, que o diferencia do PB, estão presentes nos sintagmas com demonstrativos pospostos em posição de margem no SN, os quais devem se posicionar estritamente adjacentes ao nome (núcleo do SN) (NICOLAE, 2015, p. 50). Ou seja, qualquer inserção (além do artigo definido) entre o nome e o demonstrativo (seja de um adjetivo, um numeral, um outro pronome etc.) é agramatical. Como exemplo: *băiatul acesta al tău* (“menino o este/esse teu”) e *băieții aceștia trei* (“meninos os estes/esses três”), e não *\*băiatul tău acesta* / *\*băieții trei aceștia*. Além disso, os nomes que precedem os demonstrativos pospostos são obrigatoriamente definidos, isto é, sempre apresentam artigo definido sufixado.

Quantos às declinações dos demonstrativos, o RO possui um sistema de flexões simplificado, dado que os casos nominativo e acusativo têm a mesma forma, assim como as formas de dativo e genitivo são as mesmas entre si. O vocativo, aplicado ao masculino e a alguns nomes próprios femininos, não interfere no sistema de demonstrativos. Tem-se, então, por fim, o seguinte paradigma de declinações:

**Quadro 8** – Demonstrativos do romeno em função adjetiva (anteposta ao nome) no genitivo-dativo

Número	Singular	Plural
--------	----------	--------

Gênero	M/N	F	M/F/N
1ª/2ª pessoa (proximidade)	<i>acestui</i>	<i>acestei</i>	<i>acestor</i>
3ª pessoa (distância)	<i>acelui</i>	<i>acelei</i>	<i>acelor</i>

**Quadro 9** – Demonstrativos do romeno em função substantiva e adjetiva (posposta ao nome) no genitivo-dativo

Número	singular		plural
	M/N	F	M/F/N
1ª/2ª pessoa (proximidade)	<i>acestua</i> [ãstua]	<i>acesteia</i> [ãsteia]	<i>acestora</i> [ãstora]
3ª pessoa (distância)	<i>aceluia</i> [ãluia]	<i>aceleia</i> [ãleia]	<i>acelora</i> [ãlora]

Ao se deparar com tantas formas diversas que compõem o sistema de demonstrativos da língua romena, estabelece-se prontamente uma disparidade entre ele e o sistema da língua portuguesa, composto apenas por nove formas diferentes. Além disso, as três formas correspondentes ao neutro do português (*isto/isso/aquilo*) não se comparam às formas neutras do romeno, que, por sua vez, podem estar em posição de margem no SN, já que a língua conserva o gênero neutro em seus nomes. Esses, conforme Bassetto (2008, p. 48), quando neutros, são apenas inanimados, não havendo atualmente, portanto, segundo o autor, nenhum nome neutro animado, apenas masculino ou feminino.

Comparativamente, no entanto, o RO, como já dito, dispõe apenas de sistema de demonstrativos binário, enquanto o PB detém formas distintas para as três pessoas do discurso. Tal fato pode sugerir manifestação do processo de adjunção adverbial pelo qual passa o PB, discutido na seção anterior, também no RO, como demonstram, com exemplos, Cambraia e Bianchet (2008, p. 32), por meio dos advérbios *aici* / *acolo* (“aqui”/“lá”), por conta da perda das formas de distância (*acel/ãla*), em favor apenas de *ãsta* + advérbio.

O seguimento 3.1, no qual se tratou sobre o sistema de demonstrativos no PB, apresenta algumas contribuições de pesquisas já realizadas sobre o tema, mais especificamente acerca do comportamento dos demonstrativos e suas funções que já se comprovam à margem do que normalmente se encontra nas gramáticas tradicionais. No entanto, não se conta, no momento, com o mesmo aporte bibliográfico que possa atribuir à língua romena fenômenos como a adjunção adverbial ou, tampouco, demonstrar o binarismo já estabelecido no sistema de demonstrativos do idioma. Portanto, na seção seguinte, apresenta-se uma breve relação, entre as duas línguas, dos aspectos pertinentes a este estudo que foram, aqui, discutidos, juntamente com algumas hipóteses sobre pontos divergentes e em comum, os quais suscitariam uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema.

### 3.3 Relação entre as duas línguas

Há, de fato, semelhanças, tanto morfológicas quanto funcionais, entre os demonstrativos do RO e do PB. Como definido anteriormente, a forma coloquial *ăsta* será considerada em todo este estudo e, ainda que apenas as formas privilegiadas pela gramática tradicional romena fossem observadas, poder-se-ia estabelecer uma comparação diacrônica com as formas reforçadas arcaicas do português para a primeira e segunda pessoa, *aqueste* e *aquesse*<sup>36</sup>, as quais, embora em desuso, demonstram uma semelhança evolutiva interessante entre as duas línguas. As formas romenas de proximidade *ăsta/acest* constituem-se de formas não-reforçadas e reforçadas, respectivamente, assim como as formas do português arcaico *este/aqueste*.

A existência de demonstrativos neutros em ambos os idiomas, no entanto, seria um aspecto morfológico contrastivo em vez de comum, considerando que o gênero neutro no RO faz parte do léxico da língua, assim como o masculino e feminino e, portanto, possibilita o emprego de demonstrativos neutros em posição de margem no SN, enquanto no PB seu uso é restrito à posição de núcleo do SN (pronominal), anafórica etc. A presença do neutro no PB, então, como definem Cambraia e Bianchet (2008, p. 27), seria apenas um resquício, enquanto no RO tal gênero se manifesta regularmente, o que, provavelmente, implicaria funções diferentes atribuídas aos respectivos demonstrativos. Cabe, então, aqui, verificar se o gênero neutro também é empregado em situações como no PB, por exemplo, em função anafórica ou dêitica discursiva. No RO, o uso do neutro é restrito a seres inanimados; o mesmo ocorre no PB, embora não em posição de margem no SN. A restrição do neutro a seres animados poderia possibilitar, na língua em uso, o recurso de desanimização no discurso, como acontece no PB.

Retomando a função dos demonstrativos e sua posição em relação ao nome ao qual se referem, as formas *este/esse/aquele* são as mesmas, tanto em posição de núcleo quanto de margem no SN. Esta última se manifesta anteposta ou posposta ao nome e, no PB, utiliza os mesmos demonstrativos. O RO, por sua vez, como apontado na seção 3.2., apresenta variação nas formas dos demonstrativos, em posição de margem no SN, antepostos ao nome, conservando apenas o formato na ordem posposta igual ao de demonstrativos em posição de núcleo do SN. Cambraia e Bianchet (2008, p. 29) classificam tal comportamento como oposição plena em três gêneros, no caso, masculino, feminino e neutro, respectivamente: *acesta/aceasta/acesta* em função substantiva [núcleo do SN] × *acest/această/acest* (antepostos) em função adjetiva [margem no SN]. Seria oportuno salientar, entretanto, que, no PB, embora

---

<sup>36</sup> Cf. Coutinho (1976, p. 256); Sanchez Rei (2002, p. 28); Cambraia e Bianchet (2008, p. 30)

não se verifique variação nas formas antepostas e pospostas dos demonstrativos, de acordo com os mesmos autores, há oposição parcial entre função substantiva e adjetiva no neutro, visto que tal gênero só pode exercer função substantiva (*isto*), enquanto o masculino e o feminino (*este/esta*) exercem ambas as funções (CAMBRAIA & BIANCHET, 2008, p. 29).

O RO, apresentado previamente, conta com um sistema binário de demonstrativos em uso definitivo: *acest/ăsta*, para a primeira pessoa (ou proximidade), *acel/ăla*, para a terceira pessoa (ou distância). O PB, embora conte com um sistema ternário (*este/esse/aquele*), demonstra indícios empíricos de um padrão binário, apontado por estudos já realizados, que simplificam as três pessoas em duas, unindo as duas primeiras pessoas, opondo-as à terceira: *este/esse* x *aquele*. Esse ponto em comum entre as duas línguas poderia levá-las a recorrer à adjunção adverbial, de modo a contornar a simplificação do inventário, justificando uma investigação. Cambraia e Bianchet (2008, p. 33) acrescentam uma informação interessante: no caso do RO e do PB, o processo de adjunção adverbial, caso de fato confirmado em ambos, dar-se-ia de modo distinto, já que, no primeiro, o sistema seria dotado de duas categorias adverbiais (a saber, *aici* e *acolo*), enquanto no segundo, de quatro categorias (*aqui*, *ai*, *ali* e *lá*).

Portanto, pode-se resumir as características dos demonstrativos do PB e do RO e dispô-las em um quadro, de modo a ilustrar melhor as semelhanças e diferenças que existem entre as duas línguas:

**Quadro 15** – Semelhanças e diferenças entre os demonstrativos do PB e do RO

	<b>Português</b>	<b>Romeno</b>
<b>Formas</b>	<i>este/esse/aquele</i>	<i>acest [ăsta]/acel [ăla]</i>
<b>Gênero</b>	masculino/feminino/neutro	masculino/feminino/neutro
<b>Número</b>	singular/plural	singular/plural
<b>Caso</b>	-	nominativo-acusativo/genitivo-dativo
<b>Ordem</b>	anteposto/posposto	anteposto/posposto
<b>Posição</b>	núcleo/margem	núcleo/margem
<b>Formas diferentes para desempenho de função</b>	mesma forma (masculino e feminino) *neutro (apenas função substantiva)	formas diferentes para função substantiva (ou adjetiva posposta ao nome) e para função adjetiva anteposta ao nome

No capítulo anterior, o modelo tipológico-funcional de Givón foi considerado eficiente na abordagem desta análise linguística. Até o momento, abordaram-se os principais aspectos semânticos que concernem os demonstrativos das línguas românicas objetos deste estudo. O campo semântico, de acordo com o autor, é um dos domínios funcionais que compõem a gramática dos pronomes, juntamente com o campo pragmático (GIVÓN, 2001, p. 399). O autor apresenta os padrões clássicos de classificação semântica dos demonstrativos, ao final dos processos diacrônicos pertinentes, que se demonstram relevantes e se enquadram às características dos sistemas do PB e do RO, resguardados os casos em que determinados aspectos não se apliquem a uma língua.

Não parece, pois, haver um consenso entre as gramáticas quanto à classificação das funções ou, até mesmo, quanto à simples classificação dos demonstrativos, pelo menos no PB, o que torna este trabalho categorizador, de certo modo, mais desafiador. Por esse motivo, o objetivo se concentra em tentar compreender melhor as funções dos sistemas de demonstrativos dessas duas línguas românicas e estabelecer uma relação entre ambas, de modo a contribuir com o estudo dessa categoria gramatical, à qual, dadas as evidências até aqui analisadas, são dedicadas poucas páginas nos compêndios gramaticais contemporâneos.

#### 4 HIPÓTESES DE TRABALHO

Após as discussões referentes às teorias que embasam este trabalho, seguidas pela apresentação dos aspectos linguísticos fundamentais concernentes ao objeto deste estudo, podem-se levantar as decorrentes hipóteses a serem investigadas, com base nas análises dos dados coletados através do *corpus* desta pesquisa:

a) **Hipótese 1** – Com base em estudos precedentes, em especial Câmara Jr. (1971), hipotetiza-se que **o sistema de demonstrativos do português brasileiro mudou em direção a um sistema binário semelhante ao do romeno.**

b) **Hipótese 2** – Com base em estudos precedentes, em especial Cambraia (2015b), hipotetiza-se que, uma vez que, no gênero textual teatro, haveria maior empenho para representação da língua falada, **o sistema de demonstrativos do português brasileiro no gênero textual teatro apresenta um padrão mais inovador do que no gênero textual narrativa, com mais *esse* (e flexões) do que *este* (e flexões).**

c) **Hipótese 3** – Com base em estudos precedentes, em especial Cojocarú (2003, p. 77), hipotetiza-se que, uma vez que, no gênero textual teatro, haveria maior empenho para representação da língua falada, **o sistema de demonstrativos do romeno no gênero textual teatro apresenta um padrão mais inovador do que no gênero textual narrativa, com mais *ăsta/ăla* (e flexões) do que *acest/acel* (e flexões).**

c) **Hipótese 4** – Considerando que o romeno apresenta três gêneros na morfologia nominal de forma geral (masculino/feminino/neutro), diferentemente do português, com apenas dois (masculino/feminino), apesar de resquícios de neutro, **o comportamento linguístico dos demonstrativos no gênero neutro no romeno é diferente do seu equivalente no português brasileiro.**

## 5 OBJETIVOS

O objetivo geral que se pretende alcançar com esta pesquisa é apresentar uma descrição linguística satisfatória do sistema de demonstrativos do português brasileiro e do romeno. Por “satisfatória”, entende-se uma descrição que tente evitar, o quanto possível, ambiguidades e definições vagas acerca das funções dos elementos linguísticos aqui analisados, pois, amalgamados os trabalhos já realizados e observada a teoria sobre o tema, parece ser comum se deparar com parâmetros pouco claros e, muitas vezes, pouco elucidativos, o que sugeriria que o campo gramatical dos demonstrativos ainda pode ser bastante explorado em pesquisa.

Os objetivos específicos do presente estudo se concentram, primeiramente, em testar as hipóteses levantadas no capítulo anterior. Pretende-se responder às perguntas que surgem quando se tenta compreender os critérios que fazem os demonstrativos do português e do romeno funcionarem de fato na língua, diferentemente do que já se depreende das gramáticas tradicionais. Haveria relação entre o binarismo dos demonstrativos romeno e o do português? Como o romeno expressa conteúdos que o português expressa através da adjunção adverbial? De que forma a existência do neutro em romeno e em português afeta o uso dos demonstrativos?

Para solucionar as questões acima, fazem parte, também, dos objetivos específicos a coleta, a classificação e, conseqüentemente, a análise dos dados obtidos do *corpus* investigado por este estudo, que será apresentado no capítulo seguinte.

## 6 METODOLOGIA

### 6.1. *Corpus*

Este estudo comparativo dos demonstrativos do PB e do RO utiliza-se, como *corpus* de análise, de textos pertencentes aos gêneros textuais do teatro e da narrativa histórica. Sua escolha não foi arbitrária, pois neles, sobretudo no primeiro, há diálogos e passagens nas quais se verifica uma linguagem que se aproxima mais de seu uso *de facto*, ou seja, a língua em uso, posta em prática pelo autor das obras.

Obviamente, não se pode dizer que se trata, aqui, de um estudo de *corpus* de dados de fala reais. Tampouco, no entanto, trata-se de um *corpus* constituído *a priori*, com o intuito de se estabelecer uma análise linguística sobre o mesmo, como é comum dentro do campo do gerativismo. O último, aliás, seria um modelo de descrição linguística incompatível com este estudo, pois, como bem opinam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 35), tem a língua como objeto homogêneo (em oposição ao conceito de heterogeneidade ordenada) e configura um modelo irrealista da mesma, com descrições idealizadas e inautênticas.

O *corpus* compõe-se de um conjunto de 12 textos, sendo seis deles em português brasileiro (todas as obras de autores pertencentes à comunidade de fala da cidade do Rio de Janeiro) e seis em romeno. Por se entender que, como qualquer outra categoria gramatical, os demonstrativos possam ser empregados diferentemente de acordo com a formalidade do gênero textual, foram escolhidas duas variedades distintas de gênero: teatro e narrativa histórica. A primeira, vale ressaltar, é especialmente oportuna a este estudo por dois motivos: de acordo com Cambraia (2015, p. 104), o teatro “propicia maior uso de exofóricos frente a outros [gêneros]”. O gênero teatral, por suposição, se aproximaria mais da linguagem coloquial, além de conter diálogos que são essenciais nas questões que envolvem os demonstrativos, como os aspectos espaço-temporais, dêiticos, referentes à pessoa etc.

No entanto, admite-se, no que tange à seleção dos textos que compõem o *corpus*, certa dificuldade ao buscar elementos na escrita que se assimilem àqueles encontrados na língua falada coloquial. Além disso, o próprio gênero teatral de comédias pode ser posto em dúvida quanto à sua informalidade, já que fatores como o período de publicação da obra, seu autor, seu público-alvo e outros fatores poderiam influenciar o padrão linguístico do texto. Teixeira (2003, p. 43) levantou a difícil questão de identificar o estilo em uma pesquisa histórica, cuja fonte de dados se encontra na modalidade escrita da língua. A autora destaca, até mesmo, que “comédias podem ser altamente formais” (2003, p. 48). Pela comparação entre crônicas e comédias do

século XIX, a pesquisa de Teixeira foi capaz de demonstrar que o emprego das formas de tratamento através dos pronomes (*tu, você, Senhor/Senhora* etc.) estabelecia uma correlação com a classe social do personagem e, conseqüentemente, com o estilo linguístico da obra em questão. Portanto, se a classe social se correlaciona com o estilo, o conjunto de textos do período entre 1851 e 1852, analisado no estudo, mostrou-se mais informal que o texto de comédia, de 1870 (2003, p. 48).

Berlinck (2007, p. 365) defende o gênero dramático, dentre tantos outros gêneros literários, como “aquele que mais poderia revelar sobre o uso da língua em situação de interação” e, como conclusão de seu estudo, apontou tal gênero como fonte de dados para análise da variação linguística potencialmente mais rica do que havia suposto. Entretanto, a autora salienta que “a utilização de textos dramáticos como fonte de dados para o estudo da variação e da mudança linguística deve ser precedida de um embasamento sobre o contexto sócio-histórico em que o texto foi produzido, notadamente quanto à estrutura da sociedade da época” (2007, p. 365-366). Tal afirmação fez-se necessária em seu estudo ao verificar, no *corpus* analisado, incoerência entre a (in)formalidade esperada na fala de personagens de classes sociais distintas. Considerou-se, portanto, como imprescindível, o cuidado metodológico (que, segundo a autora, deve se estender a qualquer estudo histórico da língua) ao analisar a linguagem empregada nos textos.

Também está dividido o *corpus* em três faixas de tempo: em cada língua e em cada gênero textual, uma obra pertence à segunda metade do século XIX, outra à primeira metade do século XX e outra obra pertencente à segunda metade do século XX. A escolha do recorte tem como propósito estabelecer um panorama diacrônico dos sistemas de demonstrativos das referidas línguas, em cada gênero e na tentativa de corroborar dados já verificados em que se apontam mudanças, como o aumento da frequência do uso de F2 (*esse* e flexões) na segunda metade do século XX, como verificado por Cambraia (2015, p. 104).

Foram selecionadas, portanto, as obras abaixo, cujas datas de publicação encontram-se entre parênteses. Também constam seus autores, as diacronias e os gêneros textuais nos quais se enquadram:

Quadro 16 – Corpus analisado

Século	Metade	Gênero	Português Brasileiro	Romeno
XIX	2 <sup>a</sup>	Teatro	França Júnior (1838-1890) <i>Como se fazia um deputado</i> (1882) [= COM]	Ion Luca Caragiale (1852-1912) <i>O scrisoare pierdută</i> (1884) [= SCR] <i>D-ale carnavalului</i> (1885) [=DAL]
		Narrativa	Machado de Assis (1839-1908) <i>Quincas Borba</i> (1891) [= QUI]	Nicolae Filimon (1819-1865) <i>Ciocolii vechi și noi</i> (1862) [= CIO]
XX	1 <sup>a</sup>	Teatro	Joracy Camargo (1898-1973) <i>Deus lhe pague</i> (1932) [= DEU]	Mihail Sebastian (1907-1945) <i>Jocul de-a vacanța</i> (1936) [= JOC]
		Narrativa	Lima Barreto (1881-1922) <i>Os Bruzundangas</i> (1922) [= BRU]	Mihail Sadoveanu (1880-1961) <i>Țara de dincolo de negură</i> (1926) [= TAR]
XX	2 <sup>a</sup>	Teatro	Oduvaldo Vianna Filho (1936-1974) <i>Rasga Coração</i> (1974) [= RAS]	Aurel Baranga (1913-1979) <i>Mielul turbat</i> (1954) [= MIE]
		Narrativa	Sérgio Sant'Anna (1941-2020) <i>Amazona</i> (1986) [= AMA]	Marin Preda (1922-1980) <i>Moromeșii</i> vol. II (1967) [= MOR]

## 6.2 Coleta de dados

A metodologia de pesquisa que se adotou neste trabalho consiste, inicialmente, da seleção de textos que compõem o *corpus* a ser analisado de acordo com as categorias linguísticas propostas. Os textos foram inseridos na ferramenta linguística *WordSmith*<sup>37</sup>, cuja tarefa é ordenar as passagens dos textos selecionados, encontrando e destacando as ocorrências dos demonstrativos em português e em romeno. O programa é capaz de encontrar os itens através de uma lista previamente inserida dos demonstrativos que se deseja encontrar. O mesmo permite, também, estabelecer a extensão do trecho – em que se localiza o demonstrativo – que se deseja extrair (no caso desta pesquisa, estabeleceram-se 200 caracteres por trecho).

Após o auxílio da ferramenta, foram coletadas as primeiras 150 ocorrências de demonstrativos nos 6 textos de cada língua, totalizando 12 textos – 1800 dados ao final. As passagens foram, então, organizadas em uma planilha, para serem melhor observadas e, posteriormente, classificadas. Nela constam as categorias de análise pertinentes à pesquisa, que correspondem aos aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos dos demonstrativos, dos quais se tratará mais aprofundadamente no capítulo seguinte.

<sup>37</sup> Versão 4.0

De modo a facilitar o trabalho e possibilitar dados provenientes de informações cruzadas de duas ou mais variáveis, utilizou-se o programa de análise estatística de dados *RStudio*<sup>38</sup>, com base na linguagem computacional da plataforma *R*<sup>39</sup>. O *software* permite a criação de vetores de variáveis linguísticas e, comparando dois ou mais vetores, são estabelecidos *dataframes* que são dispostos nas tabelas mais adiante neste trabalho. O programa também ajuda a calcular a frequência (%) das ocorrências de cada variável analisada.

Deve-se assinalar, no entanto, que algumas ocorrências de demonstrativos presentes na faixa de texto com as 150 ocorrências não foram consideradas nem foram contabilizadas no total de ocorrências.

Há ocorrências que se repetiram no *corpus*, por se tratar de sentença idêntica, proferida mais de uma vez, logo em seguida, por dado personagem. Nesse caso, apenas uma foi contabilizada, sendo a(s) outra(s) descartada(s). No total, três sentenças repetidas no PB e uma no RO foram desconsideradas.

Também em ambas as línguas, no gênero teatral, não se considerou a didascália (segmento textual no qual o dramaturgo descreve as cenas, as instruções aos atores, situações cenográficas etc.), já que a seleção desse gênero teve como objetivo registrar dados relativos à representação da modalidade oral. As ocorrências no teatro, portanto, estão restritas apenas aos diálogos entre os personagens.

No RO, verificou-se a ocorrência do demonstrativo *astă*, forma antiga (sempre na posição de margem do SN e anteposta ao nome) que remanesce em expressões como *astă-iarnă* (“este inverno”), *astă-noapte* (“esta noite”), *de astă dată* (“esta vez”) etc. Por se tratar de uma expressão fossilizada da língua, não foi incluída nos dados analisados.

### 6.3 Classificação dos dados

Dentre as classificações estabelecidas sob os aspectos supracitados, apenas foram considerados na análise final os critérios que demonstraram maior relevância aos objetivos desta pesquisa, os quais estão dispostos no quadro a seguir:

**Quadro 17 – Classificação dos dados**

Nível	Categoria	PB	RO
Morfologia	Forma <sup>40</sup>	F1 F2 F3	FI FII

		[Não se aplica]	<b>Reforçada (R)</b> <b>Simple (S)</b>
	<b>Gênero gramatical</b>	<b>Masculino (M)</b> <b>Feminino (F)</b> <b>Neutro (N)</b>	
	<b>Número</b>	<b>Singular (SIN)</b> <b>Plural (PLU)</b>	
	<b>Caso</b>	[Não se aplica]	<b>Nominativo-Acusativo (N-A)</b> <b>Genitivo-Dativo (G-D)</b>
<b>Discurso</b>	<b>Gênero Textual</b>	<b>Teatro</b> <b>Narrativa</b>	
	<b>Modalidade</b>	<b>Oral (ORA)</b> <b>Escrita (ESC)</b>	
<b>Sintaxe</b>	<b>Posição no SN</b>	<b>Margem (PM)</b> <b>Núcleo (PN)</b>	
	<b>Ordem no SN</b>	<b>Anteposto (A)</b> <b>Posposto (P)</b>	
	<b>Adjunção Adverbial</b>	<b>Presente</b> <b>Ausente</b>	
<b>Semântica/Pragmática</b>	<b>Valor referencial</b>	<b>Exofórico (EXO)</b> <b>Endofórico (ENDO)</b> <b>Exo-endofórico (EXO-ENDO)</b> <b>Anamnésico (ANAM)</b> <b>Indefinido (INDEF)</b>	
	<b>Exófora</b>	<b>Espacial (E)</b> <b>Temporal (T)</b> <b>Metalinguística (MT)</b>	
	<b>Endófora</b>	<b>Anáfora Clara (ANAC)</b> <b>Anáfora Escura (ANAE)</b> <b>Catáfora (CAT)</b> <b>Ana-Catáfora (ACA)</b>	

<sup>38</sup> Versão 1.31056

<sup>39</sup> Versão 4.0.2

<sup>40</sup> As siglas para formas de demonstrativos têm o seguinte padrão: F1 = *este* e flexões; F2 = *esse* e flexões; F3 = *aquele* e flexões; FI = *acest/ãsta* e flexões; FII = *acell/ãla* e flexões

## 7 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 7.1 Padrões gerais

De modo a observar com clareza os dados obtidos na análise dos textos do PB e do RO, torna-se apropriada a elaboração de um inventário das formas de demonstrativos encontradas. Assim, pode-se verificar quais itens da língua foram, de fato, empregados no *corpus* e, posteriormente, analisados.

Também se apresenta a frequência geral das formas de demonstrativos no PB e no RO, a fim de averiguar seu comportamento em cada língua, comparativamente, diacronicamente e por gênero textual.

#### 7.1.1 Inventário das formas

No *corpus* analisado, foram consideradas todas as formas de demonstrativos do PB e do RO – incluindo todas as flexões possíveis de pessoa, gênero, número e, especificamente ao RO, de caso. O quadro a seguir registra as formas encontradas nos textos, em cada língua (as formas tachadas são as não atestadas no *corpus*):

**Quadro 18** – Inventário de formas no *corpus* do PB (teatro e narrativa)

	Singular			Plural	
	M	F	N	M	F
<b>F1</b>	<i>este</i>	<i>esta</i>	<i>isto</i>	<i>estes</i>	<i>estas</i>
<b>F2</b>	<i>esses</i>	<i>essas</i>	<i>isso</i>	<i>esses</i>	<i>essas</i>
<b>F3</b>	<i>aquele</i>	<i>aquela</i>	<i>aquilo</i>	<i>aqueles</i>	<i>aquelas</i>

**Quadro 14** – Inventário de formas no *corpus* do RO (teatro e narrativa)

			Singular		Plural	
			M/N	F	M	F/N
N-A	Adj. ant.	<b>F1</b>	<i>acest</i>	<i>această</i>	<i>acești</i>	<i>aceste</i>
		<b>FII</b>	<i>acel</i>	<i>acea</i>	<i>acei</i>	<i>acele</i>
	Adj. posp. e subs.	<b>F1</b>	<i>acesta</i> [ăsta]	<i>aceasta</i> [asta]	<i>aceștia</i> [ăștia]	<i>acestea</i> [astea]
		<b>FII</b>	<i>acela</i> [ăla]	<i>aceea</i> [aia]	<i>aceia</i> [ăia]	<i>acelea</i> [alea]
G-D	Adj. ant.	<b>F1</b>	<i>acestui</i>	<i>acestei</i>	<i>acestor</i>	
		<b>FII</b>	<i>acelui</i>	<i>acelei</i>	<i>acelor</i>	
	Adj. posp. e subs.	<b>F1</b>	<i>acestuia</i> [ăstuia]	<i>acesteia</i> [ăsteia]	<i>acestora</i> [ăstora]	
		<b>FII</b>	<i>aceluia</i> [ăluia]	<i>aceleia</i> [ăleia]	<i>acelora</i> [ălora]	

Das formas pertencentes ao sistema de demonstrativos do romeno (cf. quadros 6 a 9), não foram registradas no *corpus* desta pesquisa *ăluia*, *ăsteia* e *aceleia*.

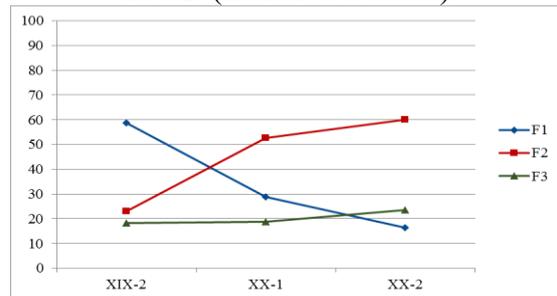
### 7.1.2 Frequência geral das formas

As três sincronias sob análise – compostas por dois gêneros textuais em cada língua – permitem verificar se, ao longo do período selecionado, o uso das formas F1, F2 e F3 no PB e, no RO, as formas FI e FII se alterou em relação à frequência.

**Tabela 1** – Frequência por forma no PB (narrativa e teatro)

Século	Forma			Total
	F1	F2	F3	
XIX-2	176 58,7%	69 23%	55 18,3%	300 100%
XX-1	86 28,7%	158 52,7%	56 18,7%	300 100%
XX-2	49 16,3%	180 60%	71 23,6%	300 100%

**Gráfico 1** – Frequência (%) por forma no PB (narrativa e teatro)



O primeiro fato relevante que se observa no gráfico 1 é o nítido aumento contínuo da frequência de F2 (23% > 52,7% > 60%) e diminuição de F1 (58,7% > 28,7% > 16,3%) no PB ao longo do tempo. Isso confirma uma tendência identificada em outros estudos diacrônicos sobre os demonstrativos no PB (MARINE, 2009; CAMBRAIA, 2012, 2015b; RAMALHO, 2016).

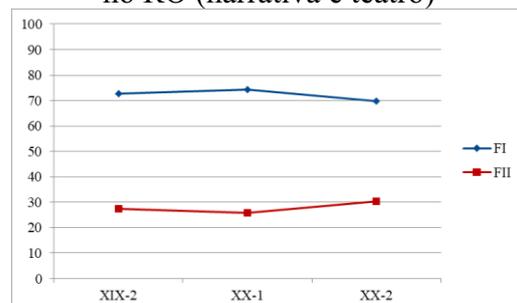
Entretanto, não se verifica nos dados a chegada em um sistema rigorosamente binário no PB, pois as três formas aparecem ao longo das três sincronias: tal fato evidencia que o PB ainda não apresenta um sistema binário semelhante ao do RO, contradizendo a hipótese 1 deste estudo. A inversão na frequência de F1 e F2 sugere a existência de concorrência entre elas, uma vez que a frequência de F3 se manteve relativamente estável ao longo de todo o período.

Passando-se aos dados do RO, tem-se as seguintes frequências:

**Tabela 2** – Frequência por forma no RO (narrativa e teatro)

Século	Forma		Total
	FI	FII	
XIX-2	218 72,7%	82 27,3%	300 100%
XX-1	223 74,3%	77 25,7%	300 100%
XX-2	209 69,7%	91 30,3%	300 100%

**Gráfico 2** – Frequência (%) por forma no RO (narrativa e teatro)



Quanto ao RO, vê-se, no gráfico 2, um comportamento relativamente estável de FI e FII ao longo do período, com claro predomínio de FI sobre FII (com valores de frequência, em média, em torno de 72% e 28%, respectivamente). A menor frequência geral de FII em relação a FI no RO pode estar relacionada e ser corroborada pelo estudo já realizado por Călin (2014, p. 55), cuja conclusão apontou a prevalência de FI (no referido estudo, “demonstrativo de proximidade”) sobre FII (“demonstrativo de distância”) devido ao maior número de funções específicas assumidas por tais demonstrativos.

Comparando os dados do PB e do RO, verifica-se diacronicamente o comportamento relativamente semelhante apenas de F3 do PB e FII do RO: em ambas as formas, não há diminuição nem aumento expressivo do uso nas três sincronias. No entanto, percebe-se que, no RO, os valores de FII são mais expressivos do que no PB (28% e 20%, em média, respectivamente).

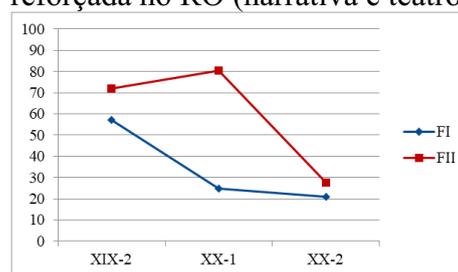
Se se considerar que F1 e F2 no PB desempenham exatamente as mesmas funções de FI no RO, seria de esperar que a soma da frequência de F1 e F2 no PB correspondesse à de FI no RO, o que não se verificou, já que o total de F1+F2 é superior ao de FI no RO: a média da soma total é de 79,8% no PB contra 72,3% no RO. É possível, portanto, que não haja uma correspondência perfeita entre as funções de F1/F2 e F3 no PB e as de FI e FII no RO, respectivamente.

Considerando os valores de FI e FII no RO em cada sincronia, podem-se acrescentar ainda os dados referentes às formas reforçadas e simples encontradas no *corpus*, a fim de verificar se houve mudança em relação a essas variáveis e respectivas frequências de uso.

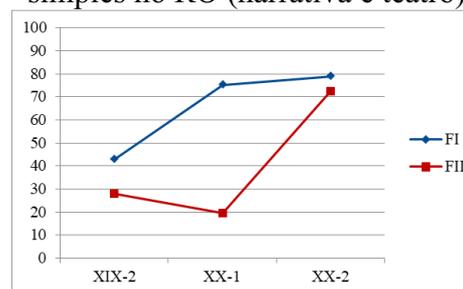
**Tabela 3** – Frequência por forma reforçada e simples no RO (narrativa e teatro)

Século		Forma	
		FI	FII
XIX-2	R	125 57,3%	59 72%
	S	93 42,7%	23 28%
	Total	218 100%	82 100%
XX-1	R	55 24,7%	62 80,5%
	S	168 75,3%	15 19,5%
	Total	223 100%	77 100%
XX-2	R	44 21%	25 27,5%
	S	165 79%	66 72,5%
	Total	209 100%	91 100%

**Gráfico 3a** – Frequência (%) por forma reforçada no RO (narrativa e teatro)



**Gráfico 3b** – Frequência de forma simples no RO (narrativa e teatro)



O gráfico 3a mostra uma diminuição contínua das formas reforçadas e o gráfico 3b revela um aumento das formas simples no RO considerando toda a faixa de tempo estudada, principalmente em FI (42,7% > 75,3% > 79%), cujo aumento é claramente progressivo ao longo das três sincronias. Em relação a FII, também se verifica forte aumento na frequência, se comparados os períodos inicial (XIX-2) e final (XX-2) em análise (28% > 72,5%, respectivamente). No entanto, há um lapso em XX-1, no qual a frequência de FII é de 19,5%, menor que o período precedente.

O aumento da frequência de formas simples ao longo do tempo é compatível com hipótese 2 deste trabalho, segundo a qual elas representam um padrão inovador em implementação.

## 7.2. Discurso

### 7.2.1 Gênero textual

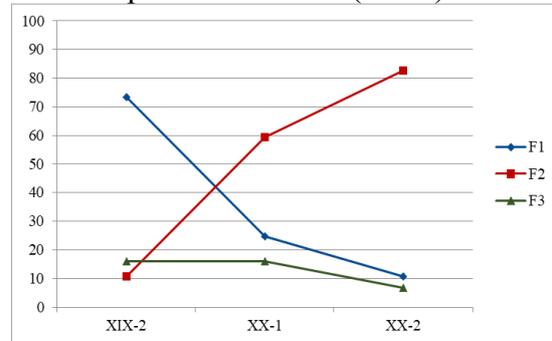
O comportamento das formas dos demonstrativos tem se mostrado diferente segundo o gênero textual (CAMBRAIA, 2012, 2015a; RAMALHO, 2016, 2018). O gênero textual seria fator determinante no uso das formas, uma vez que sofrem influência de maior ou menor presença de diálogos, da formalidade da língua em uso, dentre outras especificidades de cada gênero. Pretende-se aqui avaliar, nos dados do PB e do RO, se esse comportamento varia diacronicamente nos textos teatrais de comédia e nas narrativas históricas.

Os dados adiante demonstram a frequência das formas em PB e RO disposta ao longo do período analisado, separada por gênero textual:

**Tabela 4 – Frequência por forma no PB (teatro)**

Século/ Texto	Forma			Total
	F1	F2	F3	
XIX-2 COM 1882	110 73,3%	16 10,7%	24 16%	150 100%
XX-1 DEU 1932	37 24,7%	89 59,3%	24 16%	150 100%
XX-2 RAS 1974	16 10,7%	124 82,7%	10 6,7%	150 100%

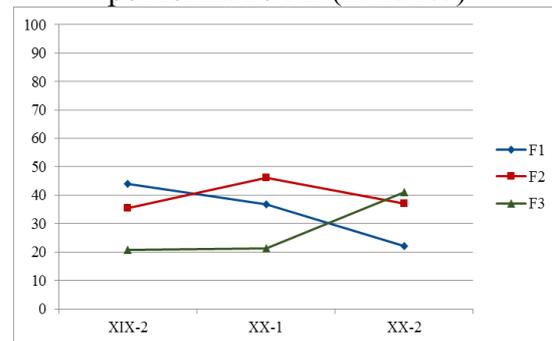
**Gráfico 4 – Frequência (%) por forma no PB (teatro)**



**Tabela 5 – Frequência por forma no PB (narrativa)**

Século/ Texto	Forma			Total
	F1	F2	F3	
XIX-2 QUI 1891	66 44%	53 35,3%	31 20,7%	150 100%
XX-1 BRU 1922	49 36,7%	69 46%	32 21,3%	150 100%
XX-2 AMA 1986	33 22%	56 37%	61 41%	150 100%

**Gráfico 5 – Frequência (%) por forma no PB (narrativa)**



Analisando inicialmente os dados do PB relativos a gênero textual, nota-se claramente, no teatro (gráfico 4), o declínio progressivo da frequência do uso de F1 ao longo do tempo (73,3% > 24,7% > 10,7%). Em contrapartida, a frequência de F2 aumenta (10,7% > 59,3% > 82,7%), sugerindo competição entre as formas. F3, embora se apresente em leve declínio de sua frequência em XX-2, apresenta comportamento relativamente estável.

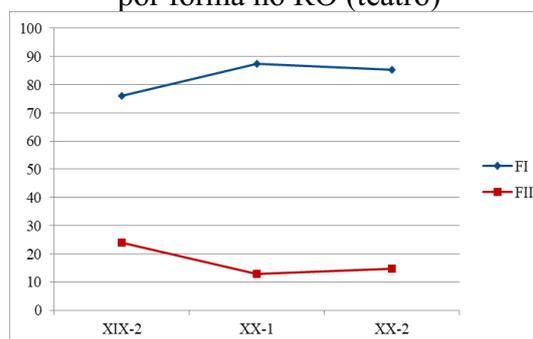
Nos dados da narrativa (gráfico 5), no entanto, o comportamento das três formas é bastante diferente, com um aumento de F2 de XIX-2 para XX-1, como no teatro, porém bem mais sutil (35,3% > 46%), seguido de diminuição (46% > 37%). Uma das razões para a diferença diz respeito à natureza do gênero textual teatro, já que, neste, há a unidade de ação-tempo-lugar, o que desfavorece F3, e, na narrativa, há espaço para distanciamento temporal, o que favorece F3. No entanto, há claramente em XX-2 uma maior proporção de F2 em relação a F1 no teatro (124/16=7,8) do que na narrativa (56/33=1,7), o que evidencia que F1 é mais resistente na narrativa do que no teatro.

Considerando os dados do RO, tem-se os seguintes resultados:

**Tabela 6 – Frequência por forma no RO (teatro)**

Século/ Texto	Forma		Total
	FI	FII	
XIX-2 SCR-DAL 1884-85	114 76%	36 24%	150 100%
XX-1 JOC 1939	131 87,3%	19 12,7%	150 100%
XX-2 MIE 1958	128 85,3%	22 14,7%	150 100%

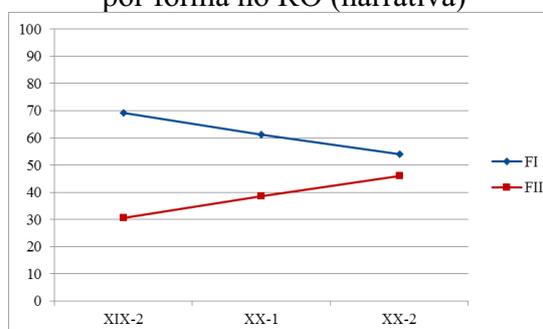
**Gráfico 6 – Frequência (%) por forma no RO (teatro)**



**Tabela 7 – Frequência por forma no RO (narrativa)**

Século/ Texto	Forma		Total
	FI	FII	
XIX-2 CIO 1862	104 69,3%	46 30,7%	150 100%
XX-1 TAR 1926	92 61,3%	58 38,7%	150 100%
XX-2 MOR 1967	81 54%	69 46%	150 100%

**Gráfico 7 – Frequência (%) por forma no RO (narrativa)**



Analisando os dados relativos a gênero textual no RO, verifica-se, no teatro (gráfico 6), uma relativa estabilidade entre as formas com um moderado aumento da frequência de FI de XIX-2 para XX-1 (76% > 87,3%) e diminuição de FII (24% > 12,7%), valores que permanecem semelhantes de XX-1 para XX-2. Na narrativa (gráfico 7), tem-se um comportamento distinto: há uma queda progressiva da frequência de FI (69,3% > 61,3% > 54%) e um aumento progressivo de FII (30,7% > 38,7% > 46%). Enquanto, no teatro, há discrepância relativamente constante entre FI e FII, com predomínio da primeira forma, já na narrativa as formas FI e FII se aproximam progressivamente ao longo do tempo em relação aos valores de frequência, chegando a 54% de FI e 46% de FII em XX-2.

Quando se consideram os dados apenas de teatro do PB e do RO (gráficos 4 e 6), vê-se que F1 inverte sua frequência com F2 no PB ao longo do período, enquanto FI no RO se mostrou predominante com leve aumento. Levando em conta quais formas são predominantes em ambas as línguas, poder-se-ia dizer que, em XX-2, F1 do PB corresponde a FI do RO, mas, em XX-1 e XX-2, é F2 do PB que ocupa esse posto.

Considerando os dados da narrativa do PB e do RO (gráficos 5 e 7), nota-se inicialmente a semelhança de serem claramente diferentes dos do teatro para ambas as línguas. Em ambos

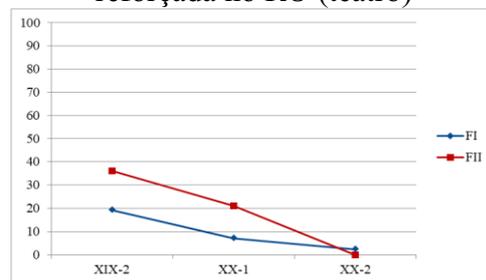
os casos, há um aumento progressivo das formas que marcam distância (F3 para o PB e FII para o RO) ao longo do tempo, o que é compatível com a concepção de que na narrativa há mais espaço para representação de distanciamento.

Os dados separados por gênero textual também podem contribuir para a compreensão do aumento histórico na frequência de formas simples, caso já verificado na seção anterior. As tabelas e gráficos a seguir têm por objetivo identificar se o gênero textual desempenha papel relevante no uso de formas simples ou reforçadas no RO, tanto em FI quanto em FII.

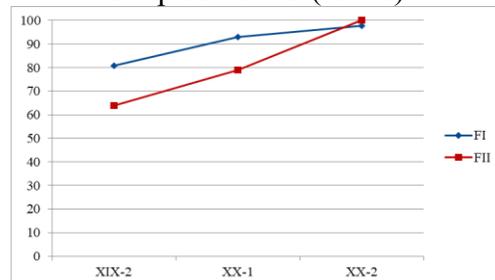
**Tabela 8** – Frequência por forma reforçada e simples no RO (teatro)

Século/ Texto		Forma	
		FI	FII
XIX-2 SCR- DAL 1884- 85	R	22 19,3%	13 36,1%
	S	92 80,7%	23 63,9%
	Total	114 100%	36 100%
XX-1 JOC 1939	R	9 6,9%	4 21,1%
	S	122 93,1%	15 78,9%
	Total	131 100%	19 100%
XX-2 MIE 1958	R	3 2,3%	—
	S	125 97,7%	22 100%
	Total	128 100%	22 100%

**Gráfico 8a** – Frequência (%) por forma reforçada no RO (teatro)



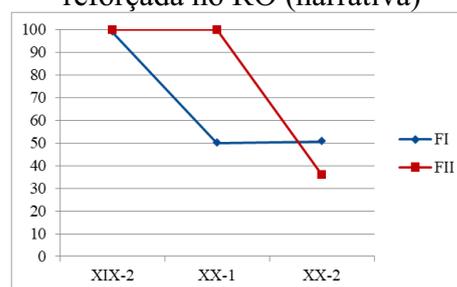
**Gráfico 8b** – Frequência (%) por forma simples no RO (teatro)



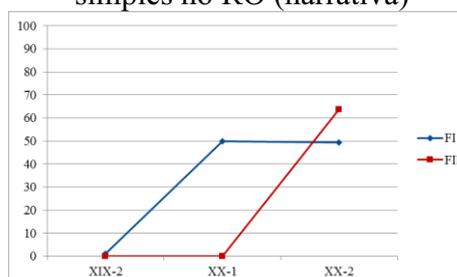
**Tabela 9** – Frequência por forma reforçada e simples no RO (narrativa)

Século/ Texto		Forma	
		FI	FII
XIX-2 CIO 1862	R	103 99%	46 100%
	S	1 1%	—
	Total	104 100%	46 100%
XX-1 TAR 1926	R	46 50%	58 100%
	S	46 50%	—
	Total	92 100%	58 100%
XX-2 MOR 1967	R	41 51%	25 36,2%
	S	40 49%	44 63,8%
	Total	81 100%	69 100%

**Gráfico 9a** – Frequência (%) por forma reforçada no RO (narrativa)



**Gráfico 9b** – Frequência (%) por forma simples no RO (narrativa)



As formas simples de demonstrativos se apresentam em maior frequência no gênero teatral, cuja predominância é verificada em todas as sincronias e com aumento progressivo de frequência no tempo, como apontam os valores da tabela 8 e do gráfico 8b. Quanto às formas simples de FI e FII, ainda no teatro, há uma proporção semelhante em XIX-2 e XX-1 (sempre com predominância de FI), mas, em XX-2, FI e FII equiparam.

Na narrativa, as formas simples (gráfico 9b) são praticamente ausentes em XIX-2 (apenas 1% em FI e nenhuma ocorrência em FII), com aumento, primeiramente, de FI em XX-1 (50% das ocorrências de FI no período) e, posteriormente com aproximação entre FI e FII em XX-2. Verifica-se, portanto, uma assimetria no aumento das formas simples: com aumento primeiramente de FI e apenas depois de FII.

É comum ao teatro e à narrativa o aumento de formas simples em comparação às formas reforçadas na faixa de tempo considerada, fato que confirma a hipótese 3 deste estudo, de tendência ao uso prevalente da forma simples (mais inovadora) ao longo do período, mais preponderantemente no gênero teatral do que na narrativa.

A linguagem presente nas peças teatrais de comédia é, também, um fator que explicaria a prevalência de formas simples sobre as reforçadas (cf. gráficos 8a e 8b), em consonância com o que aponta Nicula (2008) a respeito do uso de *asta* no RO:

Em uma linguagem descontraída ou informal, *asta* pode aparecer como uma expressão de dêixis social. Sua presença no texto marca uma atitude de desconsideração ou familiaridade do falante para com a pessoa à qual se dirige; ao mesmo tempo, pode circunscrever o pertencimento dos falantes a um determinado status sociocultural. Em contextos nos quais uma interjeição adressativa como *măi* aparece, o demonstrativo *acesta* é artificial, caracterizando-se como registro semiculto.<sup>41</sup>

(NICULA, 2008, p. 128)

Uma das características linguísticas dos gêneros textuais que definem a “formalidade” da linguagem por eles utilizada é a maior ou menor presença de oralidade nos textos. A modalidade – oral e escrita – é aspecto, portanto, relevante e será abordado na seção seguinte.

## 7.2.2 Modalidade

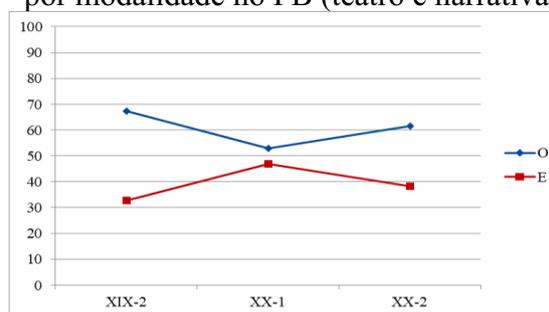
Seguindo parcialmente Ramalho (2016), nos textos que compõem o *corpus*, consideram-se como pertencendo à modalidade oral as ocorrências que se inserem em diálogos ou que representam a fala de personagem. As demais ocorrências, que se referem a trechos proferidos pelo narrador, foram consideradas como pertencendo à modalidade escrita.

Com os dados expressos pela tabela e pelo gráfico a seguir, busca-se averiguar em primeiro lugar se, historicamente, há mudança no PB na frequência de demonstrativos segundo a modalidade (oral ou escrita) nos períodos analisados.

**Tabela 10 – Frequência por modalidade no PB (teatro e narrativa)**

Século	Modalidade		Total
	ORA	ESC	
XIX-2	202 67,3%	98 32,7%	300 100%
XX-1	159 53%	141 47%	300 100%
XX-2	185 61,7%	115 38,3%	300 100%

**Gráfico 10 – Frequência (%) por modalidade no PB (teatro e narrativa)**



<sup>41</sup> Do original: *În limbajul relaxat sau informal, asta poate apărea ca expresie a deixisului social. Prezența sa în text marchează o atitudine de desconsiderare sau de familiaritate a locutorului față de persoana căreia i se adresează; totodată, poate circumscrie și apartenența alocutorilor la un anume statut sociocultural. În contextele în care apare o interjecție adressativă precum măi, prezentă pronomelui demonstrativ acesta este artificială, caracterizând registrul semicult.*

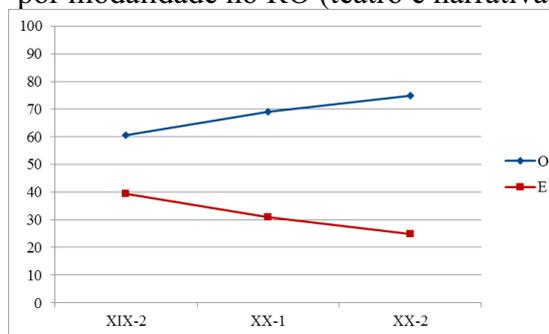
O gráfico 10 não aponta para uma mudança bem marcada na frequência de demonstrativos em nenhuma das duas modalidades. Entretanto, verifica-se mudança, dentro de uma faixa mediana, principalmente em XX-1, período no qual os valores da modalidade oral e escrita se aproximam. Constata-se, por fim, o predomínio da modalidade oral sobre a escrita, com valores superiores a 50% em todas as sincronias. Tal resultado era esperado, já que no gênero teatral só foram coletadas ocorrências de modalidade oral.

A predominância de demonstrativos na modalidade oral também se verifica no RO, como apontam os valores da tabela 11 e do gráfico 11 a seguir:

**Tabela 11 – Frequência por modalidade no RO (teatro e narrativa)**

Século	Modalidade		Total
	ORA	ESC	
XIX-2	182 60,7%	118 39,3%	300 100%
XX-1	207 69%	93 31%	300 100%
XX-2	225 75%	75 25%	300 100%

**Gráfico 11 – Frequência (%) por modalidade no RO (teatro e narrativa)**



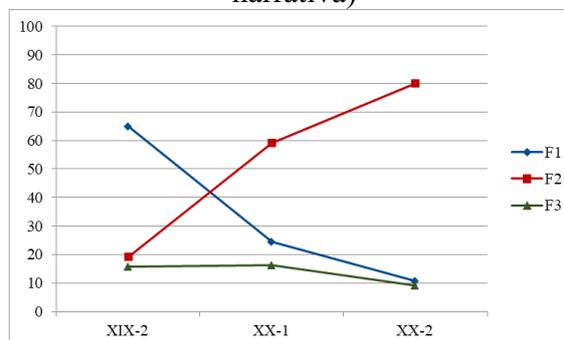
No RO, tem-se o aumento progressivo da frequência de demonstrativos na modalidade oral (60,7% > 69% > 74,7%), o que se observa com clareza no gráfico 11. Historicamente, diferentemente do que ocorre em PB, constata-se o aumento da frequência de demonstrativos em uma modalidade (oral) em relação à outra (escrita). Isso revela que os diálogos terão se tornado mais frequentes nas narrativas no RO.

Voltando aos dados do PB, como já foi verificada mudança diacrônica na frequência de F1, F2 e F3, com destaque para competição entre as formas F1 e F2, torna-se relevante averiguar se as modalidades oral e escrita têm caráter determinante na frequência de uso dessas formas.

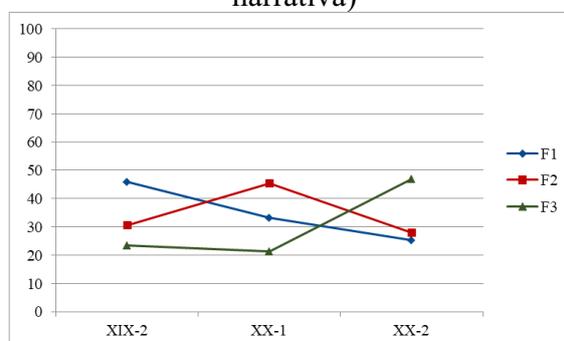
**Tabela 12** – Frequência por forma e por modalidade no PB (teatro e narrativa)

Século	Forma	Modalidade	
		ORA	ESC
XIX-2	F1	131 64,9%	45 45,9%
	F2	39 19,3%	30 30,6%
	F3	32 15,8%	23 23,5%
	Total	202 100%	98 100%
XX-1	F1	39 24,5%	47 33,3%
	F2	94 59,1%	64 45,4%
	F3	26 16,4%	30 21,3%
	Total	159 100%	141 100%
XX-2	F1	20 10,8%	29 25,2%
	F2	148 80%	32 27,8%
	F3	17 9,2%	54 47%
	Total	185 100%	115 100%

**Gráfico 12a** – Frequência (%) por forma na modalidade oral no PB (teatro e narrativa)



**Gráfico 12b** – Frequência (%) por forma na modalidade escrita no PB (teatro e narrativa)



Tanto na modalidade oral quanto na escrita, no PB, há queda progressiva na frequência de F1 no decorrer do tempo analisado. Contudo, na modalidade oral, diferentemente do que ocorre na escrita, não somente a queda de F1 é mais acentuada (64,9% > 24,5% > 10,8% das ocorrências), como também a frequência de F2 aumenta nitidamente (19,3% > 59,1% > 80%). Esses gráficos apresentam padrões muito semelhantes respectivamente aos gráficos 4 (frequência por forma no PB no teatro) e 5 (frequência por forma no PB na narrativa). Isso se deve não apenas pelo fato de os diálogos serem menos frequentes nas narrativas como também pelo fato de os padrões de diálogos nas narrativas seguirem basicamente os padrões de diálogos nas peças de teatro.

A variação na frequência de F2 na modalidade escrita ocorre dentro de uma faixa mais limitada, diferente do aumento contundente de F2 na modalidade oral. Tal verificação demonstra comportamento mais conservador da modalidade escrita. Mais uma vez, há evidência da competição entre o uso das formas F1 e F2 no PB e constata-se, também, a preferência por F2 em detrimento de F1 na modalidade oral. Também se ressalta o aumento de

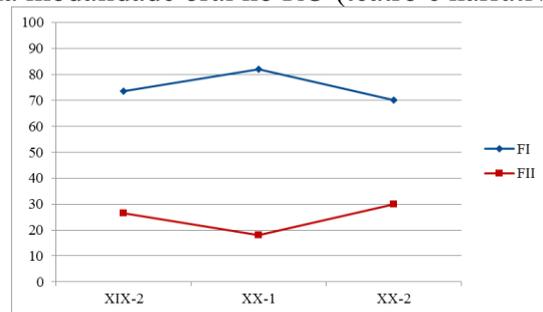
F3 apenas na modalidade escrita de XX-1 para XX-2 (21,9% > 47%), demonstrando o caráter mais favorável das narrativas para a expressão de distanciamento.

Ainda que não tenha sido verificada, no tempo, mudança significativa na frequência de FI e FII no RO, a modalidade poderia indicar cenário divergente.

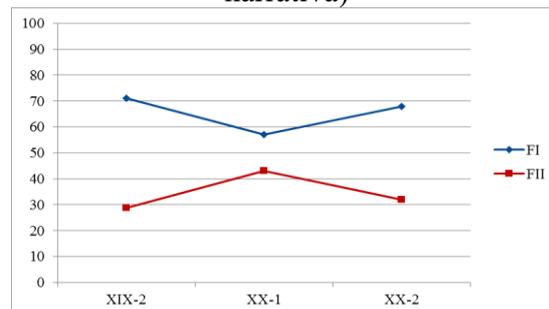
**Tabela 13** – Frequência por forma e por modalidade no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma	Modalidade	
		ORA	ESC
XIX-2	FI	134 73,6%	84 71,2%
	FII	48 26,4%	34 28,8%
	Total	182 100%	118 100%
XX-1	FI	170 82,1%	53 57%
	FII	37 17,9%	40 43%
	Total	207 100%	93 100%
XX-2	FI	158 70,2%	51 68%
	FII	67 29,8%	24 32%
	Total	225 100%	75 100%

**Gráfico 13a** – Frequência (%) por forma na modalidade oral no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 13b** – Frequência (%) por forma na modalidade escrita no RO (teatro e narrativa)



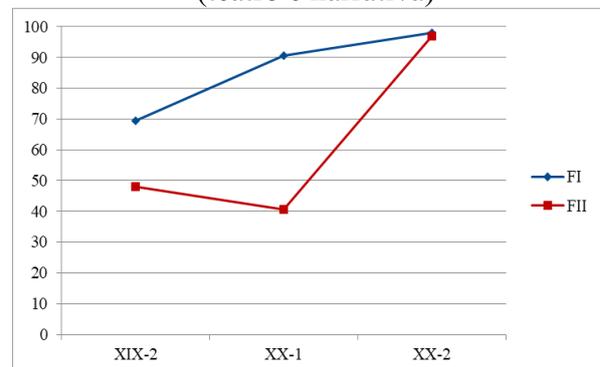
Na modalidade oral no RO, assim como na modalidade escrita, há variação entre FI e FII dentro de uma faixa limitada, sendo sempre FI mais frequente do que FII. Esses dados são semelhantes aos verificados anteriormente (cf. gráficos 6 e 7) e, novamente, constata-se que não há evidência de que as duas formas estejam em competição, como ocorre com F1 e F2 no PB.

Acrescentando os valores de frequência das formas reforçadas e simples aos dados de modalidade oral e escrita no RO, busca-se identificar se há mudanças no tempo no uso de FI e FII, assim como na relação entre forma e modalidade.

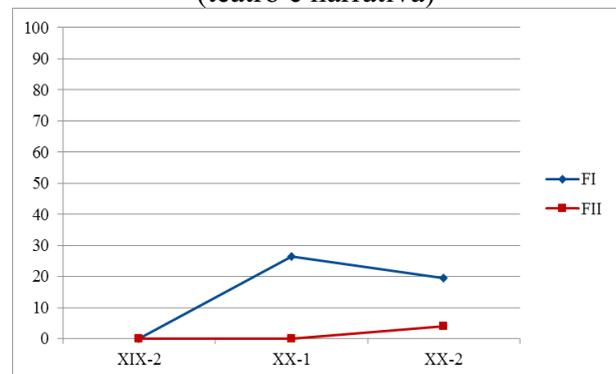
**Tabela 14** – Frequência por forma reforçada e simples e por modalidade no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma		Modalidade	
			ORA	ESC
XIX-2	FI	R	41 30,6%	84 100%
		S	93 69,4%	—
	Total		134 100%	84 100%
	FII	R	25 52,1%	34 100%
		S	23 47,9%	—
	Total		48 100%	34 100%
XX-1	FI	R	16 9,4%	39 73,6%
		S	154 90,6%	14 26,4%
	Total		170 100%	53 100%
	FII	R	22 59,5%	40 100%
		S	15 40,5%	—
	Total		37 100%	40 100%
XX-2	FI	R	3 1,9%	41 80,4%
		S	155 98,1%	10 19,6%
	Total		158 100%	51 100%
	FII	R	2 3%	23 96%
		S	65 97%	1 4%
	Total		67 100%	24 100%

**Gráfico 14a** – Frequência (%) por forma simples na modalidade oral no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 14b** – Frequência (%) por forma simples na modalidade escrita no RO (teatro e narrativa)



Na modalidade oral, nota-se o aumento da frequência de formas simples, com valores mais altos para FI no início e em constante aumento no tempo. No período final analisado, observa-se o emparelhamento dos valores de frequência de FI e FII (cf. gráfico 14a). Na modalidade escrita, também há aumento de formas simples com valores mais altos para FI (cf. gráfico 14b), sem emparelhamento no final da faixa de tempo considerada. Em comum ao teatro e à narrativa, FII com formas simples apresenta aumento de frequência mais tardiamente em relação a FI.

Comparando os dados da modalidade oral com os da escrita, verifica-se aumento da frequência de formas simples em ambas; porém, com valores mais altos na primeira. Além disso, há emparelhamento final entre FI e FII na modalidade oral, o que não ocorre na escrita.

Os dados, portanto, sugerem que a prevalência de formas simples em relação às reforçadas seja um fenômeno que avança mais fortemente na língua oral, tendo FI como propulsor dessa mudança.

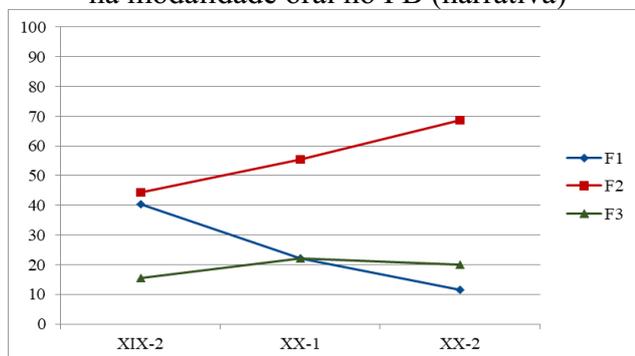
Como mencionado anteriormente, os dados de modalidade no gênero teatral são todos pertencentes à oralidade; apenas o gênero narrativo contém ambos os dados da modalidade oral e escrita. Os dados do teatro já foram abordados na seção sobre gênero textual (cf. tabela 4 e gráfico 4 para PB, tabela 6 e gráfico 6 para RO) e, portanto, consideram-se adiante apenas aqueles referentes à narrativa.

Pretende-se, então, avaliar se há mudança, no gênero narrativo, na frequência de F1, F2 e F3 nas modalidades oral e escrita no PB.

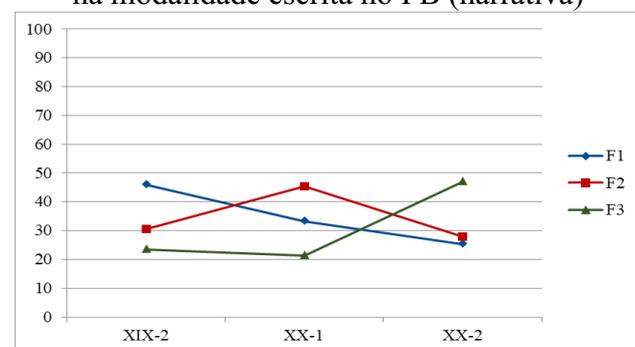
**Tabela 15** – Frequência por forma e por modalidade no PB (narrativa)

Século	Forma	Modalidade	
		ORA	ESC
XIX-2 QUI 1891	F1	21 40,4%	45 45,9%
	F2	23 44,2%	30 30,6%
	F3	8 15,4%	23 23,5%
	Total	52 100%	98 100%
XX-1 BRU 1922	F1	2 22,2%	47 33,3%
	F2	5 55,5%	64 45,4%
	F3	2 22,2%	30 21,3%
	Total	9 100%	141 100%
XX-2 AMA 1986	F1	4 11,4%	29 25,2%
	F2	24 68,6%	32 27,8%
	F3	7 20%	54 47%
	Total	35 100%	115 100%

**Gráfico 15a** – Frequência (%) por forma simples na modalidade oral no PB (narrativa)



**Gráfico 15b** – Frequência (%) por forma simples na modalidade escrita no PB (narrativa)



Seguindo padrão geral já constado no PB em termos de modalidade (cf. gráficos 12a e 12b), na modalidade oral na narrativa há um aumento progressivo de F2 (44,2% > 55,5% >

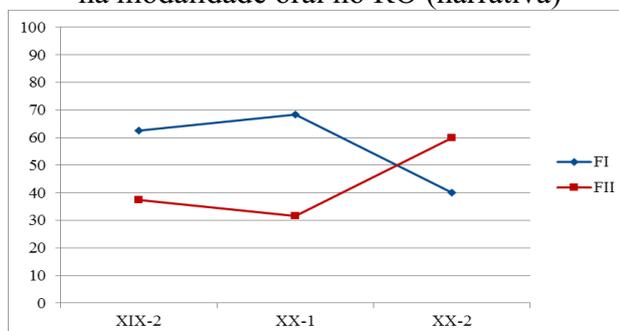
68,6%) e queda na frequência de F1 (40,4% > 22,2% > 11,4%). Por outro lado, na modalidade escrita, embora F1 também apresente queda (menos acentuada que na modalidade oral, ressalta-se), F2 apresenta variação dentro de uma faixa limitada, o que, mais uma vez, demonstra o comportamento mais conservador nessa modalidade (o gráfico 15b, da modalidade escrita, tem os mesmos valores do gráfico 12b, já que apenas a narrativa tem dados de modalidade escrita, e foi aqui repetido para melhor comparação).

Também no caso do RO, apenas o gênero narrativo contém ambos os dados da modalidade oral e escrita. Portanto, os dados do teatro não serão considerados adiante, mas sim somente aqueles em relação à narrativa.

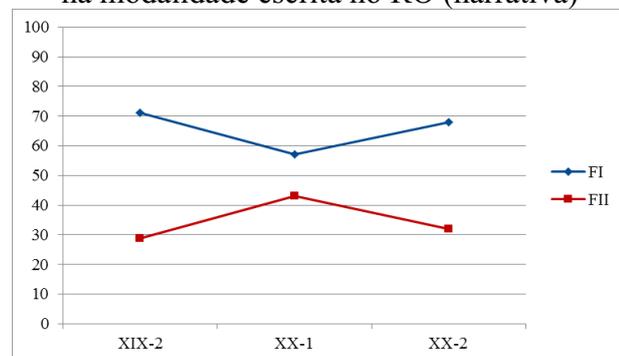
**Tabela 16** – Frequência por forma e por modalidade no RO (narrativa)

Século	Forma	Modalidade	
		ORA	ESC
XIX-2 CIO 1862	FI	20 62,5%	84 71,2%
	FII	12 37,5%	34 28,8%
	Total	32 100%	118 100%
XX-1 TAR 1926	FI	39 68,4%	53 57%
	FII	18 31,6%	40 43%
	Total	57 100%	93 100%
XX-2 MOR 1967	FI	30 40%	51 68%
	FII	45 60%	24 32%
	Total	75 100%	75 100%

**Gráfico 16a** – Frequência (%) por forma simples na modalidade oral no RO (narrativa)



**Gráfico 16b** – Frequência (%) por forma simples na modalidade escrita no RO (narrativa)



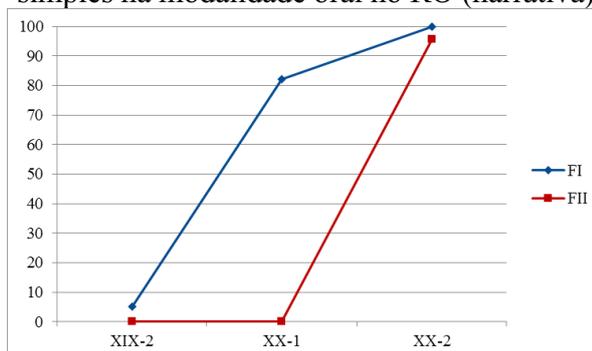
Os dados do RO acima apontam que, na modalidade oral na narrativa, há aumento na frequência de FII (37,5% > 31,6% > 59,5%), quando considerada toda a faixa de tempo analisada, e queda de FI (62,5% > 68,4% > 40,5%), enquanto, na modalidade escrita, FI e FII apresentam variação dentro de uma faixa limitada, sem representar, portanto, mudança significativa.

A seguir, verificam-se os valores de frequência das formas reforçadas e simples juntamente com os dados de modalidade oral e escrita no RO, porém apenas no gênero narrativo, cujos dados são os únicos que abrangem ambas as modalidades.

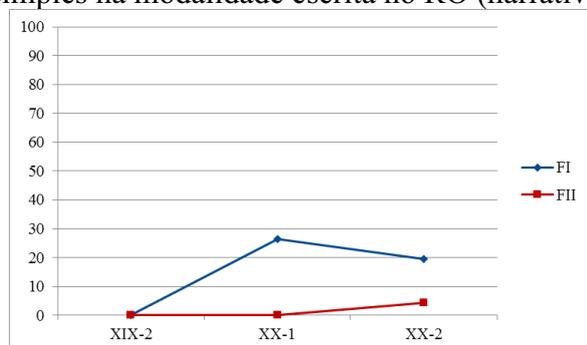
**Tabela 17** – Frequência por forma reforçada e simples e por modalidade no RO (narrativa)

Século	Forma		Modalidade	
			ORA	ESC
XIX-2	FI	R	19 95%	84 100%
		S	1 5%	—
	Total		20 100%	84 100%
	FII	R	12 100%	34 100%
		S	—	—
Total		12 100%	34 100%	
XX-1	FI	R	7 17,9%	39 73,6%
		S	32 82,1%	14 26,4%
	Total		39 100%	53 100%
	FII	R	18 100%	40 100%
		S	—	—
Total		18 100%	40 100%	
XX-2	FI	R	—	41 80,4%
		S	30 100%	10 19,6%
	Total		30 100%	51 100
	FII	R	2 4,4%	23 95,8%
		S	43 95,6%	1 4,2%
Total		45 100%	24 100%	

**Gráfico 17a** – Frequência (%) por forma simples na modalidade oral no RO (narrativa)



**Gráfico 17b** – Frequência (%) por forma simples na modalidade escrita no RO (narrativa)



Na narrativa no RO, as formas simples na modalidade oral são quase inexistentes em XIX-2 (0% a 1%). No entanto, a frequência de FI com formas simples apresenta um salto no período seguinte (XX-1), chegando a 82,1%. No último período em análise (XX-2), FII com formas simples deixa de ter valor inexistente e se aproxima do valor de frequência de FI (100% de FI e 95,5% de FII).

Na modalidade escrita (o gráfico 17b tem os mesmos valores do gráfico 14b, já que apenas a narrativa tem dados de modalidade escrita, e foi aqui repetido para melhor comparação), as ocorrências de qualquer forma simples são inexistentes em XIX-2 no *corpus*. Já em XX-1, a frequência de FI tem um salto (embora menos expressivo que na modalidade

oral) e alcança 26,4%. FII passa a apresentar ocorrência de formas simples (uma apenas) em XX-2.

Em ambas as modalidades, portanto, houve salto dos valores de frequência de FI em XX-1, com sua predominância. Na modalidade oral, além disso, FI mantém progressivo aumento, confirmando seu caráter propulsor de mudança.

No geral, o aspecto mais relevante se observa na frequência elevada de formas simples na modalidade oral a partir de XX-1 (com FII apenas a partir de XX-2) e, a partir do mesmo período, a presença de formas simples na modalidade escrita, com baixa frequência. A relação entre o uso mais frequente de formas simples e a oralidade já foi constatada em outros estudos, em oposição ao uso de formas reforçadas.

Nicula, com base nas ocorrências analisadas em seu estudo, atribui a predominância de formas simples pelo fato de “os pronomes com formas compostas serem sentidos como formais, pretensiosos, e, por isso, não são frequentemente usados na língua falada”<sup>42</sup> (2008, p. 183). A conclusão de que as formas simples *ăsta/ăla* sejam utilizadas em detrimento das formas reforçadas *acest(a)/acel(a)* também se constata em Nicula (2008b, p. 130), Berea-Gâneau (1983, p. 113), Călin (2015, p. 89) e Pană Dindelegan (2020, p. 85). Esta última autora, vale ressaltar, se refere especificamente a *ăsta* em linguagem literária oral, característica predominante do gênero textual teatral em análise.

### 7.3. Morfologia

Os aspectos morfológicos da análise se concentram nas flexões de gênero gramatical (masculino, feminino e neutro, em ambas as línguas), número (singular e plural, em ambas as línguas) e caso gramatical (apenas no RO).

#### 7.3.1 Gênero gramatical

O gênero gramatical dos demonstrativos foi considerado como uma variável dependente na análise do *corpus*, principalmente pela presença do gênero neutro no PB nessa classe gramatical, o qual é parte central deste estudo. Os dados de frequência de demonstrativos de acordo com sua flexão de gênero estão amplamente dispostos adiante, agrupados por texto e período analisados:

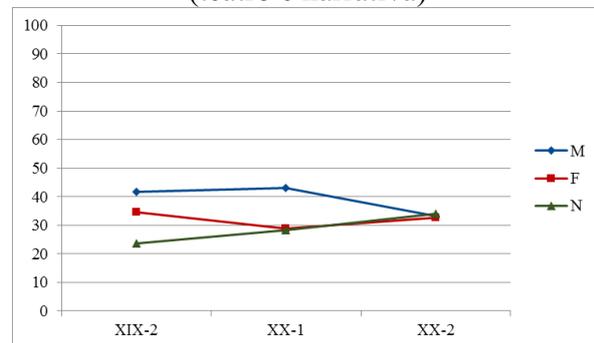
---

<sup>42</sup> Do original: *Raportul de frecvență dintre celelalte forme – ăsta vs acesta (58/9 ocurențe), ăștia vs aceștia (33/2 ocurențe), astea vs acestea (56/10 ocurențe) – se justifică prin faptul că pronumele cu forme compuse sunt simțite ca formale, pretențioase, așadar nu sunt folosite des în limba vorbită.*

**Tabela 18** – Frequência por gênero gramatical no PB (teatro e narrativa)

Século	Gênero gramatical			Total
	M	F	N	
XIX-2	125 41,70%	104 34,70%	71 23,70%	300 100%
XX-1	129 43%	86 28,70%	85 28,30%	300 100%
XX-2	100 33%	98 32,7%	102 34%	300 100%

**Gráfico 18** – Frequência (%) por gênero gramatical no PB (teatro e narrativa)

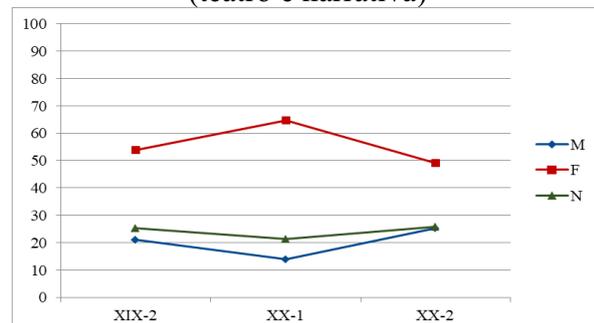


No PB, nota-se menor ocorrência de formas com gênero neutro em XIX-2 e XX-1. No entanto, o neutro aumenta em frequência gradativamente, chegando a ser mais frequente que os demais em XX-2.

**Tabela 19** – Frequência por gênero gramatical no RO (teatro e narrativa)

Século	Gênero gramatical			Total
	M	F	N	
XIX-2	63 21%	161 53,70%	76 25,30%	300 100%
XX-1	42 14%	194 64,70%	64 21,30%	300 100%
XX-2	76 25,30%	147 49%	77 25,70%	300 100%

**Gráfico 19** – Frequência (%) por gênero gramatical no RO (teatro e narrativa)



No RO, ao longo do tempo, não se observam grandes mudanças quanto ao gênero gramatical: o feminino é sempre o gênero mais empregado, seguido pelo neutro e o masculino, nessa ordem. O feminino corresponde a mais que soma das ocorrências dos demais gêneros em XIX-2 e XX-1, provavelmente devido a uma peculiaridade do RO: o uso de demonstrativos femininos com valor neutro, fenômeno presente na língua há séculos (PANĂ DINDELEGAN, 2012, p. 255). Dentre esses demonstrativos (morfologicamente) femininos, destacam-se duas funções por eles desempenhadas: 1) anáfora através do uso de *asta / aceasta*, sendo mais comum a forma simples do demonstrativo; 2) em frases preposicionais (idiomáticas), através das formas *de aceea / de aceasta* “por isso”; *drept aceea / aceasta*; *pentru aceea / aceasta* “para isso / aquilo”.

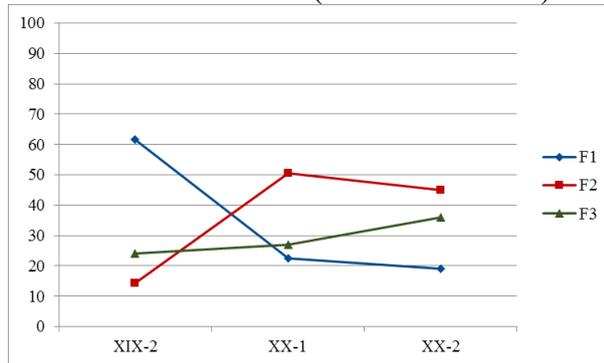
Essa predominância do gênero feminino, constatada para o RO, não é verificada no PB em nenhum dos três gêneros gramaticais, cuja distribuição de frequência é bem mais equilibrada. O masculino no RO, além disso, contrasta com sua expressão no PB por sua baixa frequência em todas as sincronias, se comparada ao correspondente masculino em PB.

Em relação às formas de demonstrativos, obtiveram-se as seguintes ocorrências ao cruzar esses dados com os valores de gênero gramatical, dispostos nas tabelas por sincronia, em cada língua:

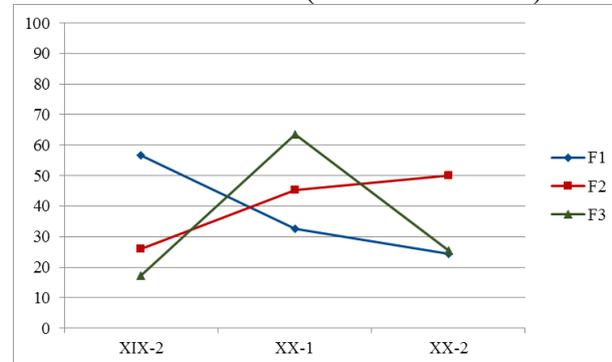
**Tabela 20** – Frequência por forma e por gênero gramatical no PB (teatro e narrativa)

Séc.	Forma	Gênero Gramatical		
		M	F	N
XIX-2	F1	77 61,6%	59 56,7%	40 56,3%
	F2	18 14,4%	27 26%	24 33,8%
	F3	30 24%	18 17,3%	7 9,9%
	Total	125 100%	104 100%	71 100%
XX-1	F1	29 22,5%	28 32,6%	29 34,1%
	F2	65 50,4%	39 45,3%	54 63,5%
	F3	35 27,1%	19 22,1%	2 2,4%
	Total	129 100%	86 100%	85 100%
XX-2	F1	19 19%	24 24,5%	6 5,9%
	F2	45 45%	49 50%	86 84,3%
	F3	36 36%	25 25,5%	10 9,8%
	Total	100 100%	98 100%	102 100%

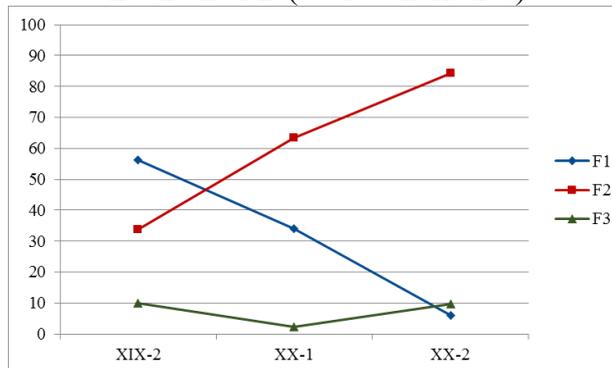
**Gráfico 20a** – Frequência (%) por forma no masculino no PB (teatro e narrativa)



**Gráfico 20b** – Frequência (%) por forma no feminino no PB (teatro e narrativa)



**Gráfico 20c** – Frequência (%) por forma no neutro no PB (teatro e narrativa)



Em todos os gêneros gramaticais no PB (gráficos 20a, 20b e 20c), verifica-se o seguinte padrão em comum: em XIX-2, F1 é a forma mais frequente, enquanto que em XX-2 o cenário se inverte. No período mais tardio analisado, F2 continua a ser a forma mais frequente em uso, seguida por F3 e F2, nos três gêneros gramaticais.

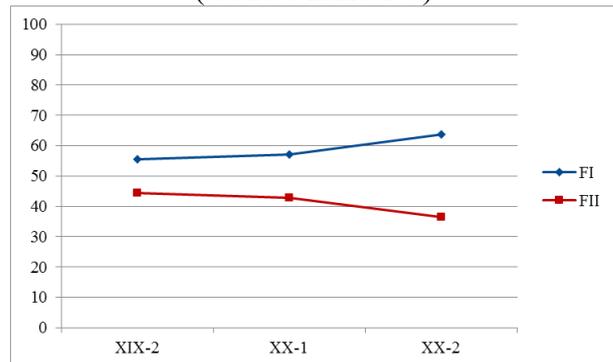
O destaque é a taxa de frequência de F2 com neutro em XX-2 (cf. gráfico 20c), bem superior aos demais gêneros (84,3% para neutro, 50% para feminino, 45% para masculino), o que indica influência da variável “gênero neutro” em relação ao aumento do uso de F2 no PB.

A seguir, encontram-se os dados referentes aos gêneros gramaticais e às formas de demonstrativos no RO, de modo a verificar se, como no PB, também há mudança no comportamento das formas de acordo com a variável de gênero.

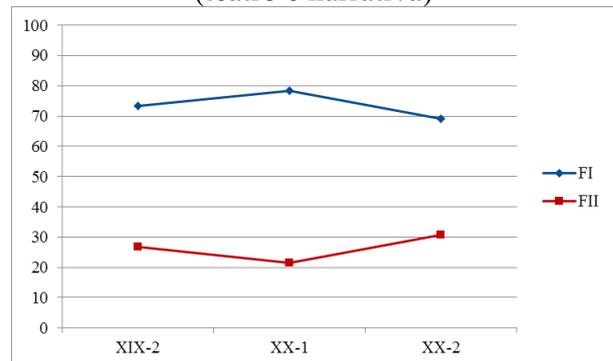
**Tabela 21** – Frequência por forma e por gênero gramatical no RO (teatro e narrativa)

Séc.	Forma	Gênero Gramatical		
		M	F	N
XIX-2	FI	35 55,6%	118 73,3%	65 85,5%
	FII	28 44,4%	43 26,7%	11 14,5%
	Total	63 100%	161 100%	76 100%
XX-1	FI	24 57,1%	152 78,4%	47 73,4%
	FII	18 42,9%	42 21,6%	17 26,6%
	Total	42 100%	194 100%	64 100%
XX-2	FI	49 63,6%	101 69,2%	59 76,6%
	FII	28 36,4%	45 30,8%	18 23,4%
	Total	77 100%	146 100%	77 100%

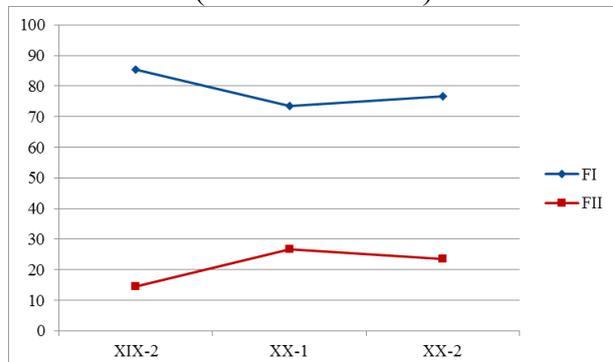
**Gráfico 21a** – Frequência (%) por forma no masculino no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 21b** – Frequência (%) por forma no feminino no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 21c** – Frequência (%) por forma no neutro no RO (teatro e narrativa)



Diferentemente do PB, em RO não se observa variação diacrônica relevante de FI e FII em relação aos gêneros gramaticais. Quanto aos valores de frequência entre FI e FII, o masculino

apresenta uso mais equilibrado entre as duas formas (em média, 59% de FI e 41% de FII), enquanto que no feminino e neutro, o uso de FI é mais proeminente que FII.

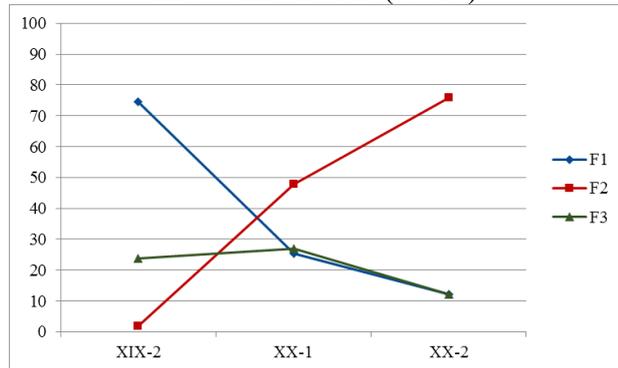
Nos gêneros feminino e neutro, observa-se FI predominante em relação a FII (cf. gráficos 21b e 21c, respectivamente). Os valores (cf. tabela 21) podem refletir o vasto uso em função anafórica de demonstrativos neutros e do demonstrativo feminino (de valor neutro) *asta*, função raramente desempenhada por demonstrativos de distância (FII, *aceea* etc.) (PANĂ DINDELEGAN, 2012, p. 260).

Os resultados obtidos de gênero gramatical e forma no PB acima consideraram os gêneros textuais do *corpus* conjuntamente. Adiante, os dados se referem, separadamente, ao gênero textual teatral e ao narrativo, para que se possa averiguar o peso de cada gênero textual no comportamento das variáveis.

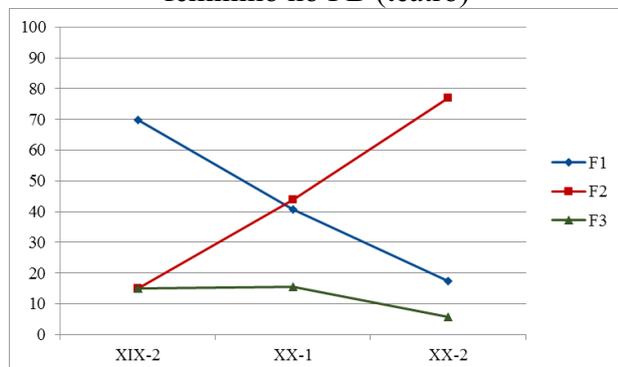
**Tabela 22** – Frequência por forma e por gênero gramatical no PB (teatro)

Século	Forma	Gênero gramatical		
		M	F	N
XIX-2 COM 1882	F1	44 74,6%	37 69,8%	29 76,3%
	F2	1 1,7%	8 15,1%	7 18,4%
	F3	14 23,7%	8 15,1%	2 5,3%
	Total	59 100%	53 100%	38 100%
XX-1 DEU 1932	F1	17 25,4%	13 40,6%	7 13,7%
	F2	32 47,8%	14 43,8%	43 84,3%
	F3	18 26,9%	5 15,6%	1 2%
	Total	67 100%	32 100%	51 100%
XX-2 RAS 1974	F1	4 12,1%	9 17,3%	3 4,6%
	F2	25 75,8%	40 76,8%	59 90,8%
	F3	4 12,1%	3 5,8%	3 4,6%
	Total	33 100%	52 100%	65 100%

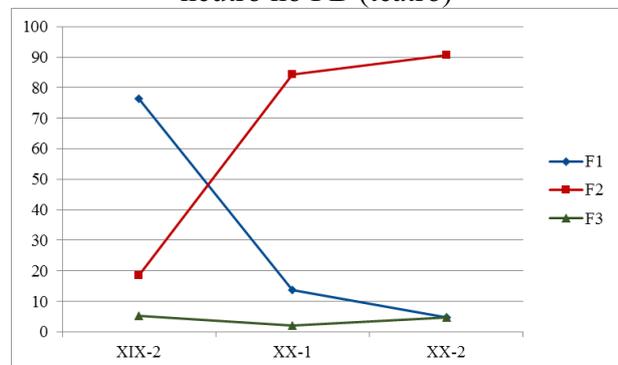
**Gráfico 22a** – Frequência (%) por forma no masculino no PB (teatro)



**Gráfico 22b** – Frequência (%) por forma no feminino no PB (teatro)



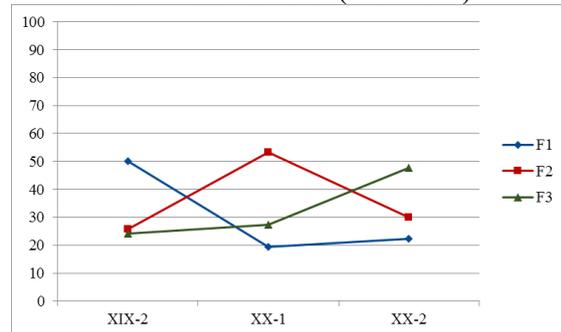
**Gráfico 22c** – Frequência (%) por forma no neutro no PB (teatro)



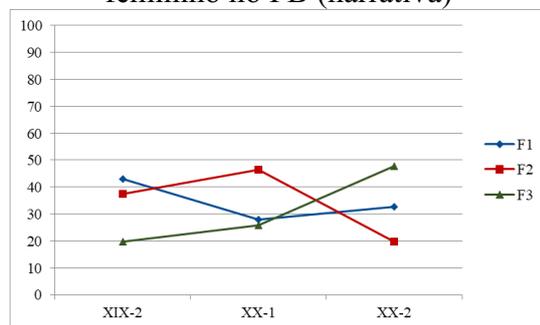
**Tabela 23** – Frequência por forma e por gênero gramatical no PB (narrativa)

Século	Forma	Gênero gramatical		
		M	F	N
XIX-2 QUI 1891	F1	33 50%	22 43,1%	11 33,3%
	F2	17 25,8%	19 37,3%	17 51,5%
	F3	16 24,2%	10 19,6%	5 15,2%
	Total	66 100%	51 100%	33 100%
XX-1 BRU 1922	F1	12 19,4%	15 27,8%	22 64,7%
	F2	33 53,2%	25 46,3%	11 34,4%
	F3	17 27,4%	14 25,9%	1 2,9%
	Total	62 100%	54 100%	34 100%
XX-2 AMA 1986	F1	15 22,4%	15 32,6%	3 8,1%
	F2	20 29,9%	9 19,6%	27 73%
	F3	32 47,7%	22 47,8%	7 18,9%
	Total	67 100%	46 100%	37 100%

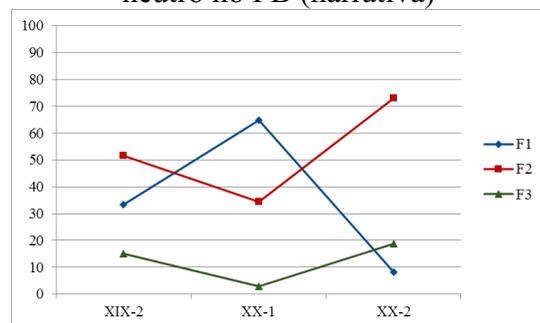
**Gráfico 23a** – Frequência (%) por forma no masculino no PB (narrativa)



**Gráfico 23b** – Frequência (%) por forma no feminino no PB (narrativa)



**Gráfico 23c** – Frequência (%) por forma no neutro no PB (narrativa)



Nos gráficos referentes ao teatro (gráficos 22a a 22c), nota-se claramente que F1 era mais frequente em uso em XIX-1, porém F2 é predominante em todos os gêneros gramaticais em XX-2, com destaque para o neutro (90,8% das ocorrências de F2), como fora verificado anteriormente.

No gênero narrativo, no entanto, F3 é a forma predominante em uso com masculino e feminino, no período final de análise. Apenas o neutro mantém a tendência de predomínio de F2 (73% das ocorrências com F2), o que reforça a hipótese previamente levantada do caráter motivador do gênero gramatical em questão no aumento da frequência de F2 sobre as demais formas.

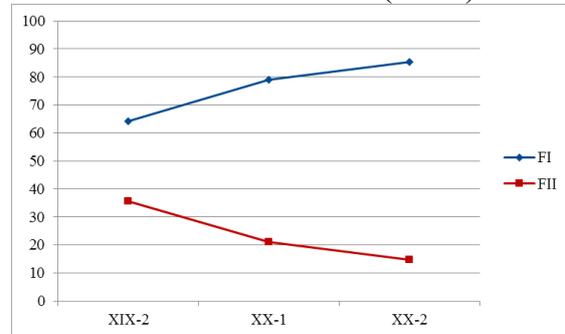
No PB, portanto, há divergência nos dados se considerado cada gênero textual separadamente.

No RO, seguindo a mesma metodologia, esperam-se obter dados mais elucidativos do que aqueles verificados anteriormente quando considerado apenas o eixo diacrônico de análise.

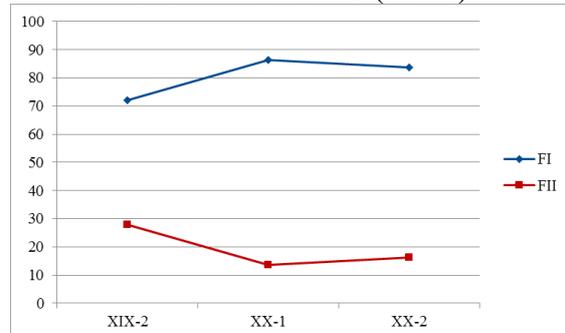
**Tabela 24** – Frequência por forma e por gênero gramatical no RO (teatro)

Século	Forma	Gênero gramatical		
		M	F	N
XIX-2 SCR- DAL 1884-85	FI	18 64,3%	62 72,1%	35 94,6%
	FII	10 35,7%	24 27,9%	2 5,4%
	Total	28 100%	86 100%	37 100%
XX-1 JOC 1939	FI	15 79%	82 86,3%	34 94,4%
	FII	4 21%	13 13,7%	2 5,6%
	Total	19 100%	95 100%	36 100%
XX-2 MIE 1958	FI	29 85,3%	67 83,8%	32 88,9%
	FII	5 14,7%	13 16,2%	4 11,1%
	Total	34 100%	80 100%	36 100%

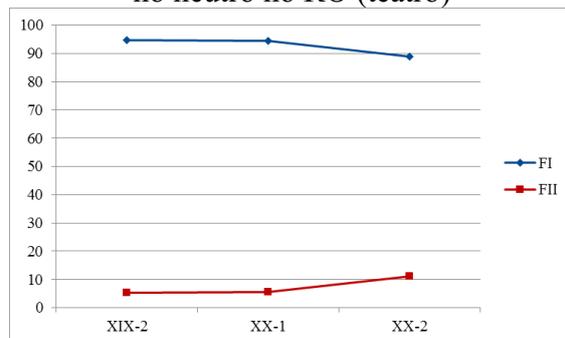
**Gráfico 24a** – Frequência (%) por forma no masculino no RO (teatro)



**Gráfico 24b** – Frequência (%) por forma no feminino no RO (teatro)



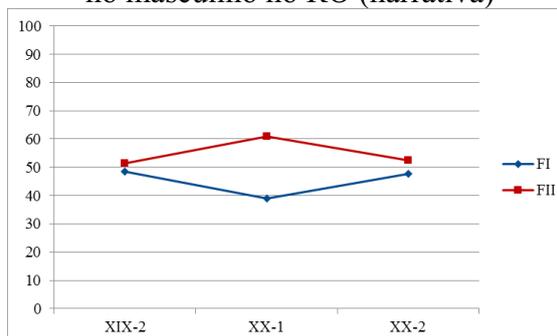
**Gráfico 24c** – Frequência (%) por forma no neutro no RO (teatro)



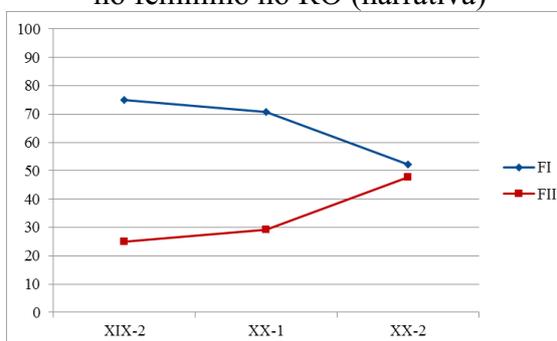
**Tabela 25** – Frequência por forma e por gênero gramatical no RO (narrativa)

Século	Forma	Gênero gramatical		
		M	F	N
XIX-2 CIO 1862	FI	17 48,6%	57 75%	30 76,9%
	FII	18 51,4%	19 25%	9 23,1%
	Total	35 100%	76 100%	39 100%
XX-1 TAR 1926	FI	9 39,1%	70 70,7%	13 46,4%
	FII	14 60,9%	29 29,3%	15 53,6%
	Total	23 100%	99 100%	28 100%
XX-2 MOR 1967	FI	20 47,6%	35 52,2%	27 65,9%
	FII	22 52,4%	32 47,8%	14 34,1%
	Total	42 100%	67 100%	41 100%

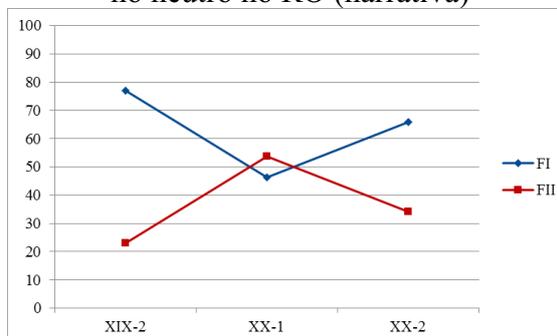
**Gráfico 25a** – Frequência (%) por forma no masculino no RO (narrativa)



**Gráfico 25b** – Frequência (%) por forma no feminino no RO (narrativa)



**Gráfico 25c** – Frequência (%) por forma no neutro no RO (narrativa)



O gênero teatral no RO apresenta dados para o feminino e neutro (cf. gráficos 25b e 25c) semelhantes àqueles verificados previamente, sem se considerar cada gênero textual individualmente, ou seja, valores com relativa estabilidade na frequência de FI e FII ao longo do tempo.

No gênero narrativo, destaca-se o uso de FI e FII no feminino: a frequência da primeira forma passa a diminuir e a da segunda a aumentar, chegando a uma equiparação no período final de análise (XX-2: 52,2% para FI; 47,8% para FII). Ainda no mesmo gênero textual, o uso de FI e FII com masculino é relativamente homogêneo em todas as sincrônicas, enquanto que com neutro, tal equilíbrio só se verifica em XX-1 (46,4% para FI; 53,6% para FII).

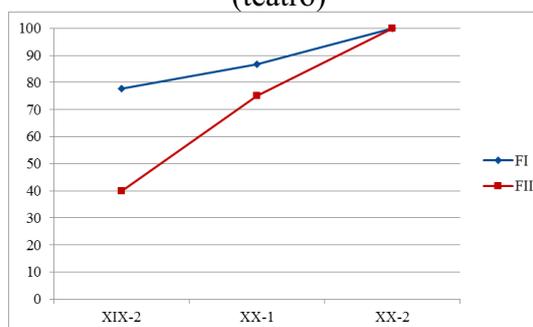
Não parece, portanto, que os dados obtidos apenas através dos parâmetros de gênero gramatical e forma tenham revelado mudança significativa no RO. No entanto, além desses

dados, pode-se aprofundar a análise ao acrescentar-lhes a variável de formas reforçadas e simples e, conseqüentemente, observar as implicações na frequência de FI e FII, em conjunto com os gêneros gramaticais pertinentes e em cada gênero textual.

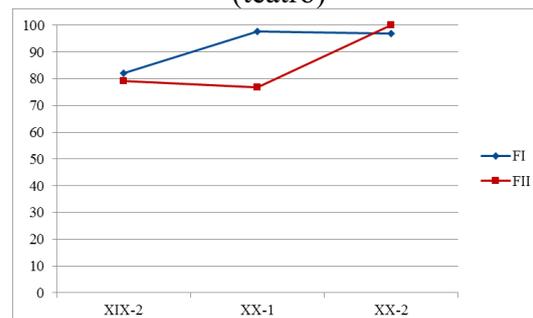
**Tabela 26** – Frequência de forma reforçada e simples por gênero gramatical no RO (teatro)

Século	Forma / Número		Gênero		
			M	F	N
XIX-2 SCR-DAL 1884-85	FI	R	4 22,2%	11 18%	7 20%
		S	14 77,8%	50 82%	28 80%
	Total		18 100%	61 100%	35 100%
	FII	R	6 60%	5 20,8%	2 100%
		S	4 40%	19 79,2%	—
	Total		10 100%	24 100%	2 100%
XX-1 JOC 1939	FI	R	2 13,3%	2 2,4%	5 14,7%
		S	13 86,7%	80 97,6%	29 85,3%
	Total		15 100%	82 100%	34 100%
	FII	R	1 25%	3 23,1%	—
		S	3 75%	10 76,9%	2 100%
	Total		4 100%	13 100%	2 100%
XX-2 MIE 1958	FI	R	—	2 3%	1 3,1%
		S	29 100%	65 97%	31 96,9%
	Total		29 100%	67 100%	32 100%
	FII	R	—	—	—
		S	5 100%	13 100%	4 100%
	Total		5 100%	13 100%	4 100%

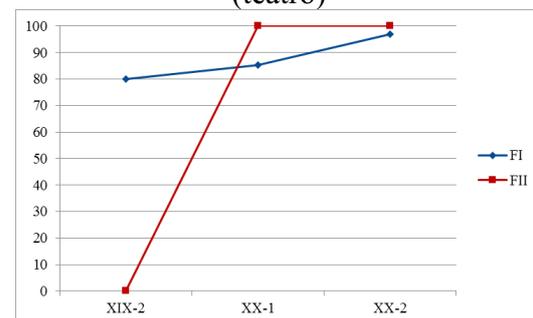
**Gráfico 26a** – Frequência (%) por forma simples no masculino no RO (teatro)



**Gráfico 26b** – Frequência (%) por forma simples no feminino no RO (teatro)



**Gráfico 26c** – Frequência (%) por forma simples no neutro no RO (teatro)



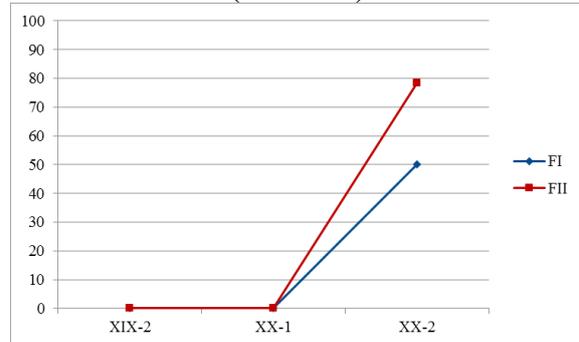
No teatro, constata-se que FI, nos três gêneros gramaticais, sempre esteve predominantemente associada às formas simples de demonstrativos, com aumento gradual ao longo do tempo. Já FII apresenta aumento mais lento de uso com formas simples: com masculino, passa de 40% a 100% do total de FII em comparação às formas reforçadas; com feminino, o aumento se dá a partir de XX-1 (76,9% para 100% em XX-2); com neutro, sem

ocorrências em XIX-2, salta para 100% das ocorrência em XX-1 e se mantém assim no período seguinte.

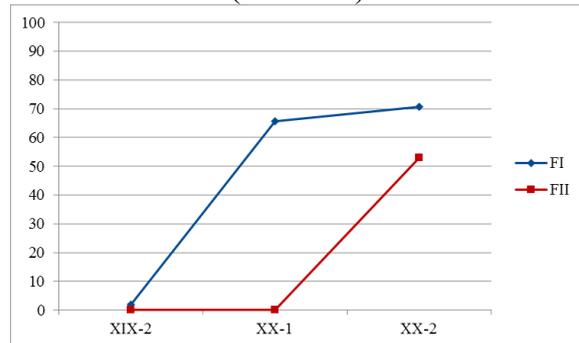
**Tabela 27** – Frequência de forma reforçada e simples por gênero gramatical no RO (narrativa)

Século	Forma / Número		Gênero		
			M	F	N
XIX-2 CIO 1862	FI	R	17	56	30
		S	—	1	—
	Total		17	57	30
	FII	R	18	19	9
		S	—	—	—
Total		18	19	9	
XX-1 TAR 1926	FI	R	9	24	13
		S	—	46	—
	Total		9	70	13
	FII	R	14	29	15
		S	—	—	—
Total		14	29	15	
XX-2 MOR 1967	FI	R	10	10	21
		S	10	24	6
	Total		20	34	27
	FII	R	5	15	5
		S	18	17	9
Total		23	32	14	

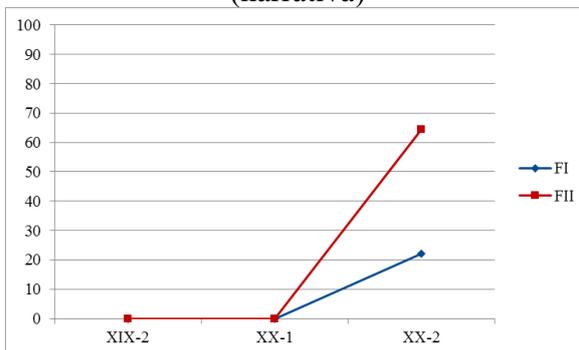
**Gráfico 27a** – Frequência (%) por forma simples no masculino no RO (narrativa)



**Gráfico 27b** – Frequência (%) por forma simples no feminino no RO (narrativa)



**Gráfico 27c** – Frequência (%) por forma simples no neutro no RO (narrativa)



Quanto ao gênero narrativo, as formas simples começam a aparecer no período final de análise XX-2, com exceção para FI feminino, cuja frequência já salta de zero para 65,7% em XX-1. Também o feminino é o único gênero no qual a frequência de FI com formas simples é maior que FII nos períodos XX-1 e XX-2.

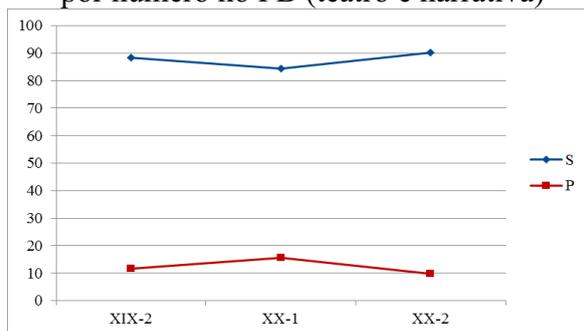
### 7.3.2 Número

O número talvez seja um dos poucos aspectos morfológicos comuns e, de certa forma, simétricos entre o PB e o RO. Ambas as línguas contam apenas com singular e plural, não havendo, por exemplo, o dual. Contudo, no PB, o plural não se aplica ao neutro nos demonstrativos (*isto, isso, aquilo*), ao passo que, no RO, a forma plural de demonstrativos abrange igualmente os três gêneros. Estudos precedentes sobre o PB (CAMBRAIA, 2012, 2015b; RAMALHO, 2016) não têm demonstrado que o número tenha um papel importante na seleção de formas de demonstrativos. Entretanto, como esse aspecto ainda não foi contemplado em estudo relativo ao RO, ele foi tratado aqui.

**Tabela 28** – Frequência por número no PB (teatro e narrativa)

Século	Número		Total
	SIN	PLU	
XIX-2	265 88,3%	35 11,7%	300 100%
XX-1	253 84,3%	47 15,7%	300 100%
XX-2	271 90%	29 10%	300 100%

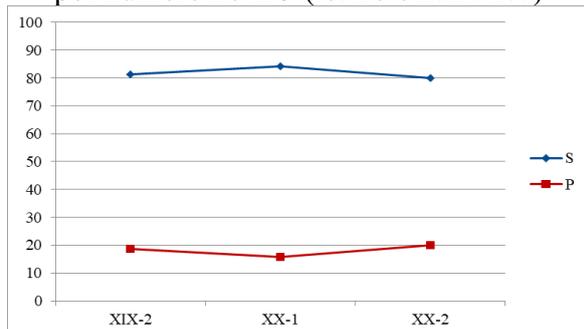
**Gráfico 28** – Frequência (%) por número no PB (teatro e narrativa)



**Tabela 29** – Frequência por número no RO (teatro e narrativa)

Século	Número		Total
	SIN	PLU	
XIX-2	244 81,3%	56 18,7%	300 100%
XX-1	253 84,3%	47 15,7%	300 100%
XX-2	240 80%	60 20%	300 100%

**Gráfico 29** – Frequência (%) por número no RO (teatro e narrativa)



A frequência de demonstrativos com singular e plural permanece estável em cada língua ao longo do tempo. Não há valor significativo, portanto, que permita apontar para uma mudança no comportamento de número diacronicamente. Em comparação ao PB, o RO emprega plural um pouco mais frequentemente nas sincronias XIX-2 e XX-2.

Cabe verificar, então, se se observa mudança nos dados de número ao cruzá-los com os dados de formas de demonstrativos, como dispostos adiante no PB e no RO:

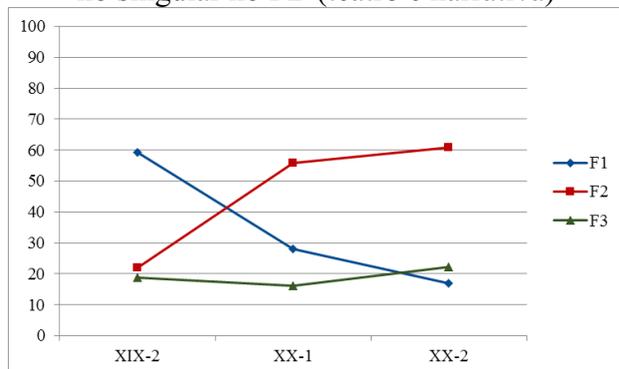
**Tabela 30** – Frequência por forma e por número no PB (teatro e narrativa)

Século	Forma	Número	
		SIN	PLU
XIX-2	F1	157 59,2%	19 54,3%
	F2	58 21,9%	11 31,4%
	F3	50 18,9%	5 14,3%
	Total	265 100%	35 100%
XX-1	F1	71 28,1%	15 31,9%
	F2	141 55,7%	17 36,2%
	F3	41 16,2%	15 31,9%
	Total	253 100%	47 100%
XX-2	F1	46 17%	3 10,3%
	F2	165 60,9%	15 51,7%
	F3	60 22,1%	11 37,9%
	Total	271 100%	29 100%

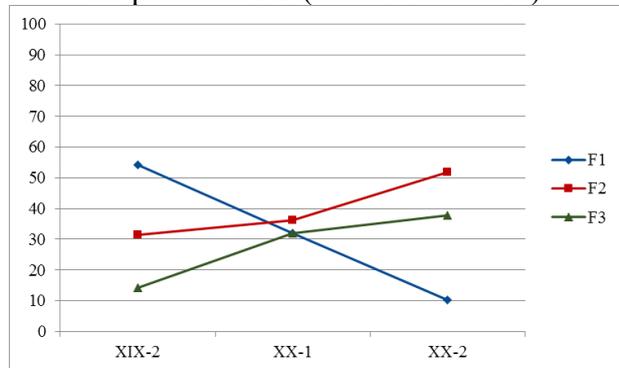
**Tabela 31** – Frequência por forma e por número no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma	Número	
		SIN	PLU
XIX-2	FI	175 71,7%	43 76,8%
	FII	69 28,3%	13 23,2%
	Total	244 100%	56 100%
XX-1	FI	196 77,5%	27 57,4%
	FII	57 22,5%	20 42,6%
	Total	253 100%	47 100%
XX-2	FI	171 71,3%	39 65%
	FII	69 28,7%	21 35%
	Total	240 100%	60 100%

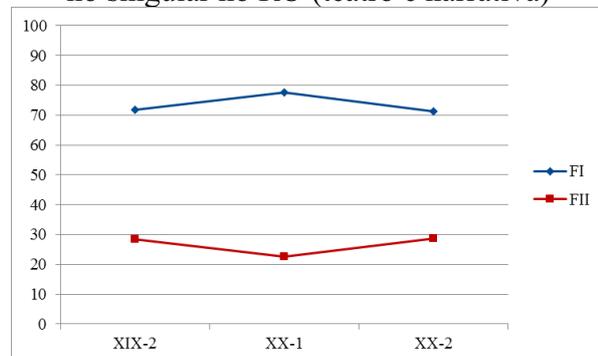
**Gráfico 30a** – Frequência (%) por forma no singular no PB (teatro e narrativa)



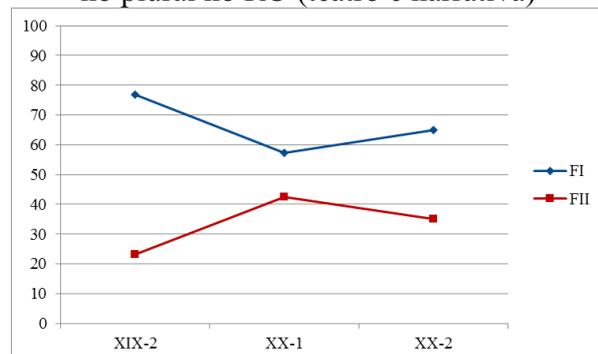
**Gráfico 30b** – Frequência (%) por forma no plural no PB (teatro e narrativa)



**Gráfico 31a** – Frequência (%) por forma no singular no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 31b** – Frequência (%) por forma no plural no RO (teatro e narrativa)



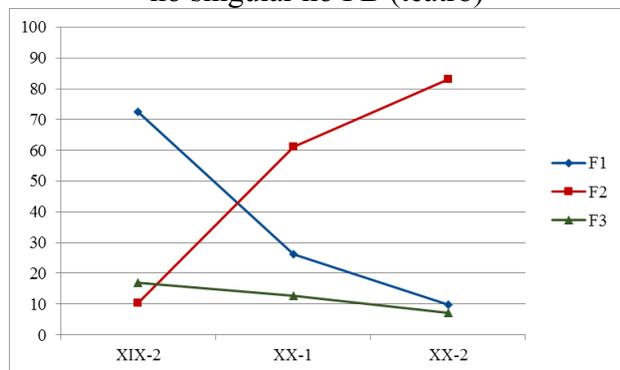
No RO, pode-se confirmar que não há mudança significativa, mesmo com o acréscimo das formas de demonstrativos à variável de número. Em contrapartida, o PB segue a tendência constante de aumento de F2 e diminuição de F1 no singular (cf. gráfico 30). No plural, esse processo é mais gradual, já que em XX-1 há valores ainda próximos de F1 e F2 (31,9% e 36,2%, respectivamente).

Quanto à possibilidade de influência dos gêneros textuais na atribuição de número aos demonstrativos no PB e no RO, tem-se os seguintes valores das tabelas a seguir:

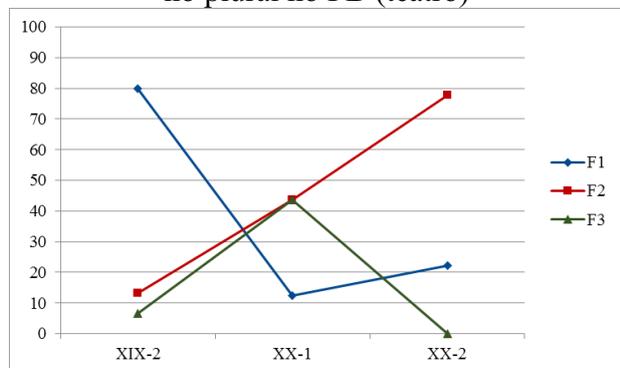
**Tabela 32** – Frequência por forma e por número no PB (teatro)

Século/ Texto	Forma	Número	
		SIN	PLU
XIX-2 COM 1882	F1	98 72,6%	12 80%
	F2	14 10,4%	2 13,3%
	F3	23 17%	1 6,7%
	Total	135 100%	15 100%
XX-1 DEU 1932	F1	35 26,1%	2 12,5%
	F2	82 61,2%	7 43,7%
	F3	17 12,7%	7 43,7%
	Total	134 100%	16 100%
XX-2 RAS 1974	F1	14 9,9%	2 22,2%
	F2	117 83%	7 77,8%
	F3	10 7,1%	—
	Total	141 100%	9 100%

**Gráfico 32a** – Frequência (%) por forma no singular no PB (teatro)



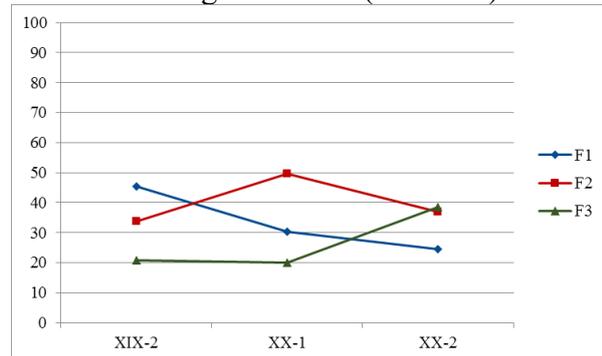
**Gráfico 32b** – Frequência (%) por forma no plural no PB (teatro)



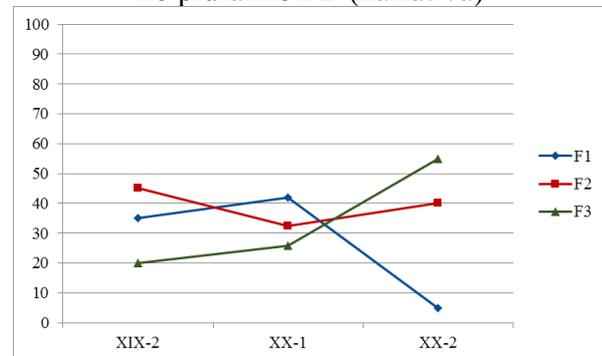
**Tabela 33** – Frequência por forma e por número no PB (narrativa)

Século/ Texto	Forma	Número	
		SIN	PLU
XIX-2 QUI 1891	F1	59 45,4%	7 35%
	F2	44 33,8%	9 45%
	F3	27 20,8%	4 20%
	Total	130 100%	20 100%
XX-1 BRU 1922	F1	36 30,3%	13 41,9%
	F2	59 49,6%	10 32,3%
	F3	24 20,1%	8 25,8%
	Total	119 100%	31 100%
XX-2 AMA 1986	F1	32 24,6%	1 5%
	F2	48 36,9%	8 40%
	F3	50 38,5%	11 55%
	Total	130 100%	20 100%

**Gráfico 33a** – Frequência (%) por forma no singular no PB (narrativa)



**Gráfico 33b** – Frequência (%) por forma no plural no PB (narrativa)



No PB, primeiramente, percebe-se comportamento semelhante no teatro para singular e plural: há aumento de F2 progressivo em relação a F1 e F3 (cf. gráficos 32a e 32b), cujas frequências caem com singular e, no plural, apresentam variação irregular. Na narrativa, no entanto, não ocorre a mesma discrepância entre a frequência das formas, apresentando pouca variação no singular (com equiparação de F1 e F2 em XX-2, cf. gráfico 33a) e, no plural, aumento de F3 e diminuição de F1 (cf. gráfico 33b). Portanto, a alta frequência de F2 verificada anteriormente em XX-2 (quando desconsiderados os gêneros textuais enquanto critérios individuais) deve-se mais aos dados do gênero teatral, cuja discrepância de F2 é confirmada no singular e no plural.

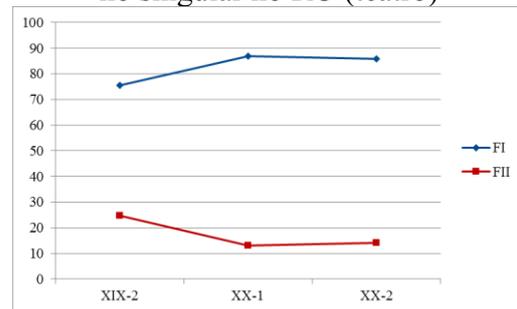
**Tabela 34** – Frequência de formas por número no RO (teatro)

Século/ Texto	Forma	Número	
		SIN	PLU
XIX-2 SCR-DAL 1884-85	FI	101 75,4%	13 81,3%
	FII	33 24,6%	3 18,7%
	Total	134 100%	16 100%
XX-1 JOC 1939	FI	119 86,9%	12 92,3%
	FII	18 13,1%	1 7,7%
	Total	137 100%	13 100%
XX-2 MIE 1958	FI	103 85,8%	25 83,3%
	FII	17 14,2%	5 16,7%
	Total	120 100%	30 100%

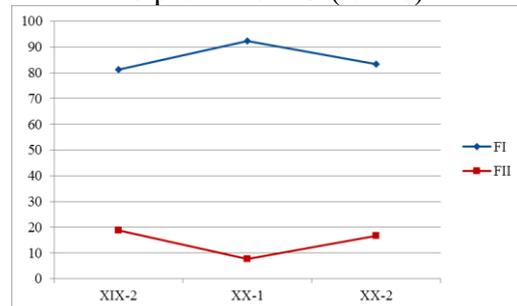
**Tabela 35** – Frequência de formas por número no RO (narrativa)

Século/ Texto	Forma	Número	
		SIN	PLU
XIX-2 CIO 1862	FI	74 67,3%	30 75%
	FII	36 32,7%	10 25%
	Total	110 100%	40 100%
XX-1 TAR 1926	FI	77 66,4%	15 44,1%
	FII	39 33,6%	19 55,9%
	Total	116 100%	34 100%
XX-2 MOR 1967	FI	68 56,7%	14 46,7%
	FII	52 43,3%	16 53,3%
	Total	120 100%	30 100%

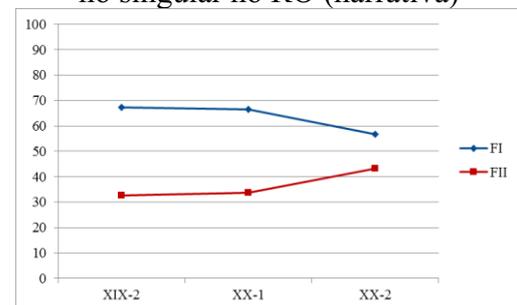
**Gráfico 34a** – Frequência (%) por forma no singular no RO (teatro)



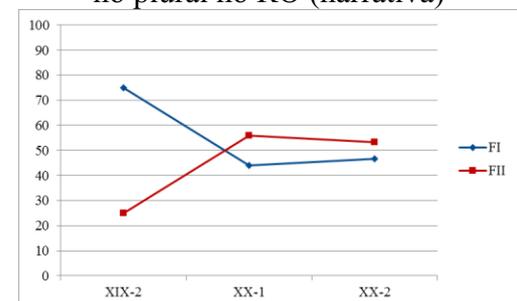
**Gráfico 34b** – Frequência (%) por forma no plural no RO (teatro)



**Gráfico 35a** – Frequência (%) por forma no singular no RO (narrativa)



**Gráfico 35b** – Frequência (%) por forma no plural no RO (narrativa)



No RO, diferentemente do que ocorre no PB no gênero teatral, o progresso diacrônico de singular e plural com FI e FII não apresenta variações significativas, sendo relevante apontar apenas pequena variação de aumento de FI e diminuição de FII no singular no decorrer do tempo (cf. gráfico 34a). Por outro lado, no gênero narrativo, as frequências de FI e FII se aproximam de emparelhamento, tanto no singular quanto no plural (cf. gráficos 35a e 35b), com

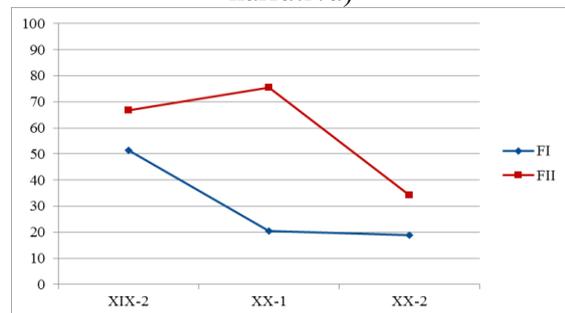
destaque para predomínio de FII sobre FI no plural a partir de XX-1 (55,9% de FII em XX-1; 55,3% de FII em XX-2).

Os valores mais próximos de FI e FII no gênero narrativo, bem como a predominância de FII sobre FI em XX-2 com plural, podem ser explicados se considerada outra variável na análise dessas formas. Portanto, passa-se a seguir aos dados referentes às formas reforçadas e simples e suas respectivas frequências com FI e FII, no singular e no plural.

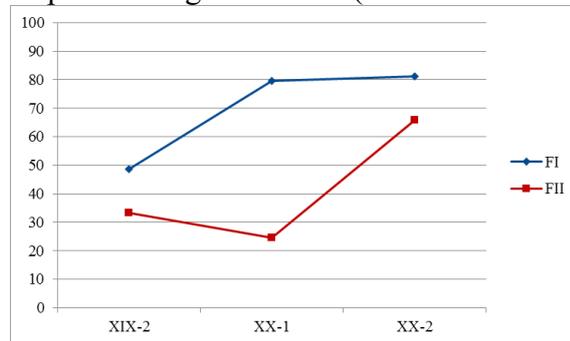
**Tabela 36** – Frequência de formas reforçadas e simples por número no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma	Número		
		SIN	PLU	
XIX-2	FI	R	90 51,4%	35 81,4%
		S	85 48,6%	8 18,6%
		Total	175 100%	43 100%
	FII	R	46 66,7%	13 100%
		S	23 33,3%	—
		Total	69 100%	10 100%
XX-1	FI	R	40 20,4%	15 55,6%
		S	156 79,6%	12 44,4%
		Total	196 100%	27 100%
	FII	R	43 75,4%	19 95%
		S	14 24,6%	1 5%
		Total	57 100%	20 100%
XX-2	FI	R	32 18,8%	12 30,8%
		S	138 81,2%	27 69,2%
		Total	170 100%	39 100%
	FII	R	24 34,3%	1 4,8%
		S	46 65,7%	20 95,2%
		Total	70 100%	21 100%

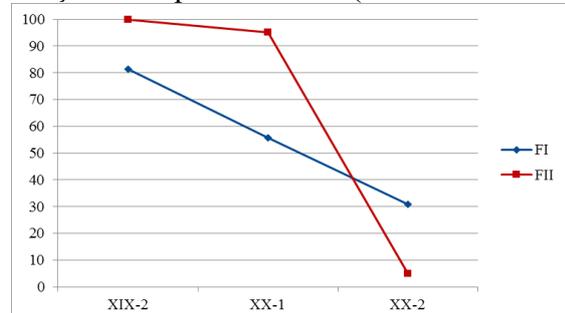
**Gráfico 36a** – Frequência (%) de formas reforçadas no singular no RO (teatro e narrativa)



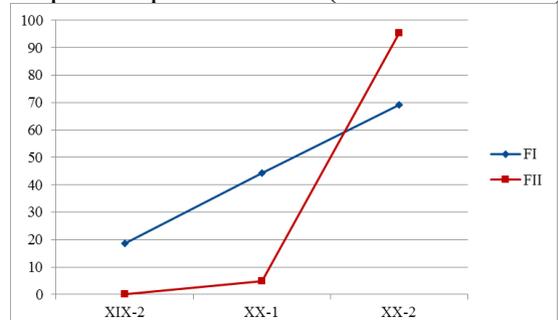
**Gráfico 36b** – Frequência (%) de formas simples no singular no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 36c** – Frequência (%) de formas reforçadas no plural no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 36d** – Frequência (%) de formas simples no plural no RO (teatro e narrativa)



Preliminarmente, nota-se evidente diferença nas linhas dos gráficos 36a a 36d em comparação com aquelas dos gráficos 31a e 31b. Em vez da pouca variação verificada anteriormente, nos gráficos acima os valores para os períodos analisados demonstram mudança

diacrônica se consideradas, além das formas FI e FII, as formas reforçadas e simples enquanto critérios de análise.

As formas reforçadas apresentam-se em queda no singular e no plural, tanto para FI quanto para FII (cf. gráficos 31a e 31b). FII se mantém mais frequente que FI com singular durante todo o período analisado e, no plural, apenas em XX-2 perde espaço para FI.

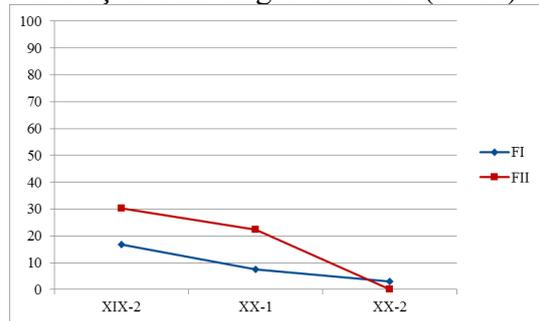
Para as formas simples, o panorama é praticamente inverso: FI predomina por todo o período no singular, sendo superado por FII apenas no plural em XX-2. Vê-se, até aqui, um uso de formas reforçadas mais associado ao plural de XIX-2 até XX-1, enquanto as formas simples tendem a associar-se mais ao singular no mesmo período, embora, no singular, a tendência parece ser de emparelhamento (cf. gráficos 36a e 36c).

Espera-se ser possível esmiuçar esses resultados ao considerar, separadamente, os gêneros textuais do RO, com destaque para o período XX-2, cujos valores divergem das demais sincronias com formas reforçadas e simples.

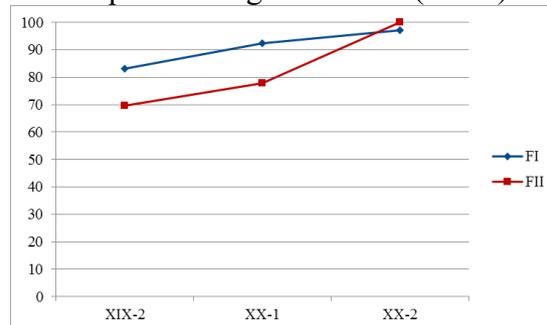
**Tabela 37** – Frequência de formas reforçadas e simples por número no RO (teatro)

Século	Forma		Número	
			SIN	PLU
XIX-2 SCR-DAL 1884-85	FI	R	17 16,8%	5 38,5%
		S	84 83,2%	8 61,5%
		Total	101 100%	13 100%
	FII	R	10 30,3%	3 100%
		S	23 69,7%	—
		Total	33 100%	3 100%
XX-1 JOC 1939	FI	R	9 7,6%	—
		S	110 92,4%	12 100%
		Total	119 100%	12 100%
	FII	R	4 22,2%	—
		S	14 77,8%	1 100%
		Total	18 100%	1 100%
XX-2 MIE 1958	FI	R	3 2,9%	—
		S	100 97,1%	25 100%
		Total	103 100%	25 100%
	FII	R	—	—
		S	17 100%	5 100%
		Total	17 100%	5 100%

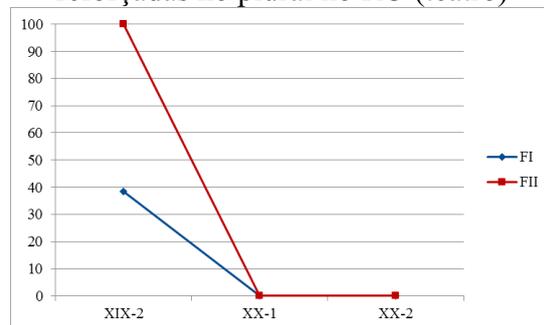
**Gráfico 37a** – Frequência (%) de formas reforçadas no singular no RO (teatro)



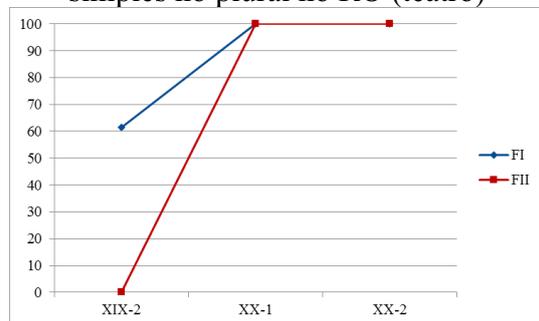
**Gráfico 37b** – Frequência (%) de formas simples no singular no RO (teatro)



**Gráfico 37c** – Frequência (%) de formas reforçadas no plural no RO (teatro)



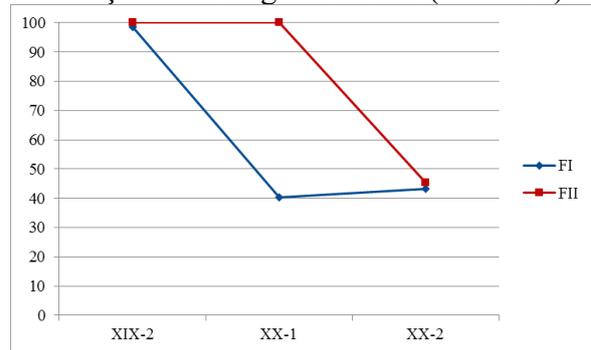
**Gráfico 37d** – Frequência (%) de formas simples no plural no RO (teatro)



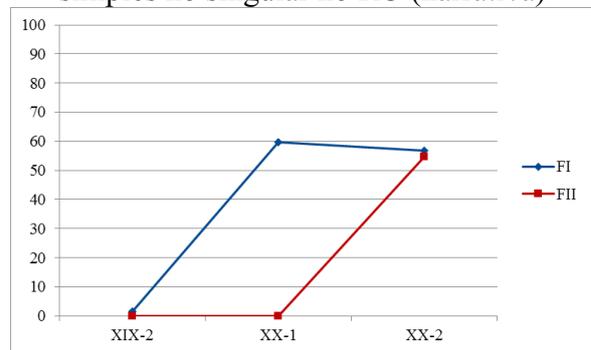
**Tabela 38** – Frequência de formas reforçadas e simples por número no RO (narrativa)

Século	Forma		Número	
			SIN	PLU
XIX-2 CIO 1862	FI	R	73 98,6%	30 100%
		S	1 1,4%	—
		Total	74 100%	30 100%
	FII	R	36 100%	10 100%
		S	—	—
		Total	36 100%	10 100%
XX-1 TAR 1926	FI	R	31 40,3%	15 100%
		S	46 59,7%	—
		Total	77 100%	15 100%
	FII	R	39 100%	19 100%
		S	—	—
		Total	39 100%	19 100%
XX-2 MOR 1967	FI	R	29 43,3%	12 85,7%
		S	38 56,7%	2 14,3%
		Total	67 100%	14 100%
	FII	R	24 45,3%	1 6,3%
		S	29 54,7%	15 93,7%
		Total	53 100%	16 100%

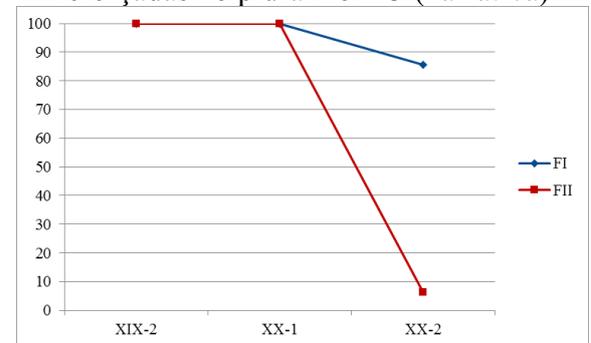
**Gráfico 38a** – Frequência (%) de formas reforçadas no singular no RO (narrativa)



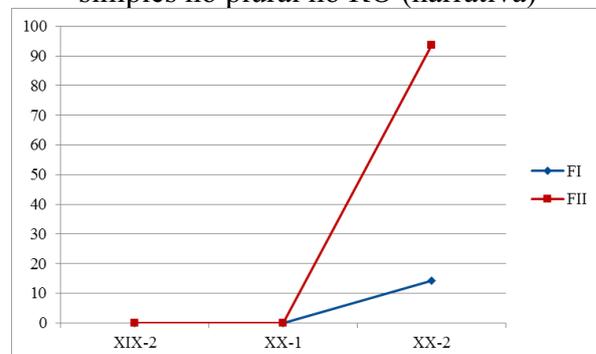
**Gráfico 38b** – Frequência (%) de formas simples no singular no RO (narrativa)



**Gráfico 38c** – Frequência (%) de formas reforçadas no plural no RO (narrativa)



**Gráfico 38d** – Frequência (%) de formas simples no plural no RO (narrativa)



Nos dados referentes ao gênero textual teatral, confirma-se, mais uma vez, a tendência de aumento das formas simples e diminuição de formas reforçadas ao longo do tempo, no

singular e no plural. Observa-se emparelhamento entre as formas FI e FII no singular, com formas simples e reforçadas (cf. gráficos 37a e 37c) e ausência de formas reforçadas no plural com FI e FII a partir de XX-I (cf. tabela 37 e gráfico 37b).

Os textos narrativos do RO, assim como os teatrais, também confirmam as tendências diacrônicas já verificadas de queda e aumento para as formas reforçadas e simples, respectivamente. No plural em XX-2, as formas reforçadas com FII diminuem a frequência de modo mais marcante que FI, enquanto que, opostamente, com formas simples, FII aumenta em relação a FI. Ou seja, verificou-se tendência de emparelhamento no RO entre FI e FII em todos os casos, exceto para o plural nos textos narrativos, com maior aumento de FII sobre FI com formas simples (cf. gráfico 38d) e, conseqüentemente, redução comparativa de FII em relação a FI com formas reforçadas (cf. gráfico 38b).

### 7.3.3 Caso

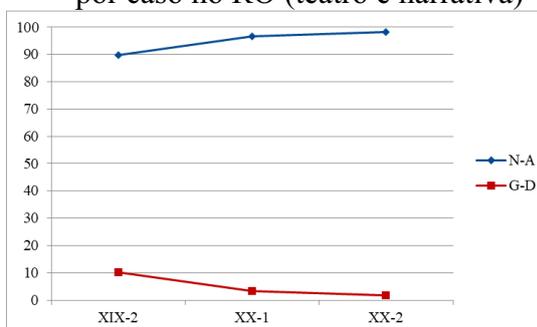
Esta seção se dedica exclusivamente aos dados do RO, já que o PB não possui flexão de caso. O RO, embora conte com cinco casos (nominativo, acusativo, genitivo, dativo e vocativo), distingue-os, na atualidade, morfologicamente, apenas em três grupos: nominativo-acusativo, genitivo-dativo e vocativo. Este, porém, não se aplica aos demonstrativos.

Na análise de dados, consideraram-se, portanto, os casos nominativo e acusativo como uma variável (N-A) e o genitivo e dativo como outra (G-D). A frequência de demonstrativos por caso diacronicamente é como segue:

**Tabela 39** – Frequência de formas por caso no RO (teatro e narrativa)

Século	Caso		Total
	N-A	G-D	
XIX-2	269 89,7%	31 10,3%	300 100%
XX-1	290 96,7%	10 3,3%	300 100%
XX-2	295 98,3%	5 1,7%	300 100%

**Gráfico 39** – Frequência (%) de formas por caso no RO (teatro e narrativa)

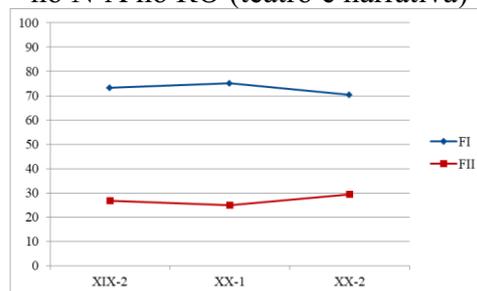


A frequência de formas de G-D verifica-se rara em todas as sincronias. Ademais, a tendência de diminuição do uso de ambos os casos, ao longo do tempo, fica evidente (10,3% > 3,3% > 1,7%), ao mesmo tempo em que o uso de N-A aumenta (89,7% > 96,7% > 98,3%).

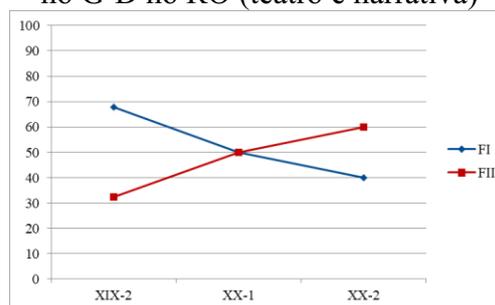
**Tabela 40** – Frequência de formas por caso no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma	Caso	
		N-A	G-D
XIX-2	FI	197 73,2%	21 67,7%
	FII	72 26,8%	10 32,3%
	<b>Total</b>	269 100%	31 100%
XX-1	FI	218 75,2%	5 50%
	FII	72 24,8%	5 50%
	<b>Total</b>	290 100%	10 100%
XX-2	FI	208 70,5%	2 40%
	FII	87 29,5%	3 60%
	<b>Total</b>	295 100%	5 100%

**Gráfico 40a** – Frequência (%) de formas no N-A no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 40b** – Frequência (%) de formas no G-D no RO (teatro e narrativa)



Verifica-se, acima, um comportamento relativamente estável de FI e FII no N-A (gráfico 40a), mas uma tendência contínua de aumento de FII no G-D (gráfico 40b).

Como o gênero textual tem se demonstrado, até aqui, como uma variável relevante para compreender o uso dos demonstrativos, convém avaliar como a questão do G-D se manifesta segundo essa variável. As tabelas e gráficos abaixo distribuem os dados por gênero textual:

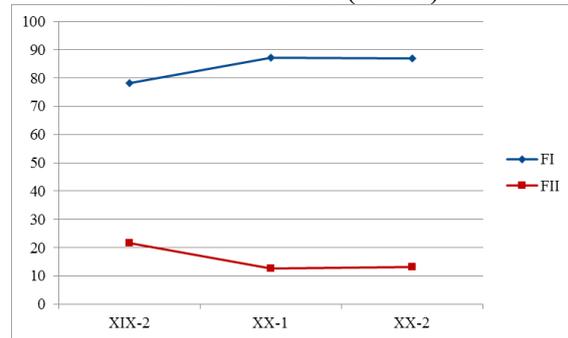
**Tabela 41 – Frequência de formas por caso no RO (teatro)**

Século/ Texto	Forma	Caso	
		N-A	G-D
XIX-2 SCR-DAL 1884-85	FI	112 78,3%	2 28,6%
	FII	31 21,7%	5 71,4%
	Total	143 100%	7 100%
XX-1 JOC 1939	FI	131 87,3%	—
	FII	19 12,7%	—
	Total	150 100%	—
XX-2 MIE 1958	FI	126 86,9%	2 40%
	FII	19 13,1%	3 60%
	Total	145 100%	5 100%

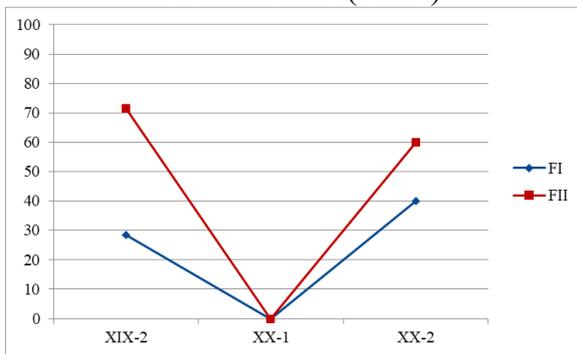
**Tabela 42 – Frequência de formas por caso no RO (narrativa)**

Século/ Texto	Forma	Caso	
		N-A	G-D
XIX-2 CIO 1862	FI	85 67,5%	19 79,2%
	FII	41 32,5%	5 20,8%
	Total	126 100%	24 100%
XX-1 TAR 1926	FI	87 62,1%	5 50%
	FII	53 37,9%	5 50%
	Total	140 100%	10 100%
XX-2 MOR 1967	FI	82 54,7%	—
	FII	68 45,3%	—
	Total	150 100%	—

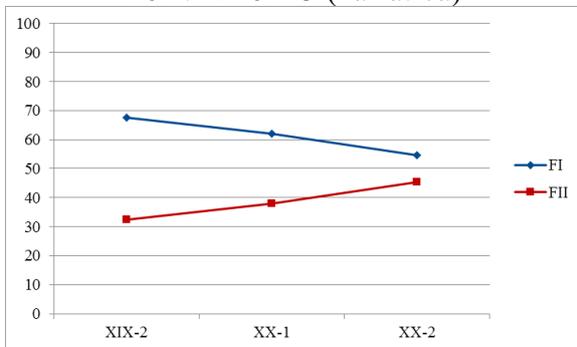
**Gráfico 41a – Frequência (%) de formas no N-A no RO (teatro)**



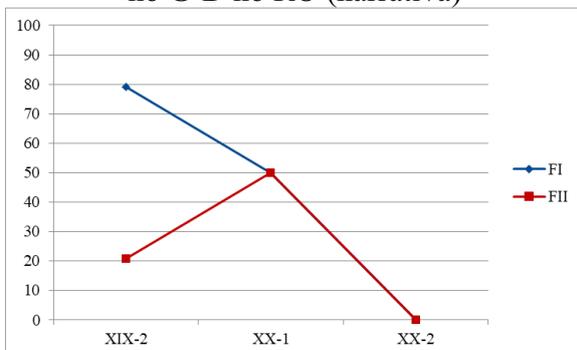
**Gráfico 41b – Frequência (%) de formas no G-D no RO (teatro)**



**Gráfico 42a – Frequência (%) de formas no N-A no RO (narrativa)**



**Gráfico 42b – Frequência (%) de formas no G-D no RO (narrativa)**



Os gráficos 41a e 42b são muito semelhantes àqueles previamente apresentados com frequência geral (cf. gráficos 6 e 7, respectivamente), já que os valores atribuídos às ocorrências de G-D são muito baixos.

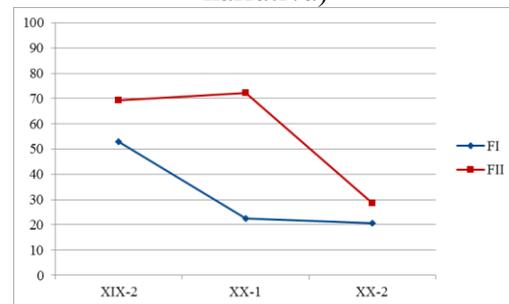
A tendência de diminuição de G-D é gradativa nos textos narrativos, como se pode observar na tabela 42. Curiosamente, no teatro, os valores de XIX-2 (1,8% / 13,9%) e XX-1 (0% / 0%) são como esperados, ou seja, redução gradual da frequência de ambos os casos de um período a outro. Na última sincronia, por outro lado, o valor volta a se equiparar ao período inicial analisado (1,6% / 13,6%), o que poderia sugerir uma linguagem mais conservadora do autor de XX-2, já que o caráter mais informal do gênero teatral e o período mais recente no qual se insere a obra apontariam para valores opostos aos obtidos.

Resta, por fim, averiguar se as formas reforçadas e simples configuram-se relevantes enquanto variável na frequência de uso dos casos.

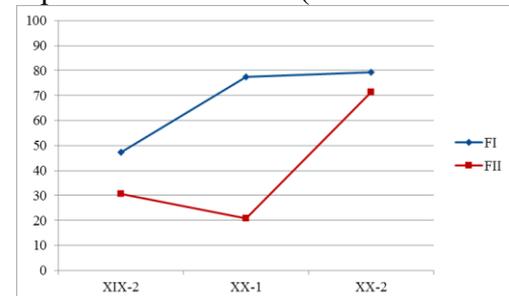
**Tabela 43** – Frequência de formas reforçadas e simples por caso no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma	Caso		
		N-A	G-D	
XIX-2	FI	R	104 52,8%	21 100%
		S	93 47,2%	—
		Total	197 100%	21 100%
	FII	R	50 69,4%	9 90%
		S	22 30,6%	1 10%
		Total	72 100%	10 100%
XX-1	FI	R	49 22,6%	6 100%
		S	168 77,4%	—
		Total	217 100%	6 100%
	FII	R	57 79,2%	5 100%
		S	15 20,8%	—
		Total	72 100%	5 100%
XX-2	FI	R	43 20,7%	1 50%
		S	165 79,3%	1 50%
		Total	208 100%	2 100%
	FII	R	25 28,7%	—
		S	62 71,3%	3 100%
		Total	87 100%	3 100%

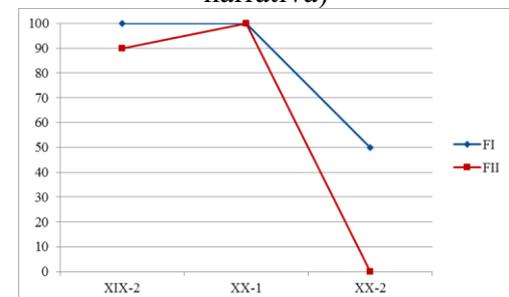
**Gráfico 43a** – Frequência (%) de formas reforçadas no N-A no RO (teatro e narrativa)



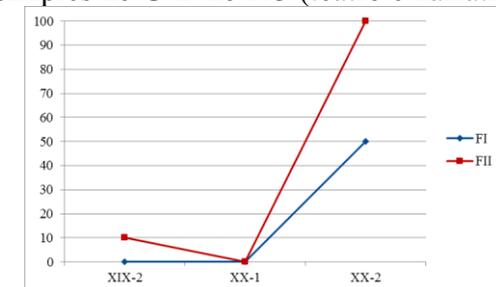
**Gráfico 43b** – Frequência (%) de formas simples no N-A no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 43c** – Frequência (%) de formas reforçadas no G-D no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 43d** – Frequência (%) de formas simples no G-D no RO (teatro e narrativa)



Os resultados dispostos nos gráficos referentes aos dados da tabela 43 se assemelham aos obtidos na seção anterior, relativa a número): as formas reforçadas estão em gradual declínio, ao passo que as simples se tornam mais frequentes. Caminhando para um emparelhamento entre FI e FII, esta última forma predomina entre as reforçadas com N-A, enquanto que FI predomina entre as simples nas três sincronias analisadas.

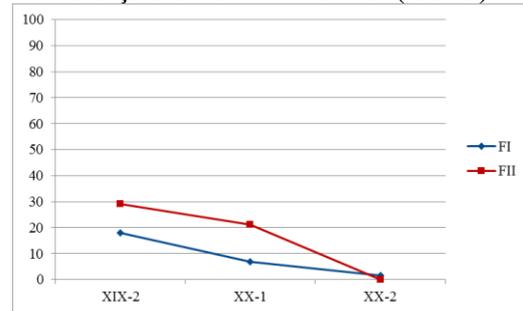
Com o G-D, obtém-se cenário oposto: especialmente em XX-2, registra-se predomínio de FII entre as formas simples, e de FI entre as reforçadas.

Para analisar melhor a questão, analisam-se os dados por gênero textual individualmente, como se segue.

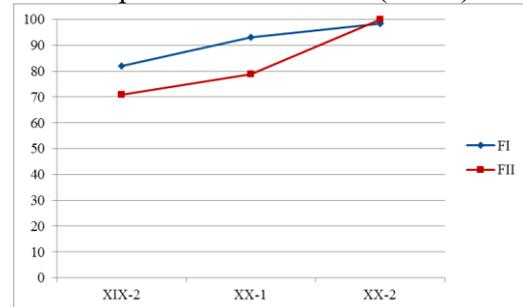
**Tabela 44** – Frequência de formas reforçadas e simples por caso no RO (teatro)

Século	Forma	Caso		
		N-A	G-D	
XIX-2 SCR- DAL 1884- 85	FI	R	20 17,9%	2 100%
		S	92 82,1%	—
		Total	112 100%	2 100%
	FII	R	9 29%	4 80%
		S	22 71%	1 20%
		Total	31 100%	5 100%
XX-1 JOC 1939	FI	R	9 6,9%	—
		S	122 93,1%	—
		Total	131 100%	—
	FII	R	4 21,1%	—
		S	15 78,9%	—
		Total	19 100%	—
XX-2 MIE 1958	FI	R	2 1,6%	1 50%
		S	124 98,4%	1 50%
		Total	126 100%	2 100%
	FII	R	—	—
		S	19 100%	3 100%
		Total	19 100%	3 100%

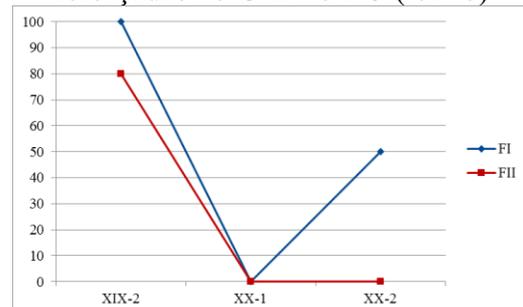
**Gráfico 44a** – Frequência (%) de formas reforçadas no N-A no RO (teatro)



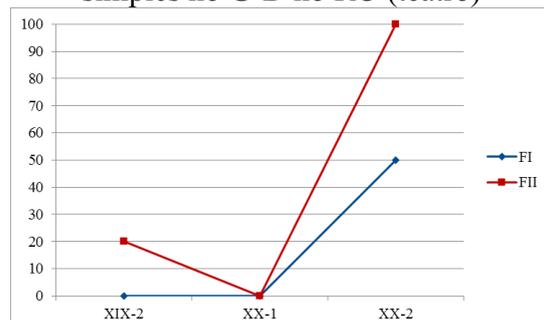
**Gráfico 44b** – Frequência (%) de formas simples no N-A no RO (teatro)



**Gráfico 44c** – Frequência (%) de formas reforçadas no G-D no RO (teatro)



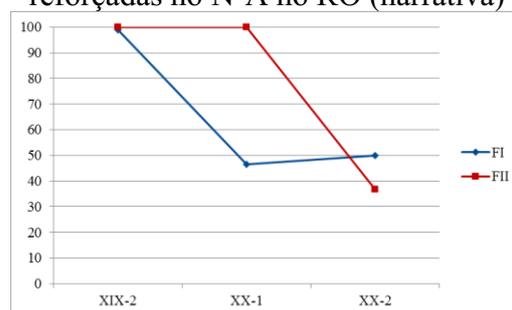
**Gráfico 44d** – Frequência (%) de formas simples no G-D no RO (teatro)



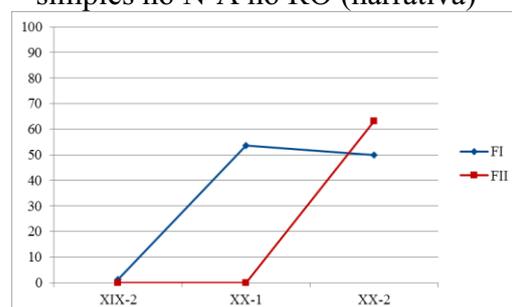
**Tabela 45** – Frequência de formas reforçadas e simples por caso no RO (narrativa)

Século	Forma		Caso	
			N-A	G-D
XIX-2 CIO 1862	FI	R	84 98,8%	19 100%
		S	1 1,2%	—
		Total	85 100%	19 100%
	FII	R	41 100%	5 100%
		S	—	—
		Total	41 100%	5 100%
XX-1 TAR 1926	FI	R	40 46,5%	6 100%
		S	46 53,5%	—
		Total	86 100%	6 100%
	FII	R	53 100%	5 100%
		S	—	—
		Total	53 100%	5 100%
XX-2 MOR 1967	FI	R	41 50%	—
		S	41 50%	—
		Total	82 100%	—
	FII	R	25 36,8%	—
		S	43 63,2%	—
		Total	68 100%	—

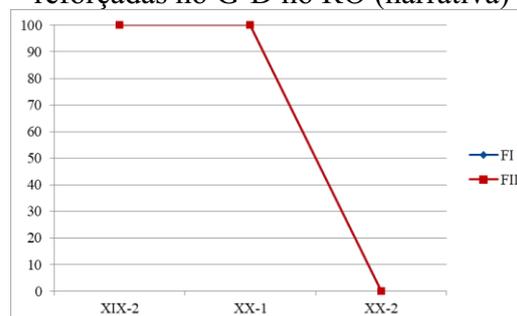
**Gráfico 45a** – Frequência (%) de formas reforçadas no N-A no RO (narrativa)



**Gráfico 45b** – Frequência (%) de formas simples no N-A no RO (narrativa)<sup>43</sup>



**Gráfico 45c** – Frequência (%) de formas reforçadas no G-D no RO (narrativa)



De fato, o parâmetro diacrônico de predomínio, no N-A, de FII entre formas reforçadas e FI entre formas simples se confirma nos gêneros textuais de teatro e narrativa. Entretanto, destaca-se a inexpressividade de uso de G-D no gênero narrativo: apenas com formas reforçadas em XIX-2 e XX-1 e totalmente ausente em XX-2 (cf. tabela 45). Estende-se tal ausência, também, ao gênero teatral no período XX-1.

Em seu estudo com *corpus* de língua falada, Nicula (2009, p. 188) só encontrou duas ocorrências de demonstrativos com flexão de caso (G-D) e atribui o baixo número de formas flexionadas de G-D à tendência de substituição dos casos oblíquos pelo uso de *lui* proclítico<sup>44</sup>.

<sup>43</sup> Não há gráfico para frequência de formas simples no G-D no RO (narrativa), porque não há ocorrências no *corpus*.

<sup>44</sup> A autora cita como exemplo: *Și-i spune lu' ăla, știi?* (“E fala para aquele, sabe?”) (NICULA, 2009, p. 188).

Sua conclusão de que as formas pronominais G-D estão em evidente diminuição (NICULA, 2009, p. 194) respaldam os ínfimos valores de demonstrativos flexionados por caso gramatical verificados, sobretudo, no gênero textual de comédias teatrais, no qual a prevalência de aspectos da oralidade é maior.

## 7.4 Sintaxe

Neste capítulo, serão abordados dois aspectos sintáticos relevantes envolvendo os demonstrativos: sua posição e sua ordem no SN. Todas as formas se enquadram na primeira variável, cuja posição é classificada como margem ou núcleo do SN. Já a segunda variável se aplica apenas àquelas classificadas como margem, posteriormente determinadas por sua ordem anteposta ou posposta.

### 7.4.1 Posição no SN

Como dito anteriormente, a posição do demonstrativo no SN se classifica por núcleo ou margem. Aplica-se essa terminologia de acordo com os critérios estabelecidos por Cambraia (2012), a saber:

- (a) um demonstrativo foi considerado como ocupante de posição de **margem** do sintagma nominal (...) quando está acompanhado:
  - (i) de substantivo (ex.: “ninguém pode haver / Que me negue *esta verdade*”, ANF); ou
  - (ii) de adjetivo (ex.: “aparelhem de comer, / Enquanto *este doudo* mato”, ANF);
  - (iii) apenas do referenciador *mesmo* (ex.: “Na noite que foi chegado, *Nessa mesma* se tornou!”, ANF);
  - (iv) apenas do referenciador *tal* (ex.: “De verdade tendes mão contra *estes tais*”, FID);
  - (v) apenas do indefinido *outro* (ex.: “*assi estoutros* nunca lhe vereis morgados feitos com o seu dinheiro”, ANF);
  - (vi) apenas de numeral (ex.: “Pois de que se queixa *destes dous* o vosso Poeta?”, HOS);
  - (vii) apenas de possessivo (ex.: “Ponha a mão sobre *esta minha*”, VIO);
- (b) um demonstrativo foi considerado como ocupante de posição de **núcleo** do sintagma nominal (...) quando:
  - (i) está sozinho no SN (ex.: “*Essa* não pode ela ser”, ANF);
  - (ii) está acompanhado apenas de SP (ex.: “*aqueles do seu tempo*”, SOL);
  - (iii) está acompanhado apenas de SAdv (ex.: “*Esse daí* é meu tio”, ELE);
  - (iv) está acompanhado apenas do quantificador *todo/tudo* (ex.: “*Tudo isto* é o que privo!”, ANF);
  - (v) está acompanhado apenas de oração relativa [restritiva ou explicativa] (ex.: “*Essa que agora dissestes*”, ANF);
  - (vi) está em estrutura coordenada (ex.: “para ir a *este ou àquele baile*, a esta ou àquela festa?”, JUD); ou
  - (vii) em expressões idiomáticas (ex.: *Ora essa*, meu caro senhor!, TRI). (CAMBRAIA, 2012, p. 45-46)

Cabe ressaltar a assimetria entre PB e RO quanto à posição dos demonstrativos no SN, visto que essa última possui formas específicas que somente aparecem no SN em posição de margem (*acest, acel* etc.), e outras que podem estar no núcleo ou à margem (desde que posposto) no SN (*acesta, acela, asta* etc.). No PB, não há tal especificidade, de modo que as formas de demonstrativos masculinas e femininas (mas não as neutras) podem ser, ao mesmo tempo, margem ou núcleo do SN.

Os dados referentes à posição das formas, dispostos a seguir, estão separados por sincronia e língua:

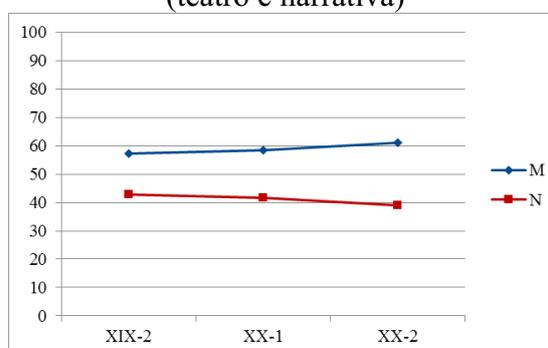
**Tabela 46** – Frequência de formas por posição no SN no PB (teatro e narrativa)

Século	Posição		Total
	PM	PN	
XIX-2	172 57,3%	128 42,7%	300 100%
XX-1	175 58,3%	125 41,7%	300 100%
XX-2	183 61%	117 39%	300 100%

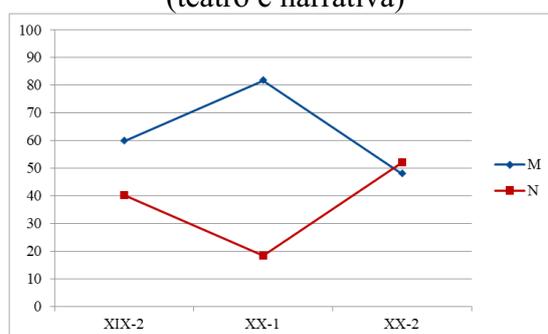
**Tabela 47** – Frequência de formas por posição no SN no RO (teatro e narrativa)

Século	Posição		Total
	PM	PN	
XIX-2	179 59,7%	121 40,3%	300 100%
XX-1	245 81,7%	55 18,3%	300 100%
XX-2	144 48%	156 52%	300 100%

**Gráfico 46** – Frequência (%) de formas por posição no SN no PB (teatro e narrativa)



**Gráfico 47** – Frequência (%) de formas por posição no SN no RO (teatro e narrativa)



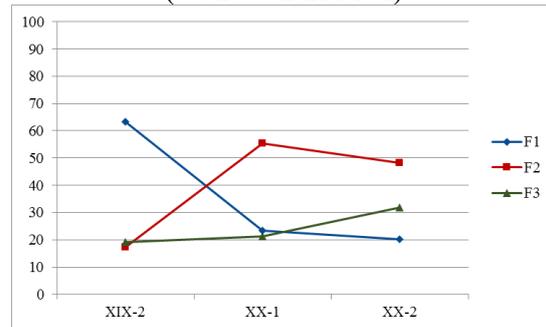
Há evidente estabilidade em PB em relação à frequência de posição das formas no SN: demonstrativos como margem do SN aparecem em maior uso, ao longo do tempo, em comparação a seu uso enquanto núcleo no SN. Já em RO, observa-se discrepância de valores em XX-1, quando a frequência de formas na posição de margem do SN se mostra demasiadamente maior (81,7%) em relação à posição de núcleo no SN (18,3%). Esse cenário, no entanto, desaparece no período seguinte e a frequência de formas em cada posição se torna praticamente equiparável.

O comportamento dos demonstrativos sob esse aspecto sintático no PB e no RO também foi analisado mais detalhadamente em suas respectivas formas, como mostram as tabelas e gráficos adiante:

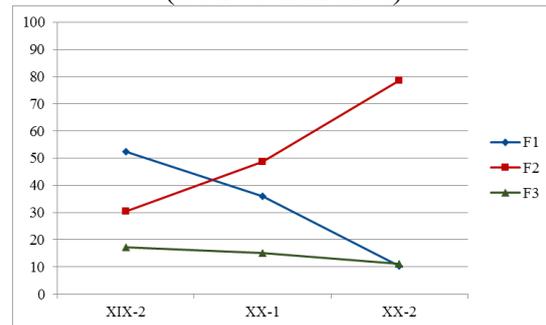
**Tabela 48** – Frequência de formas por posição no SN no PB (teatro e narrativa)

Século	Forma	Posição	
		PM	PN
XIX-2	F1	109 63,4%	67 52,3%
	F2	30 17,4%	39 30,5%
	F3	33 19,2%	22 17,2%
	<b>Total</b>	172 100%	128 100%
XX-1	F1	41 23,4%	45 36%
	F2	97 55,4%	61 48,8%
	F3	37 21,2%	19 15,2%
	<b>Total</b>	175 100%	125 100%
XX-2	F1	37 20,2%	12 10,3%
	F2	88 48,1%	92 78,6%
	F3	58 31,7%	13 11,1%
	<b>Total</b>	183 100%	117 100%

**Gráfico 48a** – Frequência (%) de formas na posição de margem no PB (teatro e narrativa)



**Gráfico 48b** – Frequência (%) de formas na posição de núcleo no PB (teatro e narrativa)

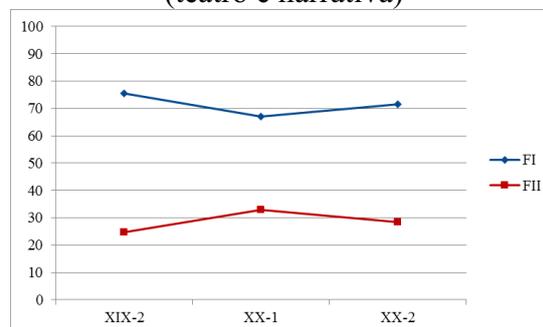


Os dados no PB mostram mudanças tanto em posição de margem quanto de núcleo, com aumento de F2 e queda de F1. Percebe-se, portanto, que não houve aumento de F1 em posição de margem no SN, o que contraria a tese defendida por Marine (2009, p. 187-188) de que F1 tenderia a ficar mais associada à posição de margem e, F2, de núcleo no PB.

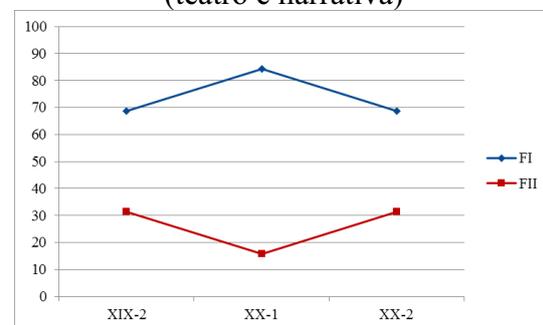
**Tabela 49** – Frequência de formas por posição no SN no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma	Posição	
		PM	PN
XIX-2	FI	135 75,4%	83 68,6%
	FII	44 24,6%	38 31,4%
	Total	179 100%	121 100%
XX-1	FI	116 67,1%	107 84,3%
	FII	57 32,9%	20 15,7%
	Total	173 100%	127 100%
XX-2	FI	103 71,5%	107 68,6%
	FII	41 28,5%	49 31,4%
	Total	144 100%	156 100%

**Gráfico 49a** – Frequência (%) de formas na posição de margem no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 49b** – Frequência (%) de formas na posição de núcleo no RO (teatro e narrativa)



Quanto ao RO, não há mudança diacrônica significativa evidenciada pelas formas FI/FII e posição no SN (cf. gráficos 49a e 49b), configurando, portanto, relativa estabilidade.

Ao considerar, no entanto, os gêneros textuais na frequência de formas por posição no SN, o padrão de estabilidade verificado em ambas as línguas pode ser alterado, caso cada gênero seja caráter determinante nos critérios mencionados.

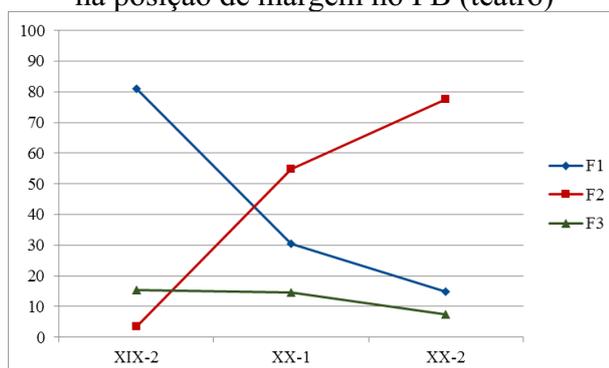
**Tabela 50** – Frequência de formas por posição no SN no PB (teatro)

Século/ Texto	Forma	Posição	
		PM	PN
XIX-2 COM 1882	F1	68 81%	42 63,6%
	F2	3 3,6%	13 19,7%
	F3	13 15,4%	11 16,7%
	Total	84 100%	66 100%
XX-1 DEU 1932	F1	25 30,5%	12 17,6%
	F2	45 54,9%	44 68,7%
	F3	12 14,6%	12 17,6%
	Total	82 100%	68 100%
XX-2 RAS 1974	F1	12 15%	4 5,7%
	F2	62 77,5%	62 88,6%
	F3	6 7,5%	4 5,7%
	Total	80 100%	70 100%

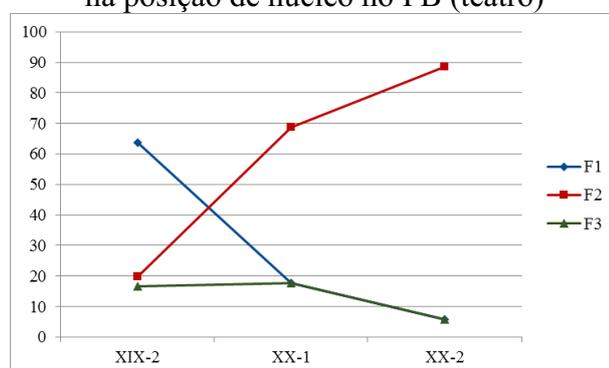
**Tabela 51** – Frequência de formas por posição no SN no PB (narrativa)

Século/ Texto	Forma	Posição	
		PM	PN
XIX-2 QUI 1891	F1	41 46,6%	25 40,3%
	F2	27 30,7%	26 41,9%
	F3	20 22,7%	11 17,7%
	Total	88 100%	62 100%
XX-1 BRU 1922	F1	16 17,2%	33 57,9%
	F2	52 55,9%	17 29,8%
	F3	25 26,9%	7 12,3%
	Total	93 100%	57 100%
XX-2 AMA 1986	F1	25 24,3%	8 17%
	F2	26 25,2%	30 63,8%
	F3	52 50,5%	9 19,2%
	Total	103 100%	47 100%

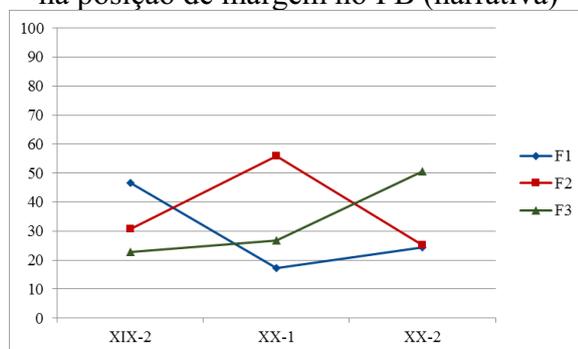
**Gráfico 50a** – Frequência (%) de formas na posição de margem no PB (teatro)



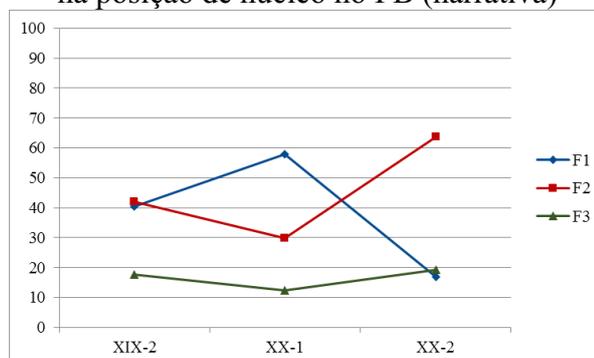
**Gráfico 50b** – Frequência (%) de formas na posição de núcleo no PB (teatro)



**Gráfico 51a** – Frequência (%) de formas na posição de margem no PB (narrativa)



**Gráfico 51b** – Frequência (%) de formas na posição de núcleo no PB (narrativa)



No PB, a partir de XX-1, F2 predomina no gênero teatral nas posições de margem e núcleo, enquanto F1 e F3 tendem a se emparelhar em frequência. No gênero narrativo, se observa aumento contínuo de F2 tanto na margem quanto no núcleo. Vale destacar, na posição de núcleo do SN, a predominância de F2 no gênero textual em questão (63,8%) em XX-2, acompanhando predominância verificada no teatro.

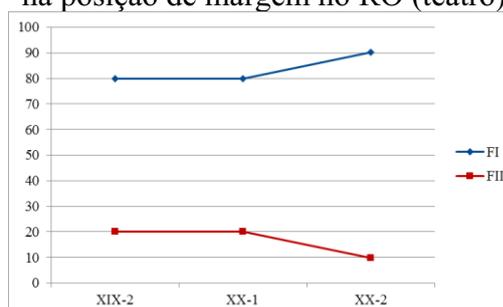
**Tabela 52** – Frequência de formas por posição no SN no RO (teatro)

Século/ Texto	Forma	Posição	
		PM	PN
XIX-2 SCR-DAL 1884-85	FI	48 80%	66 73,3%
	FII	12 20%	24 26,7%
	Total	60 100%	90 100%
XX-1 JOC 1939	FI	52 80%	79 92,9%
	FII	13 20%	6 7,1%
	Total	65 100%	85 100%
XX-2 MIE 1958	FI	55 90,2%	73 82%
	FII	6 9,8%	16 18%
	Total	61 100%	89 100%

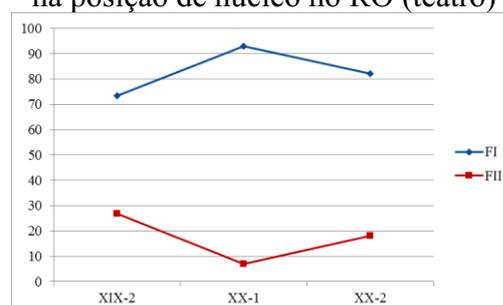
**Tabela 53** – Frequência de formas por posição no SN no RO (narrativa)

Século/ Texto	Forma	Posição	
		PM	PN
XIX-2 CIO 1862	FI	87 73,1%	17 54,8%
	FII	32 26,9%	14 45,2%
	Total	119 100%	31 100%
XX-1 TAR 1926	FI	64 59,3%	28 66,7%
	FII	44 40,7%	14 33,3%
	Total	108 100%	42 100%
XX-2 MOR 1967	FI	48 57,8%	34 50,7%
	FII	35 42,2%	33 49,3%
	Total	83 100%	67 100%

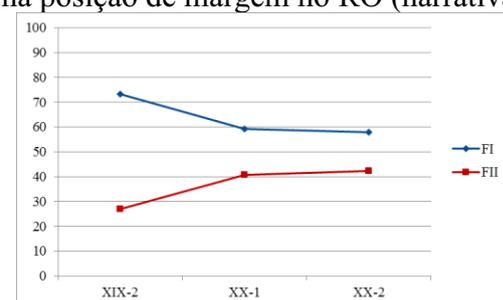
**Gráfico 52a** – Frequência (%) de formas na posição de margem no RO (teatro)



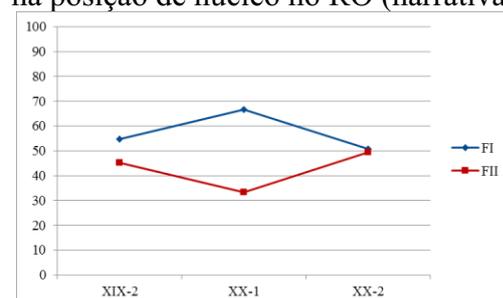
**Gráfico 52b** – Frequência (%) de formas na posição de núcleo no RO (teatro)



**Gráfico 53a** – Frequência (%) de formas na posição de margem no RO (narrativa)



**Gráfico 53b** – Frequência (%) de formas na posição de núcleo no RO (narrativa)



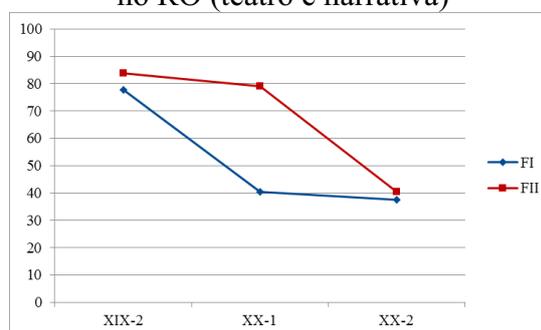
Na tabela 49 e respectivos gráficos, quando não foram considerados os gêneros textuais individualmente, os dados do RO representavam estabilidade e variação inexpressiva quanto à posição dos demonstrativos no SN. Nos gráficos referentes ao gênero textual de teatro (52a e 52b) e de narrativa (53a e 53b), tampouco se aponta mudança diacrônica significativa. Os valores verificados nos gráficos que se destacam – mais discrepantes entre FI e FII no teatro e mais emparelhados entre as formas na narrativa – se assemelham às frequências gerais das formas sem os critérios de posição no SN (cf. tabelas 6 e 7 e gráficos 6 e 7).

A posição dos demonstrativos no SN pode, ainda, ser analisada juntamente com os dados das formas reforçadas e simples. Como as formas reforçadas possuem itens lexicais específicos para posição de margem e de núcleo do SN, e as formas simples enfrentam restrição à posição de margem (isto é, não podem estar em posposição), espera-se encontrar valores diferentes daqueles verificados até aqui.

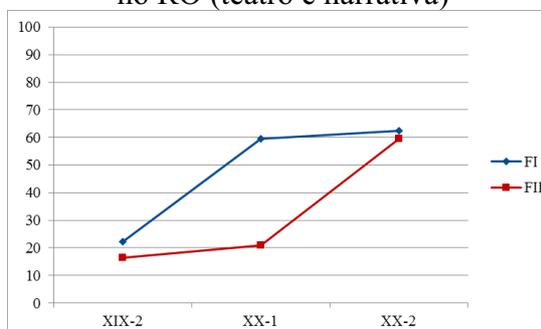
**Tabela 54** – Frequência de formas reforçadas e simples por posição no SN no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma	Posição		
		PM	PN	
XIX-2	FI	R	105 77,8%	20 24,1%
		S	30 22,2%	63 75,9%
		Total	135 100%	83 100%
	FII	R	36 83,7%	23 59%
		S	7 16,3%	16 41%
		Total	43 100%	39 100%
XX-1	FI	R	47 40,5%	8 7,5%
		S	69 59,5%	99 92,5%
		Total	116 100%	107 100%
	FII	R	45 79%	17 85%
		S	12 21%	3 15%
		Total	57 100%	20 100%
XX-2	FI	R	39 37,5%	5 4,7%
		S	65 62,5%	101 95,3%
		Total	104 100%	106 100%
	FII	R	17 40,5%	8 16,7%
		S	25 59,5%	40 83,3%
		Total	42 100%	48 100%

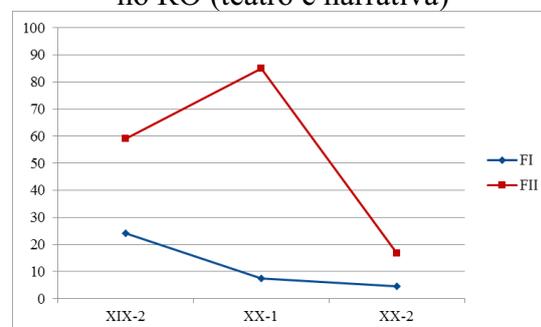
**Gráfico 54a** – Frequência (%) de formas reforçadas na margem do SN no RO (teatro e narrativa)



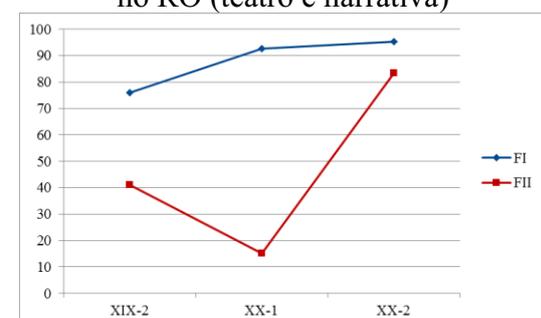
**Gráfico 54b** – Frequência (%) de formas simples na margem do SN no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 54c** – Frequência (%) de formas reforçadas no núcleo do SN no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 54d** – Frequência (%) de formas simples no núcleo do SN no RO (teatro e narrativa)

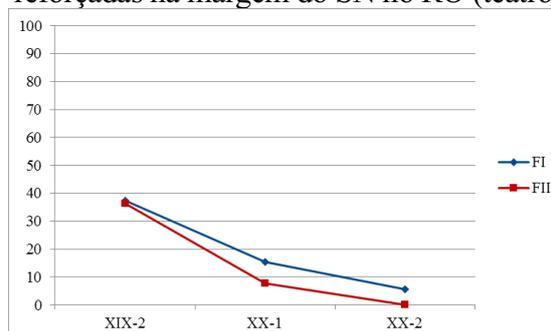


Os gráficos referentes à posição de margem do SN (54a e 54b) ilustram a mudança já constatada de queda na frequência de formas reforçadas e aumento de formas simples, de modo gradual, com FII um pouco mais lento no processo. Esse atraso de FII ressalta-se mais nos gráficos correspondentes à posição de núcleo do SN (54c e 54d), comportamento que pode ser verificado ao analisar os dados por gênero textual, individualmente.

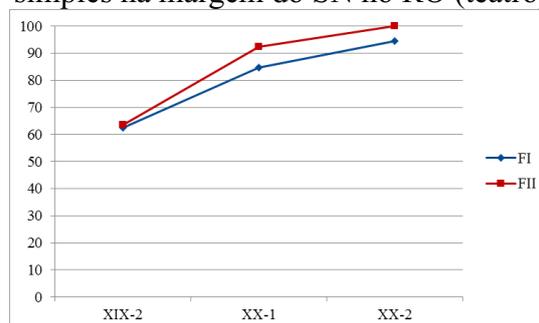
**Tabela 55** – Frequência de formas reforçadas e simples por posição no SN no RO (teatro)

Século	Forma	Posição		
		PM	PN	
XIX-2 SCR-DAL 1884-85	FI	R	18 37,5%	4 6,1%
		S	30 62,5%	62 93,9%
		Total	48 100%	66 100%
	FII	R	4 36,4%	9 36%
		S	7 63,6%	16 64%
		Total	11 100%	25 100%
XX-1 JOC 1939	FI	R	8 15,4%	1 1,3%
		S	44 84,6%	78 98,7%
		Total	52 100%	79 100%
	FII	R	1 7,7%	3 50%
		S	12 92,3%	3 50%
		Total	13 100%	6 100%
XX-2 MIE 1958	FI	R	3 5,5%	—
		S	52 94,5%	73 100%
		Total	55 100%	73 100%
	FII	R	—	—
		S	6 100%	16 100%
		Total	6 100%	16 100%

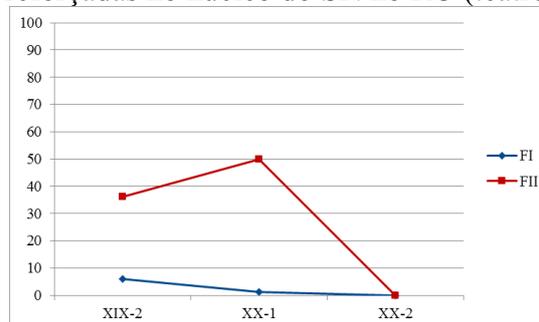
**Gráfico 55a** – Frequência (%) de formas reforçadas na margem do SN no RO (teatro)



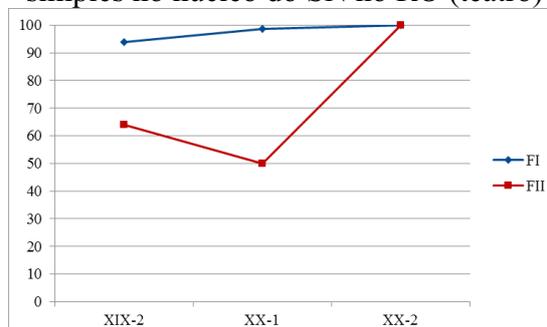
**Gráfico 55b** – Frequência (%) de formas simples na margem do SN no RO (teatro)



**Gráfico 55c** – Frequência (%) de formas reforçadas no núcleo do SN no RO (teatro)



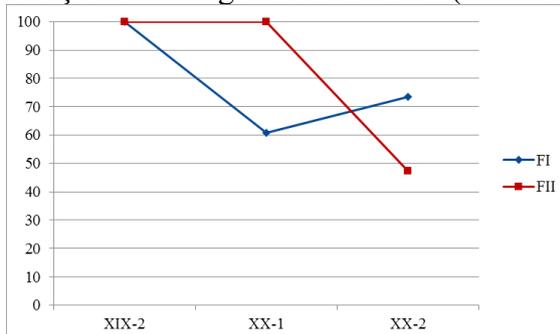
**Gráfico 55d** – Frequência (%) de formas simples no núcleo do SN no RO (teatro)



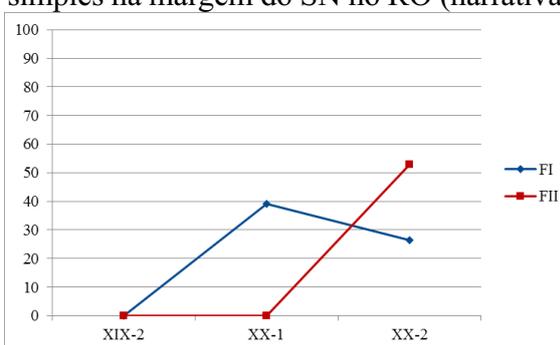
**Tabela 56** – Frequência de formas reforçadas e simples por posição no SN no RO (narrativa)

Século	Forma	Posição		
		PM	PN	
XIX-2 CIO 1862	FI	R	87 100%	16 94,1%
		S	—	1 5,9%
		Total	87 100%	17 100%
	FII	R	32 100%	14 100%
		S	—	—
		Total	32 100%	14 100%
XX-1 TAR 1926	FI	R	39 60,9%	7 25%
		S	25 39,1%	21 75%
		Total	64 100%	28 100%
	FII	R	44 100%	14 100%
		S	—	—
		Total	44 100%	14 100%
XX-2 MOR 1967	FI	R	36 73,5%	5 15,2%
		S	13 26,5%	28 84,8%
		Total	49 100%	33 100%
	FII	R	17 47,2%	8 25%
		S	19 52,8%	24 75%
		Total	36 100%	32 100%

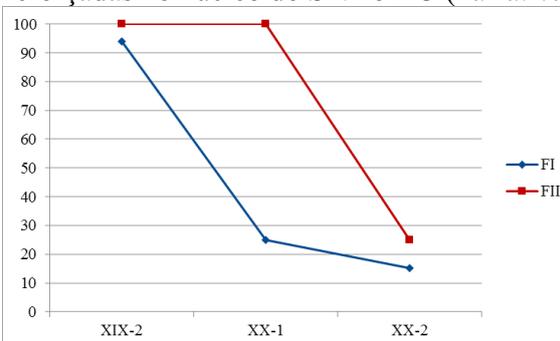
**Gráfico 56a** – Frequência (%) de formas reforçadas na margem do SN no RO (narrativa)



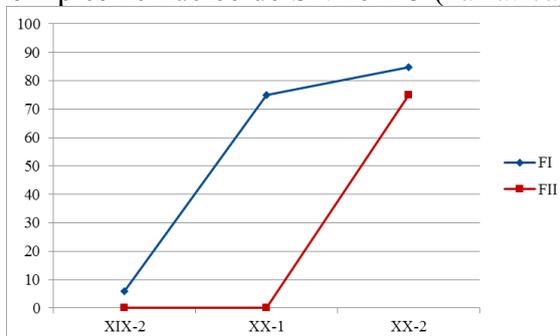
**Gráfico 56b** – Frequência (%) de formas simples na margem do SN no RO (narrativa)



**Gráfico 56c** – Frequência de (%) formas reforçadas no núcleo do SN no RO (narrativa)



**Gráfico 56d** – Frequência de (%) formas simples no núcleo do SN no RO (narrativa)



Nos dados obtidos dos textos narrativos, observa-se que os gráficos de formas reforçadas (56c e 56b) e simples (56b e 56d) se assemelham entre si, acompanhando a tendência

de queda da frequência do primeiro grupo e de aumento do segundo. Além disso, o padrão fornecido pelos quatro gráficos não diverge muito daquele apresentado pelos gráficos 9a e 9b, quando o critério de posição no SN não fora considerado. Permanece, até aqui, no entanto, retardo de FII, ora em redução ora em aumento na frequência ao longo do tempo.

Os gráficos de frequência de formas em posição de margem no gênero textual das peças de teatro no RO (cf. gráficos 56a e 56c) apontam, também, para padrão já verificado anteriormente através dos gráficos 8a e 8b, ou seja, as variáveis de posição no SN não se mostram relevantes no comportamento diacrônico de FI e FII. Esta última, entretanto, quando em posição de núcleo do SN, apresenta padrão similar ao verificado anteriormente nos dados diacrônicos (cf. gráficos 54b e 54d), reforçando o caráter mais lento de FII no processo de mudança.

#### 7.4.2 Ordem no SN

A análise da ordem dos demonstrativos no SN se refere à posição do demonstrativo, somente quando em margem no SN, em relação ao nome que o mesmo qualifica. Por essa razão, os demonstrativos em posição de núcleo do SN não são considerados nesta análise. As formas são classificadas como *antepostas* ou *pospostas* ao núcleo do SN.

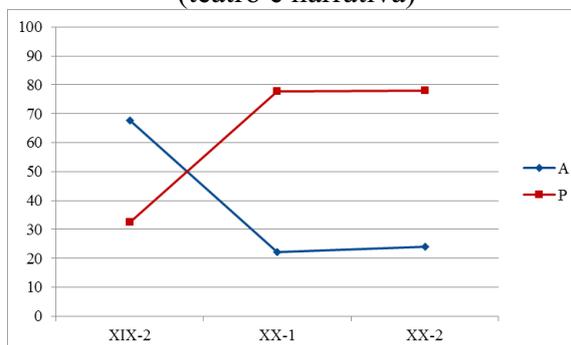
No PB, há demonstrativo apenas anteposto e nenhuma ocorrência de demonstrativo empregado após o núcleo do SN foi verificada, razão pela qual não se apresenta tabela ou gráfico sobre esse aspecto. A posposição de demonstrativos no português é realmente bastante rara (RAMALHO, 2012, p. 46), embora seja mais atestada no PB do que no PE (RAMALHO, 2012, p. 54)

Em RO, ao contrário do PB, os dados são amplamente distribuídos entre as categorias de ordem das formas, no caso, anteposição e posposição. Os valores encontrados estão dispostos adiante diacronicamente, por formas e por gênero textual:

**Tabela 57** – Frequência de formas por ordem no SN no RO (teatro e narrativa)

Século	Ordem		Total
	A	P	
XIX-2	121 67,6%	58 32,4%	179 100%
XX-1	39 22,3%	136 77,7%	175 100%
XX-2	35 24,1%	110 75,9%	145 100%

**Gráfico 57** – Frequência (%) de formas por ordem no SN no RO (teatro e narrativa)



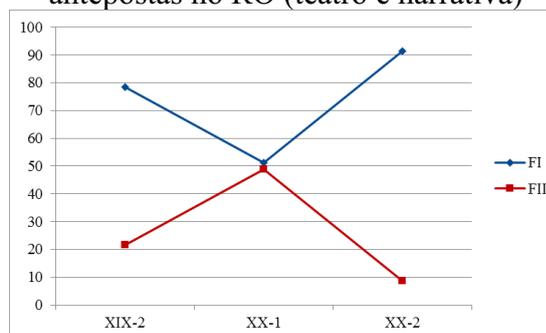
Preliminarmente, pode-se constatar que a posposição parece ganhar espaço ao longo do tempo no RO, em detrimento da anteposição. A mudança, considerando apenas o espectro diacrônico, se dá em XX-1, quando 77,7% das ocorrências de demonstrativos em margem no SN são pospostos, enquanto 22,3% são antepostos, situação quase oposta à verificada em XIX-2. Esses valores se mantêm estáveis no período seguinte (XX-2).

Busca-se, portanto, entender como tal mudança se deu entre FI e FII, a fim de verificar discrepâncias entre uma forma e outra no decorrer do tempo.

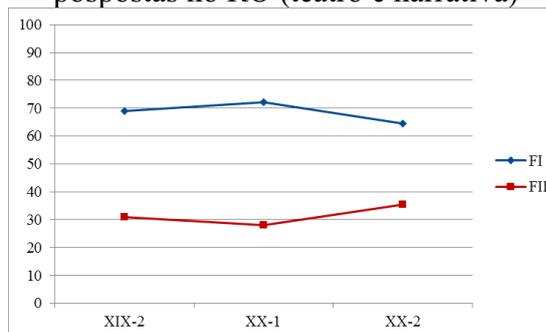
**Tabela 58** – Frequência de formas por ordem no SN no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma	Ordem	
		A	P
XIX-2	FI	95 78,5%	40 69%
	FII	26 21,5%	18 31%
	Total	121 100%	58 100%
XX-1	FI	20 51,3%	98 72,1%
	FII	19 48,7%	38 27,9%
	Total	39 100%	136 100%
XX-2	FI	32 91,4%	71 64,5%
	FII	3 8,6%	39 35,5%
	Total	35 100%	110 100%

**Gráfico 58a** – Frequência (%) de formas antepostas no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 58b** – Frequência (%) de formas pospostas no RO (teatro e narrativa)



Como se pode observar, a frequência de FI e FII permanece estável quando em posposição no SN durante o período analisado. Quando antepostas no SN, FI e FII não se enquadram em um padrão diacrônico progressivo, apresentando emparelhamento de frequência em XX-1 (51,3% para FI, 48,7% para FII).

É necessário, além disso, analisar os dados separadamente por gênero textual, de modo a assegurar qualquer motivação envolvendo FI e FII nas frequências de anteposição e posposição no SN.

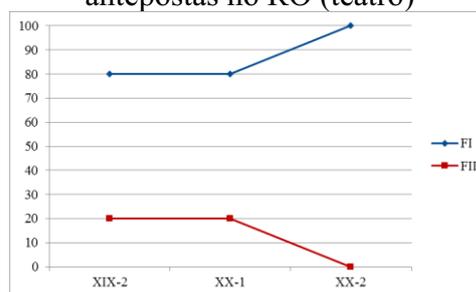
**Tabela 59** – Frequência de formas por ordem no SN no RO (teatro)

Século/ Texto	Forma	Ordem	
		A	P
XIX-2 SCR-DAL 1884-85	FI	16 80%	32 80%
	FII	4 20%	8 20%
	<b>Total</b>	20 100%	40 100%
XX-1 JOC 1939	FI	4 80%	50 80,6%
	FII	1 20%	12 19,4%
	<b>Total</b>	5 100%	62 100%
XX-2 MIE 1958	FI	2 100%	53 89,8%
	FII	—	6 10,2%
	<b>Total</b>	2 100%	59 100%

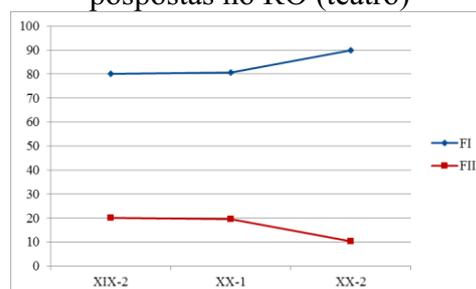
**Tabela 60** – Frequência de formas por ordem no SN no RO (narrativa)

Século/ Texto	Forma	Ordem	
		A	P
XIX-2 CIO 1862	FI	79 78,2%	8 44,4%
	FII	22 21,8%	10 55,6%
	<b>Total</b>	101 100%	18 100%
XX-1 TAR 1926	FI	16 47,1%	48 64,9%
	FII	18 52,9%	26 35,1%
	<b>Total</b>	34 100%	74 100%
XX-2 MOR 1967	FI	30 90,9%	18 35,3%
	FII	3 9,1%	33 64,7%
	<b>Total</b>	33 100%	51 100%

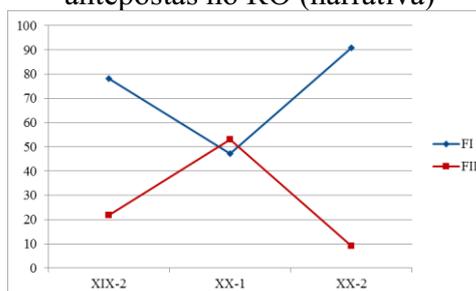
**Gráfico 59a** – Frequência (%) de formas antepostas no RO (teatro)



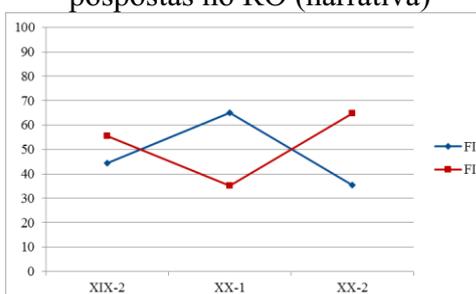
**Gráfico 59b** – Frequência (%) de formas pospostas no RO (teatro)



**Gráfico 60a** – Frequência (%) de formas antepostas no RO (narrativa)



**Gráfico 60b** – Frequência (%) de formas pospostas no RO (narrativa)



A relativa estabilidade na frequência de FI e FII se observa mais claramente no gênero teatral (cf. gráficos 59a e 59b). A discrepância verificada nos valores de anteposição (ilustradas anteriormente pelo gráfico 58a) se deve aos valores obtidos no gênero narrativo (cf. tabela 60 e gráfico 60a), com emparelhamento semelhante de FI e FII em XX-1.

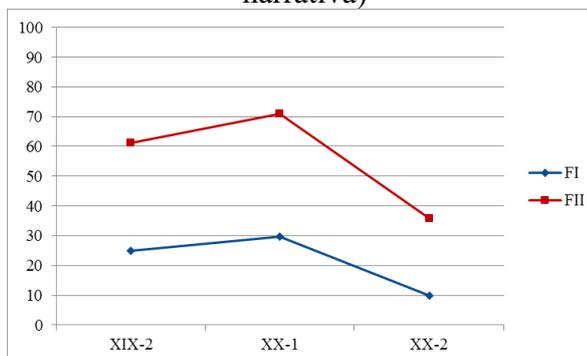
As formas reforçadas no RO podem ajudar a detalhar ou, até mesmo, eliminar esse padrão assimétrico verificado nas formas antepostas, já que os dados de formas simples não

podem ser atribuídos à ordem de anteposição no SN e, portanto, os valores de FI e FII são devidamente divididos em dois grupos independentes.

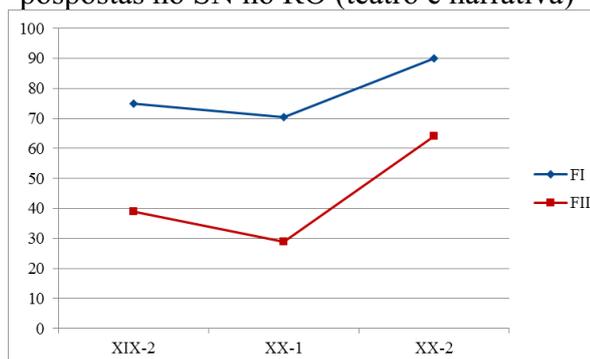
**Tabela 61** – Frequência de formas reforçadas e simples por ordem no SN no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma	Ordem		
		A	P	
XIX-2	FI	R	95 100%	10 25%
		S	—	30 75%
		Total	95 100%	40 100%
	FII	R	25 100%	11 61,1%
		S	—	7 38,9%
		Total	25 100%	18 100%
XX-1	FI	R	18 100%	29 29,6%
		S	—	69 70,4%
		Total	18 100%	98 100%
	FII	R	18 100%	27 71,1%
		S	—	11 28,9%
		Total	18 100%	38 100%
XX-2	FI	R	32 100%	7 9,9%
		S	—	64 90,1%
		Total	32 100%	71 100%
	FII	R	3 100%	14 35,9%
		S	—	25 64,1%
		Total	3 100%	39 100%

**Gráfico 61a** – Frequência (%) de formas reforçadas pospostas no SN no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 61b** – Frequência (%) de formas simples pospostas no SN no RO (teatro e narrativa)<sup>45</sup>



De fato, com FI e FII separados por grupos de formas reforçadas e simples, os dados se tornam menos discrepantes, visto que os valores de FI e FII em posposição são analisados separadamente.

<sup>45</sup> Não há gráfico para a frequência de formas antepostas no RO (teatro e narrativa), porque todas as ocorrências de antepostas no *corpus* são com formas reforçadas.

Na tabela 61, observa-se através dos valores absolutos a preferência de formas reforçadas pela posição anteposta em XIX-2 (para FI e FII) e XX-2 (para FI). Quando, comparativamente, a proporção de formas reforçadas pospostas é maior que a de antepostas (como em XX-1, por exemplo), não há anteposição de formas simples. Esse comportamento endossa a afirmação de Berea-Gâgeanu (1983, p. 107) sobre a ocorrência menos comum de *acest/accel* (formas reforçadas) em posposição.

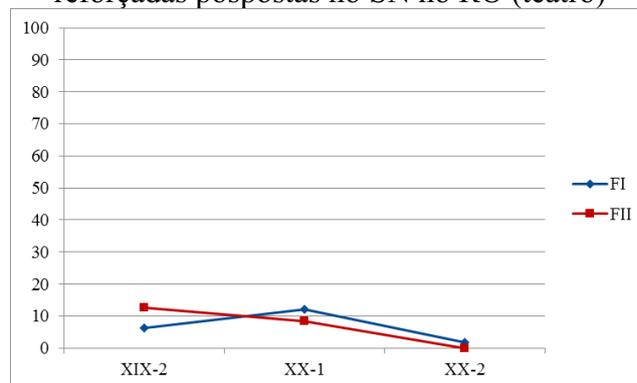
Nos gráficos, constatam-se resultados diferentes dos observados anteriormente: a frequência de formas reforçadas segue a tendência já verificada de queda, ao passo que as formas simples registram aumento na frequência ao longo do tempo. No entanto, os gráficos 61a e 61b apontam um progresso mais gradual daquele verificado com outros critérios (número, caso, posição), o que levanta a suspeita de os gêneros textuais influenciarem divergentemente na mudança envolvendo as formas reforçadas e simples em curso.

Analisando, portanto, cada gênero separadamente, têm-se os seguintes dados:

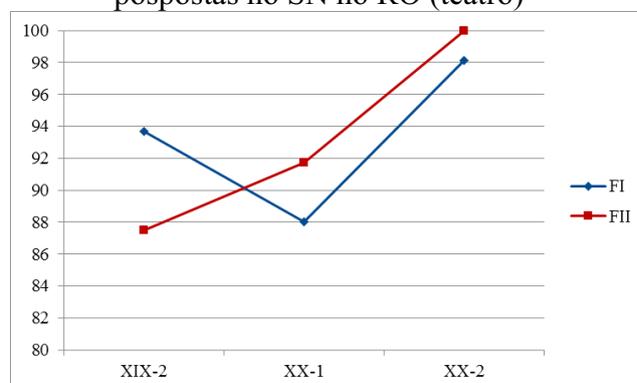
**Tabela 62** – Frequência de formas reforçadas e simples por ordem no SN no RO (teatro)

Século	Forma	Ordem		
		A	P	
XIX-2 SCR-DAL 1884-85	FI	R	16 100%	2 6,3%
		S	—	30 93,7%
		Total	16 100%	32 100%
	FII	R	3 100%	1 12,5%
		S	—	7 87,5%
		Total	3 100%	8 100%
XX-1 JOC 1939	FI	R	2 100%	6 12%
		S	—	44 88%
		Total	2 100%	50 100%
	FII	R	—	1 8,3%
		S	—	11 91,7%
		Total	—	12 100%
XX-2 MIE 1958	FI	R	2 100%	1 1,9%
		S	—	52 98,1%
		Total	2 100%	53 100%
	FII	R	—	—
		S	—	6 100%
		Total	—	6 100%

**Gráfico 62a** – Frequência (%) de formas reforçadas pospostas no SN no RO (teatro)



**Gráfico 62b** – Frequência (%) de formas simples pospostas no SN no RO (teatro)<sup>46</sup>

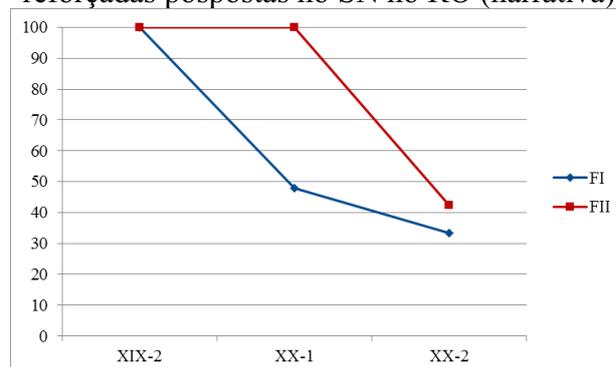


<sup>46</sup> Não há gráfico para a frequência de formas antepostas no RO (teatro), porque todas as ocorrências de antepostas no *corpus* são com formas reforçadas.

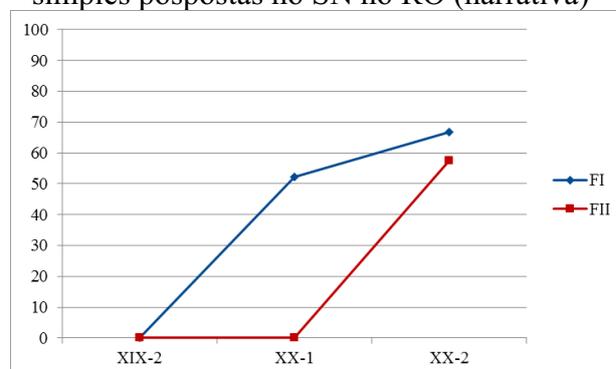
**Tabela 63** – Frequência de formas reforçadas e simples por ordem no SN no RO (narrativa)

Século	Forma		Ordem	
			A	P
XIX-2 CIO 1862	FI	R	79 100%	8 100%
		S	—	—
		Total	79 100%	8 100%
	FII	R	22 100%	10 100%
		S	—	—
		Total	22 100%	10 100%
XX-1 TAR 1926	FI	R	16 100%	23 47,9%
		S	—	25 52,1%
		Total	16 100%	48 100%
	FII	R	18 100%	26 100%
		S	—	—
		Total	18 100%	26 100%
XX-2 MOR 1967	FI	R	30 100%	6 33,3%
		S	—	12 66,7%
		Total	30 100%	18 100%
	FII	R	3 100%	14 42,4%
		S	—	19 57,6%
		Total	3 100%	33 100%

**Gráfico 63a** – Frequência (%) de formas reforçadas pospostas no SN no RO (narrativa)



**Gráfico 63b** – Frequência (%) de formas simples pospostas no SN no RO (narrativa)<sup>47</sup>



Pode-se concluir, com base nos últimos dados apresentados, que os demonstrativos reforçados em posposição no SN estão em queda, tanto no gênero teatral (além da baixa expressividade) quando no gênero narrativo, com destaque para a mudança mais lenta de FII (queda na frequência verificada apenas a partir de XX-2).

Por outro lado, a frequência de demonstrativos simples em posposição no SN acompanha a tendência constatada em outros critérios de análise, tornando-se mais frequente em uso em ambos os gêneros textuais.

Quanto à frequência de anteposição, as tabelas 62 e 63 demonstram queda nas ocorrências ao longo do tempo, principalmente no gênero teatral. Pode-se estabelecer,

<sup>47</sup> Não há gráfico para a frequência de formas antepostas no RO (narrativa), porque todas as ocorrências de antepostas no *corpus* são com formas reforçadas.

naturalmente, uma relação mútua na frequência das formas reforçadas e ordem anteposta: se a frequência de formas reforçadas diminui, a tendência é de diminuição direta na frequência de anteposição, já que esta só se manifesta através desse grupo de formas. Em outras palavras, o predomínio de formas simples implica, inevitavelmente, redução de ordem anteposta no SN.

Tais conclusões acerca da ordem dos demonstrativos no SN vão ao encontro de outros estudos, cujas discussões indicam a preferência pela posposição: a) em língua falada (NICULA, 2009, p. 185) ou registro coloquial (MANOLIU-MANEA, 1998, p. 185); b) em linguagem literária atual, por conta da tendência natural de economia e simplificação linguística, ao eliminar a redundância flexional (BEREA-GÂGEANU, 1983, p. 114); c) devido à tendência de ausência de flexão de caso (G-D) em formas reforçadas pospostas (NICULA, 2009, p. 185; BEREAGÂGEANU, 1983, p. 114).

### 7.4.3 Adjunção adverbial

Arelado à simplificação do inventário<sup>48</sup> dos demonstrativos do português, exerce função relevante na língua em uso o processo de **adjunção adverbial**, abordado, inclusive, por alguns dos autores citados nessa seção. No caso do português, trata-se do emprego dos advérbios *aqui/aí/ali/lá* junto aos demonstrativos para expressar, em função dêitica, localização mais precisa do referente.

Jungbluth (2004-2005, p. 83) justifica a adjunção adverbial no sistema do português brasileiro por utilizar, na fala, apenas dois demonstrativos e, por isso, segundo a autora, estaria a língua do Brasil num processo semelhante ao que passou a língua francesa: um uso quase obrigatório de demonstrativo-advérbio.

Marine (2009, p. 207) também menciona o “uso de dêiticos espaciais reforçados por advérbios locativos” e aponta autores e seus estudos que confirmam tal fenômeno, a saber: Câmara Júnior (1971; 1975), Castilho (1978, 1993), Pavani (1987) e Roncarati (2003). Além desses, Cambraia e Bianchet (2008) verificam, não somente no português, como no romeno e em outras línguas românicas o processo de adjunção adverbial.

No entanto, no *corpus* aqui analisado, tanto no PB quanto no RO, a adjunção adverbial não demonstrou ser um fenômeno comum, como se observa pelos valores obtidos dispostos nas tabelas adiante.

---

<sup>48</sup> Conceito depreendido de Cambraia e Bianchet (2009).

**Tabela 64** – Frequência de formas por adjunção adverbial no PB (teatro e narrativa)

Século	Adjunção Adverbial		Total
	Presente	Ausente	
XIX-2	1 0,3%	299 99,7%	300 100%
XX-1	—	300 100%	300 100%
XX-2	—	300 100%	300 100%

**Tabela 65** – Frequência de formas por adjunção adverbial no RO (teatro e narrativa)

Século	Adjunção Adverbial		Total
	Presente	Ausente	
XIX-2	—	300 100%	300 100%
XX-1	1 0,3%	299 99,7%	300 100%
XX-2	—	300 100%	300 100%

Acima nas tabelas, verifica-se apenas um caso de adjunção adverbial no PB e um no RO, que se transcrevem a seguir:

- (01) (Risos, alguns protestos) pra mim, pra mim, *isso ai* não é briga, é excursão pelo Rio de Janeiro, só faltou incluir visita ao Museu do Índio.. (RAS [FILHO, 1974, p. 93])
- (02) — Prin asemenea locuri, ne zise el c-un fel de mândrie, nu mai poate răzbate nimeni de pe la dumneavoastră la o vreme ca asta. Aftamobil, droșcă, - *asta aici* nu merge! sfârși el cu dispreț, îndemnând caii și punând iar umărul la leucă. (TAR [SADOVEANU, 1926, p. 30])  
[Tradução nossa: “— Nesses lugares, ele nos disse com uma espécie de orgulho, ninguém pode fugir de você em um momento como este. Aftamobil, droga - *isto aqui* não funciona! ele terminou com desprezo, incitando os cavalos e encolhendo os ombros novamente.”]

Não se pode, portanto, através da pequena amostragem obtida a partir dos dados coletados neste estudo, corroborar as hipóteses dos autores citados anteriormente de um processo de adjunção adverbial no PB e no RO.

Há, no entanto, alguns casos interessantes de proximidade entre advérbio e ED (expressão demonstrativa), mas em padrões diferentes dos dois dados acima apresentados:

a) Advérbio de lugar de proximidade/distância especificado por uma ED:

- (03) MENDIGO O serviço está bem organizado. **Aqui** *nesta* igreja, por exemplo, estão (*Lê*) 234 pessoas de luto, sendo 183 senhoras. (DEU [CAMARGO, 1932, p. 9])
- (04) MARIA (Indignada) Pois eu vou mostrar ao senhor! (Sai apressada - o SENHOR levanta-se, visivelmente contente, e vai à porta da entrada espreitar, MARIA volta, trazendo um canudo de lata). Está tudo **aqui** *nesta* canudo! (Entrega-o.) Faça o favor de ver! (O senhor retira os desenhos e examina-os rapidamente) - O senhor está muito enganado! Jucá é o homem mais inteligente do mundo! (DEU [CAMARGO, 1932, p. 11])
- (05) O filho da puta fora literal e Jean não se enganara em seu lampejo de clarividência. Todo aquele papo de Goldstein não passava de uma reprodução de certas ideias expostas pelo Aldásio **ali** *naquela* mesma sala, no dia anterior, a propósito de negócios, mulheres, útero, Brasil e coisas afins. (AMA [SANT’ANNA, 1986, p. 41])

Nos três exemplos pertencentes à categoria de ED enquanto especificador de advérbio de lugar (proximidade/distância), as formas corroboram a noção de proximidade (F1) e distância (F3) das gramáticas tradicionais, visto que em (03) e (04) a forma F1 (*nesta, neste*, respectivamente) qualificam o advérbio *aqui*, e em (05) a forma F3 (*naquela*) é um especificador do advérbio *ali*.

b) Núcleo da ED especificado por oração relativa com advérbio de lugar de proximidade/distância:

- (06) NANCY Mas eu quero saber quem é você.  
 MENDIGO Eu sou *este que está aqui*... *Aquele que está lá fora* é outro...  
 NANCY *Aquele que está lá fora*?!  
 MENDIGO Sim. *Este mesmo que está aqui*, lá fora é outro. (DEU [CAMARGO, 1932, p. 38-39])
- (07) NANCY Péricles! (Péricles volta-se e deixa cair das mãos os dois pacotes). Como é perigosa a conquista da felicidade... (Afastando com o pé os pacotes de dinheiro). Como é inútil o dinheiro dos infelizes! Tenho a impressão de que sou uma lata de lixo, onde se atiram papéis sujos. Sabes quanto valem cem contos nas tuas mãos?  
 PÉRICLES Não, Nancy! Não!  
 NANCY Nada. Não tens a impressão de que *isto que aqui está* nem chega a ser dinheiro? (Apanhando um pacote). Estas notas são promessas. (Lendo). No Tesouro Nacional se [...] (DEU [CAMARGO, 1932, p. 40])

Assim como na categoria anterior, os exemplos (06) e (07) reforçam a ideia de associação entre os demonstrativos e o sentido de proximidade/distância. Embora a ED, nesses exemplos, seja especificada por oração relativa com advérbio de lugar, essa inversão de funções de demonstrativos e advérbios em relação à categoria anterior não demonstra alteração na concepção de F1/proximidade e F3/distância.

Quando o advérbio se encontra fora da ED, a relação entre forma e proximidade/distância não se mantém necessariamente como em (a) e (b), como nos casos seguintes:

c) Oração com advérbio de lugar de proximidade/distância fora da ED:

- (08) — Eu, porém, aduziu Kotelniji, conquanto permita nos outros certas licenças poéticas, tenho por princípio obedecer às mais duras e rígidas regras, não me afastar delas, encarcerar bem o meu pensamento. No meu caso, eu empregaria a vogal "a" para a harmonia em vista.  
 — Mas Tuque-Tuque... fez Worspikt.  
 — Ele empregou o "e" no tal verso que você citou, devido à pronúncia que *essa letra lá* tem. É um "e" molhado que evoca bem o luar deles, mas... (BRU [BARRETO, 1922, p. 9])
- (09) XICO BENTO — Nem por isso. Nas eleições passadas fizemos mais e não houve tanto barulho.  
Só o defunto Mathias sacristão votou seis vezes.

LIMOEIRO — *Isto lá* pelo seu lado; porque pelo de cá foram cinco. batidinhas, dadas por mim. Se ele ainda fosse vivo... coitado, Deus ponha a sua alma em bom lugar! (COM [JUNIOR, 1882, p. 38])

- (10) TOMA: Dumneaei are săptămîna viitoare concurs, dar eu am şedinţă azi.  
BONTAŞ: Ce caută *fata asta aici*, să ne încurce? (MIE [BARANGA, 1954, p. 53])  
[Tradução nossa:  
“TOMA: Ela tem um concurso na próxima semana, mas tenho uma reunião hoje.  
BONTAŞ: O que procura *esta garota aqui*, para nos confundir?”]
- (11) — Lovi-o-ar moartea de vorbă, de care nu te mai saturi, Ilie! Toa ziuă stai de vorbă şi beai la tutun şi mie îmi arde cămaşa pe mine. Dai alţii n-au treabă şi au chef de vorbă... *Copilul ăsta* plânge *aici* şi el stă poartă si bea tutun. Veniţi de la deal şi vă lungiţi ca vitele... şi eu să îmi singură o ceată de haidamaci... (MOR [PREDA, 1967, p. 5])  
[Tradução nossa: “A morte iria atingi-la, da qual você não se cansa, Elijah!” Você fala o dia todo e bebe tabaco e minha camisa queima em mim. Mas outros não têm trabalho e querem conversar ... *Esta criança* está chorando *aqui* e ela está sentada bebendo e bebendo fumo. Venha da colina e estique-se como gado ... e posso suportar sozinho um bando de vadios ...”]

No RO, apesar de os advérbios estarem fora da ED, a noção de proximidade se verifica com a forma F1 nos exemplos (10) e (11). No entanto, não há vínculo entre o demonstrativo e o advérbio de lugar nesses casos, como se observa no PB nos exemplos (08) e (09). Nestes dois últimos casos, o advérbio *lá* não está vinculado às formas F2 e F1, respectivamente, como é o caso dos exemplos em (a) e (b).

d) Advérbio de lugar de proximidade/distância no entorno da oração com ED:

- (12) CORINA: [...] Trezeşte-te! Ce ai vrut dumneata să ai mai mult în viaţă? Un vapor. Ei bine, îl ai.  
BOGOIU: Unde e?  
CORINA: **Aici**. *Ăsta* nu e un vapor? (JOC [SEBASTIAN, 1936, p. 37])  
[Tradução nossa:  
“CORINA: [...] Acorde! O que você queria mais na vida? Um barco. Bem, você o tem.  
BOGOIU: Onde está?  
CORINA: **Aqui**. *Este* não é um navio?”]

O exemplo (12) de (d) é semelhante aos casos apontados em (c), apenas divergindo sintaticamente. Com base apenas nesse trecho acima, confirma-se F1 em acordo com a delimitação espacial expressa pelo advérbio *aici*, na sentença imediatamente anterior. Contudo, como em (c), o advérbio está fora da ED e, portanto, não estaria necessariamente vinculado ao demonstrativo em seu entorno.

e) Advérbio de lugar de distância com função discursiva de ênfase:

- (13) LIMOEIRO — E não temos ainda um candidato.  
XICO BENTO — **Lá**, quanto a *isto*, é o que não falta. (COM [JUNIOR, 1882, p. 7])
- (14) LIMOEIRO — Se lhe parece, abandone-me e deixe-me aqui às moscas. Como já lhe dei a minha palavra e já está servido...  
XICO BENTO — Abandoná-lo ...? **Lá** *isso* não, porém... (COM [JUNIOR, 1882, p. 33])

- (15) XICO BENTO — Major, eu juro-lhes pelas cinzas de minha mulher... não, quero dizer...  
 PERPÉTUA — O que é *isso lá*?  
 XICO BENTO — Erraris humanus és. Quero dizer, Perpétua, que juro, por tudo quanto há de mais caro neste mundo, que não apanham n'outra. (COM [JUNIOR, 1882, p. 33])
- (16) XICO BENTO — Legeris et non inteligeris est negligeris. Pois, meu major, fique sabendo, que não me leva as lampas, porque também mandei escrever o meu artiguito, que a esta hora já deve estar publicado na Voz da Verdade, de que sou humilde assinante. Eis o rascunho.  
 LIMOEIRO — Leia *lá isso*, tenente-coronel. (COM [JUNIOR, 1882, p. 49])
- (17) Ouviu que estava perdido, completamente perdido; mas, que o fosse animando. Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza?...  
 — *Lá isso*, não, atalhou Rubião — para ele, morrer é negócio fácil. Nunca leu um livro que ele escreveu, há anos, não sei que negócio de filosofia. . . (QUI [ASSIS, 1891, p. 3])
- (18) OUTRO A vida não dá esmolos...  
 MENDIGO Dá! Dá a grande esmola, que nem todos sabem recolher: Experiência.  
 OUTRO *Lá isso* é verdade. Mas não compreendo que o senhor se demore na rua, sendo rico, tendo tanto conforto em sua casa.. (DEU [CAMARGO, 1932, p. 18])

Os exemplos descritos em (e) são os casos mais peculiares encontrados dentre aqueles envolvendo advérbios enquanto especificadores. Aqui, o advérbio de lugar de distância *lá* não expressa exatamente seu sentido original, cujas funções foram analisadas por Pereira e Ramos (2013). Em seu estudo, as autoras também confirmam que o advérbio *lá*, segundo pesquisas anteriores, se manifesta sem suas propriedades dêiticas e, portanto, pode funcionar como marcador enfático em diversas estruturas sintáticas (PEREIRA; RAMOS, 2013, p. 12).

Seguindo a classificação proposta pelas autoras, os casos (13), (14), (17) e (18) se enquadram no uso de *lá* em declarações enfáticas (PEREIRA; RAMOS, 2013, p. 26), com o advérbio em posição fixa no início de sentença. Esse sentido não se verifica em *lá* nos exemplos (15) e (16). Em (16), observa-se *lá* em sentença imperativa com função de tornar a ordem ou pedido mais gentil (PEREIRA; RAMOS, 2013, p. 20), enquanto em (15), se expressa surpresa.

#### f) Advérbio de lugar diferente de proximidade/distância dentro de uma ED:

- (19) CAVAFU: Vezi? Vezi cum poți să te nenorocești, dacă nu controlezi? (Concludent.) Asta e, trebuie să contro-lezi tot! (Lui Bontaș, care s-a urcat pe scară.) Dă jos graficele, să le văd și eu.  
 BONTAȘ: *Astea de sus* nu se observă. (MIE [BARANGA, 1954, p. 83])  
 [Tradução nossa:  
 “CAVAFU: Vê? Vê como você pode ser maldito se não controlar? (Concluindo.) É isso, você tem que controlar tudo! (Para Bontaș, que subiu a escada.) Pegue os gráficos para que eu possa vê-los.  
 BONTAȘ: *Estes de cima* não são perceptíveis.”]

*De sus* (“de cima”) é uma locução adverbial e, por estar junto à ED, considera-se este exemplo relevante. Contudo, a noção espacial expressa pelo advérbio não é suficiente para atribuir proximidade ou distância ao referente do demonstrativo em questão.

g) Advérbio de tempo próximo a uma ED:

- (20) — Bem, mas por que não lhe deu antes o nome de Bernardo? disse Rubião com o pensamento em um rival político da localidade.  
— *Esse agora* é o motivo particular. Se eu morrer antes, como presumo, sobreviverei no nome do meu bom cachorro. Ris-te, não? (QUI [ASSIS, 1891, p. 4])

Por fim, registra-se um advérbio de tempo que, assim como ocorre em (f), não delimita necessariamente a noção de proximidade ou distância. Entretanto, em (20), o advérbio *agora* veicula proximidade no tempo. Pode-se supor, então, que os advérbios temporais podem exercer função semelhante aos advérbios de lugar em adjunções com formas demonstrativas.

## **7.5 Semântica**

No campo semântico de análise, os dados das ocorrências de demonstrativos no *corpus* foram categorizados de acordo com cinco variáveis semântico-referenciais, a saber: valor referencial a) exofórico, b) endofórico, c) exo-endofórico, d) anamnético e e) indefinido. Adiante, nesta seção, serão discutidos os dados obtidos de acordo com a classificação proposta, bem como sua participação no emprego dos demonstrativos.

### **7.5.1 Valor referencial**

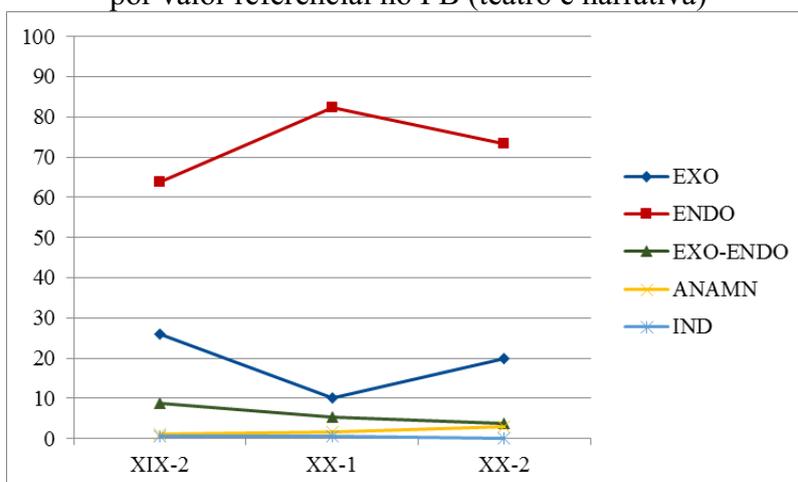
#### **7.5.1.1 Padrões gerais**

Neste segmento, apresentam-se as ocorrências encontradas nos textos conforme os critérios de valor referencial estabelecidos anteriormente, em conjunto, também, com os valores por forma. Os dados nas tabelas abaixo representam a frequência, por sincronia, de demonstrativos por valor referencial – neste caso, de exófora, endófora, exo-endófora, anamnético ou indefinido, no PB e no RO:

**Tabela 66** – Frequência de demonstrativos por valor referencial no PB (teatro e narrativa)

Século	Valor Referencial					Total
	EXO	ENDO	EXO-ENDO	ANAMN	IND	
XIX-2	78 26%	191 63,7%	26 8,7%	3 1%	2 0,7%	300 100%
XX-1	30 10%	247 82,3%	16 5,3%	5 1,7%	2 0,7%	300 100%
XX-2	60 20%	220 73,3%	11 3,7%	9 3%	—	300 100%

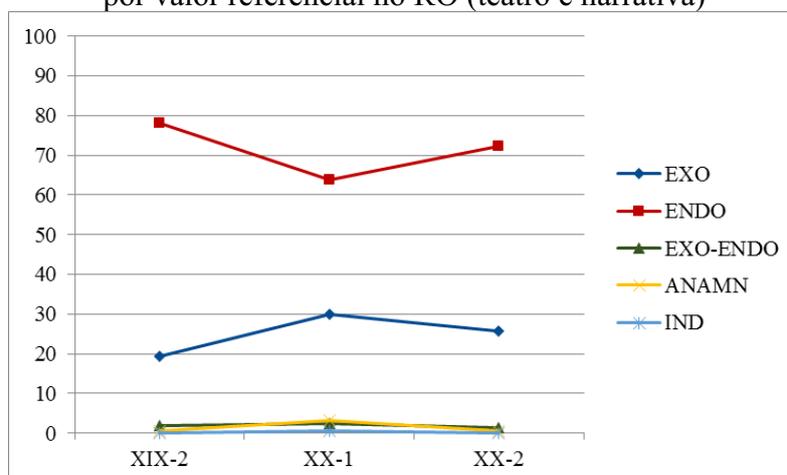
**Gráfico 64** – Frequência (%) de demonstrativos por valor referencial no PB (teatro e narrativa)



**Tabela 67** – Frequência de demonstrativos por valor referencial no RO (teatro e narrativa)

Século	Valor Referencial					Total
	EXO	ENDO	EXO-ENDO	ANAMN	IND	
XIX-2	58 19,3%	234 78%	6 2%	2 0,7%	—	300 100%
XX-1	90 30%	191 63,7%	7 2,3%	10 3,3%	2 0,7%	300 100%
XX-2	77 25,7%	217 72,3%	4 1,3%	2 0,7%	—	300 100%

**Gráfico 65** – Frequência (%) de demonstrativos por valor referencial no RO (teatro e narrativa)



Como se pode observar claramente, o predomínio de endófora se destaca em todas as sincronias em ambas as línguas, com frequência variando entre 63,7% e 83,3% de todas as ocorrências. Em seguida, com valores bem expressivos, aparecem os demonstrativos com valor referencial exofórico, cuja maior predominância em PB se dá em XIX-2 (26%) e, em RO, no período XX-1 (30%). Diacronicamente, porém, não se verificou uma mudança evidente em curso de acordo com os números referentes a ocorrências de endófora ou exófora. Os demais valores referenciais – no caso, exo-endofórico, anamnético e indefinido – apresentam frequência relativamente constante no PB e no RO ao longo do tempo, porém com valores pouco relevantes. Este resultado e a predominância constante de endófora sobre exófora no período analisado vão ao encontro dos resultados obtidos por Ramalho (2016, p. 182) no PB.

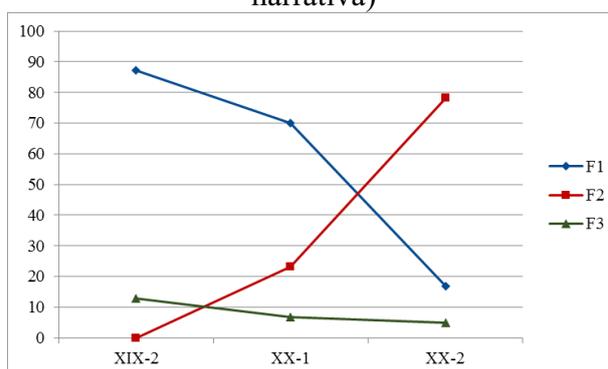
### 7.5.1.2 Referência exofórica

Especificamente em relação aos dados referentes às ocorrências de demonstrativos de valor exofórico, dispõem-se adiante os valores de frequência por formas no PB e no RO, de modo a identificar mudanças nesses critérios ao longo do tempo.

**Tabela 68** – Frequência de demonstrativos (exófora) no PB (teatro e narrativa)

Século	Forma			Total
	F1	F2	F3	
XIX-2	68 87,2%	—	10 12,8%	78 100%
XX-1	21 70%	7 23,3%	2 6,7%	30 100%
XX-2	10 16,7%	47 78,3%	3 5%	60 100%

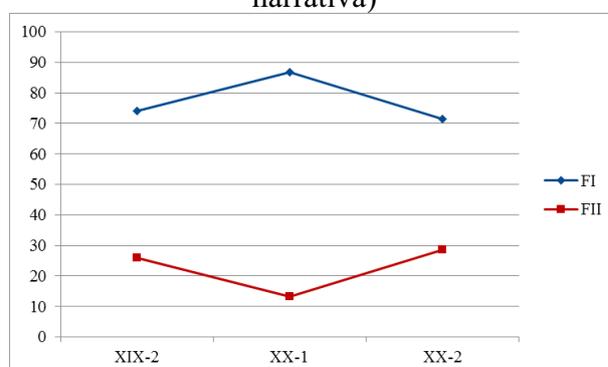
**Gráfico 66** – Frequência (%) de demonstrativos (exófora) no PB (teatro e narrativa)



**Tabela 69** – Frequência de demonstrativos (exófora) no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma		Total
	FI	FII	
XIX-2	43 74,1%	15 25,9%	58 100%
XX-1	78 86,7%	12 13,3%	90 100%
XX-2	55 71,4%	22 28,6%	77 100%

**Gráfico 67** – Frequência (%) de demonstrativos (exófora) no RO (teatro e narrativa)



Acima, nos dados do PB, nota-se expressivo e constante aumento de F2 a partir de XX-1, ao mesmo tempo que a frequência de F1 entra em declínio. F3, por sua vez, apresenta estabilidade ao longo do tempo. A princípio, pode-se atribuir tal comportamento à mudança já verificada de aumento de F2 e diminuição de F1, independente do valor exofórico aqui atribuído. No entanto, como será apresentado na seção 7.5.1.3, o comportamento de F1 e F2 com valor endofórico é diferente do que se verifica na tabela 68 e gráfico 66.

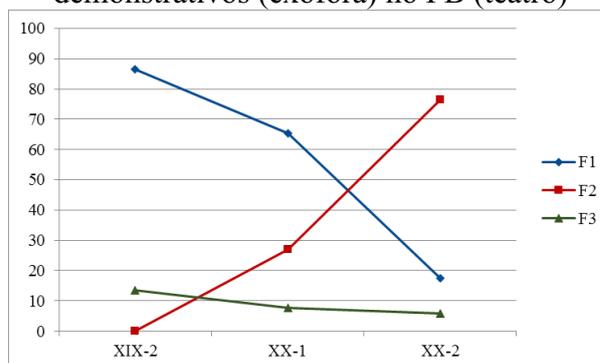
No RO, os valores de FI e FII com valor exofórico não revelam mudança significativa no eixo diacrônico de análise, permanecendo o padrão já constatado de predomínio de FI sobre FII.

Esmiuçando um pouco mais os dados obtidos de frequência de demonstrativos com valor exofórico no PB, obtêm-se os seguintes resultados por gênero textual dispostos em tabelas e gráficos:

**Tabela 70** – Frequência de demonstrativos (exófora) no PB (teatro)

Século	Forma			Total
	F1	F2	F3	
XIX-2	57 86,4%	—	9 13,6%	66 100%
XX-1	17 65,4%	7 26,9%	2 7,7%	26 100%
XX-2	9 17,6%	39 76,5%	3 5,9%	51 100%

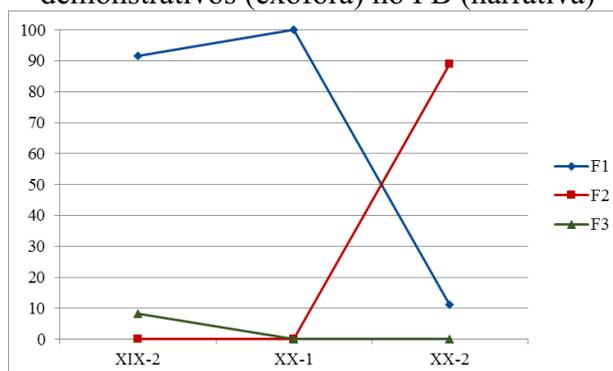
**Gráfico 68** – Frequência (%) de demonstrativos (exófora) no PB (teatro)



**Tabela 71** – Frequência de demonstrativos (exófora) no PB (narrativa)

Século	Forma			Total
	F1	F2	F3	
XIX-2	11 91,7%	—	1 8,3%	12 100%
XX-1	4 100%	—	—	4 100%
XX-2	1 11,1%	8 88,9%	—	9 100%

**Gráfico 69** – Frequência (%) de demonstrativos (exófora) no PB (narrativa)



No PB, os valores para exófora são bem mais elevados, por todo o período analisado, no gênero teatral do que no gênero narrativo, como mostram as tabelas 70 e 71, respectivamente. Essa discrepância está em conformidade com o que fora verificado por Ramalho (2016, p. 233), que a atribui ao maior número de interações entre os personagens e o seu entorno nas peças de teatro, “o que propicia maior quantidade de referências a elementos presentes na situação de enunciação utilizando a exófora” (RAMALHO, 2016, p. 234).

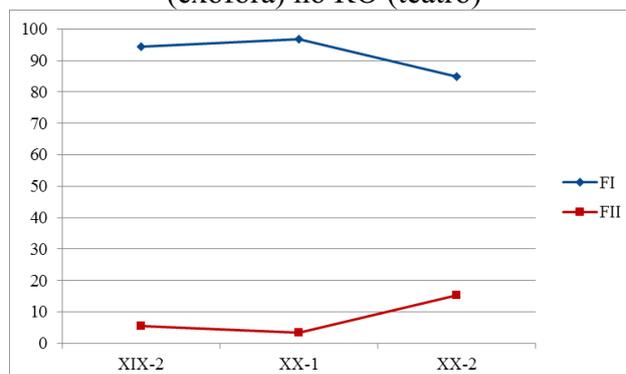
Embora diacronicamente, em ambos os gêneros textuais, F1 esteja em declínio e F2 em aumento de frequência, esta última apresenta menor predominância e processo mais lento de mudança nas narrativas (5,6% > 10% > 37,9%) do que nas peças teatrais de comédia (1,5% > 26,8% > 75,8%). F3, por sua vez, se mantém em relativa estabilidade nos dois gêneros textuais.

Como no PB, os dados de exófora no RO estão descritos a seguir separados por gênero textual e pelas formas FI e FII, de maneira que se possa confirmar novamente o quadro de estabilidade verificado anteriormente.

**Tabela 72** – Frequência de demonstrativos (exófora) no RO (teatro)

Século	Forma		Total
	FI	FII	
XIX-2	34 94,4%	2 5,6%	36 100%
XX-1	58 96,7%	2 3,3%	60 100%
XX-2	39 84,8%	7 15,2%	46 100%

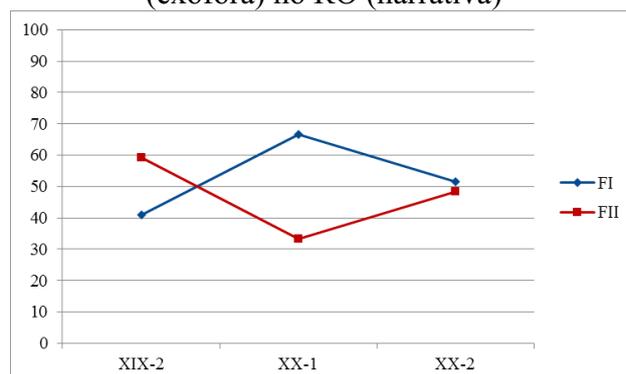
**Gráfico 70** – Frequência (%) de demonstrativos (exófora) no RO (teatro)



**Tabela 73** – Frequência de demonstrativos (exófora) no RO (narrativa)

Século	Forma		Total
	FI	FII	
XIX-2	9 40,9%	13 59,1%	22 100%
XX-1	20 66,7%	10 33,3%	30 100%
XX-2	16 51,6%	15 48,4%	31 100%

**Gráfico 71** – Frequência (%) de demonstrativos (exófora) no RO (narrativa)



No teatro, observa-se novamente constante frequência de demonstrativos com valor exofórico ao longo do tempo. O mesmo é observado no gênero narrativo, ainda que com pequenas variações (cf. gráfico 71) e com pouca discrepância entre os valores de FI e FII entre si (cf. tabela 73).

Chama a atenção a frequência menor de FII no gênero teatral em comparação ao gênero narrativo, principalmente em relação aos demonstrativos com valor exofórico, uma vez que, neste caso, têm comumente função dêitica (espacial, temporal etc.).

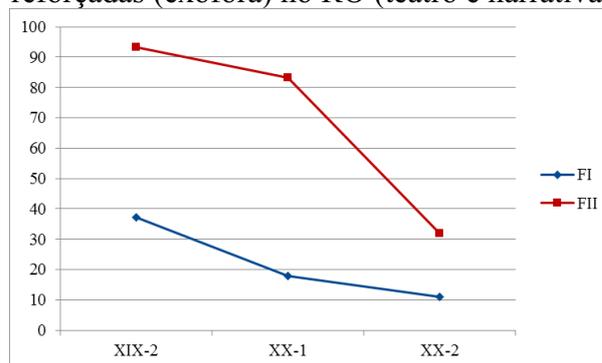
Assim como ocorre no PB, a exófora é numericamente mais abundante no gênero teatral que no narrativo no RO (cf. tabelas 72 e 73), embora com valores menos discrepantes daqueles verificados no PB (cf. tabelas 70 e 71).

Por fim, os dados adiante incluem os valores referentes às formas reforçadas e simples no RO, considerando as frequências de demonstrativos com valor referencial exofórico.

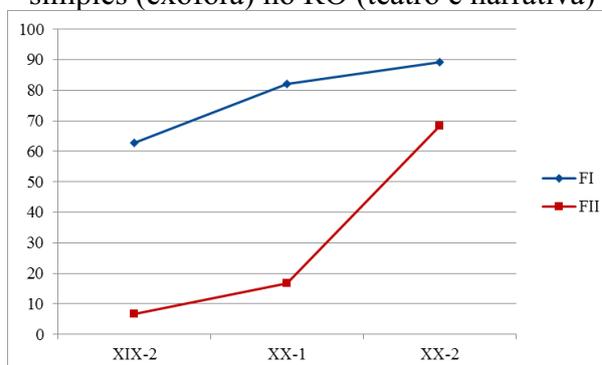
**Tabela 74** – Frequência de formas reforçadas e simples (exófora) no RO (teatro e narrativa)

Século		Forma	
		FI	FII
XIX-2	R	16 37,2%	14 93,3%
	S	27 62,8%	1 6,7%
	Total	43 100%	15 100%
XX-1	R	14 18%	10 83,3%
	S	64 82%	2 16,7%
	Total	78 100%	12 100%
XX-2	R	6 10,9%	7 31,8%
	S	49 89,1%	15 68,2%
	Total	55 100%	22 100%

**Gráfico 72a** – Frequência (%) de formas reforçadas (exófora) no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 72b** – Frequência (%) de formas simples (exófora) no RO (teatro e narrativa)



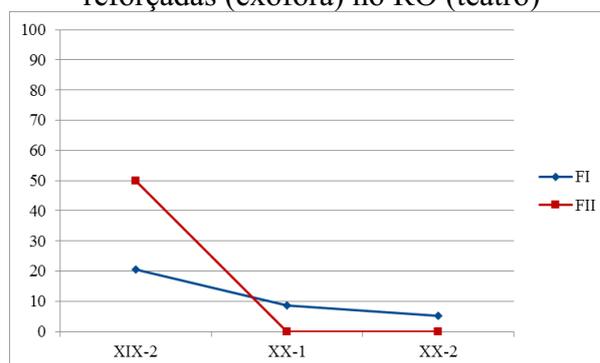
Os valores indicam progressiva diminuição na frequência de FI e FII enquanto formas reforçadas com valor exofórico (cf. gráfico 72a), enquanto a frequência de formas simples aumenta, tanto para FI quanto para FII (cf. gráfico 72b). Observa-se, também, discrepância distributiva nos valores de FI e FII, com predominância desta última com formas reforçadas (em comparação a FII com formas simples) e de FI com formas simples (em comparação a FI com formas reforçadas).

Resta analisar, portanto, como o processo de aumento e diminuição das formas simples e reforçadas, respectivamente, se comporta em cada gênero textual, separadamente, em busca de possíveis motivações atreladas às características próprias dos gêneros teatral e narrativo.

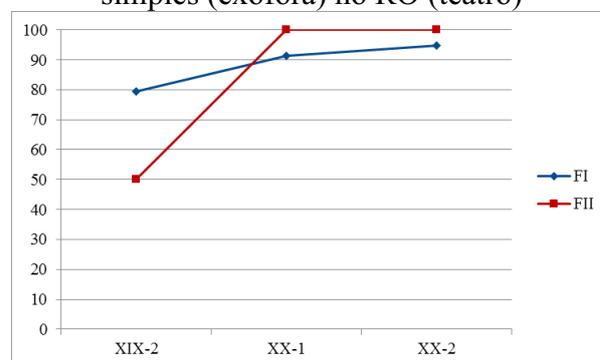
**Tabela 75** – Frequência de formas reforçadas e simples (exófora) no RO (teatro)

Século/ Texto		Forma	
		FI	FII
XIX-2 SCR- DAL 1884- 85	R	7 20,6%	1 50%
	S	27 79,4%	1 50%
	Total	34 100%	2 100%
XX-1 JOC 1939	R	5 8,6%	—
	S	53 91,4%	2 100%
	Total	58 100%	2 100%
XX-2 MIE 1958	R	2 5,1%	—
	S	37 94,9%	7 100%
	Total	39 100%	7 100%

**Gráfico 73a** – Frequência (%) de formas reforçadas (exófora) no RO (teatro)



**Gráfico 73b** – Frequência (%) de formas simples (exófora) no RO (teatro)

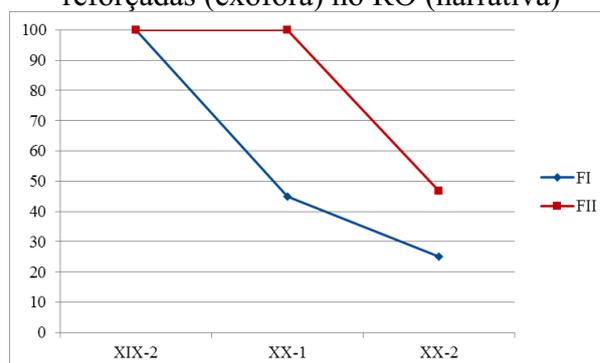


Nos textos teatrais, como já se esperava, as formas simples predominam em valores absolutos, principalmente a partir de XX-1. O aumento progressivo na frequência de formas simples e a diminuição de formas reforçadas se verificam no gênero textual em questão, com ausência de FII reforçado a partir de XX-1.

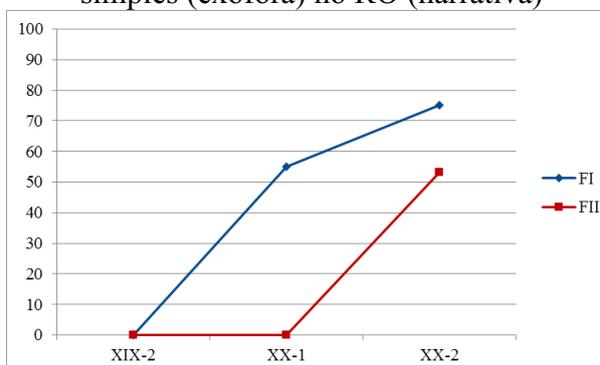
**Tabela 76** – Frequência de formas reforçadas e simples (exófora) no RO (narrativa)

Século/ Texto		Forma	
		FI	FII
XIX-2 CIO 1862	R	9 100%	13 100%
	S	—	—
	Total	9 100%	13 100%
XX-1 TAR 1926	R	9 45%	10 100%
	S	11 55%	—
	Total	20 100%	10 100%
XX-2 MOR 1967	R	4 25%	7 46,7%
	S	12 75%	8 53,3%
	Total	16 100%	15 100%

**Gráfico 74a** – Frequência (%) de formas reforçadas (exófora) no RO (narrativa)



**Gráfico 74b** – Frequência (%) de formas simples (exófora) no RO (narrativa)



Mesmo no gênero textual narrativo, do qual se espera comportamento linguístico mais conservador, a frequência de formas reforçadas também aponta para queda a partir de XX-1, ainda mais acentuada que no gênero teatral (cf. gráfico 74a). FII demonstra processo mais lento de mudança que FI, com variação verificada apenas em XX-2. Os demonstrativos de valor referencial exofórico no romeno confirmam o que já fora constatado em relação às formas reforçadas e simples: gradual diminuição do uso das primeiras e consequente aumento das segundas formas, em ambos os gêneros textuais.

Os demonstrativos com valor referencial exofórico, como já definido, vinculam-se a referentes que estão presentes no contexto do discurso e que nele não tenham sido mencionados anteriormente. Embora tenham essa característica em comum, esse grupo de demonstrativos detém especificidades funcionais que podem ser classificadas como disposto no quadro 15.

**Quadro 15** – Classificações de referência exofórica

Tipos de exófora	Definição
------------------	-----------

<b>Espacial</b>	o referente é qualquer objeto, entidade ou espaço
<b>Temporal</b>	o referente veicula sentido de tempo, seja em relação ao momento do discurso ou a outro evento
<b>Metatextual</b>	o referente é parte do texto/discurso no qual está inserido

Em estudos anteriores que compreendem o PB, a categoria de exófora presencial (RAMALHO, 2016, p. 212) – ou dêixis de pessoa (MARINE, 2009, p. 33) – é analisada singularmente. Neste estudo, tal classificação está contida nos parâmetros de exófora espacial, sendo, portanto, três categorias de referência com valor exofórico. Observou-se que a diferença entre uma categoria e outra se dava apenas no SN: na classificação de exófora espacial, o SN está dentro de um SP (“*nesta casa*”); em exófora presencial, o SN está “livre” (“*esta casa*”). Os valores atrelados às formas de demonstrativos e outros aspectos não se mostraram, na análise, suscetíveis a mudança se consideradas as referidas categorias como distintas.

As tabelas a seguir representam um comparativo geral entre o PB e o RO da distribuição dos valores de frequência de exóforas espacial (E), temporal (T) e metatextual (M), considerando os três períodos analisados, porém sem distinguir entre os gêneros textuais do *corpus*.

**Tabela 77** – Frequência de valores de exófora no PB (teatro e narrativa)

Século	Exófora			Total
	E	T	MT	
<b>XIX-2</b>	73 91,3%	5 6,3%	2 2,5%	80 100%
<b>XX-1</b>	23 76,7%	4 13,3%	3 10%	30 100%
<b>XX-2</b>	55 91,7%	5 8,3%	—	60 100%

**Tabela 78** – Frequência de valores de exófora no RO (teatro e narrativa)

Século	Exófora			Total
	E	T	MT	
<b>XIX-2</b>	30 55,6%	22 40,7%	2 3,7%	54 100%
<b>XX-1</b>	64 75,3%	21 24,7%	—	85 100%
<b>XX-2</b>	56 77,8%	16 22,2%	—	72 100%

O que se pode deprender de relevante dos valores acima é a predominância de exófora espacial em relação às demais categorias, em todos os períodos no PB e no RO. Esse destaque de valor exofórico espacial no PB também foi apontado por Marine (2009, p. 203) e Ramalho (2016, p. 205) em seus respectivos estudos. A exófora metatextual é pouco significativa, com frequência máxima verificada de 8,3% e ausente em XX-2 em ambas as línguas.

Em relação às formas de demonstrativos no PB e no RO, obtêm-se os seguintes valores dispostos nas tabelas a seguir:

**Tabela 79** – Frequência de exófora por forma no PB (teatro e narrativa)

Século	Forma	Exófora		
		E	T	MT
XIX-2	F1	62 84,9%	5 100%	2 100%
	F2	—	—	—
	F3	11 15,1%	—	—
	Total	73 100%	5 100%	2 100%
XX-1	F1	14 60,9%	4 100%	3 100%
	F2	7 30,4%	—	—
	F3	2 8,7%	—	—
	Total	23 100%	4 100%	3 100%
XX-2	F1	7 12,7%	3 60%	—
	F2	45 81,8%	2 40%	—
	F3	3 5,5%	—	—
	Total	55 100%	5 100%	—

**Tabela 80** – Frequência de exófora por forma no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma	Exófora		
		E	T	MT
XIX-2	FI	29 96,7%	8 36,4%	2 100%
	FII	1 3,3%	14 63,6%	—
	Total	30 100%	22 100%	2 100%
XX-1	FI	59 92,2%	14 66,7%	—
	FII	5 7,8%	7 33,3%	—
	Total	64 100%	21 100%	—
XX-2	FI	40 71,4%	10 62,5%	—
	FII	16 28,6%	6 37,5%	—
	Total	56 100%	16 100%	—

No PB, observa-se predominância de F1 em todos os períodos com exófora temporal, assim como verificou Ramalho (2016, p. 214). Quanto à exófora espacial, embora F1 seja bem mais frequente que as demais formas em XIX-2, sua frequência diminui progressivamente (85,9% > 45,7% > 11,3%) ao passo que F2 passa a se tornar a forma mais predominante em XX-2 (1,4% > 31,4% > 74,6%).

No RO, a frequência de FI com valor de exófora temporal é maior em XX-1 e XX-2, enquanto em XIX-2 a predominância é de FII (cf. tabela 80). Nos casos das formas com valor exofórico espacial, FI é sempre mais frequente que FII em todos os períodos analisados. Em geral, pode-se, preliminarmente, considerar que a participação de FII no RO é pouco expressiva em comparação à forma FI.

Apesar de não haver valores significativos para as formas de demonstrativos com exófora metatextual, ressalta-se a paridade entre o PB e o RO quanto ao uso exclusivo de F1 nesses casos. Ramalho (2016, p. 211) também constatou tal predominância, embora não exclusiva, de F1 exofórico metatextual nos gêneros “notícia” e “romance”. Adiante, estão os dados por forma referentes aos gêneros textuais desta análise, no PB e no RO.

**Tabela 81** – Frequência de exófora por forma no PB (teatro)

Século	Forma	Exófora		
		E	T	MT
XIX-2 COM 1882	F1	52 85,2%	4 100%	2 100%
	F2	—	—	—
	F3	9 14,8%	—	—
	Total	61 100%	4 100%	2 100%
XX-1 DEU 1932	F1	13 59,1%	4 100%	—
	F2	7 31,8%	—	—
	F3	2 9,1%	—	—
	Total	22 100%	4 100%	—
XX-2 RAS 1974	F1	6 13,1%	3 60%	—
	F2	37 80,4%	2 40%	—
	F3	3 6,5%	—	—
	Total	46 100%	5 100%	—

**Tabela 83** – Frequência de exófora por forma no RO (teatro)

Século	Forma	Exófora		
		E	T	MT
XIX-2 SCR-DAL 1884-85	FI	27 96,4%	4 80%	—
	FII	1 3,6%	1 20%	—
	Total	28 100%	5 100%	—
XX-1 JOC 1939	FI	53 96,4%	3 100%	—
	FII	2 3,6%	—	—
	Total	55 100%	3 100%	—
XX-2 MIE 1958	FI	34 82,9%	2 100%	—
	FII	7 17,1%	—	—
	Total	41 100%	2 100%	—

**Tabela 82** – Frequência de exófora por forma no PB (narrativa)

Século	Forma	Exófora		
		E	T	MT
XIX-2 QUI 1891	F1	10 83,3%	1 100%	—
	F2	—	—	—
	F3	2 16,7%	—	—
	Total	12 100%	1 100%	—
XX-1 BRU 1922	F1	1 100%	—	3 100%
	F2	—	—	—
	F3	—	—	—
	Total	1 100%	—	3 100%
XX-2 AMA 1986	F1	1 33,3%	—	—
	F2	2 66,7%	—	—
	F3	—	—	—
	Total	3 100%	—	—

**Tabela 84** – Frequência de exófora por forma no RO (narrativa)

Século	Forma	Exófora		
		E	T	MT
XIX-2 CIO 1862	FI	2 100%	4 23,5%	2 100%
	FII	—	13 76,5%	—
	Total	2 100%	17 100%	2 100%
XX-1 TAR 1926	FI	6 66,7%	11 61,1%	—
	FII	3 33,3%	7 38,9%	—
	Total	9 100%	18 100%	—
XX-2 MOR 1967	FI	6 40%	8 57,1%	—
	FII	9 60%	6 42,9%	—
	Total	15 100%	14 100%	—

Conforme descritos nas tabelas acima, os valores de exófora metatextual são exclusivos do gênero narrativo. Não se verificou, portanto, nem no PB nem no RO, ocorrência de formas

no gênero teatral, provavelmente devido ao caráter mais próximo à oralidade (com mais diálogos e menor ou nenhuma presença de narrador) dos textos pertinentes.

A interação entre os personagens – típico dos textos de teatro cômico – pode justificar a predominância de exófora espacial em todos os períodos no gênero em questão, no PB e no RO, tanto em comparação às demais subcategorias de exófora quanto em comparação aos valores referentes aos textos de narrativa histórica.

Por outro lado, no gênero narrativo, a exófora temporal ou predomina em relação à exófora espacial ou tem valor menos discrepante em comparação aos dados referentes ao gênero teatral. Se comparados os valores absolutos de exófora temporal entre os gêneros textuais, nota-se claramente a maior frequência dessa categoria de exófora no gênero narrativo, provavelmente por conta da necessidade de se narrar uma história e situá-la temporalmente, juntamente com todos os eventos narrados.

Por fim, concluindo a parte introdutória acerca dos valores de exófora, seguem os dados pertinentes às formas reforçadas e simples do RO, primeiramente apenas dispostas diacronicamente e, depois, separadas por gênero textual.

**Tabela 85** – Frequência de exófora por formas reforçadas e simples no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma		Exófora		
			E	T	MT
XIX-2	FI	R	6 20,7%	7 87,5%	2 100%
		S	23 79,3%	1 12,5%	—
		<b>Total</b>	29 100%	8 100%	2 100%
	FII	R	—	14 100%	—
		S	—	—	—
		<b>Total</b>	—	14 100%	—
XX-1	FI	R	8 13,6%	4 28,6%	—
		S	51 86,4%	10 71,4%	—
		<b>Total</b>	59 100%	14 100%	—
	FII	R	3 60%	7 100%	—
		S	2 40%	—	—
		<b>Total</b>	5 100%	7 100%	—
XX-2	FI	R	1 2,5%	5 50%	—
		S	39 97,5%	5 50%	—
		<b>Total</b>	40 100%	10 100%	—
	FII	R	1 6,3%	6 100%	—
		S	15 93,7%	—	—
		<b>Total</b>	16 100%	6 100%	—

Observando os dados da tabela 85, constata-se maior frequência de formas reforçadas com exófora temporal, enquanto os demonstrativos com valores de exófora espacial são mais frequentes entre aqueles com forma simples. No RO, apenas duas ocorrências de exófora metatextual foram encontradas, de modo que pouco pode ser afirmado em relação a essa categoria. No entanto, frisa-se a restrição desses valores às categorias de forma reforçada e FI, apenas no período inicial de análise (XIX-2).

Sob a análise individual dos gêneros textuais no RO, os valores das categorias de exófora em cada sincronia e por forma (FI e FII; reforçada e simples) estão apresentados nas tabelas 86 e 87.

**Tabela 86 – Frequência de valores de exófora no RO (teatro)**

Século	Forma		Exófora		
			E	T	MT
XIX-2 SCR-DAL 1884-85	FI	R	4 14,8%	3 75%	—
		S	23 85,2%	1 25%	—
		Total	27 100%	4 100%	—
	FII	R	—	1 100%	—
		S	1 100%	—	—
		Total	1 100%	1 100%	—
XX-1 JOC 1939	FI	R	5 9,4%	—	—
		S	48 90,6%	3 100%	—
		Total	53 100%	3 100%	—
	FII	R	—	—	—
		S	2 100%	—	—
		Total	2 100%	—	—
XX-2 MIE 1958	FI	R	1 2,9%	1 50%	—
		S	33 97,1%	1 50%	—
		Total	34 100%	2 100%	—
	FII	R	—	—	—
		S	7 100%	—	—
		Total	7 100%	—	—

**Tabela 87 – Frequência de valores de exófora no RO (narrativa)**

Século	Forma		Exófora		
			E	T	MT
XIX-2 CIO 1862	FI	R	2 100%	4 100%	2 100%
		S	—	—	—
		Total	2 100%	4 100%	2 100%
	FII	R	—	13 100%	—
		S	—	—	—
		Total	—	13 100%	—
XX-1 TAR 1926	FI	R	3 50%	4 36,4%	—
		S	3 50%	7 63,6%	—
		Total	6 100%	11 100%	—
	FII	R	3 100%	7 100%	—
		S	—	—	—
		Total	3 100%	7 100%	—
XX-2 MOR 1967	FI	R	—	4 50%	—
		S	6 100%	4 50%	—
		Total	6 100%	8 100%	—
	FII	R	1 11,1%	6 100%	—
		S	8 88,9%	—	—
		Total	9 100%	6 100%	—

Semelhante ao que se constatou no PB, percebe-se que a prevalência de exófora temporal atrelada às formas reforçadas se dá ao gênero narrativo: gênero textual “mais formal” e menos oral pertencente ao *corpus*. Da mesma forma, os valores de exófora espacial com formas simples tendem a ser mais frequentes no gênero teatral de comédia, pela questão “mais informal” e pela qualidade mais próxima à oralidade do gênero textual em questão. Por último, as duas ocorrências de exófora metatextual se restringem ao texto narrativo (assim como no PB) do período XIX-2, sob a forma reforçada do demonstrativo, o que se mostra esperado devido ao caráter mais conservador do gênero narrativo.

### 7.5.1.2.1 – Exófora espacial

Em mais detalhes, os demonstrativos com valor referencial de exófora espacial foram, ainda, divididos em três subcategorias: proximidade do falante (PF), proximidade do ouvinte (PO) e afastamento de ambos (AA). Dessa forma, busca-se verificar as relações entre o uso das formas F1/F2/F3 e FI/FII e a noção de espaço veiculada a elas. No quadro abaixo, as subcategorias são exemplificadas através de ocorrências extraídas do *corpus*.

**Quadro 16** – Subcategorias de exófora espacial

Subcategoria	Exemplo
<b>Proximidade do falante</b>	LIMOEIRO - Quem há de dizer que é com este couro, que se tem formado os homens mais importantes <i>deste país!</i> (COM [JUNIOR, 1882, p. 10])
<b>Proximidade do ouvinte</b>	666 - ( <i>Encontra Manguari</i> ) Tira <i>esse lenço</i> do pescoço, menino!... Tenha-se! Você tem dezessete anos! (RAS [FILHO, 1974, p. 22])
<b>Afastamento de ambos</b>	La <i>cârdurile acelea</i> mari s-au alăturat și rațele de aici. (TAR [SADOVEANU, 1926, p. 10]) [Tradução nossa: “ <i>Aqueles grandes bandos</i> se juntaram também os patos daqui.”]

Tendo em vista as categorias estabelecidas, as tabelas a seguir demonstram os valores das formas de demonstrativo no PB em cada texto do *corpus* de acordo com a subclassificação de exófora espacial correspondente.

**Tabela 88** – Frequência de valores de exófora espacial no PB (teatro)

Século	Forma	Subcategoria		
		PF	PO	AA
XIX-2 COM 1882	F1	48 100%	6 100%	—
	F2	—	—	—
	F3	—	—	9 100%
	<b>Total</b>	48 100%	6 100%	9 100%
XX-1 DEU 1932	F1	14 93,3%	3 60%	1 7,7%
	F2	1 6,7%	2 40%	8 61,5%
	F3	—	—	4 30,8%
	<b>Total</b>	15 100%	5 100%	13 100%
XX-2 RAS 1974	F1	7 46,7%	—	—
	F2	8 53,3%	30 100%	5 62,5%
	F3	—	—	3 37,5%
	<b>Total</b>	15 100%	30 100%	8 100%

**Tabela 89** – Frequência de valores de exófora espacial no PB (narrativa)

Século	Forma	Subcategoria		
		PF	PO	AA
XIX-2 QUI 1891	F1	11 91,7%	—	—
	F2	—	—	—
	F3	1 8,3%	—	—
	<b>Total</b>	12 100%	—	—
XX-1 BRU 1922	F1	1 100%	—	—
	F2	—	—	—
	F3	—	—	—
	<b>Total</b>	1 100%	—	—
XX-2 AMA 1986	F1	1 14,3%	—	—
	F2	6 85,7%	2 100%	—
	F3	—	—	—
	<b>Total</b>	7 100%	2 100%	—

Nos períodos XIX-2 e XX-1, os demonstrativos com valor referencial exofórico espacial cujo referente se encontra próximo ao falante (PF) estavam atrelados ao uso mais frequente de F1. Apenas a partir de XX-2 se observa predomínio de F2 sobre F1 nesses casos, o que aponta para mudança no parâmetro F1/F2 e proximidade ao falante/ouvinte. Inclusive, não se verifica distribuição entre F1 e F2, e PF e PO, de acordo os valores acima, de modo a comprovar a relação apresentada nas gramáticas tradicionais:

(21) MILENA - (Pontua com sintetizador a fala) ...ah, não pode ir a aula de calça comprida? Então hoje eu fui com *esse vestido*, olha a calcinha quase transparente, sentei na a distraída, ninguém deu aula direito, saca? Os professores suando, volta e meia o olho batendo na minha coxa... (RAS [FILHO, 1974, p. 70])

Ressalta-se o uso exclusivo de F1 – e não F2 – nos casos com valor exofórico espacial em que o referente está próximo ao ouvinte (PO) no texto teatral do período XIX-2, como no exemplo seguinte. No entanto, a mudança esperada – uso de F2 para PF – não ocorre nesse período.

(22) PERPÉTUA - Estou ansiosa por vê-lo. (Para Rosinha). Endireita *este corpo*, sinhá. Nunca vi coisa assim! Não tem jeito para nada!

ROSINHA - Mamãe, já principia? Se eu soubesse não tinha vindo. Está sempre em cima da gente, fucte, fucte, só catucando. (COM [JÚNIOR, 1882, p. 6])

Outro caso curioso que foge ao padrão é verificado no texto narrativo do mesmo período, onde F1 se refere a alguém distante do falante e do ouvinte (AA):

(23) - Morreu cônego. Era homem de bons costumes, mas amigo de ver moças bonitas, como se mira um painel de mestre; e que maior mestre que Deus? dizia ele. *Esta D. Sofia*, por exemplo, nunca ele a viu na rua que me não dissesse. Hoje vi aquela bonita senhora do Palha... Morreu cônego; era filho de Saquarema... E, na verdade tinha bom gosto... (QUI [ASSIS, 1891, p. 34-35])

Quanto à frequência geral de F3, é notável sua presença, enquanto exófora espacial, apenas quando seu referente se encontra afastado do falante e do ouvinte. No PB, portanto, pode-se dizer que em função dêitico-espacial, F3 assume um caráter locativo distintivo em oposição a F1/F2, embora F2 também exerça papel semelhante, como verificado nos textos do gênero teatral:

(24) LIMOEIRO - Entre ali *naquela casa*, (Indica a casa da esquerda), peça uma casaca a sua Zé Franco, calce umas botas, diga a seu Telles que lhe corte esta carapinha, e que lhe empreste umas barbas.

DOMINGOS - Sim, sinhô. (COM [JÚNIOR, 1882, p. 34])

(25) MANGUARI - ...vai, vai, vai ver *essa praia* rapaz, olha a hora do sol...

LUCA - vou lá...

MANGUARI - ...Luca, Luca, como foi mesmo que o inspetor falou? (RAS [FILHO, 1974, p. 92])

Nas tabelas 90 e 91, os dados do RO referentes às subcategorias de exófora espacial são apresentados com o acréscimo da variável de formas reforçadas e simples.

**Tabela 90** – Frequência de valores de exófora espacial no RO (teatro)

Século	Forma		Subcategoria		
			PF	PO	AA
XIX-2 SCR- DAL 1884- 85	FI	R	4 25%	—	—
		S	12 75%	1 100%	7 100%
		Total	16 100%	1 100%	7 100%
	FII	R	—	—	—
		S	—	—	1 100%
		Total	—	—	1 100%
XX-1 JOC 1939	FI	R	4 9,3%	—	—
		S	39 90,7%	9 100%	1 100%
		Total	43 100%	9 100%	1 100%
	FII	R	—	—	—
		S	—	—	2 100%
		Total	—	—	2 100%
XX-2 MIE 1958	FI	R	1 3,3%	—	—
		S	29 96,7%	2 100%	3 100%
		Total	30 100%	2 100%	3 100%
	FII	R	—	—	—
		S	—	2 100%	5 100%
		Total	—	2 100%	5 100%

**Tabela 91** – Frequência de valores de exófora espacial no RO (narrativa)

Século	Forma		Subcategoria		
			PF	PO	AA
XIX-2 CIO 1862	FI	R	2 100%	—	—
		S	—	—	—
		Total	2 100%	—	—
	FII	R	—	—	—
		S	—	—	—
		Total	—	—	—
XX-1 TAR 1926	FI	R	1 25%	—	2 100%
		S	3 75%	—	—
		Total	4 100%	—	2 100%
	FII	R	1 100%	—	3 100%
		S	—	—	—
		Total	1 100%	—	3 100%
XX-2 MOR 1967	FI	R	—	—	—
		S	6 100%	—	—
		Total	6 100%	—	—
	FII	R	—	—	1 14,3%
		S	—	2 100%	6 85,7%
		Total	—	2 100%	7 100%

De fato, a frequência de FI no RO é significativa quando o referente está próximo ao falante. No entanto, curiosamente, o uso de FI também está associado a referentes afastados do falante e do ouvinte, principalmente no gênero teatral – situação também registrada no PB, em especial no mesmo gênero em questão.

Por outro lado, o que difere o RO do PB é o comportamento de FII: há ocorrências, todas elas com formas simples dos demonstrativos, de FII cujo referente está próximo ao ouvinte, caso sem registro no PB. Os exemplos abaixo ilustram dois desses casos, um em cada gênero textual:

(26) CRISTESCU: Noroc că ești dumneata cult! (Lui Toma.) Ce te ții de coada mea? Ce poftești?  
 TOMA: Corespondența.  
 CRISTESCU: NU mă interesează nici un fel de corespondență! Nu mai vreau să știu de nimic! Ce-i **plicul** *ăla* mare?  
 TOMA: De la București. (MIE [BARANGA, 1954, p. 95])  
 [Tradução nossa:  
 “CRISTESCU: Que bom que o senhor é culto! (Para Thomas.) O que você está segurando na minha cauda? O que quer?  
 TOMA: Correspondência.  
 CRISTESCU: Não estou interessado em nenhuma correspondência! Não quero saber de mais nada! O que é *esse envelope* grande?  
 TOMA: De Bucareste.”]

(27) - Fă! Fă! Fă, n-auzi? mormăi Moromete. Pune, fă, mâncarea și mai ragete pe **fălcile** *alea* că te-or fi durând de când vorbești! (MOR [PREDA, 1967, p. 10])  
 [Tradução nossa: “Faça isso! Faça isso! Você não ouve? Moromete murmurou. Coloque a comida e mais trapos *nessas mandíbulas* que estão doendo desde que você está falando!”]

Como se observa nos exemplos, nos casos em que o referente de FII está próximo do ouvinte, a tradução para o PB se dá através de F2 (ou até mesmo F1), mas jamais F3. Logo, a forma de distância do RO (FII) certamente não pode ser considerada correspondente à forma do PB (F3).

#### 7.5.1.2.2 – Exófora temporal

Os demonstrativos com valor referencial de exófora temporal também receberam, na análise, subclassificações em relação à noção de tempo expressa pelo referente ou contexto linguístico no qual a ED se insere, a saber: passado (PAS), presente (PRE), futuro (FUT). No quadro 17, cada subcategoria é seguida por um exemplo retirado do *corpus*.

Quadro 17 – Subcategorias de exófora temporal

Subcategoria	Exemplo
<b>Passado</b>	In <b>seara aceea</b> nu mai vorbise nimic cu ea, dar în seara următoare venise singur la poarta ei și fluierase. (MOR [PREDA, 1967, p. 13]) [Tradução nossa: “Ele não tinha falado com ela <i>naquela noite</i> , mas na noite seguinte ele foi sozinho até o portão dela e assobiou.”]
<b>Presente</b>	MENDIGO É O Vieira de Castro, presidente do consortium das fábricas de tecidos. Milionário. Tanto quanto eu! Observou a aflição desse homem, procurando igrejas a <i>esta hora da noite</i> ? Sabe o que significa um momento de contrição religiosa de um milionário? (DEU [CAMRGO, 1932, p. 7])
<b>Futuro</b>	CAȚAVENCU (asemenea) - Vreau... mandatul de deputat, iată ce vreau: nimic altceva! nimic! nimic! (după o pauză, cu insinuare caldă și crescândă) Mi se cuvine!... Te rog!... Nu mă combate... Susține-mă... Alege-mă. Poimăine, în momentul când voi fi proclamat cu majoritatea cerută,... în <b>momentul acela</b> vei avea scrisoarea (cu multă căldură)... pe onoarea mea! (SCR [CARAGIALE, 1884, p. 30]) [Tradução nossa: “CAȚAVENCU (também) - Eu quero ... o mandato de deputado, aqui está o que eu quero: nada mais! nada! nada! (após uma pausa, com uma insinuação calorosa e crescente) Eu mereço! ... Por favor! ... Não brigue comigo ... Apoie-me ... Escolha-me. Depois de amanhã, quando serei proclamado com a maioria exigida, ... <i>nesse momento</i> vocês terão a carta (com muito carinho) ... por minha honra!”]

Busca-se, então, analisar as relações entre as formas F1/F2/F3 do PB e FI/FII do RO e seus referentes, verificando o valor dêitico-temporal expresso pelos demonstrativos. Primeiramente, os dados apresentados pertencem aos textos do PB, separados por gênero textual.

**Tabela 92** – Frequência por forma e por gênero gramatical no PB (teatro)

Século	Forma	Subcategoria		
		PAS	PRE	FUT
XIX-2 COM 1882	F1	1 100%	3 100%	—
	F2	—	—	—
	F3	—	—	—
	<b>Total</b>	1 100%	3 100%	—
XX-1 DEU 1932	F1	—	4 100%	—
	F2	—	—	—
	F3	—	—	—
	<b>Total</b>	—	4 100%	—
XX-2 RAS 1974	F1	—	3 60%	—
	F2	—	2 40%	—
	F3	—	—	—
	<b>Total</b>	—	5 100%	—

**Tabela 93** – Frequência por forma e por gênero gramatical no PB (narrativa)

Século	Forma	Subcategoria		
		PAS	PRE	FUT
XIX-2 QUI 1891	F1	—	—	1 100%
	F2	1 33,3%	—	—
	F3	2 66,7%	—	—
	<b>Total</b>	3 100%	—	—
XX-1 BRU 1922	F1	—	—	—
	F2	—	—	—
	F3	2 100%	—	—
	<b>Total</b>	2 100%	—	—
XX-2 AMA 1986	F1	—	—	—
	F2	—	—	—
	F3	—	—	—
	<b>Total</b>	—	—	—

Dentre as formas do PB, F1 se mostrou como a mais produtiva com valor exofórico temporal, já que se manifestou em referência aos três tempos (passado, presente e futuro) que compõem as subcategorias. F2, por exemplo, não aparece em contexto pretérito e F3 não obteve ocorrências em situação de tempo presente. F3, por outro lado, se mostra como a forma mais comum nas expressões de tempo passado (embora pouco comum no gênero teatral), predominando em todos os períodos analisados no gênero narrativo. Nos tempos presente e futuro, F1 se mostra mais frequente que as demais formas.

**Tabela 94** – Frequência de valores de exófora temporal no RO (teatro)

Século	Forma		Subcategoria		
			PAS	PRE	FUT
XIX-2 SCR-DAL 1884-85	FI	R	—	3 75%	—
		S	—	1 25%	—
		Total	—	4 100%	—
	FII	R	—	—	1 100%
		S	—	—	—
		Total	—	—	1 100%
XX-1 JOC 1939	FI	R	—	—	—
		S	—	3 100%	—
		Total	—	3 100%	—
	FII	R	—	—	—
		S	—	—	—
		Total	—	—	—
XX-2 MIE 1958	FI	R	—	1 500%	—
		S	—	1 50%	—
		Total	—	2 100%	—
	FII	R	—	—	—
		S	—	—	—
		Total	—	—	—

**Tabela 95** – Frequência de valores de exófora temporal no RO (narrativa)

Século	Forma		Subcategoria		
			PAS	PRE	FUT
XIX-2 CIO 1862	FI	R	2 100%	3 100%	—
		S	—	—	—
		Total	2 100%	3 100%	—
	FII	R	12 100%	—	—
		S	—	—	—
		Total	12 100%	—	—
XX-1 TAR 1926	FI	R	1 33,3%	2 28,6%	—
		S	2 66,7%	5 71,4%	1 100%
		Total	3 100%	7 100%	1 100%
	FII	R	7 100%	—	—
		S	—	—	—
		Total	7 100%	—	—
XX-2 MOR 1967	FI	R	4 80%	—	—
		S	1 20%	2 100%	—
		Total	5 100%	2 100%	—
	FII	R	7 100%	—	—
		S	—	—	—
		Total	7 100%	—	—

FI no RO ocorre mais associado aos tempos passado e presente, sobretudo no gênero narrativo (cf. tabela 95). Apesar do gênero em questão ter aspectos mais formais e distantes da oralidade, as formas simples com FI apresentam frequência significativa. Em parte, pode-se supor que haja influência de algumas expressões da língua mais fossilizadas, como *astă-seară* (“esta/essa noite”), *astă-vară* (“este/esse verão”), as quais, apesar de não serem consideradas na análise, podem motivar o uso de *asta* em sintagmas como *în seara asta* (“nesta/nessa noite”, com forma simples) em vez de *în seara aceasta* (“nesta/nessa noite”, com forma reforçada).

Novamente, FII demonstra-se diferente de F3 do PB ao manifestar-se em contexto de tempo futuro. Na ocorrência do exemplo já citado anteriormente, fica demonstrada a capacidade de FII expressar todos os tempos das subcategorias determinadas. Retomando o exemplo extraído do texto teatral:

(28) CAȚAVENCU (asemenea) - Vreau... mandatul de deputat, iată ce vreau: nimic altceva! nimic! nimic! (după o pauză, cu insinuação caldă și crescândă) Mi se cuvine!... Te rog!... Nu mă combate... Susține-mă... Alege-mă. Poimâine, în momentul când voi fi proclamat cu majoritatea cerută,... în **momentul acela** vei avea scrisoarea (cu multă căldură)... pe onoarea mea! (SCR [CARAGIALE, 1884, p. 30])

[Tradução nossa: “CAȚAVENCU (também) - Eu quero ... o mandato de deputado, aqui está o que eu quero: nada mais! nada! nada! (após uma pausa, com uma insinuação calorosa e crescente) Eu mereço! ... Por favor! ... Não brigue comigo ... Apoie-me ... Escolha-me. Depois de amanhã, quando serei proclamado com a maioria exigida, ... *nesse momento* vocês terão a carta (com muito carinho) ... por minha honra!”]

Não seria possível, portanto, nesse caso, substituir “nesse” por “aquele”, sem que o sentido pareça confuso. Após um olhar mais detalhado, forma FII no RO se mostra mais abrangente quanto às funções referencias de exófora.

### 7.5.1.2.3 – Exófora Metatextual

A última classificação de referência exofórica detém os valores menos significativos da análise: apenas sete ocorrências nos doze textos do *corpus* foram encontradas. Nenhum desses pertencem ao grupo de peças teatrais de comédia, fato pouco surpreendente, visto que no gênero teatral se consideraram apenas as falas dos personagens, descartando-se os demais elementos textuais.

Na obra de Lima Barreto, o narrador se refere algumas vezes ao próprio texto, e são essas referências que configuram os casos de exófora metatextual analisados:

(29) Não que todo o escritor bruzundanguense pertença a semelhante rito literário; os mais pretenciosos, porém, e os que se têm na conta de sacerdotes da Arte, se dizem graduados, diplomados nela. Digo -- "caracteriza", porque, como os senhores verão no correr *destas notas*, não há na maioria daquela gente uma profundidade de sentimento que a impila a ir ao âmago das cousas que fingem amar, de decifrá-las pelo amor sincero em que as têm, de querê-las totalmente, de absorvê-las. (BRU [BARRETO, 1922, p. 5])

(30) Poderia mais esclarecer semelhante escola, os seus processos, as suas regras, as suas superstições; mas não convém fazer semelhante cousa, porque bem podia acontecer que alguns dos meus compatriotas a quissem seguir. Já temos muitas bobagens e são bastantes. Fico *nisto*. (BRU [BARRETO, 1922, p. 10])

(31) E a cousa foi feita, mas o sábio deixou o lugar, para estudar aritmética. Continuemos a citar fatos para que *esta narração* tenha o maior cunho de verdade, apesar de que muita coisa possa parecer absurda aos leitores. (BRU [BARRETO, 1922, p. 16])

(32) *Esta dissertação* não foi à toa, em se tratando de política e políticos da Bruzundanga, porque estes últimos são em geral casados com moças educadas pelas religiosas e estas fazem a política do país. (BRU [BARRETO, 1922, p. 20])

Houve, também, o caso de “um texto dentro de um texto”, como na obra de Machado de Assis. O referente é a carta lida pelo narrador no meio da história principal:

(33) SETE SEMANAS depois, chegou a Barbacena *esta carta*, datada do Rio de Janeiro, toda do punho do Quincas Borba (QUI [ASSIS, 1891, p. 10])

No RO, as duas ocorrências de exófora metatextual foram extraídas da obra de Nicolae Filimon. Assim como em Barreto, o narrador se refere à própria obra à qual faz referência:

(34) Lectorii noştri cunosc foarte bine agitaţiunea în care am lăsat pe Păturică în primul capitol al *acestei scrieri*; ştiu asemenea ambiţioasele lui visuri şi marea sete de bani şi mărire ce îl munceau. Este datoria noastră acum să le spunem mijloacele întrebuiţate de dânsul pentru realizarea acestor aspiraţiuni. (CIO [FILIMON, 1862, p. 39])

[Tradução nossa: “Nossos leitores conhecem muito bem a agitação com a qual deixamos Păturică no primeiro capítulo *deste trabalho*; também sei de suas visões ambiciosas e a grande sede pelo dinheiro e pelo seu empenho em aumentá-lo. É nosso dever dizer-lhes os meios utilizados pela dança para realizar suas aspirações.”]

(35) Ne oprim puţin din *această naraţiune* ca să dăm cititorilor noştri o idee repede despre locul unde se afla palatul domnesc pe acei timpuri şi despre forma arhitectonică şi alte amănunte originale ale acestui locaş, în care domneau moliciunea amestecată cu umilirea şi cu depravaţiunea. (CIO [FILIMON, 1862, p. 24])

[Tradução nossa: “Fazemos uma pausa *nesta narrativa* para dar aos nossos leitores uma ideia rápida de onde ficava o palácio real naquela época e sobre a forma arquitetônica e outros detalhes originais desse lugar, no qual reinava suavidade misturada com humilhação e depravação.”]

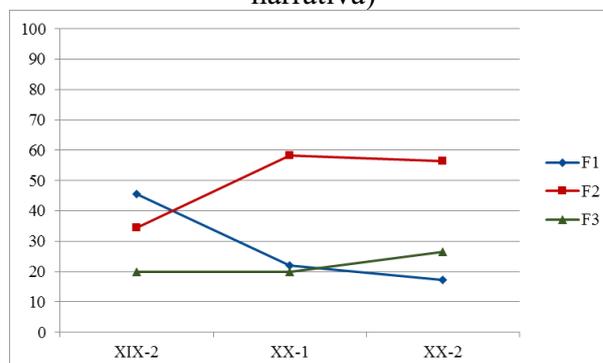
### 7.5.1.3 Referência endofórica

Sob os mesmos critérios aplicados na seção anterior, seguem os dados de demonstrativos com valor referencial endofórico no PB e no RO, dispostos diacronicamente.

**Tabela 96** – Frequência de demonstrativos (endófora) no PB (teatro e narrativa)

Século	Forma			Total
	F1	F2	F3	
XIX-2	87 45,5%	66 34,5%	38 19,9%	191 100%
XX-1	54 21,9%	144 58,3%	49 19,8%	247 100%
XX-2	38 17,3%	124 56,4%	58 26,4	220 100%

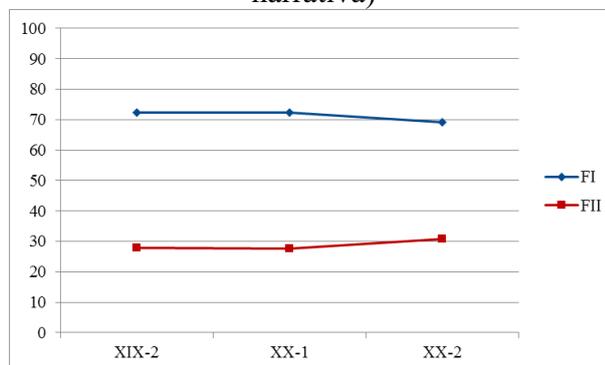
**Gráfico 75** – Frequência (%) de demonstrativos (endófora) no PB (teatro e narrativa)



**Tabela 97** – Frequência de demonstrativos (endófora) no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma		Total
	FI	FII	
XIX-2	169 72,2%	65 27,8%	234 100%
XX-1	138 72,3%	53 27,7%	191 100%
XX-2	150 69,1%	67 30,9%	217 100%

**Gráfico 76** – Frequência (%) de demonstrativos (endófora) no RO (teatro e narrativa)



No PB, os valores ao longo do tempo para casos de exófora convergem com os de endófora quanto à queda progressiva de frequência de F1, aumento de F2 e estabilidade de F3 (cf. gráfico 75). No entanto, como dito na seção anterior (cf. p. 126), as alterações de F1 e F2 com valor endofórico são menos expressivas que com valor exofórico, em especial a partir de XX-1, quando F2 se mantém proporcionalmente estável em relação às outras formas. Em valores absolutos, contudo, F2 segue em aumento, enquanto a frequência de F1 cai, mesmo no período entre XX-1 e XX-2 (cf. tabela 96).

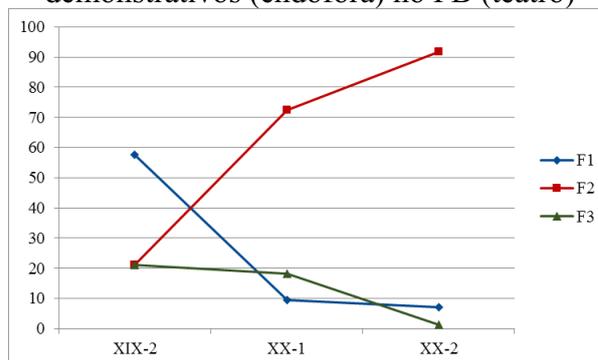
No RO, a estabilidade diacrônica de FI e FII com valor endofórico é ainda mais evidente (cf. tabela 97) que com valor exofórico. Não há, portanto, mudança aparente na frequência dessas formas.

Preliminarmente, supõe-se que as mudanças de frequência das formas de demonstrativos são menos expressivas quando com valor referencial endofórico. Um quadro de maior estabilidade pode estar mais associado a um gênero textual do que a outro, o que justifica a análise segmentada a seguir.

**Tabela 98** – Frequência de demonstrativos (endófora) no PB (teatro)

Século	Forma			Total
	F1	F2	F3	
XIX-2	38 57,6%	14 21,2%	14 21,2%	66 100%
XX-1	10 9,5%	76 72,4%	19 18,1%	105 100%
XX-2	6 7,1%	77 91,7%	1 1,2%	84 100%

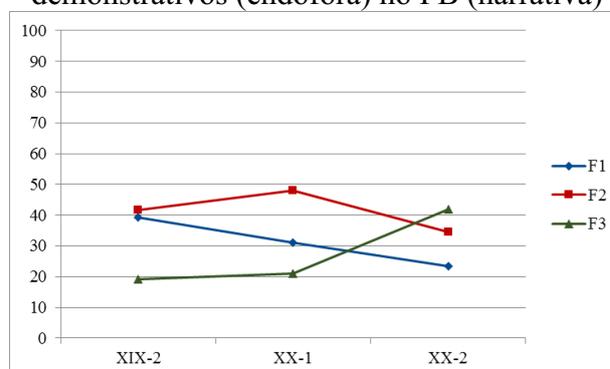
**Gráfico 77** – Frequência (%) de demonstrativos (endófora) no PB (teatro)



**Tabela 99** – Frequência de demonstrativos (endófora) no PB (narrativa)

Século	Forma			Total
	F1	F2	F3	
XIX-2	49 39,2%	52 41,6%	24 19,2%	125 100%
XX-1	44 31%	68 47,9%	30 21,1%	142 100%
XX-2	32 23,5%	47 34,6%	57 41,9%	136 100%

**Gráfico 78** – Frequência (%) de demonstrativos (endófora) no PB (narrativa)



No gênero teatral no PB, a diminuição de F1 com valor endofórico se dá em XX-1, seguida de estabilidade, ao passo que F2 permanece em ascensão constante e F3 em ligeiro declínio durante todo o período (cf. gráfico 77). No gênero narrativo, observa-se quadro mais estável na frequência das formas, com gradual diminuição de F1, estabilidade de F2 e aumento significativo de F3 em XX-2 (cf. gráfico 78).

Os demonstrativos com valor referencial endofórico no PB, se comparados aos de valor exofórico (cf. p. 127), se mostram mais rígidos ao longo do tempo no gênero narrativo e, de certa forma, no gênero teatral (com exceção ao que se observa com F2 e, parcialmente, F1).

Os valores da tabela 97 e do gráfico 76 apontaram comportamento estável de FI e FII com valor referencial endofórico no RO. Dividindo-se os dados por gênero textual, pode-se determinar se a mesma estabilidade é verificada nas peças teatrais de comédia e nas narrativas históricas.

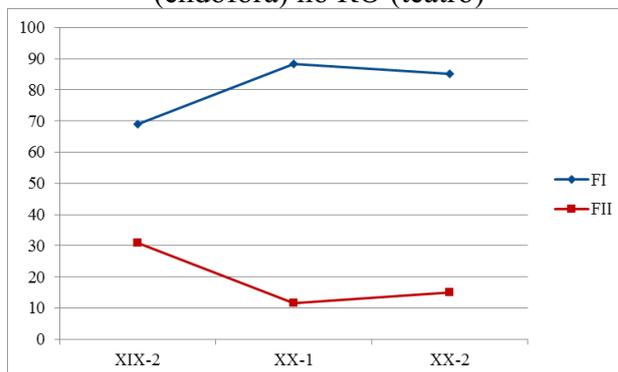
**Tabela 100** – Frequência de demonstrativos (endófora) no RO (teatro)

Século	Forma		Total
	FI	FII	
XIX-2	76 69,1%	34 30,9%	110 100%
XX-1	68 88,3%	9 11,7%	77 100%
XX-2	85 85%	15 15%	100 100%

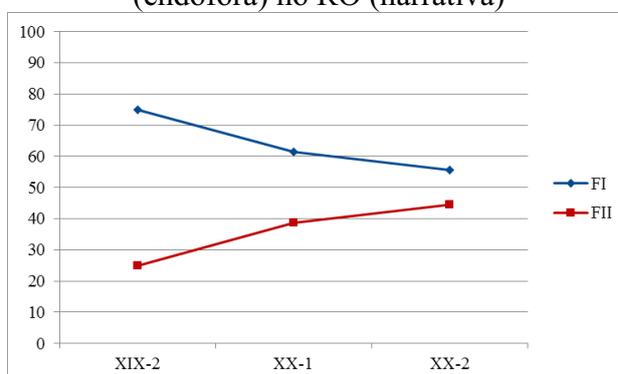
**Tabela 101** – Frequência de demonstrativos (endófora) no RO (narrativa)

Século	Forma		Total
	FI	FII	
XIX-2	93 75%	31 25%	124 100%
XX-1	70 61,4%	44 38,6%	114 100%
XX-2	65 55,6%	52 44,4%	117 100%

**Gráfico 79** – Frequência (%) de demonstrativos (endófora) no RO (teatro)



**Gráfico 80** – Frequência (%) de demonstrativos (endófora) no RO (narrativa)



Curiosamente, no RO, ao contrário do PB, observa-se mais estabilidade na frequência de FI e FII com valor endofórico ao longo do tempo no gênero teatral (cf. gráfico 79) do que no gênero narrativo (cf. gráfico 80). A forma FII ganha cada vez mais espaço neste último gênero textual (25% > 38,6% > 44,4%), enquanto no gênero teatral, também em valores absolutos, parece ser menos utilizada (cf. tabela 100).

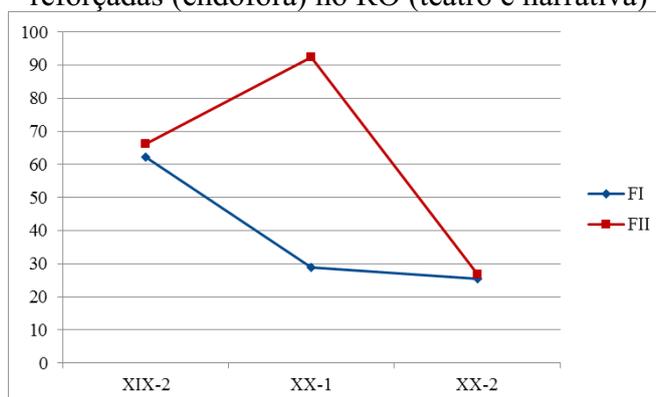
Semelhante ao que ocorre com os demonstrativos de valor referencial exofórico (cf. p. 128), o uso da forma FII demonstra-se mais próprio ao gênero textual narrativo, sendo pouco expressivo no gênero teatral principalmente a partir de XX-I. Isso pode se explicar em função da natureza do gênero narrativo, em que se faz referência ao passado mais frequentemente do que no teatro.

Por último, verificam-se a seguir as formas reforçadas e simples no RO com valor referencial endofórico durante o período de análise, considerando o comportamento das formas FI e FII.

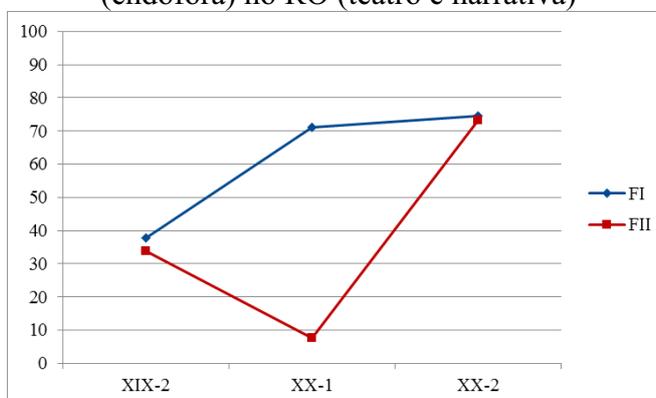
**Tabela 102** – Frequência de formas reforçadas e simples (endófora) no RO (teatro e narrativa)

Século		Forma	
		FI	FII
XIX-2	R	105 62,1%	43 66,2%
	S	64 37,9%	22 33,8%
	Total	169 100%	65 100%
XX-1	R	40 29%	49 92,5%
	S	98 71%	4 7,5%
	Total	138 100%	53 100%
XX-2	R	38 25,5%	18 26,9%
	S	111 74,5%	49 73,1%
	Total	149 100%	67 100%

**Gráfico 81a** – Frequência (%) de formas reforçadas (endófora) no RO (teatro e narrativa)



**Gráfico 81b** – Frequência (%) de formas simples (endófora) no RO (teatro e narrativa)



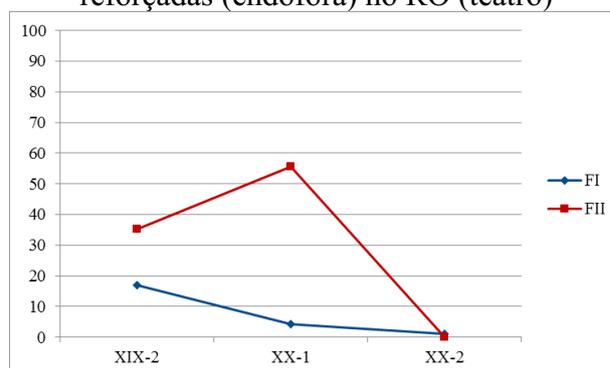
Assim como ocorre em FI e FII com valor referencial exofórico (cf. p. 129), FI apresenta gradual declínio na frequência com formas reforçadas (cf. gráfico 81a) e gradual aumento com formas simples (cf. gráfico 81b). Verifica-se, por outro lado, discrepância de FII em XX-1 e equiparação com FI em XIX-2 e XX-2. A discrepância entre os valores de FI e FII observada, portanto, sob esse aspecto, é menor nos casos de endófora do que nos casos de exófora.

Passa-se, então, à análise das formas reforçadas e simples por gênero textual no RO.

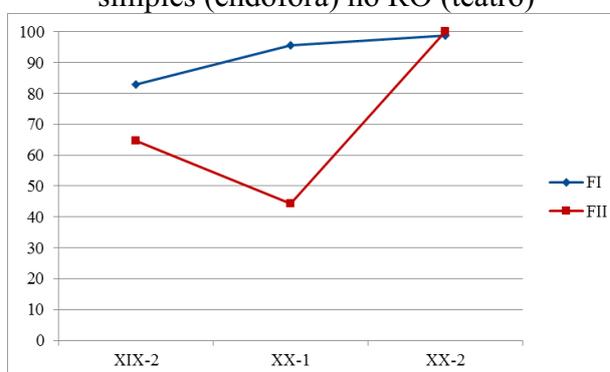
**Tabela 103** – Frequência de formas reforçadas e simples (endófora) no RO (teatro)

Século/ Texto		Forma	
		FI	FII
XIX-2 SCR- DAL 1884- 85	R	13 17,1%	12 35,3%
	S	63 82,9%	22 64,7%
	Total	76 100%	34 100%
XX-1 JOC 1939	R	3 4,4%	5 55,6%
	S	65 95,6%	4 44,4%
	Total	68 100%	9 100%
XX-2 MIE 1958	R	1 1,2%	—
	S	84 98,8%	15 100%
	Total	85 100%	15 100%

**Gráfico 82a** – Frequência (%) de formas reforçadas (endófora) no RO (teatro)



**Gráfico 82b** – Frequência (%) de formas simples (endófora) no RO (teatro)

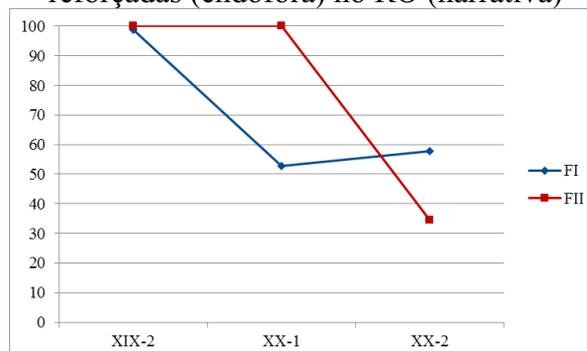


No gênero teatral, a mudança verificada em FI e FII com valor referencial endofórico se assemelha ao que foi constatado nos casos de exófora (cf. p. 130), com FI em progressivo declínio com formas reforçadas (cf. gráfico 82a) e aumento com formas simples (cf. gráfico 82b). FII, entretanto, apresenta discrepância em XX-1, quadro, portanto, menos estável.

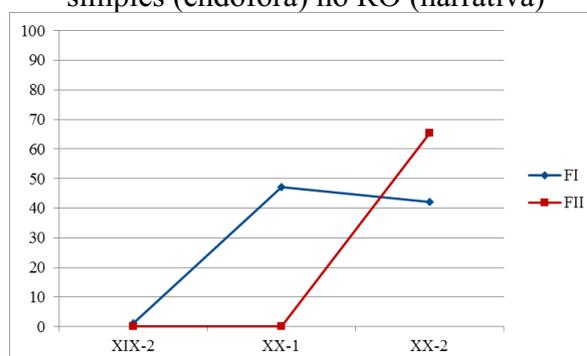
**Tabela 104** – Frequência de formas reforçadas e simples (endófora) no RO (narrativa)

Século/ Texto		Forma	
		FI	FII
XIX-2 CIO 1862	R	92 98,9%	31 100%
	S	1 1,1%	—
	Total	93 100%	31 100%
XX-1 TAR 1926	R	37 52,9%	44 100%
	S	33 47,1%	—
	Total	70 100%	44 100%
XX-2 MOR 1967	R	37 57,8%	18 34,6%
	S	27 42,2%	34 65,4%
	Total	64 100%	52 100%

**Gráfico 83a** – Frequência (%) de formas reforçadas (endófora) no RO (narrativa)



**Gráfico 83b** – Frequência (%) de formas simples (endófora) no RO (narrativa)



No gênero narrativo no RO, FII apresenta comportamento parecido ao verificado anteriormente com valor referencial exofórico (cf. p. 131), cujo padrão de estabilidade vai até XX-1 e, em diante, segue o padrão de declínio na frequência com formas reforçadas (cf. gráfico 83a) e aumento com formas simples (cf. gráfico 83b) em casos de endófora. A diferença aqui se revela em FI entre os períodos XX-1 e XX-2, com padrão de estabilidade.

No âmbito das ocorrências de demonstrativos com valor referencial endofórico, estabeleceu-se, também, uma análise de dados mais aprofundada dividida por subcategorias, de acordo com as características do referente. A proposta de classificação está disposta no quadro a seguir, contendo os tipos de exófora e sua respectiva definição.

**Quadro 18** – Classificações de referência endofórica

Tipos de exófora	Definição
<b>Anáfora Clara</b>	o referente é um SN anterior, geralmente de fácil identificação
<b>Anáfora Escura</b>	o referente é anterior, sendo parte do texto ou de um discurso
<b>Catáfora</b>	o referente é posterior, sendo um SN ou parte de um texto/discurso
<b>Ana-Catáfora</b>	o referente é, simultaneamente, anterior e posterior

A classificação adotada por este estudo se baseia, em parte, na proposta de González Álvarez (2006, p. 48), cuja definição para anáforas claras se resume a referentes de fácil identificação, enquanto para anáforas escuras os referentes são textos mais amplos (e não um objeto), estabelecendo coesão “mais escura” e, portanto, mais difícil de encontrar a base de correferência.

Embora, de fato, a definição de González Álvarez acerca das anáforas escuras seja pertinente e condizente à análise aqui desenvolvida, no que tange às anáforas claras faz-se uma ressalva: ainda que se trate de um SN como referente, definir tais anáforas como “facilmente identificáveis” não parece refletir bem seu comportamento sintático-semântico. Os casos adiante, assim como outros no *corpus*, demonstram certa controvérsia em relação ao critério proposto pelo autor:

(35) MENDIGO Não! Estou revivendo a minha primeira encarnação, no **século de Péricles!** Sabe quem fui eu? Sócrates! O senhor não se lembra de mim?  
 PÉRICLES (Receoso pensando tratar-se de um caso de loucura). Como não!  
 MENDIGO Lembra-se de Fídias, de Sófocles, de Eurípedes, Aristófanes, Hipócrates, Platão, Xenofonte?  
 PÉRICLES (Idem). Oh! Tantos!...  
 MENDIGO Que foi feito de Tucídides?  
 PÉRICLES Nunca mais o vi!...  
 MENDIGO (A Nancy). Estamos diante de um grande estadista e guerreiro destemido!  
 NANCY (Descrente) Péricles?!  
 MENDIGO Sim! Péricles! (a Péricles). E seu pai? Como vai o velho Xantipo, o vencedor dos persas em Mícale?  
 PÉRICLES Está bom, obrigado.  
 MENDIGO Bons tempos, *aqueles!* (a Nancy), Era prodigioso o esplendor das artes na Atenas de Péricles! (DEU [CAMRGO, 1932, p. 25])

(36) MENDIGO Logo... é possível que eu seja mais moço do que o senhor... E, depois, o senhor é Péricles! (Noutro tom). O senhor é Péricles mesmo?  
 PÉRICLES Já lhe disse: Péricles.  
 MENDIGO Sente-se, Péricles! (PÉRICLES senta-se — a Nancy). **Estamos diante de Péricles!**  
 NANCY E que tem *isso* de extraordinário?! (DEU [CAMRGO, 1932, p. 25])

No primeiro exemplo, *aqueles* retoma “o século de Péricles”, sendo uma anáfora clara: um SN anterior é o referente da ED. Entretanto, se se comparar o segundo caso – uma anáfora escura – ao primeiro, nota-se que o referente é mais facilmente identificável, embora trate-se de um discurso, e não um simples SN. *Isso*, no segundo exemplo, claramente se refere ao que foi dito anteriormente pelo locutor/personagem.<sup>49</sup>

<sup>49</sup> Em casos como esse, de anáfora escura, González Álvarez (2006, p. 48) ressalta em nota que textos, enquanto referentes, costumam ser retomados por demonstrativo neutro (no exemplo citado, *isso*). Portanto, a definição do autor para anáforas escuras não é dissonante à adotada neste estudo.

Tanto Silva (2013, p. 85) quanto o quadro de classificação proposto por Ramalho (2016, p. 45) sinalizam para uma categorização mais assertiva, especialmente em relação às anáforas claras, cujas definições são as mesmas adotadas nesta análise. Consideram-se como anáforas claras, então, os casos em que o referente é, geralmente, de fácil identificação e obrigatoriamente um SN; as anáforas escuras, por sua vez, representam as construções cujo referente é, na maior parte dos casos, menos delimitável e consiste de oração ou parte do discurso/texto.

Além das categorias de anáfora clara (ANAC) e anáfora escura (ANAE), os valores de frequência de endófora também contam com as ocorrências de catáfora (CAT) e ana-catáfora (ACA), conforme apresentados nas tabelas a seguir e divididos por sincronia no PB e no RO:

**Tabela 105** – Frequência de valores de endófora no PB (teatro e narrativa)

Século	Endófora				Total
	ANAC	ANAE	CAT	ACA	
<b>XIX-2</b>	88 44,7%	85 43,1%	20 10,2%	4 2%	197 100%
<b>XX-1</b>	111 46,3%	105 43,8%	24 10%	—	240 100%
<b>XX-2</b>	64 29,2%	127 58%	26 11,9%	2 0,9%	219 100%

**Tabela 106** – Frequência de valores de endófora no RO (teatro e narrativa)

Século	Endófora				Total
	ANAC	ANAE	CAT	ACA	
<b>XIX-2</b>	59 25,3%	147 63,1%	25 10,7%	2 0,9%	233 100%
<b>XX-1</b>	57 30,5%	120 64,2%	9 4,8%	1 0,5%	187 100%
<b>XX-2</b>	74 34,7%	126 59,2%	13 6,1%	—	213 100%

Em ambas as línguas, a predominância entre os casos de valor referencial endofórico é sempre de anáforas em todos os períodos analisados, com destaque para as anáforas escuras no RO nas três sincronias e, no PB, no período XX-2. Passa-se, adiante, à análise e verificação de alteração na proporção desses valores ao considerar a forma dos demonstrativos como variável.

**Tabela 107** – Frequência de endófora por forma no PB (teatro e narrativa)

Século	Forma	Endófora			
		ANAC	ANAE	CAT	ACA
XIX-2	F1	40 45,5%	40 47,1%	9 45%	2 50%
	F2	26 29,5%	34 40%	3 15%	2 50%
	F3	22 25%	11 12,9%	8 40%	—
	<b>Total</b>	88 100%	85 100%	20 100%	4 100%
XX-1	F1	22 19,8%	26 24,8%	3 12,5%	—
	F2	57 51,4%	78 74,3%	8 33,3%	—
	F3	32 28,8%	1 0,9%	13 54,2%	—
	<b>Total</b>	111 100%	105 100%	24 100%	—
XX-2	F1	12 18,8%	21 16,5%	5 19,2%	—
	F2	32 50%	78 61,4%	11 42,3%	2 100%
	F3	20 31,2%	28 22,1%	10 28,5%	—
	<b>Total</b>	64 100%	127 100%	26 100%	2 100%

**Tabela 108** – Frequência de endófora por forma no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma	Endófora			
		ANAC	ANAE	CAT	ACA
XIX-2	F1	40 67,8%	116 78,9%	11 44%	1 50%
	FII	19 32,2%	31 21,1%	14 56%	1 50%
	<b>Total</b>	59 100%	147 100%	25 100%	2 100%
XX-1	F1	29 50,9%	99 82,5%	7 77,8%	1 100%
	FII	28 49,1%	21 17,5%	2 22,2%	—
	<b>Total</b>	57 100%	120 100%	9 100%	1 100%
XX-2	F1	40 54,1%	100 79,4%	6 46,2%	—
	FII	34 45,9%	26 20,6%	7 53,8%	—
	<b>Total</b>	74 100%	126 100%	13 100%	—

No PB, a frequência de anáfora escura com F2 é superior às demais formas nos períodos XX-1 e XX-2. No período XIX-2, cuja frequência geral de F2 já se constatou menor que nos subsequentes, a referida forma é mais frequente com anáforas escuras do que com claras. Nas anáforas claras e nos casos de catáfora, F2 passa a ser mais frequente que F1 a partir de XX-1. Os dados relativos às ocorrências de ana-catáfora são pouco relevantes, destacando-se apenas pela ausência de F3 nesses casos.

No RO, FI é mais frequente nas anáforas escuras em todos os períodos analisados. No entanto, no caso de anáforas claras, especialmente nos períodos XX-1 e XX-2, há um equilíbrio nas frequências de FI e FII. Em relação às ocorrências de catáfora, verifica-se equilíbrio nos períodos XIX-2 e XX-2, com predileção por FI sobre FII apenas em XX-1, o que não configura uma mudança diacrônica em curso. Assim como no PB, os valores de ana-catáfora são inexpressivos, porém verificados tanto com FI quanto com FII.

A frequência elevada de anáforas escuras verificada no PB e no RO pode ser reflexo do uso dos respectivos demonstrativos *isso* e *asta*, para retomar partes do discurso, principalmente quanto em contexto “mais oral”, como já verificado por Silva (2013, p. 86) e Ramalho (2016, p. 233), cujos estudos apontam predominância de anáforas escuras no *corpus* de língua em uso e no gênero textual de romances, respectivamente. Portanto, as características intrínsecas aos

gêneros textuais podem, da mesma forma, ter influência nos dados de valor referencial endofórico deste estudo, justificando uma análise mais detalhada desses aspectos.

**Tabela 109 – Frequência de endófora por forma no PB (teatro)**

Século	Forma	Endófora			
		ANAC	ANAE	CAT	ACA
XIX-2 COM 1882	F1	13 56,5%	21 63,6%	2 28,6%	1 100%
	F2	3 13%	11 33,3%	—	—
	F3	7 30,4%	1 3%	5 71,4%	—
	Total	23 100%	33 100%	7 100%	1 100%
XX-1 DEU 1932	F1	1 3,4%	6 10,2%	—	3 50%
	F2	18 62,1%	53 89,8%	4 40%	—
	F3	10 34,5%	—	6 60%	3 50%
	Total	29 100%	59 100%	10 100%	6 100%
XX-2 RAS 1974	F1	3 11,5%	3 5,7%	—	—
	F2	22 84,6%	50 94,3%	3 100%	1 100%
	F3	1 3,9%	—	—	—
	Total	26 100%	53 100%	3 100%	1 100%

**Tabela 110 – Frequência de endófora por forma no PB (narrativa)**

Século	Forma	Endófora			
		ANAC	ANAE	CAT	ACA
XIX-2 QUI 1891	F1	27 41,5%	19 36,5%	7 53,8%	1 33,3%
	F2	23 35,4%	23 44,2%	3 23,1%	2 66,7%
	F3	15 23,1%	10 19,2%	3 23,1%	—
	Total	65 100%	52 100%	13 100%	3 100%
XX-1 BRU 1922	F1	21 25,6%	20 43,5%	3 21,4%	—
	F2	39 47,6%	25 54,3%	4 28,6%	—
	F3	22 26,8%	1 2,2%	7 50%	—
	Total	82 100%	46 100%	14 100%	—
XX-2 AMA 1986	F1	9 23,7%	18 24,3%	5 21,7%	—
	F2	10 26,3%	28 37,8%	8 24,8%	1 100%
	F3	19 50%	28 37,8%	10 43,5%	—
	Total	38 100%	74 100%	23 100%	1 100%

**Tabela 111 – Frequência de endófora por forma no RO (teatro)**

Século	Forma	Endófora			
		ANAC	ANAE	CAT	ACA
XIX-2 SCR- DAL 1884- 85	FI	15 60%	54 76,1%	6 50%	—
	FII	10 40%	17 23,9%	6 50%	1 100%
	Total	25 100%	71 100%	12 100%	1 100%
XX-1 JOC 1939	FI	12 75%	50 90,9%	6 100%	—
	FII	4 25%	5 9,1%	—	—
	Total	16 100%	55 100%	6 100%	—
XX-2 MIE 1958	FI	24 88,9%	54 85,7%	4 57,1%	—
	FII	3 11,1%	9 14,3%	3 42,9%	—
	Total	27 100%	63 100%	7 100%	—

**Tabela 112 – Frequência de endófora por forma no RO (narrativa)**

Século	Forma	Endófora			
		ANAC	ANAE	CAT	ACA
XIX-2 CIO 1862	FI	25 73,5%	62 81,6%	5 38,5%	1 100%
	FII	9 26,5%	14 18,4%	8 61,5%	—
	Total	34 100%	76 100%	13 100%	1 100%
XX-1 TAR 1926	FI	17 41,5%	49 75,4%	1 33,3%	1 100%
	FII	24 58,5%	16 24,6%	2 66,7%	—
	Total	41 100%	65 100%	3 100%	1 100%
XX-2 MOR 1967	FI	16 34%	46 73%	2 33,3%	—
	FII	31 66%	17 27%	4 66,7%	—
	Total	47 100%	63 100%	6 100%	—

De fato, quando se comparam os valores de anáfora escura com os de anáfora clara entre os gêneros textuais, nos textos do gênero teatral a predominância, em valores totais absolutos, é de anáforas escuras em todos os períodos, tanto no PB quanto no RO. A maioria desses casos estão associados ao uso de *isto/isso* no PB, e *asta* (dem. feminino com valor neutro) no RO, fato que justifica os valores para anáfora escura mais elevados de frequência de F1 (XIX-2) e F2 a partir de XX-1 no PB e FI no RO em todo o período analisado, como os exemplos seguintes:

(37) HENRIQUE - Neste caso serei do partido de meu tio.  
LIMOEIRO - E porque não serás conservador?  
HENRIQUE - Não se me dá de sê-lo, se for de seu agrado.  
LIMOEIRO - Bravo! Pois fica sabendo que **serás ambas as coisas**.  
HENRIQUE - Mas *isto* é uma indignidade!  
LIMOEIRO - Indignidade é ser uma coisa só! (COM [JÚNIOR, 1882, p. 13-14])

(38) MECANICUL: Scrisorile. Zicea că **jurnalele să le trimită-napoi la București, că nu mai e nevoie de ele, și scrisorile să le țină la Poștă la Gheorghieni, pân-o veni cineva să le ia...**  
CORINA: Un domn? A spus *asta* un domn?... Da... da... adevărat... uitasem. (JOC [SEBASTIAN, 1936, p. 21])  
[Tradução nossa:  
MECÂNICO: As cartas. Disse que **os diários deviam ser devolvidos a Bucareste, que já não eram necessários e que as cartas deviam ser guardadas nos Correios de Gheorghieni, até que alguém viesse buscá-las...**  
CORINA: Um cavalheiro? Um cavalheiro disse *isso*? ... Sim ... sim ... verdade ... esqueci.]

Em relação às anáforas claras, no PB constata-se certo equilíbrio na distribuição de frequência das formas no gênero narrativo, ao passo que F2 predomina no gênero teatral a partir de XX-1. No RO, a partir de XX-1, FI passa a ser mais frequente que FII com anáforas claras no gênero teatral, enquanto que, no gênero narrativo, as formas tendem à equiparação de frequência. Adiante, exemplos de anáfora com F3 no PB e FI no RO:

(39) RUBIÃO fitava **a enseada**, - eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava *aquela* pedaço de água quieta; (QUI [ASSIS, 1891, p. 1])

(40) La extremitatea de jos a **acestui dulap** se zărea un lighean de argint, pe al cărui acoperământ era pusă o bucată de săpun mosc în formă sferică. Lângă *acest* dulap era un mizerabil pat de scânduri, acoperit cu o pătură de lână albastră, iar pe pereți erau ținute câteva cadre de hârtie, zugrăvite cu vopseli proaste: una dintr-însele reprezenta lupta navală de la Ceșme-Liman și arderea flotei turcești de către prințul Orlof, iar pe cealaltă era desenată asasinarea principelui Hanger(1) de către trimisul Porții Otomane. (CIO [FILIMON, 1862, p. 16-17])  
[Tradução nossa: Na extremidade inferior **deste armário** havia uma bacia de prata, em cuja tampa estava colocado um pedaço de sabão almiscarado esférico. Ao lado *desse* armário havia uma miserável cama de pranchas, coberta com um cobertor de lã azul, e nas paredes estavam pregados alguns quadros de papel, pintados com tintas ruins: um deles era a batalha naval em Ceșme-Liman e o incêndio da frota turca do Príncipe Orlof e, o outro, representava o assassinato do Príncipe Hanger(1) pelo envio ao Portão Otomano.]

Dentre as ocorrências de catáfora, os valores de frequência apontam predominância de F3 sobre F1 e F2 em vários períodos de análise no PB, assim como também verificou Ramalho (2016, p. 201). Muitos desses casos são de catáfora estrutural, como nos exemplos a seguir, cuja construção é geralmente com demonstrativos na forma F3, embora também se verifique catáfora estrutural com F1:

(41) Goldstein caíra num *daqueles* silêncios **que eram famosos no meio do seu pessoal**. Significavam que o patrão não tinha mais nada a dizer ou ouvir e, portanto, a entrevista estava encerrada. (AMA [SANT'ANNA, 1986, p. 38])

(42) *Isto de Hegel, de Taine, de Brunetièrre* não era com os samoiedas; a questão deles era encontrar uma espécie de tabuada que lhes fizesse multiplicar a versalhada. Como as tais regras poéticas do suposto príncipe eram bem acessíveis à sua paciência de correccionais, adotaram-nas como artigos de fé, exageraram-nas até ao absurdo. (BRU [BARRETO, 1922, p. 8])

No RO, a ocorrência de catáfora predomina, também, com demonstrativos de distância (FII), embora também, como no PB, tenham sido verificados casos de catáfora não-estrutural com FI, como no trecho seguinte:

(43) CAȚAVENCU (batjocoritor): Să vedem opinia lui d. Farfuridi. (Trahanache clopoște) FARFURIDI (asudă mereu și se emoționează pe văzute) : Opinia mea este *aceasta*: **e vorba de revizuire**, da?  
TOȚI (puternic): Da! Da! (SCR [CARAGIALE, 1884, p. 39-40])  
[Tradução nossa:  
CAȚAVENCU (zombeteiro): Vamos ver a opinião do Sr. Farfuridi. (Trahanache toca o sino.) FARFURIDI (sempre suando e se empolgando): Minha opinião é *esta*: **é uma crítica**, certo?  
TODOS (em voz alta): Sim! Sim!]

Por fim, dentre os poucos casos de ana-catáfora encontrados no *corpus*, os exemplos a seguir ilustram uma ocorrência no PB com F2 e outra no RO com FI:

(44) E poupando a ela a angústia de decidir se resistia ou não, ele logo fez o vestido vermelho escorregar até à cintura de Dionísia. E através de um espelho na parede, teve diante de si **dois seios magníficos**, *desses que só as mulheres que amadureceram para o amor*, mas ainda não atravessaram a maternidade, podem ostentar. (AMA [SANT'ANNA, 1986, p. 33])

(45) Apoi încet-încet gândul i se întoarce iarăși la moș Pleșuv și la istorisirile lui despre **lupte cu fiarele cele mari din codru: cu urși, cu mistreți și cu bouri**. La vânătorile *acestea*, pe care le fac bărbații cei mari și bărboși, visa el de multe ori în lenea verii, în murmurul poienilor și între ochii dulci ai florilor. (TAR [SADOVEANU, 1926, p. 19])  
[Tradução nossa: Então, lentamente, o pensamento voltou ao velho Pleșuv e suas histórias de **luta com os grandes animais da floresta: ursos, javalis e bois**. Muitas vezes ele sonhava com *essas* caçadas, as quais eram realizadas por homens altos e barbudos, na preguiça do verão, no murmúrio dos prados e entre os doces olhos das flores.]

Na análise das ocorrências de demonstrativos com valor referencial endofórico, também foram consideradas as formas simples e reforçadas do RO como variável perante as subcategorias de endófora. Os dados são apresentados, primeiramente, considerando apenas o fator diacrônico e, posteriormente, por gênero textual.

**Tabela 113** – Frequência de endófora por formas reforçadas e simples no RO (teatro e narrativa)

Século	Forma		Endófora			
			ANAC	ANAE	CAT	ACA
XIX-2	FI	R	26 65%	71 61,2%	7 63,6%	1 100%
		S	14 35%	45 38,8%	4 36,4%	—
		<b>Total</b>	40 100%	116 100%	11 100%	1 100%
	FII	R	13 68,4%	17 54,8%	13 92,9%	—
		S	6 31,6%	14 45,2%	1 7,1%	1 100%
		<b>Total</b>	19 100%	31 100%	14 100%	1 100%
XX-1	FI	R	11 37,9%	25 25,3%	1 14,3%	1 100%
		S	18 62,1%	74 74,7%	6 85,7%	—
		<b>Total</b>	29 100%	99 100%	7 100%	1 100%
	FII	R	26 92,9%	19 90,5%	2 100%	—
		S	2 7,1%	2 9,5%	—	—
		<b>Total</b>	28 100%	21 100%	2 100%	—
XX-2	FI	R	12 30%	24 24%	2 33,3%	—
		S	28 70%	76 76%	4 66,7%	—
		<b>Total</b>	40 100%	100 100%	6 100%	—
	FII	R	10 29,4%	7 26,9%	1 14,3%	—
		S	24 70,6%	19 73,1%	6 85,7%	—
		<b>Total</b>	34 100%	26 100%	7 100%	—

Na tabela 113, os valores que chamam atenção se referem à predominância tardia de formas simples com FII, cujos valores passam a ser maiores que com formas reforçadas apenas no período XX-2. FI, no entanto, com formas simples, já predomina desde XX-1.

**Tabela 114** – Frequência de endófora por formas reforçadas e simples no RO (teatro)

Século	Forma		Endófora			
			ANAC	ANAE	CAT	ACA
XIX-2 SCR- DAL 1884- 85	FI	R	1 6,7%	10 18,5%	2 33,3%	—
		S	14 93,3%	44 81,5%	4 66,7%	—
		<b>Total</b>	15 100%	54 100%	6 100%	—
	FII	R	4 40%	3 17,6%	5 83,3%	—
		S	6 60%	14 82,4%	1 16,7%	1 100%
		<b>Total</b>	10 100%	17 100%	6 100%	1 100%
XX-1 JOC 1939	FI	R	1 8,3%	2 4%	—	—
		S	11 91,7%	48 96%	6 100%	—
		<b>Total</b>	12 100%	50 100%	6 100%	—
	FII	R	2 50%	3 60%	—	—
		S	2 50%	2 40%	—	—
		<b>Total</b>	4 100%	5 100%	—	—
XX-2 MIE 1958	FI	R	—	1 1,9%	—	—
		S	24 100%	53 98,1%	4 100%	—
		<b>Total</b>	24 100%	54 100%	4 100%	—
	FII	R	—	—	—	—
		S	3 100%	9 100%	3 100%	—
		<b>Total</b>	3 100%	9 100%	3 100%	—

No gênero textual de peças teatrais de comédia, a predominância de FII com formas simples é verificada nos períodos XIX-1 e, com exclusividade, em XX-2. Principalmente quando se soma a esses valores os dados para FI, observa-se que os demonstrativos no RO com valor referencial endofórico predominam no gênero teatral com formas simples, tanto nos casos de anáfora clara e escura, quanto de catáfora e ana-catáfora (cf. tabela 114).

Entende-se que, de fato, as formas simples no gênero teatral no RO, assim como se apresentou na tabela 75 referente aos dados de demonstrativos com valor referencial exofórico (cf. p. 130), são empregadas em maior frequência quando em contexto mais próximo da oralidade.

**Tabela 115** – Frequência de endófora por formas reforçadas e simples no RO (narrativa)

Século	Forma		Endófora			
			ANAC	ANAE	CAT	ACA
XIX-2 CIO 1862	FI	R	25 100%	61 98,4%	5 100%	1 100%
		S	—	1 1,6%	—	—
		Total	25 100%	62 100%	5 100%	1 100%
	FII	R	9 100%	14 100%	8 100%	—
		S	—	—	—	—
		Total	9 100%	14 100%	8 100%	—
XX-1 TAR 1926	FI	R	10 58,8%	23 46,9%	1 100%	1 100%
		S	7 41,2%	26 53,1%	—	—
		Total	17 100%	49 100%	1 100%	1 100%
	FII	R	24 100%	16 100%	2 100%	—
		S	—	—	—	—
		Total	24 100%	16 100%	2 100%	—
XX-2 MOR 1967	FI	R	12 75%	23 50%	2 100%	—
		S	4 25%	23 50%	—	—
		Total	16 100%	46 100%	2 100%	—
	FII	R	10 32,3%	7 41,2%	1 25%	—
		S	21 67,7%	10 58,8%	3 75%	—
		Total	31 100%	17 100%	4 100%	—

Como se observa claramente na tabela 115, os valores de formas reforçadas no gênero narrativo são predominantes – tanto com FI quanto com FII – nos casos de anáforas claras, catáforas e ana-catáforas em XIX-2 e XX-1. Quanto às ocorrências de anáforas escuras, há equiparação na frequência de formas com FI em XX-1 (46,9% R / 53,1% S) e XX-2 (50% R / 50% S), provavelmente devido ao uso de *asta*, comumente empregado em função dêitico-discursiva. Por esse motivo, os valores de anáfora escura, principalmente no último período analisado, destoam, não somente das demais categorias de endófora, mas também, comparativamente, daqueles referentes às exóforas (cf. p. 131, tabela 76).

### 7.5.1.4 Referência exo-endofórica

Os casos de exo-endófora compreendem aqueles cujo(s) referente(s) se encontra(m), ao mesmo tempo, no contexto linguístico (exófora) e no próprio enunciado/texto (endófora). Neste último caso, o referente pode já ter sido mencionado anteriormente (anáfora) ou aparecer adiante (catáfora).

Os exemplos listados a seguir ilustram o comportamento dos demonstrativos em construções com valor referencial exo-endofórico, tanto no PB quanto no RO:

(46)

DOMINGOS - Domingos está pronto para votar quantas vezes sinhô quiser.

XICO BENTO - *Isto* não é negro; **é um precipício!** (COM [JÚNIOR, 1882, p. 34])

(47)

JEFF: Jóreggelt kivánok! Bună dimineața.

CORINA: Unde umbli, Jeff, așa de dimineață? Eu credeam că mai dormi.

JEFF: Să dorm? Glumiți, domnișoara Corina. Eram de santinelă.

CORINA: Cum de santinelă? Și ce e parul acesta pe care-l porți după tine?

JEFF: E descoperirea mea. (Tace un moment, pentru a-și pregăti efectul. A împlântat marțial parul în pământ și-l prezintă ca pe un trofeu.) Acum știu de ce nu se mai oprește autobuzul la pensiunea Weber. (JOC [SEBASTIAN, 1936, p. 8])

[Tradução nossa:

JEFF: *Jóreggelt kivánok!* Bom Dia.

CORINA: Aonde você vai, Jeff, assim de manhã? Achei que você ainda estava dormindo.

JEFF: Dormindo? Você está brincando, Srta. Corina. Eu estava de sentinela.

CORINA: Como assim, de sentinela? E que cabelo é *esse que você usa por trás?*

JEFF: É minha descoberta. (Fica em silêncio por um momento para se preparar para o efeito. Planta seu cabelo marcial na terra e o apresenta como um troféu.) Agora eu sei por que o ônibus não para na pensão Weber.]

Nos exemplos (46) e (47), os demonstrativos *isto* e *esse*, respectivamente, se referem a elementos presentes na situação de fala (exófora) e, em ambos, a referência endofórica se estabelece por meio de catáfora.

(48) PERPÉTUA - Que te importas tu com o **canudo**?

[...]

PERPÉTUA, a Rosinha. - Que moço amável!

ROSINHA, a Perpétua - Pois eu não acho, enquanto não souber o que é que ele tem dentro *daquele* canudo. (COM [JÚNIOR, 1882, p. 9])

(49) NANCY Chega! Sinto que a minha cabeça está girando, girando... Que coisa terrível é a mentalidade! Estou sendo vítima da mentalidade que **esse velho** me impôs!

PÉRICLES Mera sugestão, Nancy. Reflita bem.

NANCY Não! Não sei refletir com a figura *desse* velho a orientar-me o pensamento. Preciso esquecê-lo! Quero esquecê-lo! (DEU [CAMRGO, 1932, p. 41])

Já nos exemplos (48) e (49), os casos de exo-endófora são de exóforas (referentes depreendidos da situação de fala) associados a anáforas claras (“canudo” e “velho”, respectivamente).

### 7.5.1.5 Referência anamnética

Retomando as definições de Himmelmann (1996, p. 240) e Diessel (1999, p. 6) sobre o uso anamnético dos demonstrativos, delimitam-se os casos de referência a entidades, no universo do discurso, de conhecimento específico ou que dizem respeito a experiências ou informações compartilhadas entre o falante e o ouvinte. No *corpus* analisado, todos os exemplos adiante (50 a 60) se enquadram nessa classificação semântica.

(50) XICO BENTO, com alegria concentrada - Confesso ao major que nunca pensei em tal; uma vez, porém, que este negócio lhe apraz...

LIMOEIRO - É um negócio, diz muito bem; porque, no fim de contas, *estes casamentos por amor* dão sempre em água de barrela. O tenente-coronel compreende... Eu sou liberal... o meu amigo conservador...

XICO BENTO - Já atinei! Já atinei! Quando o partido conservador estiver no poder... (COM [JÚNIOR, 1882, p.11])

(51) Rubião viu, sentiu, palpou tudo pela única força do instinto e deu por si beijando o papel,- digo mal, beijando o nome, o nome dado na pia de batismo, repetido pela mãe, entregue ao marido como parte da escritura moral do casamento, e agora roubado a todas *essas origens e posses* para lhe ser mandado a ele, no fim duma folha de papel... Sofia! Sofia! Sofia! (QUI [ASSIS, 1891, p. 27])

(52) MENDIGO Ai! Ai! O senhor começa mal. Assim, retiro-lhe a minha proteção!

OUTRO Perdão! Eu queria dizer que... para um moço...

MENDIGO Pois é de moço que se deve começar a pedir! O senhor não vê *essas crianças de cinco a seis anos*, pedindo? Serão, no futuro, grandes, notáveis mendigos. Na nossa profissão é preciso começar cedo. (DEU [CAMRGO, 1932, p.18])

(53) - Ați prins mult pește? întrebă Tita schimbând vorba.

- Am prins pe dracu ghem! De câte ori ridicăm plasa, numai broaște >' mormoloci.

- Tata spunea că *ăia* pe la București mănâncă broaștele! Zicea că l<îndoapă cu carne și le bagă la cuptor, așa vii. Pe urmă, când încep să faci poc-poc, le scot afară și le mănâncă cu furculița, zise Ilinca scuiând pi marginea apei. (MOR [PREDA, 1967, p. 6])

[Tradução nossa:

- Você pescou muito peixe? Perguntou Tita, mudando de assunto.

- Eu comi a bola! Cada vez que levantamos a rede, apenas sapos girinos.

- Meu pai dizia que *aqueles* de Bucareste comem rãs! Ele disse que bebia carne e colocava no forno, é assim que a gente vive. Ai, quando começam a fazer aos poucos, eu tiro e como com garfo, disse Ilinca, scupindo na beira da água.]

(54)

CORINA: Te interesează condițiile atmosferice?

BOGOIU: Ei, știi că-mi placi? Auzi vorbă... Cum n-o să mă intereseze? Păi asta-i principalul. Nu plec niciodată orbește la drum. Îmi iau mai întâi toate măsurile. Am un prieten la Institutul meteorologic, știi, **casa aia galbenă**, cu un etaj, din Calea Dorobanți, la numărul 1. În fiecare zi la prânz, când ies de la minister, mă urc în autobuz, drept acolo mă duc... Mă așteaptă în poarta. Băiat de treabă. (JOC [SEBASTIAN, 1936, p. 11])

[CORINA: Você está interessado nas condições meteorológicas?

BOGOIU: Bem, você sabe que eu gosto de você? Ouça a palavra ... Como posso não estar interessado? Bem, isso é o principal. Eu nunca fico cego. Eu dou todos os meus passos primeiro. Eu tenho um amigo do Instituto Meteorológico, sabe, *aquela casa amarela* de um andar em Calea Dorobanti, no número 1. Todo dia ao meio-dia, quando eu saio do ministério, eu entro no ônibus, lá eu vou ... Ele está me esperando lá portão. Bom garoto.]

(55)

Dumnezeu l-a pus și în inima celui mai mizerabil om, se prezenta în acele momente dinaintea lui și, arătându-i oglinda în care se răsfrângeau crimele prin care ajunsese la mărirea în care se afla, pare că-i zicea: —Privește, mizerabile, crimele tale, și nu cuteza să pălești cu suflarea ta cea înveninată *acel crin semănat de mâna Domnului* în această vale a lacrimilor. (CIO [FILIMON, 1862, p. 19])[Deus o colocou no coração do homem mais miserável, se apresentou naqueles momentos diante dele, e, mostrando-lhe o espelho no qual os crimes pelos quais ele havia atingido a magnitude em que se refletia, parecia dizer-lhe: "Olha, desgraçado, seus crimes, e não se atreva a desvanecer com seu hálito envenenado *aquela lírio semeado pela mão do Senhor* neste vale de lágrimas.]

Nos exemplos 50-55, subentende-se que o leitor (ou falante) compartilhe do conhecimento veiculado pelo falante, cuja informação pode ser depreendida pelo contexto cultural ou proveniente do enredo.

(56) Havia mais belezas de igual quilate e outras originalidades. Não obstante, quando apareceu, foi um louco sucesso de riso muito parecido com o do Tremor de terra de Lisboa, *aquela célebre tragédia do cabeleireiro André*, a quem Voltaire invejou e escreveu, entretanto, ao receber--lhe a obra, que continuasse a fazer sempre cabeleiras -- "toujours des perruques", Senhor André. (BRU [BARRETO, 1922, p. 7])(57) e (58) 666 -que sobrou, que *aquela maldita***gripe espanhola** me levou eles,

De palito Marquesito na boca?

Mas o que é que você quer das cidades? Brahma Chope, agora engarrafado? Mulheres de unhas pintadas? O cinema? Ah, o

cinematógrafo com heróis de

vida galopante, não é? Filmes

que anunciam vícios elegantes!

*Essa Dercy Gonçalves* nua pelos

palcos, baratinha de capota

arriada, indecências, V-oitos? (RAS [FILHO, 1974, p. 43])

(59) O marido, embora gostasse da voz da Gal, tinha ódio do Chico Buarque, autor da música. Porque não apenas Dionísia, mas todas as mulheres que conhecia eram taradas pelo Chico. "Os olhos verdes do Chico, *aquela cara de garoto!*", o marido já ouvira Dionísia comentar dezenas de vezes. E agora, numa associação óbvia, os olhos verdes do Chico lembravam-lhe os olhos azuis do fotógrafo de olhos azuis. O marido, embora bem-apegoado, tinha os olhos castanhos normais dos brasileiros médios. (AMA [SANT'ANNA, 1986, p. 14])

(60) Cu sufletul plin de amurgul acela de primăvară și cu gențile goale, ne înfundarăm în noaptea codrului, pe poteci umede, spre o gară depărtată. Și, umblând spre gară, domol, cuconu' Nicu înainte, Poetul după el și eu la urmă, - iată că tovarășul nostru cel tânăr își aduse aminte de cea dintâi expediție la sitari, anul trecut. (TAR [SADOVEANU, 1926, p. 28])

[Com nossas almas cheias *daquele crepúsculo de primavera* e nossas bolsas vazias, nós nos amontoamos na noite da floresta, em caminhos molhados, a uma estação de trem distante. E, caminhando em direção à estação, calmamente, com seu primo Nicu antes, o Poeta depois dele e eu depois, - eis que nosso jovem camarada se lembrou da primeira expedição ao sitari, no ano passado.]

Nos exemplos (56), (57) e (60), o referente é de conhecimento trivial, ou seja, não apenas pressupõe uma informação compartilhada entre autor e leitor, mas também envolve uma questão cultural: o conhecimento do leitor acerca do evento ou situação. Já nos exemplos (58) e (59), tratam-se de entidades de conhecimento compartilhado entre falante/autor e ouvinte/leitor.

Nos exemplos de uso anamnético, nota-se frequência maior do uso de F3 no PB e FII no RO, ou seja, as formas de distância em sua respectiva língua. Até aqui, tais formas não se mantiveram tão predominantes em outras categorias de análise como se mostrou no uso anamnético.

#### 7.5.1.6 Referência indefinida

Nesta seção, encontram-se todas as ocorrências classificadas como indefinidas, nos casos em que o demonstrativo não pretende deixar claro a que (ou quem) se refere. Como se observa nos exemplos (61), (62) e (63), os demonstrativos com referência indefinida aparecem em pares, nas formas F1 e F3, F2 e F3, e FI e FII, respectivamente.

(61) – Não quero nada, disse ao escravo. E outra vez pensou no legado. Calculou o algarismo. Menos de dez contos, não. Compraria um pedaço de terra, uma casa, cultivaria *isto* ou *aquilo*, ou lavraria ouro. (QUI [ASSIS, 1891, p. 2])

(62) No entanto, a terra vive na pobreza; os latifúndios abandonados e indivisos; a população rural, que é a base de todas as nações, oprimida por chefões políticos, inúteis, incapazes de dirigir a coisa mas fácil desta vida. Vive sugada; esfomeada, maltrapilha, macilenta, amarela, para que, na sua capital, algumas centenas de parvos, com títulos altissonantes *disso* ou *daquilo*, gozem encimentos, subsídios, duplicados e triplicados, afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagres. (BRU [BARRETO, 1922, p. 20])

(63) CORINA: Unsprezece luni pe an sunt și eu un om grăbit, un om crispat, un om care aleargă, care discută, care rezistă, dar după unsprezece luni mă duc undeva departe de oraș, să iau lecții de lene, de la piatra, *asta*, de la copacul *ăla*. Uită-te la el. Nu ți se pare că e ceva împărătesc în indiferența lui? Totdeauna lângă un pom m-am simțit puțin umilit. Nemișcarea lui... (JOC [SEBASTIAN, 1936, p. 25])

[Onze meses no ano também sou um homem com pressa, um homem tenso, um homem que corre, que fala, que resiste, mas depois de onze meses vou para algum lugar longe da cidade, para ter aulas

de preguiça, na pedra, *essa*, na árvore, *aquela*. Olhe para ele. Não lhe parece que há algo de imperial em sua indiferença? Sempre me senti um pouco humilhado por uma árvore. Essa sua quietude...]

Dentre as categorias estabelecidas no campo semântico de análise, a referência indefinida é aquela com o menor número de ocorrências e, portanto, não permite apontar tendência diacrônica ou influência significativa nos fenômenos analisados neste estudo.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se concentrou na coleta de 1800 ocorrências de demonstrativos do PB e do RO no *corpus* selecionado e na posterior análise desses dados nos campos morfológico, sintático, semântico e pragmático. Buscou-se, assim, apresentar uma descrição mais fidedigna acerca do funcionamento efetivo do sistema de demonstrativos das duas línguas com base em dados empíricos, apontando mudanças em seu comportamento linguístico no eixo diacrônico e, também, sob um ponto de vista comparativo entre o PB e o RO.

Além disso, **quatro hipóteses** foram levantadas, cujas respostas representam os objetivos principais desta pesquisa, já que refletem aspectos já em discussão e relevantes para a compreensão do sistema de demonstrativos no PB e no RO, individualmente. Destaca-se, também, o caráter comparativo das hipóteses que estabelece a relação entre as duas línguas românicas e seu comportamento evolutivo no âmbito dos demonstrativos.

Por fim, chega-se às seguintes conclusões a respeito das hipóteses desta pesquisa:

### Hipótese 1 –

Já nos primeiros dados gerais analisados<sup>50</sup>, observou-se clara ascensão na frequência de F2 no PB e, simultaneamente, diminuição da frequência de F1 ao longo do tempo (X1X-2 > XX-1 > XX-2), apontando para a mudança esperada. Ao se considerar individualmente o gênero textual analisado, verifica-se que os textos teatrais de comédia são responsáveis pelo aumento na frequência de F2 em relação a F1, enquanto os valores referentes aos textos narrativos se mantêm estáveis<sup>51</sup>.

No RO, a situação é diferente: não se constata mudança em curso nos dados gerais de frequência de FI e FII<sup>52</sup>, o que representa estabilidade entre as formas ao longo do tempo. Mesmo sob análise individual entre os gêneros textuais do *corpus* de pesquisa, os valores apontam para uso mais frequente de FI sobre FII no teatro<sup>53</sup> e tendência à equiparação nas frequências das formas no gênero narrativo<sup>54</sup>, comportamentos que demonstram não haver competição entre as formas, diferentemente do que ocorre no PB.

---

<sup>50</sup> Cf. Tabela 1 e gráfico 1, p. 53

<sup>51</sup> Cf. Tabelas 4 e 5, gráficos 4 e 5, p. 56.

<sup>52</sup> Cf. Tabela 2 e gráfico 2, p. 53.

<sup>53</sup> Cf. Tabela 6 e gráfico 6, p. 57.

<sup>54</sup> Cf. Tabela 7 e gráfico 7, p. 57.

Portanto, ao afirmar que **o sistema de demonstrativos do português brasileiro teria mudado em direção a um sistema binário semelhante ao do romeno**, pode-se dizer que tal asserção se verifica, com ressalvas. De fato, o sistema de demonstrativos do PB apresenta comportamento que indica, ao longo tempo, a transformação de um sistema ternário (F1/F2/F3) para um sistema binário (F1+F2/F3), cuja frequência de F1 vem perdendo espaço para F2, em especial na modalidade oral da língua<sup>55</sup>. No RO, tal cenário já está estabelecido, pois seu sistema binário conta apenas com FI e FII, sem concorrência evidenciada entre as formas.

No entanto, deve-se esclarecer que por “semelhante” entre os sistemas, entende-se apenas a tendência do PB em ter um sistema atual que não mais emprega três formas de demonstrativos com funções distintas e delimitadas, ou que, futuramente, passe a ter apenas duas formas, visto que F1 e F2 estão em competição. Nesse caso, tanto o PB quanto o RO teriam sistemas binários, porém F1+F2 do PB não correspondem, em valores<sup>56</sup>, a FI do RO, assim como F3 do PB não é proporcionalmente correspondente à forma de distância FII do RO.

A disparidade entre as formas F3 do PB e FII do RO se confirmou na análise semântica dos demonstrativos: houve ocorrências de FII (forma de distância do RO) com valor referencial exofórico espacial, cujo referente se encontrava próximo ao falante, comportamento não encontrado nos dados do PB<sup>57</sup>, cujos casos de exófora espacial com referente próximo ao falante utilizaram sempre F1 ou F2. Da mesma forma, FII (RO) se diferencia de F3 (PB) por estar associado a tempo futuro em exófora temporal, caso que não foi registrado no PB com F3<sup>58</sup>. Em relação às ocorrências com valor referencial endofórico, F3 do PB e FII do RO mantêm divergência e não apresentam frequência equiparável nas categorias de anáforas clara e escura, catáfora e ana-catáfora<sup>59</sup>.

Obviamente, as formas F3 e FII desempenham comportamentos semelhantes no PB e no RO, respectivamente, como verificado nas ocorrências com valor referencial anamnético<sup>60</sup> (categoria com preferência pelo uso de F3 no PB e FII no RO) e com valor referencial indefinido<sup>61</sup> (F3 e FII são utilizados nos pares de demonstrativos pertinentes). Conclui-se, portanto, que a semelhança entre os sistemas de demonstrativos do PB e do RO se restringe ao conceito de binarismo das formas, com atenção às especificidades de cada língua no que se

<sup>55</sup> Cf. Tabelas 12 e 15, gráficos 12a e 15a, p. 62,65.

<sup>56</sup> Cf. Tabelas 1 e 2, p. 53.

<sup>57</sup> Cf. p. 141-142.

<sup>58</sup> Cf. p. 145-146.

<sup>59</sup> Cf. Tabelas 109-112, p. 157.

<sup>60</sup> Cf. p. 166.

<sup>61</sup> Cf. p. 166-167.

refere ao uso das formas: FI e FII do RO não são formas análogas às formas F1, F2 e F3 do PB, pois FI não compreende efetivamente o uso e F1+F2 e FII se mostra mais abrangente que F3.

### Hipótese 2 –

Os primeiros dados de formas dos demonstrativos no PB apresentados, referentes ao gênero textual das peças de comédia teatral, demonstraram que, ao longo o tempo, a frequência de F2 aumentou (10,7% > 59,3% > 82,7%), ao passo que a de F1 diminuiu (73,3% > 24,7% > 10,7%)<sup>62</sup>. No gênero narrativo, por sua vez, as formas se mantiveram em relativa estabilidade<sup>63</sup>, confirmando o caráter mais conservador e, portanto, resistente às mudanças linguísticas.

De todo modo, foi possível confirmar, em todos os níveis de análise, a hipótese levantada anteriormente de que **o sistema de demonstrativos do português brasileiro no gênero textual teatro apresenta um padrão mais inovador do que no gênero textual narrativa, com mais F2 do que F1**. Tal comportamento se dá, sobretudo, devido às características do gênero textual em questão, mais próximo da oralidade, cujo próprio caráter oral também se comprovou relevante.

Na modalidade oral – demonstrativos analisados no contexto de diálogos ou falas de personagens – a frequência de F1 diminuiu mais acentuadamente (64,9% > 24,5% > 10,8% das ocorrências de formas, nos dois gêneros textuais)<sup>64</sup>, ao mesmo tempo em que a frequência de F2 aumenta (19,3% > 59,1% > 80%, nas mesmas condições anteriores)<sup>65</sup>. Retomando a metodologia empregada na coleta de dados, as ocorrências do gênero textual das peças de teatro são todas provenientes da modalidade oral, pois elementos textuais fora do contexto dos personagens não foram contabilizados. Portanto, os dados de F1 e F2 atribuídos a esta modalidade – única a ter sido analisada no teatro e sendo, de qualquer forma, a maior parte do texto – reforça o aspecto mais inovador / próximo à oralidade do gênero textual.

Os dados que comprovam a modalidade oral como mais inovadora que a escrita se observam na análise do gênero narrativo, único que possui ocorrências de ambas as modalidades<sup>66</sup>. Verificou-se, então, aumento progressivo de F2 (44,2% > 55,5% > 68,6%) e diminuição de F1 (40,4% > 22,2% > 11,4%) entre as ocorrências na modalidade oral, enquanto

<sup>62</sup> Cf. Tabela 4 e gráfico 4, p. 56

<sup>63</sup> Cf. Tabela 5 e gráfico 5, p. 56

<sup>64</sup> Cf. Tabela 12 e gráficos 12a e 12b, p. 62.

<sup>65</sup> Cf. Tabela 12 e gráficos 12a e 12b, p. 62.

<sup>66</sup> Cf. Tabela 15 e gráficos 15a e 15b, p. 65.

os casos na modalidade escrita apresentaram variação dentro de uma faixa de estabilidade, confirmando seu caráter mais conservador.

A prevalência de F2 sobre F1 ao longo do tempo também foi constatada na análise morfológica dos demonstrativos. O aumento na frequência de F2 e queda de F1 no gênero teatral foi confirmada nos gêneros gramaticais masculino, feminino e neutro<sup>67</sup>, com destaque para o último, cuja prevalência com F2 chega a 90,8%<sup>68</sup> e, dos gêneros, foi o único a demonstrar aumento e prevalência significativa em XX-2 no gênero narrativo<sup>69</sup>. Quanto ao número gramatical, observou-se discrepância – tanto no singular quanto no plural – na frequência de F2 em comparação às demais formas nos valores referentes aos demonstrativos no gênero teatral, frente à pouca variação verificada no gênero narrativo, em especial nas ocorrências com singular<sup>70</sup>.

Na análise sintática das ocorrências no PB, a frequência de F2, mais uma vez, se confirma em aumento – tanto em posição de margem quanto em posição de núcleo do SN<sup>71</sup> – a partir de XX-1, enquanto que a frequência de F1 diminui a partir do mesmo período no gênero teatral. Destaca-se, porém, maior discrepância de F2 quando em núcleo do SN (68,7% em XX-1; 88,6% em XX-2) em comparação à posição de margem no SN (54,9% em XX-1; 77,5% em XX-2). Inclusive, no gênero narrativo, apenas na posição de núcleo do SN, F2 acompanha a tendência observada no gênero teatral e, em XX-2, prevalece sobre as demais formas (63,8% das ocorrências)<sup>72</sup>. Esse comportamento mais frequente de demonstrativos com F2 em posição de núcleo do SN pode ser atribuído, em maior parte, pelo emprego muito comum de *isso* em função de dêixis textual – retomando parte de um enunciado – ou em função exofórica – tendo como referente alguma coisa, cujo gênero (masculino ou feminino) ainda não tenha sido especificado.

O uso exofórico de *isso* – juntamente com as formas *esse* e *essa* e respectivas flexões de plural – foi apontado em conformidade com o que fora verificado por Ramalho (2016, p. 234) na seção pertinente às ocorrências de demonstrativos com valor referencial exofórico<sup>73</sup>. O autor, então, defendeu a maior frequência de exóforas no gênero teatral devido à maior interação entre os personagens e, portanto, mais possibilidade de se apontar elementos e objetos na situação de enunciação. Em valores absolutos, de fato, também confirmou-se que o valor

<sup>67</sup> Cf. Gráficos 22a, 22b e 22c, p. 74.

<sup>68</sup> Cf. Tabela 22, p. 74.

<sup>69</sup> Cf. Gráfico 23c, p. 75.

<sup>70</sup> Cf. Tabela 33 e gráficos 33a e 33b, p. 84.

<sup>71</sup> Cf. Tabela 50 e gráficos 50a e 50b, p. 102.

<sup>72</sup> Cf. Gráfico 51b, p. 102.

<sup>73</sup> Cf. p. 127.

referencial exofórico é bem mais frequente no gênero textual teatral do que no gênero textual narrativo<sup>74</sup>, sendo que, no primeiro, as ocorrências de F2 aparecem a partir de XX-1 e ultrapassam F1 em XX-2<sup>75</sup>. No segundo, F2 prevalece apenas a partir de XX-2<sup>76</sup>, revelando passar por uma mudança mais tardia.

No gênero teatral se observou, também, mudança relativamente tardia quando se considerou a proximidade do falante e do ouvinte enquanto parâmetros de frequência das formas com valor referencial exofórico. Apenas a partir de XX-2 houve predomínio de F2 sobre F1<sup>77</sup>, enquanto que no gênero narrativo F1 se manteve predominante durante todo o tempo nos casos em que o referente estava próximo ao falante<sup>78</sup>. Ressaltou-se, porém, na análise de subcategorias de exófora espacial, a ausência de equivalência entre as formas F1/F2/F3 e os parâmetros dos referentes em relação à proximidade do falante (PF), do ouvinte (PO) ou afastamento de ambos (AA)<sup>79</sup>, o que confirma a ambiguidade ou ausência de aporte teórico mais fidedigno por parte de algumas gramáticas tradicionais sobre os demonstrativos no PB.

Dentre as formas do PB, F1 se mostrou como a mais produtiva com valor exofórico temporal, já que se manifestou em referência aos três tempos (passado, presente e futuro) que compõem as subcategorias. F2, por exemplo, não aparece em contexto pretérito e F3 não obteve ocorrências em situação de tempo presente. F3, por outro lado, se mostra como a forma mais comum nas expressões de tempo passado (embora pouco comum no gênero teatral), predominando em todos os períodos analisados no gênero narrativo. Nos tempos presente e futuro, F1 se mostra mais frequente que as demais formas.

Além disso, indo de encontro às teorias postuladas por Bechara (2006) e Cunha e Cintra (2008)<sup>80</sup>, não houve, dentre as ocorrências de demonstrativo com valor exofórico temporal, nenhum caso de F2 associado a passado nem a futuro: apenas ao presente<sup>81</sup>. Não apenas, também no âmbito temporal das exóforas, o comportamento das formas, em grande parte, não acompanha a tendência prescrita nas GTs, como, especialmente no gênero teatral, aponta para F2 no lugar de F1 em situações de tempo presente.

Os demonstrativos com valor endofórico no PB acompanham a tendência de mudança de F1 para F2 no gênero textual de peças teatrais, com progressivo aumento na frequência de

---

<sup>74</sup> Cf. Tabelas 70 e 71, p. 127.

<sup>75</sup> Cf. Gráfico 68, p. 127.

<sup>76</sup> Cf. Gráfico 69, p. 127.

<sup>77</sup> Cf. Tabela 88, p. 139.

<sup>78</sup> Cf. Tabela 89, p. 139.

<sup>79</sup> Cf. Tabelas 88 e 89, p. 139.

<sup>80</sup> Cf. Quadro 5, p. 33.

<sup>81</sup> Cf. Tabelas 92 e 93, p. 144.

F2 a partir de XX-1 e consequente queda de F1<sup>82</sup>. No gênero teatral, verificou-se maior presença de anáforas escuras, dentre as quais seu uso com F2 acompanha a tendência de mudança e prevalece sobre F1 a partir de XX-1<sup>83</sup>. Nas anáforas claras, há equiparação entre F1 e F2 no gênero narrativo<sup>84</sup>, enquanto, mais uma vez, no gênero teatral, F2 é mais frequente a partir do mesmo período.

### Hipótese 3 –

Antes de se apresentarem os dados separados por gênero textual, os valores de frequência das formas reforçadas no RO (*acest/accel* e flexões) já apontavam queda<sup>85</sup>, ao passo que a frequência das formas simples (*ǎsta/ǎla* e flexões) aumentava ao longo do tempo<sup>86</sup>, apenas com mudança mais lenta verificada com FII. Ao se confrontarem os dados separadamente, as formas simples, de fato, não apenas apresentaram progressivo aumento em relação às formas reforçadas no gênero teatral, como também sempre foram predominantes em todos os períodos analisados<sup>87</sup>. No gênero narrativo, por sua vez, as formas simples passam a ser predominantes apenas com FII no período XX-2: em todos os outros, seja com I ou FII, as formas reforçadas prevalecem<sup>88</sup>.

O comportamento das formas simples no gênero teatral é corroborado pelos dados obtidos na análise das ocorrências na modalidade oral, cuja prevalência atinge até 100% dos casos, e se mantêm acima dos 82,1% em todas as sincronias<sup>89</sup>. Por outro lado, na modalidade escrita, as formas reforçadas prevalecem por todo o período analisado<sup>90</sup>.

Tornou-se evidente, neste estudo, que as formas simples no RO estão associadas aos contextos da oralidade e que, portanto, **o sistema de demonstrativos do romeno no gênero textual das peças de teatro apresentaria, conseqüentemente, um padrão mais inovador do que no gênero textual de narrativas, com mais *ǎsta/ǎla* (e flexões) do que *acest/accel* (e flexões).**

Dentre os aspectos morfológicos analisados, os demonstrativos no RO acompanham a tendência de aumento na frequência de formas simples em relação à frequência de formas

<sup>82</sup> Cf. Tabela 98 e gráfico 77, p. 149.

<sup>83</sup> Cf. Tabela 109, p. 157.

<sup>84</sup> Cf. Tabela 110, p. 157.

<sup>85</sup> Cf. Tabela 3 e gráfico 3a, p. 55.

<sup>86</sup> Cf. Tabela 3 e gráfico 3b, p. 55.

<sup>87</sup> Cf. Tabela 8 e gráficos 8a e 8b, p. 58.

<sup>88</sup> Cf. Tabela 9 e gráficos 9a e 9b, p. 59.

<sup>89</sup> Cf. Tabela 17, p. 67.

<sup>90</sup> Cf. Gráfico 17b, p. 67.

reforçadas no gênero narrativo, enquanto que, no gênero teatral, a prevalência de formas simples sempre foi observada e com valores discrepantes. Esse foi o cenário, por exemplo, na análise de gênero gramatical<sup>91</sup> e de número<sup>92</sup>, cujos valores entre os gêneros masculino, feminino e neutro, e os números singular e plural, se mantiveram dentro do esperado: prevalecem com formas simples no gênero teatral e passa a predominar com essas formas no gênero narrativo a partir de XX-2.

Quanto ao caso gramatical, destacou-se na seção pertinente à tendência de desaparecimento das flexões de genitivo e dativo (G-D)<sup>93</sup>, cujas ocorrências em XX-2 se restringem ao gênero teatral e, dentre as quais, uma delas é com forma reforçada<sup>94</sup>, num período de baixa expressividade dessas formas. Os fatos de a única ocorrência de flexão casual verificada em XX-2 ter sido com forma reforçada no gênero teatral e a inexistência de demonstrativos com flexão de caso (G-D) no gênero narrativo (mais conservador) reforçam a teoria de desaparecimento da marca casual G-D do RO.

Em relação à sintaxe, as formas simples predominam em posição de margem do SN, mesmo quando em desvantagem em comparação às formas reforçadas, já que as simples só podem aparecer pospostas ao núcleo do SN, enquanto as reforçadas podem se localizar tanto antes quanto depois do núcleo. Mesmo assim, no gênero teatral, as formas simples são superiores em frequência em todos os períodos analisados<sup>95</sup>.

Na seção sobre a ordem do demonstrativo em posição de margem no SN<sup>96</sup>, verificou-se que as formas reforçadas estão, ao longo do tempo, menos frequentes em posposição no SN em ambos os gêneros textuais, enquanto, na mesma ordem, as formas simples se tornaram mais frequentes. Tal resultado acompanha a tendência constatada nas análises anteriores e, no caso da ordem dos demonstrativos no SN, só há como comparar a frequência entre formas simples e reforçadas se em posposição, uma vez que formas simples (*ǎsta/ǎla* e flexões) não podem estar antepostas em margem no SN.

Entretanto, ainda assim, os dados de anteposição e posposição relevaram a tendência apontada por autores<sup>97</sup> de preferência geral pela posposição no RO em detrimento da anteposição<sup>98</sup>. Ou seja, os fenômenos de posposição e de uso de formas simples são, de certa

---

<sup>91</sup> Cf. p. 78-79.

<sup>92</sup> Cf. p. 89-90.

<sup>93</sup> Cf. p. 97.

<sup>94</sup> Cf. Tabela 44, p. 96.

<sup>95</sup> Cf. Tabela 55 e gráficos 55a-d, p. 107.

<sup>96</sup> Cf. p. 109.

<sup>97</sup> Cf. p. 117.

<sup>98</sup> Cf. Tabela 61, p. 113.

forma, coadjuvantes, pois o segundo só se realiza através do primeiro, podendo se configurar como uma mudança emparelhada.

Por fim, a análise semântica dos demonstrativos no RO revelou, dentre as ocorrências com valor referencial exofórico, a prevalência de formas simples em todas as sincronias<sup>99</sup> no gênero textual teatral e, no gênero narrativo, tais formas passam a predominar, também, a partir de XX-2<sup>100</sup>, confirmando a tendência nesses critérios de análise. Destaca-se, além disso, a maior frequência de formas simples, no teatro, com valor referencial exofórico espacial<sup>101</sup>, assim como se verificou no PB com uso de F2. Ambos os fenômenos analisados em cada língua estão diretamente relacionados ao caráter “mais informal” e mais próximo à oralidade, o que explica a predominância de tais formas, tanto no PB quanto no RO.

Nas ocorrências de endófora, assim como nos casos de exófora, as formas simples do RO predominam ao longo de todo o tempo analisado no gênero textual de peças de teatro<sup>102</sup>, inclusive prevalecendo em frequência nas subcategorias de anáfora clara, anáfora escura, catáfora e ana-catáfora<sup>103</sup>. Em relação às ocorrências de anáforas escuras no gênero narrativo, verificou-se, curiosamente, equiparação na frequência de formas simples e reforçadas com FI em XX-1 (46,9% R / 53,1% S) e XX-2 (50% R / 50% S)<sup>104</sup>. Atribuem-se esses valores ao uso comum das formas simples *ãsta/asta* em função dêitica-discursiva nos textos, para retomar partes de enunciados.

#### **Hipótese 4 –**

Estabeleceu-se, na seção 3.3 deste estudo<sup>105</sup>, que a presença do gênero gramatical neutro no PB e no RO teria comportamentos diferentes nas classes gramaticais de cada língua, dado que, no sistema de demonstrativos do PB, o neutro se restringe a três formas invariáveis (*isto/isso/aquilo*) e à posição de núcleo do SN (pronominal), enquanto, no RO, o neutro se constitui como gênero gramatical pleno, presente no léxico e, portanto, no sistema de demonstrativos, sofre flexão de plural, caso e se apresenta como núcleo ou margem no SN.

<sup>99</sup> Cf. Tabela 75 e gráficos 73a e 73b, p. 130.

<sup>100</sup> Cf. Tabela 76 e gráficos 74a e 74b, p. 131.

<sup>101</sup> Cf. Tabelas 86 e 87, p. 137.

<sup>102</sup> Cf. Tabela 103 e gráficos 82a e 82b, p. 152.

<sup>103</sup> Cf. Tabela 114, p. 161.

<sup>104</sup> Cf. p. 162.

<sup>105</sup> Cf. p. 42.

Porém, algo em comum às duas línguas apontava para usos semelhantes entre seus falantes. Tanto no PB quanto no RO, o uso do neutro se restringe a seres inanimados, não retomando, portanto, seres masculinos ou femininos (por anáfora clara). O recurso de desanimização no discurso – através do uso de neutro para se referir a entidades masculinas ou femininas – só se verificou no PB (exemplo 63, p. 163), não sendo possível, então, afirmar se tal recurso é utilizado no RO.

Foi possível, no entanto, identificar os casos em que o RO utiliza estratégia linguística para expressar valor depreciativo ou pejorativo através dos demonstrativos. Em vez de necessariamente o neutro, o emprego das formas simples (*astă/asta*) é capaz de denotar sentido negativo<sup>106</sup>, dependendo do contexto e da entonação<sup>107</sup>, principalmente devido à posposição do demonstrativo<sup>108</sup>.

Os valores obtidos na análise de gênero gramatical revelam, de fato, as divergências entre o PB e o RO quanto ao uso do neutro. No PB, verificou-se aumento na frequência do gênero neutro ao mesmo tempo associada à maior frequência de F2<sup>109</sup>. Obviamente, esses dados indicam o aumento do uso de *isso* ao longo do tempo, predominando em relação às demais formas e flexões de demonstrativos. No RO, o cenário é diferente: o gênero feminino prevalece com os demonstrativos em todos os períodos analisados<sup>110</sup>, inclusive em cada gênero textual<sup>111</sup>. O neutro, portanto, não se destaca como no PB, e esse fato se explica pelo uso da forma simples *asta* (dem. feminino, com valor neutro), tanto com valor referencial exofórico<sup>112</sup> quanto com valor referencial endofórico<sup>113</sup>.

Portanto, a frequência do gênero feminino no RO é a maior dentre os demais, e os valores referentes ao gênero neutro não destoam dos valores para o gênero masculino, fato que, por si só, já demonstra **comportamento linguístico do neutro no romeno diferente do seu equivalente no português brasileiro**. Conclui-se que, no RO, o demonstrativo neutro se comporta, de fato, como pertencente à categoria de gênero gramatical pleno (como o masculino no RO e no PB), cabendo majoritariamente ao feminino (*asta*) a função dêitica-discursiva que, no PB, compete predominantemente ao demonstrativo neutro *isso*.

---

<sup>106</sup> Cf. Nicula (2008, p. 130)

<sup>107</sup> Cf. Manoliu-Manea (1998, p. 177)

<sup>108</sup> Cf. Nicula (2009, p. 185)

<sup>109</sup> Cf. Tabela 20 e gráfico 20c, p. 71.

<sup>110</sup> Cf. Tabela 21, p. 72.

<sup>111</sup> Cf. Tabelas 24 e 25, p. 76-77.

<sup>112</sup> Cf. Tabelas 85-87, p. 136-137.

<sup>113</sup> Cf. Tabelas 113-115, p. 160-162.

Este estudo, por fim, obteve êxito em demonstrar comparativamente – através de dados e discussões – a estrutura dos sistemas de demonstrativos do PB e do RO e algumas de suas funções de uso efetivo na língua. As quatro hipóteses levantadas foram avaliadas e confirmadas com base no *corpus* composto por doze textos, pertencentes aos gêneros textuais de comédia teatral e de narrativas históricas. A metodologia utilizada se mostrou, também, eficaz na coleta de dados e no recorte adotado.

Os aspectos linguísticos considerados nas análises das ocorrências de demonstrativos englobaram diversas funções da língua, tendo como consequência uma descrição fidedigna do comportamento dos sistemas do PB e do RO. A escolha de dois gêneros textuais diferentes – um de caráter mais inovador e próximo à oralidade, outro mais formal e conservador – possibilitou apontar, com maior controle, as mudanças linguísticas em curso.

Finalmente, este trabalho contribui – junto a outros – para o estudo e compreensão das línguas românicas e seus sistemas, sob a visão funcionalista da Linguística, e estabelece uma comparação entre o romeno e o português brasileiro, línguas que, embora geograficamente distantes, ainda mantêm suas semelhanças latinas.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BARANGA, A. **Mielul turbat**. Bucareste: Consiliul Central al Sindicatelor, 1958.

BASSETO, B. F. O romeno no contexto românico. **Organon**, Porto Alegre, n. 44-45, p. 39-52, 2008.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BEREA-GÂGEANU, E. Pronumele și adjectivul demonstrativ în limba română contemporană. Evoluție și sistem. **Limba română**, Bucareste, XXXII (2), p. 104-115, jan-fev, 1983.

BERLINCK, R. A. Reprodução ou reconstrução da fala? Sobre a utilização de peças teatrais para o estudo da história da língua. In: V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, 2007, Belo Horizonte. **Caderno de Resumos do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística**, 2007. p. 365-366.

CÂMARA JR., J. M. Uma evolução em marcha: a relação entre esse e este. In: COSERIU, Eugenio e STEMPEL, Wolf-Dieter (orgs.). **Sprache und Geschichte: Festschrift für Harri Meier zum 65 Geburtstag**. München: Wilhelm Fink, 1971., p. 327-331.

CAMBRAIA, C. N.; BIANCHET, S. M. G. B. Caleidoscópio latino-românico: demonstrativos. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 35, p. 15-35, 2008.

CAMBRAIA, C. N.; CUNHA, E. L. T. P.; BEZERRA, V. P. D.; RAMALHO, V. H. B. Variação, mudança e estilística: demonstrativos. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J.; MICHELETTI, G.; MARTIN, V. L. de R. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. p. 1-16. Disponível em: <[http://dlev.fflch.usp.br/sites/dlev.fflch.usp.br/files/04\\_32.pdf](http://dlev.fflch.usp.br/sites/dlev.fflch.usp.br/files/04_32.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2010.

CAMBRAIA, C. N. Demonstrativos: história de uma categoria na tradição gramatical de língua portuguesa (sécs. XIV a XIX). **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**, Universidade de Évora, 2010.

CAMBRAIA, C. N. **Assimetrias românicas**: sistemas de demonstrativos (português brasileiro × espanhol mexicano) [fase I]. 2012. Relatório Final (Produtividade em Pesquisa, CNPq) Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

CAMBRAIA, C. N. Competição entre motivações: uma discussão sob a perspectiva da linguística românica. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (Org.). **Linguística centrada no uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015a, p. 99-112.

- CAMBRAIA, C. N. **Assimetrias românicas**: sistemas de demonstrativos (português brasileiro × espanhol mexicano) [fase II]. 2015. Relatório Final (Produtividade em Pesquisa, CNPq) Universidade Federal de Minas Gerais, 2015b.
- CANDREA, I.-A.; DENSUSIANU, O. **Dicționarul etimologic al limbii române**. Elementele latine (A-Putea). Bucureste; Pitești: Librăriile SOCEC & Co.; Editura Paralela 45, [1907] 2006.
- CARAGIALE, I. L. O scrisoare pierdută. **Convorbiri literare**, XVIII, n. 11, Bucureste, 1884.
- CASTILHO, A. T. Análise preliminar dos demonstrativos na norma culta de São- Paulo. In: **SEMINÁRIOS DO GEL**, 16., 1978, Marília. Anais... Manha, 1978. p.30-35.
- CASTILHO, A. T. Português Falado e Ensino da Gramática. **Letras de Hoje**, v. 25, n.1, p. 103-136, 1990.
- CASTILHO, A. T. Os mostrativos do português falado. In: **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp, FAPESP, 1993. p.119-145. v.3: As abordagens.
- COJOCARU, D. **Romanian grammar**. Durham: The Slavic and East European Language Research Center, 2003.
- COTEANU, I. Din nou despre existența genului neutru în românește. **Limba română**, Bucureste, XV (3), p. 309-312, 1966.
- COUTINHO, I. L. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CROITOR, B.; GIURGEA, I. On the so-called Romanian “neuter”. **Bucharest Working Papers in Linguistics**, Bucureste, XI (2), p. 21-39, 2009.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- CĂLIN, M. G. Funcții discursive ale demonstrativelor în textul jurnalistic actual. **Limba română**: diacronie și sincronie în studiul limbii române, Bucureste, II, p. 49-57, 2014.
- CĂLIN, M. G. Funcții discursive ale demonstrativului de apropiere în textele orale. **Variația lingvistică**: probleme actuale. Actele celui de-al 14-lea Colocviu Internațional al Departamentului de Lingvistică, Bucureste, 2, p. 75-81, 2015.
- DIESSEL, H. **Demonstratives: form, function and grammaticalization**. Amsterdam: Benjamins, 1999.
- DINCĂ, I. Pronumele și adjectivul pronominal demonstrativ în limba română actuală și în limba arabă modernă standard – o abordare contrastivă. **Analele Universității de Vest din Timișoara**. Seria Științe Filologice, LVI, Secțiunea Studii, Timișoara, p. 211-220, 2018.
- DIXON, R. M. W. Demonstratives: a cross-linguistic typology. **Studies in Language**, v.27, n. 1, p. 61-112, 2003.

DRAGOMIRESCU, A. Variație dialectală în folosirea formelor cel și ăl. In: PANĂ DINDELEGAN, G. (org.). **Variație diacronică și diatopică**. Note gramaticale, Secțiunea Variație diatopică. Bucureste: Editura Universității din București, 2019.

FILIMON, N. Ciocoi vechi și noi. **Revista Română**, Bucureste, 1862.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GĂITĂNARU, M. L'évolution du neutre roumain. **Language and Literature – European Landmarks of Identity**, Pitești, 3 (1), p. 144-148, 2007.

GIURGEA, I. Constituirea formelor scurte ale demonstrativelor în română. **Limba română: direcții actuale în cercetarea lingvistică**. Actele celui de-al 11-lea Colocviu Internațional al Departamentului de Lingvistică, Bucureste, I, p. 129-138, 2012.

GIURGEA, I. Originea articolului posesiv-genitival al și evoluția sistemului demonstrativelor în română. Bucureste: Academia Română, 2013.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GONZÁLEZ ÁLVAREZ, E. A. del S. C. de J. **Usos de los demostrativos en las hablas culta y popular de la ciudad de México**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. (Master en Letras: Lingüística Hispánica)

HIMMELMANN, N., p. **Demonstrative in narrative discourse: a taxonomy of universal uses**. In: FOX, B. (Ed.) *Studies in anaphora*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996.

ILIESCU, M. Din nou în legătură cu originea pronumelui demonstrativ dacoromân *ăla*. **Studii și cercetări lingvistice**, Bucureste, XXII, 1, p. 29-31, jan-fev, 1981.

JUNGLUTH, K. Os pronomes demonstrativos no português brasileiro na fala e na escrita. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, 7, p. 83-105, 2004-2005.

JÚNIOR, J. J. F. **Como se fazia um deputado**. Uberlândia: 1882. Disponível em: <<http://www.bdteatro.ufu.br/handle/123456789/511>> Acesso em 26 de junho de 2019.

MAIDEN, M. Morfologia flexionară a pluralului românesc și așa-zisul „neutru” în limba româna și în graiurile românești. **Lucrările de al cincilea simpozion internațional de lingvistică**, Academia Română – Institutul de lingvistică „Iorgu Iordan – A.Rosetti, Bucureste, 2013.

MANOLIU-MANEA, M. Demonstrativul postnominal: semnal de interacțiune conversațională. **Studii și cercetări lingvistice**, Bucureste, XLIX, 1-2, jan-dec, p. 175-188, 1998.

MARINE, T. C. O sistema dos pronomes demonstrativos no português do Brasil: uma especialização das formas. **Revista do GEL**, Araraquara, v. 2, p. 39-53, 2005.

MARINE, T. C. **Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo**. Tese (Doutorado) — FCL/UNESP, Araraquara, 2009.

MAURER JR., T. H. **A unidade da România Ocidental**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1951.

NASCENTES, Antenor. Êste, êsse. In: AZEVEDO FILHO, L. A. de. **Miscelânea filológica em honra à memória do professor Clóvis Monteiro**. Rio de Janeiro: Ed. do Professor, 1965.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NICOLAE, A. On the syntactic specialization of Romanian demonstratives and the grammaticalization of the article *cel*. **Revue roumaine de linguistique**, Bucareste, LX, 1, p. 47-70, 2015.

NICOLAE, A. **Word order and parameter change in Romanian**. A comparative romance perspective. Oxford: Oxford University Press, 2019.

NICOLAE, A.; BOIOC, A. Variație diatopică în gramatica demonstrativelor. In: PANĂ DINDELEGAN, G.; BOIOC, A.; CROITOR, B. **Variație diacronică și diatopică**. Note gramaticale. Bucareste: Editura Universității din București, 2019.

NICULA, I. Utilizări pragmatice ale demonstrativului în limba vorbită actuală: *asta* vs *aceasta*. In: PANĂ DINDELEGAN, G. (org.). **Limba română**. Dinamica limbii, Dinamica interpretării. Actele celui de al 7-lea Colocviu al Catedrei de Limba Română (7-8 decembrie 2007) Secțiunea Morfosintaxă. Bucareste: Editura Academiei Române, 2008.

NICULA, I. Dinamica pronumelor și a adjectivelor demonstrative în limba română actuală. In: PANĂ DINDELEGAN, G. (org.). **Dinamica limbii române actuale**. Aspecte gramaticale și discursive. Bucareste: Editura Academiei Române, 2009.

PANĂ DINDELEGAN, G. (org.). **Dicționar de interpretări gramaticale**: cuvinte mici, dificultăți mari. Bucareste: Univers Enciclopedic Gold, 2020.

PAVANI, S. **Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto falado em São Paulo**. Campinas: UNICAMP, 1987. (Dissertação, Mestrado em Linguística)

POPESCU, S. **Gramatica practică a limbii române**. Bucareste: Exigent, 2006.

PREDA, M. **Moromeții**. Bucareste: Marin Preda, 1967.

RAMALHO, V. H. B. **Posposição de demonstrativos na história do português e do espanhol: estudo histórico e comparado das estruturas articuladas e não-articuladas**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

RAMALHO, V. H. B. **Sistema de demonstrativos no português brasileiro e no espanhol mexicano sob a perspectiva das tradições discursivas**: gênero notícia e romance. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

RAMALHO, V. H. B. **Tradições discursivas do gênero notícia e os sistemas de demonstrativos no português e no espanhol europeus e latino-americanos**. Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado — Universidade de São Paulo, 2018.

RONCARATI, Cláudia. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (Org.) **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

ROSETTI, A. Neutrul in română. **Studii și cercetări lingvistice**, Bucureste, n. 1, p. 233-235, 1950.

ROSETTI, A. **Istoria limbii române**: de la origini până în secolul al XVII-lea. Bucureste: Editura Științifică și Enciclopedică, 1986.

SALA, M. **De la latină la română**. Bucureste: Editurii Pro Universitaria, 2012.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

SÁNCHEZ REI, X. M. Os pronomes demostrativos: do latín ao galego contemporáneo. **Revista Galega de Filoxía**, nº1,2, Betanzos, 2002.

SANT'ANNA, S. **Amazona**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 1986.

SILVA, C. S. F. **Demonstrativos na România Nova: Espanhol de Lima e espanhol de Buenos Aires**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. (Dissertação de Mestrado)

TEIXEIRA, E. P. Comédias podem ser altamente formais ou sobre a seleção de textos. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 29, p. 41-49, jul.-dez. 2003.

TEYSSIER, P. Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV<sup>e</sup>, XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles. **Cahiers deLinguistique Hispanique Médiévale**, Paris, n.6, p.5-39, 1981.

VIANNA FILHO, O. **Rasga coração**, v. 9, Coleção Vianninha Digital, 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.